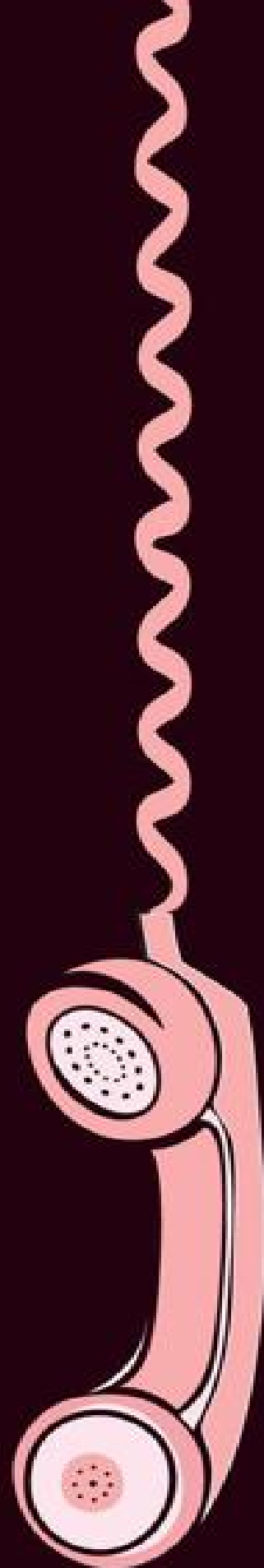


NATALIE STANDIFORD

COMO DIZER
ADEUS
EM ROBÔ



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

COMO DIZER ADEUS EM ROBÔ

NATALIE STANDIFORD

Tradução de Fabiana Colasanti

1ª edição


GALERA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013



CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Standiford, Natalie

S789c Como dizer adeus em robô / Natalie Standiford; tradução de Fabiana Colasanti. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2013.

Tradução de: How to Say Goodbye in Robot
ISBN 978-85-01-09102-4

1. Ficção americana. I. Colasanti, Fabiana. II. Título.

13-6828

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original

How to Say Goodbye in Robot

Copyright © 2009 by Natalie Standiford

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Composição de miolo: Renata Vidal da Cunha

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000,
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09102-4

Seja um leitor preferencial Record.
Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.
Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



PARA MINHA IRMÃ KATHLEEN

Você pode amar alguém desse jeito também.
Amar uma estranha, uma estranha que também é uma
amiga.

TRUMAN CAPOTE, *BONEQUINHA DE LUXO*

MARÇO ABRIL MAIO JUNHO JULHO
AGOSTO

CAPÍTULO 1

Goebbels se materializou no pátio dos fundos, logo antes de nos mudarmos para Baltimore, e começou a roer o sofazinho de vime. Achamos que era um fugitivo da casa de um dos vizinhos, provavelmente dos Flanagan, à duas portas de distância. Os Flanagan tinham muitos animais de estimação, e os pais fingiam que não viam enquanto os filhos, Pat e Paul, os alimentavam com várias comidas que animais não devem comer, como bolinhos recheados e Pop Rocks e aí os faziam correr para ver como a comida afetava seu desempenho.

– Não podemos culpá-lo por fugir – falou mamãe. Ela pegou o gerbil e acariciou a cabecinha minúscula. Ele fez cocô em sua mão. – Tome. – Mamãe o passou para mim. – Ele é seu.

– Nossa. Obrigada. – Não sou exatamente uma pessoa chegada a roedores. Mas não podíamos mandá-lo de volta para a Câmara de Tortura dos Flanagan, então botei o gerbil em um aquário até podermos ir à loja de animais comprar uma gaiola. Ele tentou fugir, mas os lados do aquário eram escorregadios e íngremes demais. Eu o alimentei com algumas sementes de girassol.

– Como vai chamá-lo? – perguntou minha mãe.

– Você pode batizá-lo – falei.

– Não, ele é seu – respondeu, a mágoa se infiltrando em sua voz.
– Você vai batizá-lo.

– Está bem – falei. – Vou chamá-lo de Goebbels.

Havíamos acabado de estudar a Segunda Guerra Mundial na escola, e eu estava lendo *Ascensão e queda do Terceiro Reich* naquele verão. Joseph Goebbels era um cara da propaganda nazista, muito diabólico. Eu não falava nada de alemão, mas estava fascinada pela forma como os nomes eram pronunciados – GOEbbels soava como GERbil. Foi o único motivo pelo qual pensei no nome.

– Não pode chamá-lo de Goebbels – disse minha mãe. – É um nome terrível.

– Você falou que eu podia batizá-lo.

– Que tal Peaches?

– Ele não é um Peaches – argumentei, olhando para seus dentinhos da frente. – Eu nunca atrelaria nenhuma criatura viva a um nome como Peaches.

– Ah, e suponho que seja melhor ser batizado em homenagem a um nazista. – O rosto de mamãe se franziu, magoado, como se eu tivesse acabado de prender seu dedo na porta. O Franzido era um novo visual para ela.

Depois do almoço, fomos de carro até a loja de animais. Minha mãe acenou para o Mike da Motocicleta, o motoqueiro bigodudo que gerenciava a loja de fantasias no mesmo shopping de rua. Mamãe e eu frequentemente alugávamos fantasias. Gostávamos de nos fantasiar e criar cenas de filmes antigos, que eu então fotografava. Era só uma coisa que eu fazia. Não gostava de atividades

extracurriculares oficiais, como o Comitê Social ou o jornal da escola, mas tinha de fazer alguma coisa, então tirava fotos de mim mesma posando como, digamos, Barbara Stanwyck em *Pacto de sangue* ou Elizabeth Taylor em *Disque Butterfield 8*. Quando eu olhava para as fotos, quase podia acreditar que vivia naquele mundo irreal, glamouroso, em branco e preto. A loja do Mike tinha perucas, vestidos, maquiagem, armas de mentira – tudo o que precisávamos. Mas não paramos para alugar fantasias naquele dia. Estávamos na missão do gerbil. Compramos uma gaiolinha com uma roda para ele se exercitar, um saco de cerragem e comida.

Quando chegamos em casa, Goebbels estava deitado no fundo do aquário, morto.

– Ah – disse mamãe com um tom de voz que significava que as lágrimas estavam a apenas alguns segundos de distância. – Oh, não. Por quê? P-p-p-por quê?

Cutuquei as perninhas duras de Goebbels com um canudo.

– Talvez os Flanagan o tenham envenenado antes de ele fugir – falei. – Provavelmente deram adoçante a ele para ver se causaria câncer, e funcionou.

– Temos de enterrá-lo – disse mamãe. – Vamos fazer um funeral. – Ela o pegou e o aninhou na mão. Aí começou a chorar. – Vamos nos mudar na semana que vem. Teremos de deixá-lo para trás. Quem vai cuidar da covinha dele?

Se houvesse outras pessoas por perto, eu teria ficado constrangida. Na verdade, não havia mais ninguém por perto e ainda assim fiquei constrangida.

– Mãe, por favor – disse. – Nós o conhecemos por duas ou três horas, no máximo.

– Pobre Peaches! – soluçou ela. – Coitadinho do Peaches.

Uma vez tive um gato chamado Iggy, que morreu quando eu tinha 12 anos. Na noite depois que ele morreu, uma barata enorme correu pelo chão da cozinha da nossa velha casa em Austin. O galope em zigue-zague da barata parecia o do Iggy, e meu corpo dormente de dor se encheu de esperança e gratidão. Ele havia voltado! Por um milésimo de segundo, tive certeza de que aquela barata era Iggy reencarnado, que havia voltado para morar de novo comigo. Não me importei que fosse uma barata, desde que eu pudesse ter meu Iggy, em qualquer forma que ele tomasse. Aí papai a esmagou – a barata, quero dizer – e aquela esperança virou ácido e se dissolveu. Senti que havia perdido Iggy outra vez.

Mas eu estava errada. A barata não era Iggy. Ele não ia voltar, em nenhuma forma. Repeti essas palavras para mim mesma sem parar, até não mais vê-lo em cada mosca, cada mariposa, cada camundongo, e aceitar. Aprendi minha lição. A esta altura, mamãe também devia ter aprendido essa lição. Não há esperança no mundo que traga os mortos de volta.

– O nome dele não era Peaches – falei. – Provavelmente era velho. Quanto tempo os gerbils vivem, por falar nisso? Algumas semanas? Um ano?

– Ah! – gritou minha mãe. – Você não tem coração. – Ela colocou o corpo do ratinho de volta no aquário e olhou duramente para mim. – Você não é uma menina – falou. – É um robô!

Os soluços voltaram então, do tipo que sacodem o corpo inteiro. Ela derreteu no chão da cozinha em uma poça de lágrimas e perfume de violeta.

Talvez eu seja um robô, pensei. *Será?* Bati na minha barriga. Não fez barulho do jeito que a barriga de um robô deveria fazer. Longe disso. Mas isso presumia que um robô é sempre feito de lata ou de aço ou de algum outro metal barulhento. A essa altura, eu achava, os cientistas deviam ter inventado um material para robôs que parecesse e soasse mais como carne humana. Ou que pelo menos não fizesse barulho.

Enquanto isso, lá estava minha mãe, ainda agachada em sua piscina de lágrimas com cheiro de violetas. *Por que está tão chateada?*, fiquei imaginando. Não podia ser pelo ratinho. Ela vinha chorando muito, mesmo antes de nós o encontrarmos. Tinha de ser a Mudança. Mas nós já havíamos nos mudado um milhão de vezes – parecia um milhão de vezes, de qualquer maneira – e isso nunca parecia tê-la incomodado antes. Era eu que odiava me mudar, até finalmente me acostumar. Aprendi a não ficar muito presa a nada. Parei de pensar nas casas em que morávamos como a *minha casa*, ou na rua em que morávamos como a *nossa rua*. Ou nos meus amigos como meus amigos. Não que eu tivesse tantos.

Nós nos mudávamos por causa do meu pai. A maioria dos professores fica em uma universidade, mas papai estava sempre procurando subvenções maiores ou alunos mais inteligentes ou reverências maiores por parte dos colegas. Então nós nos mudamos de Iowa City para Madison para Austin para Ithaca... A seguir,

Baltimore. John Hopkins, o Santo Graal dos alunos de medicina e professores de biologia, como papai.

Eu teria de começar meu último ano de ensino médio em uma nova cidade, numa pequena escola particular onde todos os outros garotos se conheciam desde os 3 anos. E você não estava *me* vendo chorar. Então, qual era o problema da minha mãe? Ithaca era um gelo no inverno, e a cidade era cheia de desfiladeiros dos quais os estudantes de Cornell se jogavam quando ficavam deprimidos, e ninguém os culpava. Baltimore tinha de ser melhor que isso. Pelo menos não podia ser pior.

– Não entendo – eu disse. – Por que está tão chateada?

Ela se sentou e enxugou os olhos.

– Sei lá. Pobrezinho! Não posso deixá-lo para trás...

– Quer dizer que é o gerbil? – falei. – Está realmente chateada por causa do gerbil?

Ela me lançou um olhar perfurante e zangado que me assustou. Os olhos pareciam dizer: “Aonde foi parar minha doce filhinha? E quem é esse robô com coração de pedra?”

Olhei para Goebbels morto. O momento parecia pedir uma pequena cerimônia, alguma espécie de gesto. Então tensionei meu corpo, posicionei as mãos retas acima do corpinho do gerbil e guinchei:

– Ee er oo. Ee er ee. Eh-eh.

Mamãe ergueu a cabeça.

– Ah, meu Deus – disse ela. – O que está fazendo?

– Estou dando ao gerbil uma última benção – falei. – Em Robô.

MAIO JUNHO JULHO AGOSTO SETEMBRO

CAPÍTULO 2

Na primeira manhã em Baltimore, acordei no meu quarto cheio de caixas, me vesti e dei uma volta exploratória na nossa nova rua. Estávamos no meio da manhã de terça-feira, depois da correria para ir para o trabalho, então a vizinhança estava tranquila. As casas de tijolo e pedra eram meio antigas, mais ou menos dos anos 1920, com olmos altos guardando jardinzinhos desiguais e, aqui e ali, um *sprinkler* girando por cima da grama.

Virei uma esquina e cheguei a uma igrejinha. Havia um túmulo perto do caminho que levava às portas de madeira da igreja. Cheguei mais perto para ler a lápide. Dizia Para a Criança Unicórnio.

Isso é tão legal, eu pensei. Que cidadezinha maneira essa. Imaginei uma Lenda da Criança Unicórnio local, sobre um menino com um chifre que morreu tragicamente, atropelado por um carro ou assassinado por um ladrão ou talvez envenenado por pesticidas. A história da Criança Unicórnio era tão real para essas pessoas que elas erigiram uma lápide em sua memória.

Aí eu li de novo. Não dizia Para a Criança Unicórnio. Dizia Para a Criança Única.

* * *

Aquela noite eu fiquei deitada na cama, olhando para as sombras de camundongos gordos correndo pela parede do meu quarto. Nossa nova casa era sufocante e abafada e fazia estranhos barulhos de gemidos. Meu pai ainda não havia voltado do trabalho, apesar de ser quase meia-noite. E no dia seguinte eu começaria a estudar em Canton, minha nova escola. Bati no estômago de novo, desejando que um barulho metálico respondesse. Até Garotas Robôs ficam nervosas às vezes.

Eu já fora a garota nova antes; não me importava com o que os garotos da Canton iam pensar de mim. Um ano e estaria fora de lá para sempre. *Não me importo com o que eles pensam*, cantarolei para mim mesma. *Não me importo, não me importo, não me importo com o que eles pensam*. Repeti essas palavras até parecerem mais do que verdadeiras. A essa altura, eram duas da manhã. Papai chegara em casa, e ele e mamãe estavam no quarto. Eu não estava com sono.

Em Ithaca, eu ouvia rádio para adormecer – o programa do Bob Decker em Albany, cheio de papos conspiratórios de madrugada sobre as pirâmides, invasões alienígenas, assombrações, 11 de Setembro, espiões clarividentes, o assassinato de Kennedy, e assim por diante. De alguma forma, a paranoia nas vozes das pessoas que ligavam me acalmava. Acho que considerava reconfortante saber que não era a única que sentia uma ansiedade vaga e difícil de definir e estava procurando algo para botar a culpa. Mas eu não podia sintonizar o programa aqui na terra das Crianças Unicórnio Únicas.

Então comecei minha rotina insone alternativa, imaginar a mim mesma morta. Eu usava diferentes situações de morte. Havia a clássica cena do enterro: deitada no caixão aberto, morta, porém mais linda do que jamais fui em vida, como a Branca de Neve em seu esquife de cristal. Todo mundo que conheci passava para olhar para mim e chorar. Deviam ter me dado valor enquanto eu estava viva. O mundo como eles conheciam nunca mais será o mesmo.

A última pessoa de luto era sempre um garoto, qualquer garoto por quem eu estivesse apaixonada no momento. Ele estaria um caco, totalmente destruído pela minha morte. Quando me via no caixão, percebia subitamente que sempre havia me amado. Os outros garotos da escola, os idiotas que me ignoraram o ano inteiro, estavam errados, tão errados. A injustiça seria avassaladora para o Garoto da Paixonite, que correria para a rua e se jogaria debaixo de um caminhão.

Era tudo muito satisfatório.

Então havia a Morte Lenta no Hospital, onde eu tocava o coração de um lindo médico, e a Morte Dormindo, na qual minha mãe vinha me acordar para a escola, mas... ah, não... ela simplesmente... não conseguia... me acordar... Meu espírito ficava voando acima da cama, rindo, *Ha-ha! Eu não vou para a escola hoje.*

Esses eram apenas os Grandes Sucessos, mas havia muitos, muitos outros.

Jamais contei a ninguém sobre esse hábito noturno. Tinha certeza de que meus pais me mandariam a um psicólogo se soubessem, e o psicólogo iria me internar ou me drogar ou me dar choques ou pelo menos me fazer visitá-lo cinco dias por semana.

Eles não entenderiam que eu não queria morrer. Só achava reconfortante pensar na morte.

Na manhã seguinte, minha mãe queimou a mão na máquina de waffle. Ninguém havia pedido waffles; ninguém queria waffles. Ela só enfiou na cabeça que iria fazê-los para o primeiro dia de aula, apesar de lá fora fazer 35 graus com 95 por cento de umidade. Ela passara o verão todo se acidentando – tropeçando em *sprinklers*, prendendo o cabelo no ventilador, vários incidentes na cozinha –, então ninguém fez alarde porque queimou a mão. Estávamos acostumados com minha mãe se machucando. Joguei um saco de gelo para ela e engoli uma banana e um pouco de suco de laranja.

Papai desceu as escadas, dando o nó na gravata.

– Machucou a mão? – Ele pegou o gelo da mamãe e olhou a queimadura. – Acho que você vai sobreviver.

Ele beijou o local, colocou o gelo de volta, pegou a última banana e beijou minha testa.

– Boa sorte hoje, garota.

Aí saiu para o trabalho, zumbindo pela nossa manhã como uma mosca.

Eu me empurrei para longe da mesa da cozinha.

– É melhor eu ir também.

Olhei para minha mãe, tentando decidir se a beijava ou não. Ela apertou o saco de gelo pingando contra a mão e piscou para o nada. Esperei que ela esticasse os braços para mim e pedisse um beijo, mas ela não olhou para cima.

Perdeu sua chance, pensei. Nada de beijo. Bati no meu estômago. *Clang, clang.* Eu estava começando a ouvir agora.

A caminho da rua, olhei de novo para ela, sentada sozinha de roupão à mesa. Ela me pegou olhando. Os olhos fundos diziam: *Por favor, vá embora. Por favor, só ande logo e vá embora.*

Então eu fui.

* * *

O campus da Canton – um amontoado de edifícios góticos de pedra protegido da cidade por playgrounds, campos de atletismo e uma faixa estreita de floresta – ficava a apenas 800 metros da minha casa, então fui para a escola a pé no calor escaldante.

Todo dia começava com uma assembleia no auditório dos veteranos, onde os alunos da Canton se ordenavam alfabeticamente, por turma. Eu me vi em uma cadeira de dobrar de ferro, na quinta fileira, ao lado de uma garota com cabelo cacheado preto. Como eu, ela estava usando um kilt xadrez e uma blusa branca, o uniforme das meninas. Mas de algum modo eu parecia idiota e ela parecia bonita.

Ela sorriu para mim.

– Muito bem. Finalmente.

– Finalmente? – Eu não sabia o que fazer com a recepção inesperada. Será que essa garota estava me esperando?

– Quero dizer, finalmente eu tenho uma proteção entre mim e o Garoto Fantasma. – Ela acenou com a cabeça para o lugar vazio à minha direita. – Tive de me sentar ao lado dele na Assembleia durante os últimos 11 anos. É bom ter uma folga.

Passei a mão pelo ar acima do assento vazio. Será que essa garota estava dizendo que havia um fantasma sentado ao meu lado? Talvez ela fosse louca. Decidi cruzar as mãos no colo e olhar direto para a frente, caso ela fosse.

Mas a garota não me deixava em paz.

– Qual é o seu nome?

– Beatrice Szabo.

– Eu sou Anne Sweeney – falou ela.

Dei um tapinha no assento vazio ao meu lado.

– E quem é seu amigo fantasma?

– Jonah Tate – respondeu ela. – Ele não é realmente um fantasma... acho. Só parece com o Gasparzinho, sem o sorriso meloso. Você sabe, pálido e sem forma e... branco. Vai ver quando ele chegar aqui.

– Parece mais com o mascote daquela marca de bolinhos, o Pillsbury Doughboy. Ele fazia Ho Ho quando apertado – falei.

– Mas se você cutucar Jonah na barriga, ele definitivamente não vai rir – disse Anne. – Ele está mais para os cigarros Death, do que para pãezinhos de acompanhamento, sabe?

– Na verdade, não – falei.

– Fizemos um funeral para ele uma vez – continuou Anne –, na sétima série. Alguém espalhou o boato de que Jonah estava morto e aí, quando ele apareceu na escola, nós todos fingimos que não podíamos vê-lo ou ouvi-lo, para tentar fazer com que pensasse que era um fantasma. Então montamos um funeral de mentira para ele atrás do ginásio. Um garoto fez um elogio fúnebre hilário sobre o quanto teríamos sentido falta de Jonah, se ele tivesse feito ou dito

algo memorável na vida. Durante algum tempo, sempre que víamos Jonah, nós gritávamos “Aaaahhhh! Um f-f-f-fantasma!”.

– Isso é... bem cruel – eu disse.

– É, eu sei – falou Anne –, mas éramos apenas crianças. Shhh! Ele está chegando.

Um menino de cabelo claro passou pela fileira para o assento ao meu lado. A pele era branca como farinha e os olhos, cinza como gelo de lago. Parecia um fantasma. Tinha cheiro de menta, tipo Vick Vaporub. Eu não conseguia decidir se isso fazia com que ele parecesse mais fantasmagórico ou mais mundano. Anne Sweeney me cutucou com o cotovelo e revirou os olhos, como se para dizer, *Viu o que eu estou dizendo? Totalmente Gasparzinho*. Aí – só de curtição, eu acho – ela disse:

– Aaaahhhh! Um f-f-f-fantasma!

Jonah apertou os olhos e sacudiu a cabeça.

– Sinto muito, Jonah – falou Anne. – Eu tinha de fazer isso. Pelos velhos tempos.

O diretor, Sr. Lockwood, subiu ao pódio e abriu oficialmente o novo ano letivo.

– Bem-vindosh, alunosh de Canton, antigosh e novosh – falou ele através de dentes cerrados. – Antesh de começarmosh, vamos refreshcar nossosh eshpíritosh com algunsh versosh do velho e bom Hino Número Seshenta e Shete, “Poish Almash Perdidash Voltam para Casha”.

O Sr. Lockwood era esguio e tinha uns 50 anos, com cabelo castanho curto e uma cabeça retangular que, do meu lugar no auditório, parecia um bloco de madeira com um rosto na frente. Nós

ficamos de pé. Olhei em volta, procurando um hinário, mas não havia nenhum. Ninguém além de mim parecia precisar de um. Por toda a minha volta, os alunos da Canton começaram a cantar.

*Pelos cordeiros sem um pastor
Por peixes cujos rios correm
Por navios sem uma bússola
Oramos para que Tu os traga para casa*

*Por todos nós andarilhos
Nossos corações são cheios de buracos
Oramos para que Tu nos guie para casa
Abraze Tuas pobres almas perdidas*

Pelo menos, foi o que eu achei que cantaram.

– Shentem-she.

Nos sentamos.

Eu meio que escutei enquanto o Sr. Lockjaw* – na minha cabeça, ele se tornara o Sr. Lockjaw – falava sobre eshtaçõesh e começosh e freshcor eshpiritual, e aí apresentou os novos integrantes do corpo docente. Eu estava profundamente consciente da presença do Garoto Fantasma ao meu lado. Sentia que estava me espiando secretamente, mas sempre que eu olhava, ele estava sentado com o pescoço duro, olhos para a frente.

Depois de uns 20 minutos, minha primeira Assembleia de Canton havia terminado. Um garoto com cabelo comprido e seboso e óculos sujos tocou o hino de encerramento no piano de meia-cauda enquanto saíamos, fileira após fileira.

– Qual é sua primeira aula? – me perguntou Anne Sweeney.

Olhei para meu cronograma.

– Francês.

– Eu também! Vamos. *Allons y!*

Fui com ela para ser educada, mas o tempo todo estava pensando secretamente que essa garota era um pouco animada demais para 8h30 da manhã.

Não me despedi do Garoto Fantasma. O que fazia sentido, já que não havia dito oi.

Na Canton, como na maioria das escolas, tudo que era possível era alfabetado. O meu armário, portanto, ficava entre o da Anne e o do Garoto Fantasma, como meu lugar na Assembleia. Às 10h, me vi com um período livre e nenhuma ideia do que fazer com ele. Fiquei de pé na frente do meu armário aberto, olhando para sua escuridão minúscula. Os corredores estavam silenciosos. Ninguém mais parecia ter um período livre além de mim. Decidi passar o tempo dando um pouco de personalidade ao meu armário.

Prendi duas fotos na parede dos fundos: a primeira da minha mãe como Gloria Wandrous em *Disque Butterfield 8*, usando uma peruca preta estilo Liz Taylor, um casaco de peles por cima da camisola e escrevendo no espelho com batom: *Não está à venda*. O olhar no rosto da minha mãe era furioso e indignado. Ela dera uma ótima Liz Taylor. Aquela foto era uma das minhas favoritas.

A outra foto era de mim com a mesma roupa, na mesma pose, interpretando o mesmo personagem do mesmo filme. A principal diferença entre a Gloria da mamãe e a minha era a expressão facial.

A da minha mãe era melhor. Ela parecia tragicamente furiosa e eu estava com cara de que minha peruca coçava.

No fundo da minha mochila, encontrei um velho adesivo do Bob Decker.

PROGRAMA BOB DECKER

WLTN AM 1350 ALBANY

PAPO NA MADRUGADA – VOCÊ AGUENTA A VERDADE?

Colei o adesivo no lado de dentro da porta do meu armário.

Pronto. Armário decorado.

O Garoto Fantasma veio bamboleando e abriu seu armário sem dar uma palavra. Eu o vi me espiando rapidamente enquanto girava o cadeado.

Alguns garotos passaram trotando, mochilas balançando nos ombros.

– Socorro! Um f-f-f-fantasma! – disse um deles. Os dois caíram na gargalhada. Jonah olhou ameaçadoramente por baixo das sobancelhas pálidas. Aparentemente, Anne Sweeney havia reativado essa velha piada, e eu me sentia parcialmente responsável. Para compensar, falei:

– Acho que ser fantasmagórico é uma boa qualidade. Eu finjo o tempo todo que estou morta.

– O quê? – Ele parou de vasculhar o armário e olhou para meu rosto, finalmente.

– Isso me ajuda a pegar no sono – falei.

– Isso só mostra que você não sabe nada sobre a morte – falou Jonah.

– Você sabe? – perguntei.
Ele hesitou antes de dizer:
– Eu sou um f-f-f-fantasma, não sou?
– Acho que estar morto deve ser bom. Repousante.
– A morte não é repousante. É só nada.
– É o que me parece repousante – falei. – O nada. Não estar aqui. Não estar em lugar algum.
– Mas e a dor? – questionou Jonah.
– Pode haver um minúsculo nanossegundo de dor – argumentei.
– Mas imagino que passe depois disso.
– Talvez para a pessoa que morreu – disse Jonah. – Mas as pessoas que ficam...
– Não me importo se eles sentem dor – falei – A intenção é mais ou menos essa.
– A intenção de quê? – Ele piscou para mim.
– De me imaginar morta – respondi.
– Ah – ele fez uma pausa –, que perda de tempo. – Ele espiou o interior do meu armário, prestando atenção nas fotos e no adesivo. Aí foi embora, andando rápido pelo corredor em direção à biblioteca. O som de seus passos era bastante real, nada fantasmagórico.

– Garber sentou ao lado de Beatrice na aula de francês hoje – contou Anne Sweeney no almoço. Ela havia me convidado para sentar com ela. No começo, achei que estava sendo simpática, mas eu estava começando a suspeitar que tinha algum motivo escuso, algo a ver com esse tal de Garber.

Quando ouviram *Garber*, as outras garotas à nossa mesa olharam para mim com súbito interesse. Anne me apresentou a elas: Tiza Rahman, Carter Blessing e Ann Cavendish, ou ASUE, que era o diminutivo para Ann-Sem-Um-E. Como Anne Sweeney viera antes para Canton, no jardim de infância (versus a primeira série da ASUE), mantinha os direitos para o nome Ann/e em toda e qualquer forma no universo. A pobre ASUE ficou com uma sigla, pronunciada *a-ssui*.

– Garber – suspirou ASUE. – Ele sentou ao seu lado.

Quando eu chegara à aula de Francês, Anne tinha escorregado para um lugar no fundo entre duas de suas amigas, me deixando de lado. Só havia duas cadeiras sobrando, as duas na primeira fila. Eu peguei uma.

– Desculpa! – sussurrou Anne do outro lado da sala. – Não me sento na primeira fila.

Quando o sinal tocou, um cara havia entrado e pegado o último lugar, ao meu lado. Tinha cabelo comprido e era bonito, o tipo de cara no limite da androginia, mas que nunca chega a cruzar a linha. Escondia os traços dissimulados e simétricos atrás de um par de óculos de armação pesada e preta, que só enfatizavam o quanto era gatinho. Antes que ele se sentasse, meus sensores internos de sensualidade captaram o que estava vindo na minha direção: olhos de um azul profundo que derretiam as garotas como queijo no micro-ondas. Tentei resistir àqueles olhos de micro-ondas, mas às vezes não há defesa contra eles. Eu tinha a sensação de que o veria chorando por cima do meu caixão mais tarde naquela noite.

Esse era Tom Garber.

– Ele gosta de carne fresca – falou Carter, mexendo seu iogurte com a colher. – Lembram-se de quando ele foi atrás da Lucy Moran? Ela perdeu a cabeça, ficou totalmente apaixonada, na primeira semana do ano letivo. Tom me disse que só estava sendo simpático porque ela era nova.

– Uma semana depois, ele começou a sair com Katie Greenberg – se intrometeu ASUE. – Lucy ficou catatônica. Ficava sentada mastigando as pontas duplas do cabelo como uma zumbi.

– Aí ela começou a usar aquele véu? Lembram? – falou Tiza. – Como sinal de luto. Lockjaw finalmente disse a ela que não podia usá-lo, já que não era parte do uniforme (obviamente eu não era a única que pensava no diretor como Lockjaw).

– Mas deixou que ela continuasse usando a braçadeira preta – disse ASUE.

– Ela fez um protesto – contou Carter. – Falou que a escola estava infringindo sua liberdade religiosa. O Comitê de Tolerância chegou a se reunir por causa disso. Ela criou uma nova religião: a Igreja do Coração Partido. A IC. Nós a chamávamos de “A Eca”.

– Se fosse muçulmana, teriam de permitir que ela usasse o véu – disse Tiza.

– Não teriam, não – falou Carter. – Esta é uma escola particular. Eles podem fazer o que quiserem.

– A família da Lucy era episcopal – lembrou Anne. – A coisa toda foi ridícula.

Jonah Tate sentou-se na mesa ao lado, sozinho. Ele abriu o saco com o almoço e desembulhou seu sanduíche. Imediatamente me dei conta do tom sarcástico da nossa conversa.

– Ai! – sussurrou Anne. – Um f-f-f-fantasma!

– Shh – disse Tiza. – Isso é muito infantil, Anne. E acabou há tanto tempo.

– Passei a manhã inteira ouvindo isso – falou ASUE. – Faz com que eu volte para a sétima série. Os velhos tempos, antes que tudo tivesse importância.

– Antes do vestibular – disse Anne – e da universidade...

– Por favor – falou Tiza –, eu odiei a sétima série. Era todo mundo tão cruel naquela época. Ty Travers estava sempre puxando o elástico do meu sutiã.

– O que aconteceu com Lucy Moran? – perguntei. – E com a Igreja do Coração Partido? – Eu esperava que Lucy ainda estivesse por ali, com o véu e braçadeira preta. Ela parecia nervosa e esquisita o suficiente para ser minha amiga.

– Depois do Natal, Lucy não voltou para a escola – falou Carter. – Ninguém nunca mais ouviu falar dela. Mal durou um semestre. – *Tudo por causa de Tom Garber.*

– Uau – eu disse. Esse era um garoto poderoso.

– Eu a vi no centro da cidade uma vez – disse ASUE. – Ela estuda na Escola de Artes agora.

– Ele acabou com ela – falou Carter.

– Não dê ouvidos a elas, Bea – disse Anne. – Lucy Moran era da sétima série.

– Garber não mudou – advertiu Carter. – Ainda gosta das novatas. E não temos uma há tanto tempo.

Todas olharam para mim.

– Bem – falei –, nova ou não, tenho certeza de que não faço o tipo dele.

A experiência me dizia que poucos caras curtiam palitos sem peito com cabeças redondas como pirulito e cabelo escorrido, a não ser que, por algum milagre, fosse a definição regional de bonitinha. Se isso existisse, eu ainda não encontrara essa região em particular. Minha mãe vivia me dizendo que eu tinha que amadurecer para meu rosto combinar comigo, mas eu reconhecia um eufemismo quando o ouvia.

– Como sabe que não faz o tipo dele? – perguntou Anne.

Tiza me analisou com a precisão cirúrgica dos socialmente perspicazes e, presumi, achou que eu deixava a desejar:

– Não a pressione, Anne. Ela sabe do que está falando.

Na mesa ao lado, Jonah cortou o sanduíche de presunto em pedaços do tamanho de uma mordida e os arrumou em padrões geométricos à sua frente. Eu tinha certeza de que estava escutando disfarçadamente nossa conversa.

– Veremos se ela faz ou não o tipo de Tom – falou Anne. – Tipo, neste instante.

Uma força misteriosa sugou o ar para fora do refeitório.

– Ei, meninas – cumprimentou Tom Garber. Ele mostrou os dentes e derreteu a mesa inteira como um micro-ondas enquanto passava em câmera lenta. A luz reluzindo de seus óculos me cegou temporariamente. – *Bonjour*, Beatrice.

Ele se acomodou na mesa dos fundos com os amigos, um emaranhado de garotos desalinhados e barulhentos. A pressão atmosférica normal foi restabelecida.

- Ele te escolheu, Bea – falou Anne.
- Pronunciou seu nome da maneira francesa – disse ASUE.
- Ele está com a Febre da Novata – sentenciou Carter.

Um avião de papel violou nosso espaço e aterrissou em cima do meu sanduíche de peru. Escrito nas asas, em caligrafia vermelha, estavam as palavras.

PARA: BEATRICE

DE: BEATRICE DO FUTURO

Todos os nossos olhos voaram na direção de Jonah.

- Jonah é sinônimo de esquisito – disse Anne.

Eu desdobrei o avião.

- O que diz? – perguntou ASUE.

Li a mensagem para mim mesma. Não havia instruções explícitas para manter o bilhete em segredo, mas algum instinto me impediu de partilhá-lo.

- Nada – falei.

- Qual é, o que ele diz? – pressionou Carter.

– Sério. Nada. – Fiz uma bola com o avião e o joguei na minha mochila.

- Jonah está a fim de você – arriscou Tiza.

- Jonah não fica a fim de pessoas – contou Anne.

- Ele poderia – disse ASUE. – Por que não?

Anne sacudiu a cabeça.

- Ele simplesmente não fica.

– Ele anda entre os vivos – falou Carter –, mas não pode ter relacionamentos fantasma-humanos.

- Quem é que se importa, de qualquer modo? – perguntou ASUE.
- Como se fosse uma decisão difícil: Jonah ou Tom? Como a Beatrice vai escolher? – As outras meninas riram.
- Nenhum dos dois está a fim de mim – falei.
- O Tom está – disse Anne. – *Novata.*

Quando o almoço havia acabado, alisei os amassados do bilhete do Jonah e o reli.

PARA: BEATRICE

DE: BEATRICE DO FUTURO

*1120 AM. HOJE À MEIA-NOITE. BEATRICE
DO FUTURO VAI AGRADECER A VOCÊ.*

1120 AM. Tinha de ser um programa de rádio. Podia ser qualquer coisa. Discursos conservadores, papo sobre esporte, música dos anos 1930, conselhos do rabino local... qualquer coisa.

Às vezes, fico imaginando se aficionados por rádio têm algum tipo de símbolo tatuado na testa ou antenas crescendo de seus crânios invisíveis para todo mundo, a não ser para outros aficionados por rádio. Eles parecem se encontrar com uma facilidade chocante. É claro que só o que o Jonah teve que fazer foi notar o adesivo do Bob Decker no meu armário.

1120 AM, meia-noite.

Talvez Anne e suas amigas estivessem certas. O Garoto F-f-f-fantasma era um caso perdido, além do alcance do mundo humano.

Mas e quanto ao Mundo Robô? O Mundo Robô tinha lugar para desajustados de todas as categorias. Veríamos.

NOTA

* Mandíbula trancada. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 3

Às 15h30, me arrastei da escola para casa através do ar grudento de setembro. Era como nadar em gelatina. Entrei na cozinha para fazer um lanche. Minha mãe estava mexendo nas coisas no andar de cima. Papai entrou pela porta da frente, a pasta transbordando.

– Ei, garota. – Ele se sentou à mesa da cozinha. – Pensei em passar aqui por algumas horas antes do meu laboratório esta noite. Como foi na escola?

– Tudo bem. – Fiz uma pausa para lavar as mãos na pia da cozinha e percebi que mamãe havia pendurado cortinas novas na janela: brancas com galinhas vermelhas estampadas. Ultimamente, ela estava louca por galinhas. Eu me virei e lá estava minha mãe no vão da porta, de biquíni de bolinhas vermelho e branco. Isso é que é maluquice.

– Você está em casa – falou para meu pai. – Achei que tinha laboratório esta noite.

– Eu tenho. Só parei para ver como foi o dia da Bea. Para que o biquíni? Vai correr por cima do *sprinkler*?

– Eu... Está calor lá fora. Foi a coisa mais fresquinha que encontrei para vestir.

Ela abriu a geladeira. Suas costelas me fizeram pensar em um cachorro de rua. Ribsby.* Este era o nome de um cachorro em um livro que eu adorava quando criança: *Ribsby*, de Beverly Cleary. Ribsby e seu menino dono, Henry, eram amigos de Beezus, cujo nome verdadeiro era Beatrice, como eu.

Mamãe pegou um prato de frango frio.

– Alguém quer uma coxa? Dá sorte comer frango no primeiro dia de aula.

– Achei que dava sorte comer frango na primeira noite em uma casa nova – eu disse.

– Isso também – falou mamãe. – Frango é uma comida que sempre dá sorte.

Papai olhou para mim como se tivéssemos um segredo:

– Sério? Quem disse?

– Minha avó costumava dizer – falou mamãe. – Lá na Flórida. – Ela estava engraçada de biquíni, gesticulando com uma coxa de galinha. Como uma modelo perturbada.

Meu pai afrouxou a gravata.

– Bea e eu conseguimos usar roupas de verdade, mesmo nesse calor absurdo.

Minha mãe leu algo que não a agradou no rosto do papai. Largou o prato de frango na bancada e fez o rosto Franzido.

– Vou me trocar. – Ela correu para o andar de cima.

– Parece estranho usar biquíni em uma casa que não tem piscina – falou papai – nem praia. No meio da cidade. É como andar por aí de calcinha. – Ele se sentou à mesa da cozinha. – Notou que temos

comido muito frango ultimamente? Pega umas bolachas para mim, por favor.

Eu guardei o frango, peguei bolachas e manteiga de amendoim e os coloquei na mesa. Papai e eu nos revezamos enfiando as facas na manteiga de amendoim e lambuzando as bolachas.

– Ela anda sempre cansada – falei. – E chora. Por causa de coisas idiotas.

– Mudanças são estressantes – disse papai. – Seguidas apenas pela morte.

– Acho que a morte deve ser bem pior que uma mudança. – Eu não sabia de verdade, já que vivenciara muitas mudanças, mas não muitas mortes. Só morte de gato, morte de tio-avô, morte de gerbil e morte imaginária.

– Ela vai ficar bem – falou papai. – Vamos ficar aqui por algum tempo.

Fiquei imaginando se ficar por aqui era o que ela precisava. Não importa o quanto nos mudássemos ou onde vivêssemos, meu pai tinha seus alunos e sua pesquisa e o livro no qual estava trabalhando e seus colegas fascinantes. Minha mãe e eu tínhamos uma à outra. Ou costumávamos ter, até eu virar um robô e ela ficar maluca.

Algo mudou em Ithaca. Mamãe desaparecia algumas noites (disse que estava fazendo cursos de desenvolvimento pessoal em matérias como psicologia e redação criativa) e me deixava sozinha com a TV.

– Seu pai deve voltar a qualquer minuto – dizia ela enquanto saía pela porta, mas normalmente ela chegava antes,

independentemente do quanto fosse tarde.

Se papai havia percebido as mudanças na mamãe, elas não pareciam incomodá-lo.

– Então, conte-me sobre a escola – falou papai, lambendo manteiga de amendoim da faca. – Uma das minhas colegas tem uma filha na sua sala. Caroline Sweeney. No departamento de Neuroquímica. Acho que o nome da filha é Anne?

– Ela senta ao meu lado na Assembleia – eu disse.

– É legal? – Papai mordeu uma bolacha.

– Acho que sim. – Como o Garoto Fantasma diria, na verdade n-n-não.

As tábuas do chão rangeram. Meu pai se virou. Mamãe estava escondida no corredor, escutando. Pega em flagrante, ela entrou na cozinha, balançando a saia de um vestido de verão de bolinhas vermelho e branco.

– Isto é decente o bastante para você? – perguntou ela.

– Há quanto tempo estava parada ali? – falou papai.

– Eu não estava parada em lugar algum – disse mamãe. Parecia uma criança que acabara de ser encontrada no esconde-esconde e não queria ser aquela a ter de procurar.

– Ei – falei –, esse vestido parece com seu biquíni.

– Bolinhas dão sorte – disse mamãe.

Papai voltou para o trabalho às 17h. No jantar daquela noite, minha mãe e eu comemos queijo cottage e melancia na cozinha sob os olhos redondos e vigilantes das galinhas nas cortinas.

Não falamos muito. Ela não me perguntou como foi a escola. Olhava para o telefone de vez em quando, como se estivesse esperando que a salvasse de algum desconforto ou constrangimento. Mas ele não tocou.

Ela olhou para nosso novo quintal, com a grama alta precisando de corte.

– Lembra-se do Peaches? – perguntou ela.

Não o gerbil de novo.

– Goebbels – falei. – Fico imaginando se os Flanagan chegaram a perceber que ele sumiu.

O funeral fora doloroso. Minha mãe lera três poemas, Keats, Shakespeare e Auden, por cima do caixão feito com uma caixa de lenços de papel antes de colocá-lo em sua cova no jardim. Chorou enquanto eu cobria a caixa com terra. Eu me resenti por ter sido designada como coveira. Eu me resenti por ter de participar do ritual como um todo.

Mamãe colocou a lápide, uma pedra que ela pintara de dourado. Nela estava escrito Aqui Jaz Um Rei dos Gerbils. RIP Peaches.

– É – falou mamãe. – Goebbels. Fico imaginando se ele sabe o quanto gostávamos dele.

Pedaços de queijo cottage ficaram presos na minha garganta.

– Mas nós não gostávamos dele.

– Fale por si mesma, criança sem coração – disse mamãe. – Eu gostava. Há uma lápide dourada no nosso antigo jardim para provar.

– Está bem, está bem – falei. – Você gostava. Você gosta de todas as coisas vivas, não importa o quão insignificantes. Você é Jesus. Você é Buda. Você é o maldito Gandhi de bolinhas.

De alguma forma eu não estava incluída em seu amor por todas as criaturas do mundo... mas tinha medo de dizer isso em voz alta. Não queria estimular outra crise de choro. E, por mais que eu gostasse de pensar em mim mesma como uma garota robô, ser chamada de sem coração pela própria mãe não era bom para o meu coraçõzinho de cronômetro.

Logo antes da meia-noite, fiquei deitada no escuro, girando o dial de AM no rádio-relógio até encontrar 1120. *Muito bem, Garoto Fantasma*, pensei. *Vamos ver o que você tem para mim*. Eu planejava ouvir por algum tempo e então pegar no sono imaginando Tom Garber chorando por cima do meu cadáver virginal.

A voz de um locutor disse, "WBAM, Baltimore 1120. Notícias, papos e velhos sucessos. É meia-noite. Fiquem ligados para o programa Night Light com seu anfitrião, Herb Horvath". Após um *biip* longo para marcar a hora e um jingle caído – "WBAM em Baltimore!" –, tocaram um velho *swing* e a voz rouca de Billie Holiday ronronou, "*Talk to me, baby, tell me what's the matter now...*"

Uma voz falou por cima da música, uma voz tão aveludada que tinha cheiro até: conhaque, fumo de cachimbo, loção pós-barba e um toque tipo Gelol.

– Boa noite e bom dia para vocês, meu Povo da Noite. Este é o Night Light Show, a Luz na sua Noite, e eu sou seu anfitrião, Herb Horvath. É cedo numa manhã de terça-feira e Baltimore está soltando fumaça. Será que o outono algum dia vai chegar? Não parece que vai, não é? Vocês sabem o número: 410-555-7777.

Liguem, me digam no que estão pensando. Vamos fazer companhia uns aos outros, que tal? Enquanto estamos esperando pelas primeiras ligações, vamos ouvir essa música linda de John Coltrane e Johnny Hartman chamada "Autumn Serenade". Esperemos que ela traga algum clima mais frio consigo.

A música tocou – sax tenor, pianos e uma outra voz masculina suave e aveludada cantando.

Aumentei o som do rádio, deitei-me no escuro e deixei as vozes me tomarem.

Herb:

Muito bem, temos nossa primeira ligação. WBAM, você está no ar. Bem-vinda ao Night Light Show.

Velhinha:

Olá, Herb. É Dottie, ligando de Essex.

Herb:

Olá, Dottie. No que está pensando esta noite?

Dottie:

Lembra-se do querido Brutus, meu gatinho? *[fungadas]*
Não sei se mencionei isso, mas Brutus foi para o Céu dos Gatinhos há alguns meses.

Herb:

Ah, sinto muito ouvir isso, Dottie.

Dottie:

Eu sinto tanta saudade. E acho que ele está tentando entrar em contato comigo, do outro lado.

Herb:

Como assim, ele está tentando entrar em contato com você?

Dottie:

Ele tem aparecido nos meus sonhos várias noites. Estou deitada na cama e ele anda bem por cima da minha barriga e fica de pé nas minhas costelas, olhando para mim. Mexe a boca como se estivesse falando. Não miando, mas falando.

Herb:

O que ele diz?

Dottie:

Ele diz: "Bistrô, bistrô, bistrô".

Herb:

Bistrô?

Dottie:

É isso que eu não entendo. Por que ele está falando sobre restaurantes? O que está tentando me dizer? *[um*

tinidozinho toca, o som de pó-de-pirlimpimpim sendo borrifado]

Herb:

Essa é difícil, Dottie. Vamos jogar isso para os nossos ouvintes e ver o que eles acham.

Dottie:

Obrigada, Herb. Fico agradecida. Boa noite para todos!

Herb:

Boa noite. Vocês estão ouvindo o Night Light Show com Herb Horvath. WBAM, AM 1120. Próximo ouvinte, você está no ar.

Myrna:

Herb, aqui é Myrna, de Highlandtown.

Herb:

Olá, Myrna. Que bom ouvi-la novamente.

Myrna:

Tentei ligar no aniversário da morte de Elvis, mas não consegui completar a ligação.

Herb:

É, as linhas sempre ficam congestionadas nas noites de Elvis.

Myrna:

Caraca, aquele homem fica bem de veludo. Percebeu que eu não disse "Cacete"? Estou me esforçando pra cacete para manter minha boca limpa pra você, Herb.

Herb:

Eu agradeço, Myrna. Ainda tenho o quadro do Elvis que você me mandou na parede do escritório.

Myrna:

Fui eu mesma que fiz. Pintei pelos números.

Herb:

É uma beleza.

Myrna:

Não acredito que ele está morto. Sei que já faz tempo, mas... Eu ainda uso meu cabelo do jeito que Priscilla usou o dela no dia do casamento, para o caso de ele voltar.

Herb:

Dos mortos?

Myrna:

Quem é mais provável que volte dos mortos do que Elvis? Se alguém pode fazer isso, é ele.

Herb:

Talvez esteja certa. Aposto como ele está olhando para você lá do céu agora, Myrna. Ele está pensando, “Nossa, que mulher bonita com aquele penteado bolo de noiva preto”.

Myrna:

Ora, obrigada, Herb.

Era só um bando de velhos solitários, mas eu meio que podia me identificar com eles – principalmente com Dottie, assombrada pelo gato morto. E Myrna, assombrada por Elvis. Todo mundo era assombrado por alguém. Eu não conseguia desligar.

Herb:

Temos de ir para nossa próxima ligação. Night Light, você está no ar.

Garoto Fantasma:

Boa noite, Herb. Aqui é o Garoto Fantasma.

Eu me sentei ereta. Esse tinha de ser Jonah. A voz soava como a dele. Então era por isso que queria que eu ouvisse, ele ligava regularmente.

Herb:

Olá, Garoto Fantasma. O que está rolando esta noite?

Garoto Fantasma:

Nada demais. O verão acabou. Só estou me sentindo triste com isso.

Herb:

Você teve um bom verão?

Garoto Fantasma:

Não. Mas ainda é melhor que o resto do ano. Não tem aula, para começar.

Herb:

Em que ano você está na escola, Garoto Fantasma?

Garoto Fantasma:

No último. Estou quase livre. Depois que me formar, não vai haver nada para me segurar. Nenhum horário ou responsabilidade ou expectativas a preencher. Vou ficar leve como um balão de hélio, à deriva no céu, sem direção. Só carregado pelo vento.

Herb:

E quanto à faculdade, Garoto Fantasma? Você parece ser um garoto inteligente.

Garoto Fantasma:

A maioria das universidades não aceita pessoas mortas. Ha-ha. Bem, eu só queria dar um olá. Faz algum tempo

que não telefono, mas ainda estou aqui escutando. Espreitando. Só queria que vocês soubessem. Vou ficar de olho em Elvis. Ah, e um oi especial para Burt. Espero que ele ligue.

Herb:

É muito provável que ligue. Você conhece Burt. Boa noite, Garoto Fantasma.

Garoto Fantasma:

Boa noite.

Jonah queria que eu ouvisse esse telefonema. Por quê? Era só uma conexão entre dois ouvintes de rádio insones ou ele estava tentando me mandar algum tipo de recado?

Herb:

Próximo ouvinte, você está no ar.

Ouvinte:

Miau miau miau miau. Oi, Herb, aqui é o gato da Dottie ligando do Céu dos Gatinhos. Miau!

Herb:

Don Berman, isso não é legal.

Don Berman:

Não sou Don Berman! Sou o gatinho da Dottie com um recado do além. Você é uma velha tagarela, Dottie! Eu sempre a odiei e estou indo pegá-la! Miau! Miau! Mi...

Herb:

Sinto muito, Don, mas tive de desligar na sua cara. Não permitimos esse tipo de coisa aqui no Night Light Show. Dottie, querida, se você ouviu isso, sabe que não deve levar Don Berman a sério. Todos sabemos como ele é. Próximo ouvinte, bem-vindo ao Night Light.

Judy:

Herb, aqui é Judy, de Pikesville. Eu só queria dizer: Dottie, querida, não dê ouvidos a esse Don Berman horrórico. Não sei por que ele faz essas coisas. Nós todos a amamos e tenho certeza de que Brutus está muito feliz lá no Céu dos Gatos.

Herb:

Obrigado, Judy. Tenho certeza de que você tem razão.

Judy:

Herb, aquele Garoto Fantasma devia estar dormindo. Ele tem aula amanhã e é quase uma da madrugada! Vocês não têm uma idade mínima para os telefonemas? Deveria ser pelo menos 21 anos.

Herb:

Bem, acho que cabe aos pais determinarem a hora de dormir, se é que ele tem pais... Talvez não tenha. E se for realmente um fantasma?

Judy:

Ah, Herb, não seja ridículo. Ele disse que vai à escola. Onde você acha que ele estuda, na Escola das Assombrações?

Herb:

Judy, acho que acabou de fazer uma piada.

Judy:

O quê? Ah, não, Herb, não faço piadas. Estou falando muito sério...

Deixei minha mente flutuar com as ondas do rádio, onde todos esses ouvintes haviam encontrado um mundo secreto. Jonah me dera a chave para aquele mundo, apesar de mal me conhecer.

Eu tinha de me provar digna.

* *Rib*: costela, em inglês. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, me sentia aérea e cansada, mas também estranhamente alerta. O Night Light ainda pairava na minha cabeça como um sonho vívido que não desligava nem depois de eu acordar.

Jonah já estava no lugar quando cheguei ao auditório para a Assembleia. Parecia diferente agora que eu o ouvira no rádio. Mais real, menos fantasma.

Fui para meu lugar.

– Ei... Valeu, Garoto Fantasma.

Nenhuma resposta.

– Eu o ouvi no rádio na noite passada – expliquei.

– Está bem, mas não me chame de Garoto Fantasma.

Eu enrijeci. Ele parecia tão legal no rádio que havia me esquecido como ele era irritadinho na vida real.

– Foi mal.

Ele suspirou, se afundou na cadeira e ficou olhando para o palco como se estivesse impaciente para a Assembleia começar.

– Com que frequência você telefona? – perguntei.

Ele deu de ombros.

– De vez em quando. Você gostou? – Algo novo em sua voz quando ele fez a pergunta (Nervosismo? Ternura?), me estimulou a

ir em frente.

– É ótimo! – falei. – Eu costumava ouvir o programa de Bob Decker transmitido de Albany... Isso pega aqui?

– Não sei. Nunca procurei.

– Não importa – eu disse. – O Night Light Show é muito melhor. Há quanto tempo você o ouve? Já encontrou algum dos outros ouvintes? Aquele tal de Don Berman?

– Não – falou Jonah, finalmente olhando para mim, mas sem dar pistas sobre como se sentia a respeito do que estava vendo. – Tenho um pouco de medo deles.

– Tenho essas imagens na minha cabeça, sabe, de como é a aparência deles, mas tenho certeza de que estou totalmente errada...

– Só achei que você gostaria do programa – disse Jonah, olhando por cima do meu ombro. – Não estava tentando ser seu melhor amigo nem nada.

– Ah. – Agora eu me sentia estranha. Por que ele me guiara para o programa se não queria falar a respeito? Não pude perguntar, porque Anne Sweeney chegou de repente em uma brisa de xampu de madressilva.

– Olá! – Assim que Anne se sentou, Jonah começou a procurar algo dentro da mochila. Entendi o recado: *Fim de papo*. – Uau, Bea, você parece cansada.

– Pareço?

– É, está com olheiras. – Ela traçou os círculos escuros debaixo dos meus olhos. – Quer um corretivo? O meu provavelmente é claro demais para você, mas é melhor que parecer um daqueles jogadores

de futebol americano... O que é aquele negócio preto que eles colocam debaixo dos olhos para bloquear o Sol? Alguma coisa de olho?

– Preto de olho? – respondi. Só um palpite.

– É, isso. – Ela vasculhou em sua mochila monogramada até encontrar um tubo de corretivo e o passou para mim.

– Tudo bem – eu disse. – Gosto de parecer cansada.

– Não gosta, não. – Ela riu. – Você é tão engraçada. – Ela esticou o braço além de mim para dar um tapinha no ombro do Jonah. – Ela não é engraçada, Jonah?

Ele não se mexeu, nem fez nenhum som, como se estivesse fingindo que não estava ali, ou que nós não estávamos ali, que não podia nos ver ou nos ouvir. Anne não ia aceitar isso. Deu outro tapinha nele.

– Jonah! Me responda! Seu grosso.

A boca de Jonah se contorceu.

– Anne Sweeney, pare de falar. Por favor.

– Ah, isso é o que você sempre diz. – Anne virou-se para mim: – Está vendo por que eu nem tento? Não vale *nada* a pena.

O Sr. Lockjaw subiu ao pódio, e os alunos ficaram em silêncio.

– Fico felish em ver que o primeiro dia não os ashushtou. Tantosh de vocêsh voltaram para repetir. Ha ha ha.

Os alunos suspiraram, inquietos. Ninguém riu, a não ser uma das professoras sentadas no palco, uma mulher grandalhona com uma faixa branca de gambá no cabelo preto eriçado.

– Ha ha – terminou Lockjaw. – A maioria de vocêsh conhece a Shenhorita Jacobshon, Reitora de Vida Acadêmica. Ela vai ler

alguns anúncios esta manhã sobre atividades extracurriculares. Senhora Jacobson?

A mulher com a mecha de gambá substituiu Lockjaw no pódio. Srta. Jacobson, presumi.

– Todos têm de fazer pelo menos uma atividade extracurricular por ano, incluindo esportes – disse ela. – Essas atividades devem ser aprovadas pela escola, nenhum estudo independente, sem exceções. Aqui estão os líderes de grupo para as seguintes atividades estudantis. Diretora do Clube de Teatro: Olga Ulianov. Codiretores do Comitê de Festas: Anne Sweeney e Michael Morse...

Ouvi a lista desanimadamente, certa de que não encontraria nada que me interessasse. Aí, enquanto a Srta. Jacobson continuava, ouvi uma combinação de palavras que me surpreendeu.

– Comitê do Livro do Ano. Editora: Nina Fogel. Diretor de Arte: Jonah Tate.

Olhei para o Jonah.

– Você é o diretor de arte do livro do ano?

– Eu sei, não é estranho? – comentou Anne. – A pessoa com menos espírito escolar no mundo todo está encarregada do maldito *livro do ano!* Ele se ofereceu como *voluntário!*

– Por quê? – perguntei – Eu teria pensado que o Clube de Filosofia era mais sua praia. Ou o Clube de Xadrez ou Futuros Químicos. Não que eu o conheça bem nem nada, mas...

– Beatrice Szabo – falou Jonah através dos dentes cerrados, soando quase como Lockjaw – e Anne Sweeney. Vou dizer mais uma vez e é melhor escutarem. Parem. De. Falar.

– Está bem, está bem – disse Anne. – Nervosinho.

Fiquei com medo de dizer outra palavra. Mas pensei que talvez *eu* entrasse para o livro do ano. Parecia, contra todo bom-senso, ser o lugar para pessoas sem espírito escolar. E era impossível ter menos espírito escolar do que eu tinha. Nem o Garoto Fantasma podia ganhar de mim nesse departamento.

– Quem precisa desse buraco? – disse Anne, inspecionando a cena sem graça no refeitório. Ela torceu o nariz conforme o cheiro de brócolis cozido nos atingiu. – Vamos para o Morgue. – Ela e ASUE marcharam para fora do refeitório. Fiquei no vão da porta, sem saber direito o que fazer.

Anne parou e acenou a mão na frente do meu rosto.

– Ei, Beatrice. Você vem?

Pisquei. Quando estou em uma situação nova, às vezes meu tempo de resposta é lento. Tipo, se não sei automaticamente o que fazer, por hábito, meu motor engasga.

– Vamos, Beatrice – falou ASUE. – Vamos embora.

As engrenagens do meu cérebro esquentaram e começaram a girar.

– Eu não sabia que podíamos sair.

– É claro que podemos – disse Anne. – Privilégios do último ano.

– Ela me agarrou pelo pulso e sacudiu meu braço. – Você está tão dura. Relaxe. – Ela se dirigiu para a porta, me puxando junto.

– Então... o Morgue* é o que parece?

– Parece com alguma coisa? – disse ASUE. – Vamos comer batatas fritas.

Entramos no Mini de Anne e dirigimos uns 800 metros para fora do campus. Para minha decepção, Morgue era diminutivo de Morgan & Millard, uma farmácia e café aninhada no meio de uma fileira de fachadas na Roland Avenue. PRIMEIRO SHOPPING DE RUA DOS ESTADOS UNIDOS, uma placa de ferro anunciava. CONSTRUÍDO EM 1896. Não era um grande shopping center, só uma sorveteria, um florista, um banco, uma agência imobiliária e o Morgue.

O Morgue estava animado. Abrimos caminho através de um pequeno local na frente onde eram vendidas balas e revistas, passando por um longo balcão lotado de senhoras e garotos das escolas particulares locais, até uma mesa perto dos fundos. Um bando de meninos da Canton havia colonizado o reservado do canto. Vi Tom Garber e alguns outros da nossa turma.

- Como vão? – resmungou a garçonete.
- Só batata frita para mim – pediu Anne. – E uma Coca Diet.
- Eu também – disse ASUE.

Passei os olhos rapidamente pelo cardápio.

- Quero um queijo quente e uma Coca.

A garçonete assentiu e foi embora. Anne e ASUE pegaram os celulares e começaram a teclar. Eu havia deixado meu celular em casa. Não tínhamos permissão para usá-los na escola, e eu não estava esperando ligação de ninguém, de qualquer maneira. Passei os dedos por cima da velha mesa de madeira marcada com nomes e iniciais entalhadas durante anos. – Há quanto tempo este lugar existe?

– Desde sempre – falou Anne, ainda olhando para a tela minúscula do telefone. – Meus pais costumavam vir aqui quando

entalhou.

Passei um dedo por cima das iniciais. Havia um toque de loucura na forma que estavam rabiscadas na madeira, um tom desesperado.

– O que aconteceu com MT?

– Ele morreu – disse ASUE – na terceira série.

– Eles eram gêmeos – falou Anne.

Gêmeos. Jonah tinha um irmão gêmeo.

– Como ele morreu?

– Em um acidente de carro – disse Anne – com a mãe deles. Os dois morreram.

Eu parei de comer.

– Jonah costumava ser normal, antes de isso acontecer – continuou Anne –, eu moro na mesma rua que ele e nós brincávamos juntos quando éramos pequenos. Ele era, sabe, legal. Quase humano.

– O irmão dele era retardado – sussurrou ASUE.

– Não era retardado – falou Anne. – Bem, não *simplesmente* retardado. Ele teve danos cerebrais. O cérebro não recebeu oxigênio suficiente quando ele nasceu. Era basicamente um vegetal. Não podia falar nem andar nem nada. Não podia se alimentar sozinho. A mãe do Jonah cuidava dele o tempo inteiro.

– Meu pai nos disse que foi uma benção ele ter morrido jovem – falou ASUE –, mas a morte da Sra. Tate foi muito triste. Lembra daqueles biscoitos de esqueleto que ela costumava levar para a escola no Dia das Bruxas?

– Qual era o nome dele? – perguntei eu. – Do irmão de Jonah.

– Matthew – disse Anne.

– Eram gêmeos idênticos? – perguntei.

– Não sei – disse Anne –, era difícil saber, porque Matthew estava sempre caído na cadeira e babando. Mas os dois tinham cabelo louro e aquela pele pálida doentia.

– Podemos falar sobre algo menos mórbido agora? – falou ASUE.

– Tipo, quando as meninas do St. Mary começaram a usar as meias três-quartos desse jeito? Já notaram como todas as embolam em volta dos tornozelos? Não pode ser coincidência.

Tentei imaginar um gêmeo de Jonah, deficiente, agora morto. Jonah chamava a si mesmo de Garoto Fantasma, mas estava vivo. Matthew era o verdadeiro fantasma. Fiquei imaginando se ele assombrava Jonah à noite, durante o sono, como o gato da Dottie ou o Elvis da Myrna. Talvez fosse por isso que Jonah escutava o Night Light, para manter os fantasmas longe.

– Ela está fazendo aquilo de novo – disse ASUE.

– Beatrice. – Anne bateu no meu prato com seu garfo. – Beatrice. Você está fazendo aquele negócio de novo.

– Que negócio?

– Esse negócio que você faz às vezes. Notei na Assembleia. Você fica sem expressão nenhuma. Como se estivesse ouvindo o que estamos falando, mas não ligasse.

– É tão esquisito – falou ASUE.

Ela estava certa: eu não ligava de que forma as meninas do St. Mary usavam as meias. Mas talvez devesse. Todo mundo parecia se importar com essas coisas. Mesmo que fosse apenas uma observadora, uma socióloga dos costumes do ensino médio, devia me importar mais do que me importava.

Por que não me importava? Talvez minha mãe estivesse certa, afinal de contas. Ela dera à luz um mutante. Meu coração era frio e duro. Era tão óbvio que até ASUE podia perceber.

Papai fez o jantar naquela noite: lasanha, sua especialidade.

– As galinhas falaram comigo – disse ele, dando um puxãozinho nas cortinas da cozinha. – Disseram que se não diminuirmos o consumo de suas colegas, vão ficar vivas à noite e pular para fora das cortinas e bicar nossos olhos. Eu ouço e obedeço, ó, Grandes Galinhas da Cozinha. – Ele fez uma reverência para as cortinas, as mãos juntas em oração.

Eu não pude deixar de rir, apesar de ser idiota. Mamãe me lançou um olhar zangado. Estava usando brincos grandes e pendurados de galinhas, que ela recortara em papelão naquele dia.

– Não o encoraje – falou –, ele está nos provocando.

– Acho que ele está provocando *você* – eu disse.

– Não é legal – respondeu mamãe. – Por que não podemos ser gentis uns com os outros nesta família?

– Nós somos gentis – disse papai.

– Não quero dizer gentil-de-mentirinha – continuou mamãe –, quero dizer gentil-de-verdade.

Eu podia ver papai desligando naquele momento, os olhos ficando vidrados.

– Coma um pouco de lasanha.

– Ninguém é gentil o tempo inteiro – observei.

– Com certeza – disse mamãe.

Cortei um pedaço da lasanha com o garfo e comi.

- Muito boa, pai.
- Obrigado.
- Por que você sempre fica do lado dele? – perguntou mamãe.
- Não fico. Só gostei da lasanha dele. Nossa!

Fiquei com medo de falar qualquer coisa depois disso. Não precisava que ela marcasse em cima de todos os comentáriozinhos inocentes que eu fizesse. Papai e eu comemos, e minha mãe desconstruiu sua porção, separando as partes em categorias: massa num canto, pedaços de carne ao lado, legumes circundando o prato, uma pilha de queijo grudento no meio.

- Está fazendo um projeto de arte? – quis saber meu pai.
- Só estou tentando entender como é montada – explicou mamãe.

Depois que terminei o dever de casa, entrei na cama e li *Rumo ao farol* para a aula de Inglês. Estava inquieta, olhando para o relógio, esperando que a meia-noite chegasse. Fiquei imaginando se o gato da Dottie a visitara em seus sonhos. Fiquei imaginando se o Garoto Fantasma iria ligar.

Finalmente estava na hora de ligar o rádio.

Burt:

Herb, é Burt, de Glen Burnout.

Herb:

Como está o posto da Amoco esta noite? Movimentado?

Burt:

Pode acreditar. Como vai Peggy?

Herb:

[limpa a garganta] Bem, bem.

Burt:

Marcando muita presença com ela, Herb?

Herb:

Burt, você conhece as regras. Boa noite. *[Desliga na cara de Burt]*. Próximo ouvinte, você está no ar.

Morgan:

Fico feliz que tenha desligado na cara daquele tarado. *[Sons de teclas de piano ao fundo]*

Herb:

Olá, Morgan.

Morgan:

Vocês não vêm me visitar há algum tempo, Herb. O Mermaid Lounge está aberto o ano todo para jantar e drinques. Servimos os melhores filés, frutos do mar e coquetéis. Tequila Sunrises são a especialidade da casa. Venham e visitem nossas adoráveis garçonetes: Linda, Donna, Dawnielle e Betty Ann. Digam olá e pisquem para elas. É época de ostras! Com este que vos fala ao

piano cinco noites por semana, de quarta a domingo.
[Trinado enfático ao piano]

Herb:

Eu estava pensando em animar o Tapete Voador. Você tem lugar para alguns visitantes no Mermaid esta noite?

Morgan:

Venham, hoje está tranquilo. A temporada acabou e estou precisando de companhia.

Herb:

Que tal uma provinha para tentar os ouvintes?

Morgan:

Será um prazer. *[Morgan toca "Feelings" cheio de floreios, estilo Liberace]* Que tal?

Herb:

Lindo, Morgan. Boa noite.

Morgan:

Boa noite, pessoal. Venham até o mar e me visitem em breve.

Herb:

Próximo ouvinte, você está no ar.

Voz aguda estranha:

Alô? Herb? Aqui é Irene, de Fell's Point. Primeira vez que eu ligo!

Herb:

Bem-vinda, Irene. Como vão as coisas em Fell's Point?

Irene:

Bem, bem. Sou só uma velhinha, morando sozinha com meus gatos. Meus filhos nunca me ligam...

Herb:

Sabe como são os filhos. Eles ficam ocupados, mas tenho certeza de que estão pensando em você.

Irene:

Não estão, não, aqueles moleques. Prefiro gatos a filhos sempre. Uma das minhas gatas está prestes a ter filhotinhos. Sua primeira ninhada.

Herb:

Isso é ótimo. Qual é o nome dela?

Irene:

[a voz subitamente passa de um falsete para um barítono profundo] Don Berman! Don Berman! Don Berman! Don Berman! Ha ha ha ha ha! *[Desliga]*

Herb:

[rindo forçado] O que faríamos sem nossas ligações regulares de Don Berman? He he he. Próximo ouvinte, você está no ar.

Garoto Fantasma:

Oi, Herb, é o Garoto Fantasma.

Herb:

O que manda, Garoto Fantasma?

Garoto Fantasma:

Estou me sentindo inquieto esta noite. Noite quente, não consigo dormir... Eu bem que podia dar uma volta no tapete. Aposto como o mar está bonito e calmo hoje à noite.

Herb:

Está bem, você me convenceu. Se alguém mais quiser ir até Ocean City comigo e com o Garoto Fantasma, o tapete está esquentando. Posso levar mais três ouvintes.

Garoto Fantasma:

Se você nunca deu uma volta no tapete voador, não fique tímido. Ligue. Vale a pena.

Herb:

O telefone é 410-555-7777.

Jonah sabia que eu estava escutando, ele estava me convidando para telefonar. Eu não sabia direito o que era esse negócio de Tapete Voador, mas peguei o telefone e disquei. Se Don Berman não tinha medo de falar no rádio, por que eu deveria ter? Herb Horvath era o ideal de mãe: muito gentil com todo mundo.

Herb:

Quem temos aqui? Ouvinte número dois?

Louanne:

Sou eu, Herb. Louanne, de Mount Washington.

Herb:

Bem-vinda a bordo, Louanne. Ouvinte número três?

Garota Robô:

Oi, eu sou a Garota Robô, de Homeland.

Herb:

Garota Robô, é? Primeira vez que liga?

Garota Robô:

É.

Herb:

Bem-vinda. Ouvinte número quatro?

Burt:

É Burt. Por que sempre temos de ir para Ocean City no tapete idiota? Não podemos ir a um lugar maneiro de vez em quando? Tipo Vegas?

Herb:

Burt, você não pode ligar mais do que uma vez por noite.

Burt:

Eu sei, mas você desligou na minha cara, Herb. Eu não tive meus cinco minutos. E tenho de ir à Ocean City esta noite. Aquele verme do Morgan me deve 12 pratas.

Herb:

Sinto muito, Burt. Outra hora. Temos outro ouvinte número quatro?

Myrna:

Eu! Myrna! Eu vou se Morgan prometer tocar "Delilah" quando chegarmos lá.

Herb:

Não posso prometer nada pelo Morgan, mas acho que podemos convencê-lo. Todo mundo a bordo? Todos com cinto de segurança?

Garoto Fantasma, Louanne, Garota Robô, Myrna:

Sim.

[Efeitos sonoros engraçados: ding-ding! Uuush!]

Herb:

Lá vamos nós! *[Som do vento passando]* Não está uma noite linda? Vejam as luzes da cidade abaixo de nós.

Myrna:

Estou vendo minha casa.

Louanne:

Estou vendo os carros na estrada.

Garoto Fantasma:

Estou vendo a Horrivelândia. Os turistas parecem insetos. Os turistas SÃO insetos.

Herb:

Estamos voando por cima de Annapolis. Lá vem a Bay Bridge.

Garoto Fantasma:

Vá mais devagar. A Garota Robô é nova na cidade. Ela ainda não viu tudo isso.

Garota Robô:

Como sabia que eu era nova?

Garoto Fantasma:

Você falou.

Garota Robô:

Não falei, não.

Louanne:

Está vendo as luzes na ponte, Garota Robô? Todas brancas como um colar de diamantes.

Myrna:

A baía está cheia de barcos esta noite. Ancorados em pequenas enseadas. Navios grandes indo em direção ao oceano.

Herb:

Por cima da ponte... Agora estamos na Costa Leste. Está escuro aqui.

Louanne:

Nada além de milharais.

Myrna:

E melões e tomates.

Louanne:

Pêssegos.

Garoto Fantasma:

E rios serpenteando pela lama.

Garota Robô:

É lindo.

Herb:

Estou vendo mais à frente. Os prédios altos...

Myrna:

Ocean City! Posso sentir o cheiro da maresia.

Louanne:

E das batatas fritas.

Herb:

Vamos dar uma volta no píer.

Algum de vocês já ficou no velho Hotel Commodore?

Acabaram de pintá-lo de azul-piscina.

Myrna:

Eu gostava mais dele branco.

[O tilintar de teclas de piano e copos, murmúrios de vozes]

Herb:

Chegamos! O Mermaid Lounge. Bem, Morgan, nós viemos.

Morgan:

[Começa a tocar "Happy Days are Here Again"] Mesa para cinco? Sentem-se, pessoal. O que vão querer? Só digam ao Johnny, o barman aqui.

Myrna:

Eu quero um *sidecar*.

Louanne:

Só café para mim.

Herb:

Um martíni bem seco para mim. Já que é de faz de conta.

Garoto Fantasma:

Vou querer um uísque com Coca-Cola. Já que é, você sabe, faz de conta. E você, Menina-robô?

Garota Robô:

Vinho tinto. E é GAROTA Robô.

[Copos brindam]

Morgan:

Ouvi o que Burt falou sobre mim. Eu não devo nada de 12 dólares a ele.

Herb:

Você e ele vão ter de resolver isso fora do ar. Quem tem um pedido para Morgan?

Myrna:

Eu tenho! "Delilah", lembra?

Morgan:

Nossa, nunca me pedem essa. *[Ele esmurra a velha canção de Tom Jones no piano e berra]* "WHY, WHY, WHY, DELILAH?"

Garoto Fantasma:

Garota Robô, você está linda à luz de velas.

Garota Robô:

Obrigada.

Myrna:

E eu, Garoto Fantasma?

Garoto Fantasma:

Todas as damas estão bonitas. Você também, Herb.

Herb:

É, não temos sorte de estarmos acompanhando três moças tão lindas? É uma pena termos de voltar para a cidade. Desçam a escotilha, pessoal, vamos voltar para o tapete. Vamos dar uma volta rápida por cima da rodagigante, em torno da enseada e estaremos voltando para a cidade. Atravessando a baía... e aterrissamos. Obrigado, ouvintes. Outro passeio maravilhoso. É hora de um intervalo comercial. Aqui vai uma mensagem de Jeffrey R. Downes, Advogado. Você tem um problema? Jeffrey R. Downes diz: "Vamos conversar a respeito."

Garoto Fantasma:

Boa noite, Garota Robô.

Garota Robô:

Boa noite.

O Garoto Fantasma é um mentiroso, mentiroso mentiroso mentiroso, pensei sonolenta enquanto adormecia. Ele quer sim um amigo. Mesmo que ela seja meio travada.

Naquela noite eu sonhei com pontes feitas de diamantes.

NOTA

* Necrotério, em Inglês. (*N. da T.*)

CAPÍTULO 5

Levei meu portfólio de fotografias para a reunião de equipe do livro do ano. Jonah estava sentado à mesa na frente da sala, ao lado de Nina Fogel, a editora, então acho que realmente era o diretor de arte. Ele não parecia muito interessado na reunião, porém; passou o tempo inteiro desenhando em um bloco.

– Todos na equipe são responsáveis por pelo menos cem dólares em anúncios – falou Nina aos candidatos. – Vão a todas as lojas do bairro, peçam a seus pais, seus avós... O *Yodel* precisa de dinheiro, pessoal!

Talvez Jonah tivesse esperanças de que parecesse que estava fazendo anotações, mas estava obviamente rabiscando.

– Jonah vai olhar fotos de toda nossa história em Canton, começando no maternal – falou Nina. – Se tiverem alguma foto antiga que possamos usar, por favor, apresentem. Para se oferecer como fotógrafo voluntário, mostrem o portfólio depois da reunião ao Jonah. Alguma pergunta?

Uma menina ergueu a mão.

– Podemos mudar o nome? Não posso pedir às pessoas para comprarem anúncios em algo chamado *Yodel*.

– Vamos chamar de *Beatbox* – falou um menino.

– Que tal *Grito Angustiado*? – disse outro garoto.

– Ou *Pedido de Ajuda* – falou a primeira menina.

– Não podemos – disse Nina –, já pedi a Lockjaw. Ele falou que a turma de 1925 o batizou de *Yodel* e é uma tradição, então temos de aceitar. Alguma outra pergunta? Não? Quer acrescentar alguma coisa, Jonah?

A caneta do Jonah nunca parava de rabiscar.

– Não.

– Qual é, Jonah. Você tem de dizer alguma coisa.

– Yodelay-hee-hoo.

Quando a reunião acabou, me juntei ao grupinho amontoado em volta de Jonah. Ele folheou os álbuns dos outros alunos.

– Tudo bem, tudo bem, só assegure-se de que todas as fotos de grupo não sejam em pirâmide.

Ele se virou para mim. Abri meu portfólio e passei as páginas, imaginando – nervosamente, para minha surpresa – o que ele acharia. A maioria das fotos eram retratos falsos de filmes estrelando eu e minha mãe. Também fazíamos contos de fadas como *Bela Adormecida* e *Rapunzel*, histórias bíblicas, assassinatos famosos e rituais de sacrifício. Eu gostava de fazê-las o mais sangrentas e violentas possível. Gastamos uma tonelada de sangue de mentira. Só as nossas compras de sangue de mentira devem ter mantido a loja de fantasias do Mike da Motocicleta na ativa.

– Quem é esta? – Jonah apontou para uma das minhas favoritas, Salomé com a Cabeça de São João Batista. Mamãe usara uma peruca preta, a parte de cima do biquíni, calças de paraquedista e pilhas de joias douradas chacoalhantes. Meu corpo estava escondido

atrás de uma mesa coberta com uma toalha bordada, então parecia que minha cabeça decapitada estava na mesa, barbada e sangrenta. Minha língua estava pendurada para fora e meus olhos estavam fixos em um horror vítreo e congelado. Pelo menos, era isso que eu pretendia.

– Esta é a fabulosa Dori Szabo – respondi. – Minha mãe. Ela é Salomé e eu sou a cabeça de João Batista.

– Bem macabro.

– Eu sei. Acho que não serve exatamente para o livro do ano.

– Eu gosto – falou Jonah. – Não temos orçamento para todas essas fantasias... mas não seria legal fazer as fotos da classe de veteranos como, sei lá, um motim pirata ou algo assim?

Nina o ouviu.

– Vetado. De jeito nenhum.

Jonah fez uma careta às costas da editora.

– Então estou na equipe? – perguntei.

Jonah encolheu os ombros.

– Claro. Qualquer um pode tirar fotos. Quem sou eu para impedi-los?

– Eu a declaro agora uma fotógrafa oficial do livro do ano – Nina me disse. – Parabéns, você faz parte do *Yodel*. Não deixe o jeito mal-humorado de Jonah impedi-la de comemorar.

– É uma honra ENORME – falou Jonah. – Não aceitamos qualquer um. Ah, espere um minuto... aceitamos, sim. – Um dos cantos de sua boca se remexeu para cima, na minha direção. – Mas tenho certeza de que vai encontrar uma forma de se destacar do resto.

– O livro do ano? Eca! – falou ASUE mais tarde na sexta à noite. – Por que alguém ia querer fazer parte do *Yodel*?

– Seria legal se tivesse um nome menos constrangedor – disse Anne.

Estávamos todas em uma festa na casa de Tiza. Ela, Anne e ASUE se acomodaram em volta da ilha da cozinha, bebendo latas de cerveja. Anne me trouxera com ela, mas, pelo que eu podia ver, ser convidado para uma festa da Canton não era um grande sinal de popularidade. A maioria dos alunos do último e do penúltimo ano, e alguns dos alunos mais descolados do segundo ano, havia se aglomerado na bela casa de tijolos dos Rahman. Canton era uma escola tão pequena que, quando o assunto era festa, os alunos não podiam se dar o luxo de serem exclusivos ou não haveria gente suficiente para a quantidade mínima que uma comemoração exige.

O uniforme da escola – kilts para as meninas, calças azuis para os meninos – fora substituído por um código de vestimenta unissex de fim de semana. Tanto os meninos quanto as meninas usavam jeans de corte reto e camisetas ou camisas sociais. Eu também estava de jeans, mas me senti ligeiramente estranha na minha blusa florida de brechó.

– Por que você está no livro do ano, Bea? – disse Tiza. – O livro do ano tem a ver com registrar nosso passado, nossos 12 ou 15 anos crescendo juntos, e você está aqui há, o quê, duas semanas?

– Por que não entra para o Comitê de Festas com a gente? – sugeriu Anne. – Planejamos todas as festas e bailes.

– Não que sejam tão sensacionais – falou Tiza.

– Este ano vão ser – jurou ASUE.

– Não sou do tipo social – eu disse.

– Todo mundo é social. – Tom Garber e outro garoto pularam e sentaram na bancada da cozinha. Tom estava usando os óculos no alto da cabeça, para que os raios de micro-ondas derretedores-de-garotas pudessem brilhar mais poderosamente de seus olhos. – Festejar faz parte da natureza humana. Certo, Walt?

– Certo – assentiu o amigo, balançando os volumosos cachos castanho-claros. Eu o reconheci da escola. Ele era alto, esguio e sardento, todo anguloso, e o cabelo fazia com que parecesse um lápis com uma borracha marrom macia na ponta.

– Este é o Walt, meu companheiro escolhido para a noite – falou Tom.

– Por que eu nunca sou escolhida para ser sua companheira? – perguntou ASUE.

Tom deu de ombros.

– Você é a companheira escolhida de Anne. Só pode ser companheira de uma pessoa de cada vez.

ASUE emburrou.

– Quem inventou essa regra?

– Eu – falou Tom.

– Ela não é minha companheira – disse Anne. – Ela é minha amiga.

– Fala sério! – Tom pulou da bancada. – Venha, Beatrice, vou levá-la para fazer um tour pela festa. – Walt também pulou para o chão. – Walt vai vir conosco. Ele também precisa de um curso de reciclagem social.

Walt riu e seu pufe capilar balançou um pouco mais. Ele abriu a geladeira e pegou três latas.

– Cerveja de saideira?

Tom pegou uma e deu outra para mim.

– Boa ideia. Excelente trabalho, Companheiro. – Ele me guiou para fora da cozinha. Eu me virei e olhei para Anne.

– Vai estar de volta em cinco minutos – falou ela. – Não há nada para ver.

Tom, Walt e eu abrimos caminho por um escritório onde alguns casais estavam dando uns amassos.

– Este é o escritório, também conhecido como a Zona dos Relacionamentos Longos – disse Tom. – Nunca fico nesta zona. Você fica, Walt?

– Não, nunca fiquei – respondeu Walt.

– Eu mal conheço essas pessoas – disse Tom, estudando o povo da pegação como se fossem animais em um zoológico. – Estão ocupados demais levando um ao outro a sério. Vamos em frente. – Ele atravessou o aposento e abriu uma porta que levava ao andar de baixo. – Isso nos leva aos Esquisitos. Os Esquisitos sempre se reúnem no porão. Shh... não queremos assustá-los.

O porão estava escuro, enfumaçado e vibrando com a música alta. Um emaranhado de caras e garotas amarrotados e de cabelo seboso estava esparramado em um sofá xadrez ao lado de uma luminária de lava. Um dos meninos estava fumando um baseado.

– Estes são Justine, Harlan, Sphere e Aislin – disse Walt. – Vocês conhecem a Beatrice?

Eles viraram os olhos preguiçosamente na minha direção.

– Não.

– Passe o baseado para mim, Harlan – falou Aislin, de cabelo preto.

– Ah, não, nada disso. – Tom arrancou o baseado dos dedos do Harlan. – Rápido demais para você, não é? – Ele deu um tapa, aí o passou para Walt, que o passou para mim sem fumar.

– Não, obrigada – falei. – Já sou paranoica o suficiente assim.

– Eu também – falou Walt. Ele entregou o baseado para Aislin e deu um gole na cerveja. Harlan ficou olhando para a lata.

– Alguém pega uma cerveja para mim? – pediu Harlan – Não vou aguentar ir lá para cima.

– Pegue uma para mim também. – Sphere olhou para Justine como se esperasse que ela fosse pegar.

– O quê? – Justine deu um soco no braço dele. – Eu tenho cara de sua escrava?

– A minha escrava teria um daqueles cortes de cabelo de Cleópatra e muito delineador preto, como uma garota egípcia – falou Sphere. – Então, não, não tem.

– Se quer uma cerveja, pegue você mesmo – disse Aislin.

– Acho que já vimos o suficiente dos Esquisitos – falou Tom. – Você entendeu, Beatrice. Basicamente, fique fora do porão.

– Vá se foder, Garber – disse Harlan.

– Para a varanda dos fundos, onde os Fumantes de Cigarro se escondem. – Tom guiou nossa pequena parada escada acima novamente.

– Ei, tragam umas cervejas aqui para baixo! – gritou Sphere para nós.

- Os Esquisitos são muito preguiçosos – disse Tom.
 - Provavelmente é toda aquela maconha – falou Walt.
 - Tem razão, Walt.
- Ele sorriu para mim.
- Tour maneiro, não é?
 - Maneiro – concordei.
 - Onde você morava antes de vir para cá? – perguntou Walt.
 - Islândia – falei.
 - Islândia – disse Walt –, sério?

Ele olhou para mim de um modo engraçado, como se estivesse imaginando se havia algo errado comigo. Eu também vira esse olhar no rosto de Anne e de ASUE. Não estava tentando ser estranha, mas me sentia uma esquisitona. Não sei por que disse Islândia. A palavra simplesmente saiu da minha boca. Talvez estivesse me sentindo gelada. Explicar só me faria sentir mais bizarra.

- Eu quis dizer Ithaca.
- Ithaca, Nova York?
- É.
- Isso é meio diferente de Islândia.

A cozinha estava lotada agora, mas Anne e ASUE haviam sumido. Walt e Tom trocaram as latas de cerveja vazias por novas e nós saímos para a varanda.

– Vocês voltaram – falou Anne. Ela e ASUE estavam fumando Camel Light. – Como foi o fabuloso tour?

– Ainda não acabou – disse Tom. – Beatrice, estes são os Fumantes.

- Eu não sou fumante – protestou Anne.

– Então por que está fumando? – perguntou Walt.

– É só desta vez – explicou Anne.

– Só desta vez todo fim de semana – falou ASUE.

Era uma noite quente, ainda sem sinal do outono. Tom se jogou em uma rede pendurada entre duas árvores no jardim.

– Venha, Beatrice! Esta é a parte do tour na rede. – Ele deu um tapinha no espaço minúsculo ao seu lado.

Olhei para Walt.

– O tour da rede é opcional – disse ele.

– Ótimo – sentei na balaustrada da varanda em vez disso.

– Por que você disse que era da Islândia? – insistiu Walt. – Aquilo foi meio estranho.

Eu hesitei, profundamente consciente da falta de expressão no meu rosto e da forma rígida que minha cabeça se mexia. Mas Walt havia perguntado e portanto eu tinha de responder, para completar a tarefa. É o que os robôs fazem.

– Sei lá – falei. – Ouvi esse negócio no rádio uma vez. Na BBC. Disseram que uns cientistas haviam estudado todas as pessoas do mundo inteiro e descobriram que as mais felizes na Terra são os cabeleireiros da Islândia. Acho que este pequeno fato ficou na minha cabeça de alguma forma e decidi sair por conta própria. – *Procurando dados relevantes nos circuitos*, pensei para mim mesma. *Robô CDF idiota.*

– Cabeleireiros na Islândia? Sério? – falou Walt.

– Juro.

– E os cabeleireiros suecos? – disse Walt. – São os segundos mais felizes? E quanto aos mecânicos islandeses?

– Eles não entraram nesses detalhes. Somente que cabeleireiros islandeses são os mais felizes. Ninguém sabe por quê.

– Hmm – falou Walt –, isso é um fato muito interessante. Tem mais deles para dividir?

– Acabaram – eu disse. Minha mente estava ficando vazia, como se todas as curiosidades que eu jamais soubera estivessem se esvaindo lentamente.

Fiquei olhando os fumantes soltarem fumaça e os bebedores beberem de suas latas suadas. Tom Garber se balançava na rede, e eu me senti pouco à vontade. Queria gostar das pessoas. O fato de não gostar me preocupava.

– Não posso ficar até muito tarde – falei.

– Eu não a culpo – disse Walt –, mas devia ficar, de qualquer maneira. Se você for embora, com quem vou conversar? O que será de mim?

– Você pode voltar a ser o companheiro de Tom.

– Ser companheiro de Tom é um emprego sem futuro – falou Walt com um sorriso torto. – Sem esperança de promoção.

Coloquei minha lata vazia de cerveja em cima da grade da varanda.

– Onde fica o banheiro? – perguntei. A forma mais fácil de fazer um garoto parar de falar.

Walt apontou para dentro da casa.

– Depois da cozinha, debaixo da escada.

– Valeu. – Eu entrei, no mesmo instante em que três garotas magérrimas com vestidos de verão saíam.

– Eca – resmungou Anne. – Vacas de Radnor.

A garota magérrima mais alta, uma loura, saiu para a varanda dos fumantes e acenou para Anne e ASUE.

– Cadê Tiza? – perguntou ela. – Ah, vejam quem está na rede.

Tom se sentou ereto e chegou para o lado.

– Há lugar suficiente, Meredith. Para vocês três.

A loura riu.

– Tom sempre tem lugar suficiente para todo mundo.

Deixei todos lá fora, rindo e conversando. Tentei a porta do banheiro, mas estava trancada.

– Tem outro no porão! – gritou uma menina do outro lado da porta.

Eu não estava louca para voltar lá para baixo. *Fique fora do porão* me pareceram as palavras mais sábias que Tom Garber dissera a noite inteira.

Cogitei tentar o andar de cima, mas decidi encarar a Zona dos Esquisitos. Parei na geladeira e peguei seis latas para acalmá-los, como uma espécie de pedágio por invadir seu território.

No meio da escada para o porão, esbarrei em um borrão branco na escuridão. Jonah. Estava sentado sozinho nos degraus. Só sentado. Eu me sentei ao seu lado.

– Ei – eu disse –, o que está fazendo aqui?

– Curtindo – falou Jonah.

– Eu também – comentei. – Cerveja?

– Você está sendo útil. Gosto disso. – Ele tirou uma National Bohemian do anel de plástico que unia as latas. Eu tirei outra.

– Ei... quem está aí em cima? – gritou um dos garotos Esquisitos do sofá.

Eu me levantei e espiei por cima da amurada.

– Eu só estava indo ao banheiro.

– Alguém está nos espionando? – gritou Aislin.

Balancei as latas de cerveja em sua forca de plástico e comecei a descer as escadas. Jonah me seguiu.

– É a garota nova! – berrou Harlan. – Como é mesmo o seu nome?

– Beatrice – respondi.

– Beatrice! – falou Sphere. – Você trouxe cerveja!

Joguei as latas no colo dele.

– Toma. Onde fica o banheiro?

Justine apontou para um canto escuro:

– Ali atrás.

Entrei no banheiro, acendi a luz e fechei a porta. Enquanto fazia xixi, pude ouvir Harlan dizer “Um viva para Beatrice!”.

– Beee-ya-triss! – gritaram os garotos no porão, todos juntos.

– Beee-ya-triss!

Não era fácil fazer xixi com pessoas do outro lado da porta berrando meu nome, mas eu estava realmente apertada.

– Ah, vejam, é o Garoto Fantasma – falou Harlan. – Não vi você aí, amigo.

– Garoto Fantasma, onde você esteve? Por aí assombrando as pessoas? – brincou Sphere.

– Isso mesmo – falou Jonah. – Bu.

– Você ainda estuda na Canton? – perguntou Justine. – Eu nunca mais vi você.

– Estou em sua turma de Cálculo – falou Jonah.

– Está?

Eu saí do banheiro.

– Quer dar o fora daqui? – disse Jonah.

– Quero – respondi. – Tire-me daqui. A Beatrice do Futuro agradece antecipadamente.

Ele me guiou para cima.

– Ei! – disse Harlan. – Aonde você está levando nossa garota da cerveja? Garota da cerveja, traga mais seis!

– Eu a chamo de Gertie – falou Jonah, dando tapinhas no painel de seu carro. – Lenta, deselegante, com quadris grandes e impossível de não ser amada. Como uma avó.

– Sua avó se chama Gertie? – perguntei.

– A minha não... – disse Jonah – não se chamava. Mas a de alguém sim.

Gertie era um Pontiac velho, espaçoso e vinho. Deixamos as casas arrumadinhas de Rogers Forge para trás e dirigimos para o centro da cidade. As casas ficaram maiores e os jardins, mais frondosos, conforme entramos na Roland Avenue.

– Aonde vamos? – perguntei.

– Sei lá. Quer ver um filme? *Female Trouble* está passando no Charles esta noite. Sessão da meia-noite. Já viu? Adoro quando Dawn Davenport chuta a árvore de Natal da família porque não ganhou os sapatos de salto cha-cha que queria e o pai diz “Boas meninas não usam salto cha-cha!”.

– O que são saltos cha-cha?

– Algum tipo de sapato bacana, eu acho.

– Aí acontece o quê?

– A mãe começa a chorar, “Não no Natal, não no Natal...” Não quero estragar o resto para você.

– Eu provavelmente devia ir para casa – falei. De acordo com o painel de Gertie, eram 23h. Eu não tinha exatamente hora para chegar, mas até meus pais sem noção provavelmente iriam perceber se eu não chegasse até 2h da manhã. – Conta o resto do filme – pedi –, prometo ver outro dia.

– Está bem. Depois que Dawn Davenport tem uma crise no Natal, ela foge, estupra a si mesma e engravida. Ela tem o bebê sozinha na floresta. Não tem uma faca nem nada, então corta fora o cordão umbilical com os dentes!

– Eca! – falei. – Espere... como assim, ela estupra a si mesma?

– Ah. Bem, Dawn Davenport é interpretada por um homem, um transformista chamado Divine. Então na cena em que ela é estuprada, Divine interpreta Dawn e o estuprador caipira assustador. Dawn Davenport acaba se tornando uma serial killer.

– Eu tenho de ver esse filme – falei.

– Tem mesmo – disse Jonah.

Passamos pela Catedral de Mary Our Queen, um monolito de mármore iluminado como o castelo da Cinderela. O campus da Canton, mais austero, se aninhava bem ao lado.

– Vire à esquerda aqui – indiquei. A esquina da minha rua, St. Dunstan’s Road, era na frente da entrada de Canton. Jonah virou à esquerda e dirigiu os três quarteirões até minha casa.

– É aqui? – perguntou ele.

– É aqui – falei. – Não é grande coisa, não é?

Ele deu de ombros.

– É uma casa. Todas são só casas.

– É. Bem, te vejo na escola segunda-feira. – Saltei do carro.

– Até mais.

A casa estava escura e silenciosa. Subi as escadas e bati na porta dos meus pais uma vez para eles saberem que eu estava em casa. Aí fui para meu quarto e liguei o rádio, como havia feito tantas noites antes. Mas desta vez pareceu diferente. Desta vez eu conhecia outra pessoa que também estava ouvindo.

CAPÍTULO 6

Na noite seguinte, me senti inquieta. Tinha sido um sábado de verão, mas à noite o vento mudou e um frio seco soprou do Norte. Não havia nenhuma festa para ir, nem mesmo uma chata da qual meu ser futuro precisasse ser resgatado.

Meus pais saíram para um jantar de “Boas-vindas aos Novos Docentes” no Hopkins Club. Primeiro, tiveram uma grande briga sobre se minha mãe devia usar uma blusa que havia feito do tecido da cortina de galinha da cozinha. Meu pai achava que podia causar uma má impressão em seus novos colegas. Mamãe disse que não ligava o quanto parecia boba, ela ia encontrar essas pessoas pela primeira vez e precisava das galinhas para darem apoio moral.

– Bea, o que você acha? – Papai se virou para mim para resolver o impasse. Meu papel de sempre.

– Eu digo: nada de blusa de galinha – falei. – Sinto muito, mãe.

Papai sorriu triunfantemente enquanto ela fazia o Franzido. Mas trocou de blusa. Graças a Deus, porque a mãe de Anne Sweeney provavelmente estaria no jantar e eu não precisava que Anne bancasse a Polícia da Moda em cima da minha mãe na Assembleia segunda de manhã.

– Você venceu – falou minha mãe para ele –, mas não vou ser simpática com ninguém.

Depois que saíram, sentei-me na varanda da frente e li até ficar escuro demais para enxergar. Aí observei a noite chegar à vizinhança. Casais bem arrumados saíam de carro para encontros de sábado à noite. Um grupo de garotos, da oitava ou do primeiro ano, se aglomerou em um beco do outro lado da rua e depois saiu para ficar de bobeira em algum outro lugar. Três garotos passaram de skate, as rodas batendo contra a calçada irregular.

Eu estava prestes a entrar quando um grande e antigo Pontiac veio fazendo barulho pela rua e parou na frente da minha casa. Jonah enfiou a cabeça para fora da janela e franziu os olhos na direção da varanda, como se estivesse tentando descobrir se havia alguém em casa.

– Ei – chamei, acenando –, e aí? – Meio que corri pelos degraus abaixo até o carro e espiei lá dentro.

– Entre – falou ele. – Nós vamos para o centro da cidade.

– Para quê? – perguntei.

– Para comemorar! – exclamou ele.

– Comemorar o quê?

– Eu conto no carro.

– É algo bom?

– Comemorações normalmente são – disse ele –, mas esta é meio misturada.

Hesitei. Será que meus pais ficariam zangados se chegassem em casa e eu não estivesse? Eu podia ligar para o celular do meu pai e

perguntar, mas e se ele dissesse não? Isso seria inconveniente, já que eu realmente estava a fim de sair.

– Volto já – falei. Corri para dentro e rabisquei um bilhete rápido. *Saí rapidinho com* – fiz uma pausa – *um amigo da escola*. Papai ia gostar disso. *Volto logo*.

Troquei o short por jeans e enfiei algum dinheiro e o gloss em uma bolsinha. Meu celular olhava para mim da escrivaninha. Estiquei a mão para pegá-lo, então parei. Meus pais podiam me achar pelo celular se ficassem preocupados, mas eu odiava isso. Justo quando você estava longe deles e se divertindo, a babá portátil tocava e interrompia tudo. Ultimamente eu andava “esquecendo” de levá-lo comigo e não vi motivos para mudar minha política naquela noite, então deixei o telefone na minha mesa e fui encontrar Jonah.

– Pronta? – perguntou ele, ligando o motor.

– Pronta.

– Vamos nessa.

Ele dirigiu para o centro da cidade.

– Então, o que estamos comemorando? – perguntei.

– Espere até chegarmos lá – disse ele.

– Chegar aonde?

– Você vai ver.

Viramos na St. Paul Street, circundando a Johns Hopkins. As casas de tijolo geminadas deram lugar aos arranha-céus e a um vislumbre do centro da cidade: os escritórios dos jornais, os hospitais e hotéis, o Monumento a Washington aceso em sua colina. O tráfego estava fluindo. Jonah virou na Charles Street e estacionou em um quarteirão enfeitado mas desbotado de lojas e

apartamentos. Subimos alguns degraus até a frente de uma loja. Impresso no vidro em letras douradas descascadas estava: Livraria e Cervejaria Carmichael.

– Eles nunca pedem identidade aqui – Jonah abriu a porta –, estão ocupados demais sendo loucos.

Entramos em uma livraria velha. Chutei uma bola de poeira pelo chão de madeira lascada. Um homem barrigudo e cinzento – cabelo cinza, pele cinza, cinza cinza pendurada no final do cigarro – estava lendo sentado atrás de uma velha caixa registradora. Ele ergueu os olhos para nós, assentiu e voltou para seu livro. Do andar de baixo, ouvi vozes e o som de um piano de blues.

Jonah me guiou para baixo até um bar escuro cheio de mobília capenga e descombinada. As paredes estavam cobertas de lembranças empoeiradas: fotos antigas, matérias de jornal dos anos 1940 e 1950 emolduradas, cabeças de animais empalhadas, chapéus, peças de máquinas. Um pôster anunciava o show vindouro:

Noites de segunda-feira no Carmichael

– O Incrível Loudini.

Ele conheceu Houdini! E faz truques de baralho.

Um homem encarquilhado preto-azulado de terno e chapéu esmurrava o piano, acompanhado por um copo de uísque e um pote grande de gorjetas.

Nos sentamos em uma mesa perto do piano. As outras estavam ocupadas por universitários, jovens em encontros românticos e um casal mais velho vestido elegantemente em uma viagem nostálgica.

Um homem e uma mulher magricelos, suados e com olhos arregalados, se contorciam em um canto. A mulher não tinha um dos dentes da frente.

O garçom, amarrotado e cinza como sua réplica do andar de cima, anotou nossos pedidos.

– Duas garrafas de Boh – pediu Jonah. O garçom limpou o nariz e se afastou.

– É melhor pedir na garrafa – informou Jonah –, os copos aqui são imundos. Acho que eles lavam com cuspe.

– Eca – falei.

– Mas é barato – disse Jonah. – A cerveja é só um dólar.

Os clientes falavam por cima da música, batendo palmas quando o pianista acabava de tocar. Ele fez uma reverência com a cabeça e pegou a jarra de gorjetas, balançando-se pelo aposento e sacudindo-a sugestivamente. Todo mundo deu gorjeta, a não ser os viciados no canto, que fingiram não vê-lo. Talvez realmente não o tenham visto. Estavam discutindo em um sussurro zangado.

Jonah enfiou dois dólares na jarra. O garçom trouxe nossas cervejas. Limpei o gargalo da minha garrafa com um guardanapo, só para garantir.

– Vamos fazer uma pausa – anunciou o pianista. Ele se sentou no banco do instrumento e terminou seu uísque.

– Meus pais costumavam vir aqui em encontros românticos – disse Jonah – quando estavam na faculdade e logo depois. Os pais de todo mundo faziam isso. O lugar era diferente na época. Não era tão decadente.

Nós bebericamos nossas cervejas. Esperei educadamente um certo tempo para que ele me contasse as novidades. Conteí até cinco. Ele não falou nada.

– Então... – falei –, estamos aqui. Agora pode, por favor, me contar o que estamos comemorando?

– Está bem. – Ele deu um longo gole na cerveja. – Mas é meio que uma longa história. – Ele bebeu novamente. – Lá vai. Acabei de descobrir que alguém que eu achava que estava morto está vivo.

Engoli em seco.

– Sua mãe?

Ele franziu os olhos na minha direção.

– Como você sabe sobre minha mãe? Ah, é, Sweeney Boca Grande.

– Ela está viva?

– Não. – Ele fechou a cara. – Agora você está me deixando de mau humor.

– Desculpa. Quem está vivo?

– Meu irmão gêmeo, Matthew. – Ele fez uma pausa. – Você também sabe sobre ele?

Fiquei rasgando pedacinhos do rótulo úmido e grudento da minha garrafa.

– Só um pouquinho.

– Ótimo – falou ele. – Então vou te contar o resto.

Eu assenti. Ele continuou.

– Atendi ao telefone esta tarde e uma mulher disse: “Sr. Tate? Aqui é a Sra. Trevanian. Achei que deveria lhe avisar que Matthew teve uma convulsão.”

– Isso é muito esquisito – falei.

– Primeiro, pensei que devia ser engano, mas ela me chamou de “Sr. Tate”, certo? Então, apesar de minha cabeça estar girando e eu mal poder pensar, meio que só disse “Mm-hmm” e deixei que ela continuasse falando. Ela disse que Matthew estava na enfermaria e que eles iam experimentar uma nova medicação. Então falei, “Tudo bem”, tentando soar como meu pai, e ela desligou. Aí me sentei e fiquei imaginando sobre que diabos ela estava falando.

– Mas como pode ser *seu* Matthew? Não pode ter sido um engano? Deve haver outros Matthew Tate no mundo – falei, o mais despreocupadamente possível, esperando não aborrecê-lo.

– Eu pensei nisso. Quero dizer, ele estava *morto*. – Jonah ficou olhando para o outro lado do aposento, os olhos sem foco. – Eu fui ao enterro. Vi os dois caixões. Um para minha mãe e um para Matthew. Visitei as covas. Ele estava morto. Os dois estavam. Mas agora ele está vivo novamente. Como mágica.

Rasguei nervosamente meu guardanapo úmido. E se Jonah estivesse delirando? Parecia mais provável que tivesse havido algum tipo de engano do que seu irmão tivesse voltado dos mortos. Mas não ousei dizer o que estava pensando.

– Perguntou a seu pai a respeito?

– Ele estava em uma reunião da diretoria do hospital, então tive de esperar horas até ele voltar para casa. Quase enlouqueci tentando descobrir o que estava acontecendo. Finalmente, ele entrou pela porta e caí em cima. Conteí sobre o telefonema e exigi saber o que significava.

– E...?

– Ele disse “Você me pegou de surpresa” e se sentou meio pesadamente. – Jonah deu uma risada pesarosa. – Ele não está acostumado a ser recebido por mim quando chega em casa. Tentamos nos evitar o máximo possível. Mas eu sabia que estava acontecendo alguma coisa porque as mãos dele tremiam. Ele não é assim. Está sempre no controle. Quase sempre.

Com cada revelação, eu me sentia sendo mais atraída para dentro do mundo de Jonah. E era assustador e emocionante. O misterioso Garoto Fantasma estava me contando os detalhes perturbadores de sua vida familiar. Segredos que ninguém mais conhecia.

– Ele me contou tudo – disse Jonah. – É verdade. Ele admitiu. Matthew está vivo.

– Mas como?

Jonah fez uma pausa para dar um gole em sua cerveja.

– Minha mãe morreu em um acidente de carro e meu pai me falou que Matthew também havia morrido. Mas acontece que ele nem ficou gravemente ferido. É só que meu pai não viu como poderia cuidar de Matthew sem minha mãe. E ele achava que Matthew e eu éramos próximos demais, que eu estava imitando meu irmão e agindo como se tivesse danos cerebrais quando devia ser normal. Essa era a chance perfeita para nos separar, e eu não podia protestar. Então ele mandou Matthew para um sanatório, secretamente.

Eu só fiquei ouvindo, fascinada. Isso era como um romance gótico, como *Jane Eyre* ou *Rebecca*.

– “É um lugar muito bom”, ele me disse. “Os funcionários sabem como cuidar de pessoas como Matthew, muito melhor do que eu jamais poderia cuidar.” Tudo para que eu pudesse ser livre (foi o que ele falou, “livre daquele fardo”, como se alguma vez eu tivesse sentido que o Matthew era um fardo) e vivesse uma vida normal e fizesse amigos e blá-blá-blá. Ele insiste que fez isso por mim. Para meu próprio bem, e o de Matthew.

Jonah ainda estava olhando fixamente daquela maneira sem foco, e o olhar em seu rosto era tão amargo que tive medo de dizer qualquer palavra.

– Ele não quer me dizer onde Matthew está. Acha que é melhor eu não saber. “Só esqueça esse incidente”, ele disse. “Confie em mim.” – Jonah sacudiu a cabeça. – Confiar nele? Como posso confiar em um homem que me contou uma mentira tão horrível? Ele enterrou um caixão vazio em uma cova marcada com o nome do meu irmão! Meu próprio pai! E eu devo *confiar* nele?

Jonah pegou a garrafa de cerveja. Ela deixou uma marca molhada na mesa. Ele a botou de volta e a ergueu novamente, deixando um círculo de marcas redondas, como uma flor.

– Todo esse tempo eu tive essa sensação estranha, como um membro fantasma – falou ele. – Sabe, como quando amputam sua perna ou alguma outra coisa e dizem que você ainda pode senti-la mesmo depois que não está mais ali? Seu pé coça, você vai coçá-lo... mas não há nada para coçar. Foi assim que me senti durante dez anos. Como se algo, ou alguém, estivesse ligado a mim por um fio invisível e estivesse sempre puxando, puxando, puxando... mas quando eu tento puxar de volta, não há nada na outra ponta.

Nesse momento, ele olhou para mim procurando uma reação. Suspirei, sem saber o que dizer. Era uma história tão louca e dramática, cheia de vida e de morte, enganação e revelação. Eu me sentia comum e sem graça comparada ao Jonah. Indigna.

– O que você vai fazer agora? – perguntei. – Vai procurar Matthew?

– Não sei por onde começar.

– Encontre aquela mulher, a Sra. Sei Lá O Quê, a que ligou para você – falei. – Procure-a na internet.

– Mesmo que a encontre, ela não vai me dizer nada. Se meu pai quer deixar alguma coisa em segredo, sabe como fazer. Ele é advogado. Formou-se em intimidação na faculdade de Direito. Veja como convenceu todo mundo de que Matthew estava morto durante todos esses anos.

Meus pais nem sempre eram sinceros comigo, mas isso era enganação em um nível totalmente diferente.

– Então você sabe que ele está vivo, mas não pode vê-lo? – perguntei. – Ou ligar para ele ou escrever nem nada?

– Você tem razão. O que estou comemorando? – Ele enfiou a unha em um arranhão na mesa. Aí sorriu, só um pouco com a boca, mas muito em volta dos olhos. – Eu tenho algo para comemorar, sim. Ele está vivo!

Ele ergueu sua garrafa e eu brindei com a minha.

– Saúde – falei. – Ao Matthew.

– Ao Matthew.

– Nós vamos encontrá-lo – afirmei. – Eu vou ajudá-lo.

Do outro lado do aposento, a viciada gritou com o viciado.

– Você é um mentiroso do cacete! Roubou a porra do negócio e é um mentiroso! – Ela ficou de pé num pulo e virou a mesa, derramando cerveja e uísque, os copos se quebrando no chão.

Eu me encolhi. O namorado, ou o que quer que ele fosse, agarrou a mulher, mas ela puxou o braço e correu para fora. Ele chutou a mesa caída e um caco de vidro.

– Vagabunda! – berrou ele. – Vagabunda idiota!

Os outros clientes observaram a comoção, mas ninguém pareceu muito perturbado.

– Desculpem, pessoal. Ela é maluca. – O namorado esticou os braços, meio encolhendo os ombros. – Não posso fazer nada. – Seu bigode parecia se mexer, em vez de seus lábios. – Piranha maluca e idiota.

Ele saiu a passos largos. O pianista resmungou:

– Malditos viciados.

Ele tocou “Pennies from Heaven” enquanto o garçom cinzento e cansado varria o vidro quebrado.

O caixa desceu as escadas batendo pesadamente os pés, parou no meio do caminho e espiou por cima do corrimão para o garçom. Os degraus de madeira estalaram com o peso dele.

– Eles pagaram as bebidas?

O garçom sacudiu a cabeça sem olhar para cima.

– Maldição! – disse o caixa. – Eles nunca mais vão entrar aqui, entendeu? Se você os vir, me diga e eu os joga para fora pessoalmente.

O garçom perguntou se queríamos outra cerveja.

– Vamos sair daqui – falei. Era meia-noite e, a esta altura, meus pais provavelmente estavam ligando para meu celular e o ouvindo tocar no meu quarto.

Atravessamos a livraria e saímos para a rua silenciosa. Jonah ligou o carro. O motor ronronou debaixo de nós enquanto dirigíamos pela Charles Street.

– Vou ouvir o Night Lights esta noite – falei. – Você vai telefonar?
Ele deu de ombros.

– Quem sabe o que pode acontecer?

Como passava da meia-noite, o programa já estava no ar. Felizmente, meus pais ainda não haviam chegado.

Dottie:

Olá, Herb. Aqui é Dottie.

Herb:

Oi, Dottie. Como anda a vida?

Dottie:

Sabe, Herb, para ser sincera, estou deprimida. Estou muito deprimida.

Herb:

Sinto muito saber disso, Dottie. Qual é o problema?

Dottie:

Tudo... Só estou triste. O que quero saber é: o que eu faço? Como me livro da tristeza?

Herb:

Todo mundo fica triste, Dottie. Vai passar, em algum momento.

Dottie:

Você acha?

Herb:

Claro. Você só precisa passar por esses tempos difíceis e, antes que se dê conta, o Sol vai brilhar de novo. Talvez alguns dos nossos ouvintes possam ajudá-la.

Dottie:

Isso seria bom. *[música de fadas]* É melhor eu ir. Boa noite, Herb.

Herb:

Boa noite, Dottie. Anime-se! Próximo ouvinte, você está no ar.

Kreplax:

Herb, aqui é Kreplax.

Herb:

Olá, Kreplax. Esteve no futuro ultimamente?

Kreplax:

Engraçado você perguntar, Herb. Sabe, aquela senhora, Dottie, podia tentar uma viagensinha no tempo. É como mágica: você vai para outra época e deixa os problemas para trás. Puf! Funciona para mim.

Herb:

Isso seria legal, mas não parece muito prático.

Kreplax:

Prático, bah. Relaxe, Dottie! Eu liguei por outro motivo. Quero convidar todos os ouvintes para uma festa na minha casa em West Baltimore. Sábado, 4 de outubro. É uma Festa para Pessoas do Futuro.

Herb:

Uma o quê?

Kreplax:

Pense nisso, Herb. Digamos que você seja um rapaz no futuro, vamos supor daqui a cem anos. Está de bobeira ao lado da máquina do tempo e um dos seus amigos diz: "Vamos voltar no tempo." Você não tem nada melhor para fazer, então diz: "Para que época?" Você pesquisa a História, procurando uma época divertida para visitar. Vê que, há cem anos, em Baltimore, Maryland, algumas pessoas deram uma Festa para

Pessoas do Futuro. Uma festa especificamente para você! Não ia querer ir?

Herb:

Acho que sim.

Kreplax:

Achei que, se eu fizesse bastante propaganda, os garotos do futuro iriam descobrir sobre essa festa e entrar em suas máquinas do tempo, só para a festa. Vai ser bacana, Herb. Superanimada.

Herb:

Vou fazer o máximo para ir.

Kreplax:

E escutem, galera, isso é importante. Há uma grande conspiração na NASA. Tudo virá a público dentro de alguns anos, mas, quanto mais cedo vocês souberem o que está acontecendo, melhor estarão.

Herb:

É o acobertamento dos arquivos perdidos dos ovnis?

Kreplax:

Mais importante. Quando nossos astronautas pousaram na Lua, em 1969, eles encontraram ruínas.

Herb:

Ruínas?

Kreplax:

Ruínas, Herb. Ruínas de uma antiga civilização. Nós colonizamos a Lua séculos atrás! E há provas. O governo forçou os astronautas a ficarem calados. Mas eu tenho uma cópia da fita. Dá para ouvir os astronautas descrevendo as ruínas!

Herb:

Ruínas na Lua? Como...?

Kreplax:

Foram os egípcios, Herb! Quantas vezes vou ter de dizer? Os egípcios eram muito mais sofisticados do que damos crédito. Tiveram muita ajuda dos marcianos, os mesmos marcianos que construíram as pirâmides.
[música de fadas]

Herb:

Ideia interessante, Kreplax. Próximo ouvinte, o que você acha?

Burt:

Herb, estou esperando há 35 minutos! Tentando ser atendido!

Herb:

Eu sinto muito, mas todo mundo tem de esperar sua vez.

Burt:

Quer saber o que eu acho desse tal de Kreplax? Acho que é tudo uma... *[bip]*.

Herb:

Burt, você já foi advertido sobre palavrões antes. Está banido do programa pelo resto da noite. Próximo ouvinte?

Myrna:

Myrna falando. Acho que esse tal de Kreplax... Tem alguma coisa aí. Algumas noites, quando eu olho para a Lua, juro que vejo as sombras de shoppings abandonados e coisas assim. As coisas têm ido ladeira abaixo desde que eu era pequena. Pelo que sei, as coisas têm ido ladeira abaixo há séculos. Talvez tudo fosse melhor antigamente, quando os homens do espaço construíram as pirâmides e os ancestrais de Elvis governavam a Terra. Quem sabe?

Herb:

Realmente, quem sabe?

Myrna:

E eu queria dizer uma coisa para Dottie. Dottie, querida, nós a amamos. Todo mundo fica deprimido às vezes, mas você tem de lutar contra isso. Quando fico deprimida, luto como uma louca e, de vez em quando, tomo um sundae com calda de chocolate quente. Isso ajuda muito.

Herb:

Bom conselho, Myrna.

Myrna:

Escrevi um poeminha que espero que anime Dottie. Posso ler, Herb?

Herb:

Fique à vontade.

Myrna:

Está bem. Lá vai:

*Tarde numa noite eu ouvi
Que a Srta. Dottie estava deprimida
Pense no quanto VOCÊ se sentiria só
Se tivesse aquela vida*

*Então todos os Night Lights, reúnam-se
Para alegrar nossa amiga
Pense no que alegraria você,
Seus netos ou encher a barriga*

Aproxime-se pela sua rádio
Faça Dottie ver que é querida

Herb:

Muito legal, Myrna. Lindo.

Myrna:

Se isso não ajudar, não sei o que irá. *[música de fadas]*.
Está bem, então. Boa noite! Eu te amo, Herb! Eu te amo, Dottie!

Herb:

Boa noite.

Pobre Dottie. A noite inteira as pessoas ligaram para ajudá-la a sair da depressão. Fiquei imaginando se havia funcionado. Quem sabe, talvez na manhã seguinte ela acordasse sentindo-se animada e feliz como uma criança de 3 anos.

Eu não telefonei. Não sabia como ajudar Dottie. Jonah também não ligou. Fiquei imaginando o que ele estava fazendo, o que estava pensando, deitado sozinho em seu quarto no escuro. Talvez seu pai estivesse no escuro também, em seu quarto do outro lado do corredor, piscando para o teto. Igual a Jonah, igual a mim.

CAPÍTULO 7

Era um plano idiota. Não sei por que achamos que daria certo; com certeza não pensamos em todos os detalhes. Mas tínhamos de tentar alguma coisa.

Marquei uma hora com o Sr. Tate. Não me dei ao trabalho de usar um nome falso; ele nunca ouvira falar de mim. Pedi à secretária o primeiro horário depois do almoço: 13h30.

Jonah e eu saímos da escola na hora do almoço e dirigimos até o edifício alto e antigo onde o pai dele trabalhava na cidade. Jonah esperou no corredor enquanto eu entrava no escritório, 45 minutos adiantada, quando sabia que o Sr. Tate estaria fora almoçando. A secretária estava sentada à mesa, comendo uma salada de uma embalagem descartável.

Eu estava vestida para a ocasião, usava uma saia e sapatos sem salto para que parecesse que realmente tinha negócios para discutir com um advogado. Jonah e eu discutíamos sobre que história contar ao pai dele. Jonah preferia a opção número 1: eu tinha uma doença terminal – ou, até melhor, estava planejando meu suicídio – e queria fazer meu testamento; mas eu gostava da opção número 2: eu odiava meus pais e queria pedir emancipação. Nós lêramos sobre astros adolescentes de cinema que haviam se emancipado para

impedir que os pais controlassem suas carreiras e roubassem seus ganhos. Isso me parecia lindo e glamouroso. Se pelo menos eu tivesse ganhos, teria tentado a mesma coisa.

Jonah esperou na porta. A secretária do Sr. Tate já o vira antes, é claro, e o reconheceria. Então havíamos planejado um sinal: eu bateria duas vezes na porta de fora do escritório para avisá-lo de que a barra estava limpa.

A secretária largou o garfo de plástico e ergueu os olhos para mim.

– Posso ajudá-la?

– Oi, tenho uma reunião com o Sr. Tate às 13h30 – falei. – Meu nome é Beatrice Szabo.

– Está adiantada – comentou a secretária. – Ele ainda não voltou do almoço. Mas pode se sentar ali e esperar, se quiser.

– Obrigada. – Eu me sentei em um sofá na pequena sala de espera e peguei uma revista *Baltimore*. Fingi folheá-la por alguns minutos. A secretária mastigava a salada. Havia fotos e certificados emoldurados na parede atrás dela: *Agradecimento dos Clubes de Meninos e Meninas de Baltimore, Contribuinte do Ano dos Irmãos Mais Velhos dos Estados Unidos, Presidente Honorário do Comitê do Conselho de Bolsas de Estudo das Escolas Independentes*.

Eu me levantei e me aproximei da secretária novamente.

– Sinto incomodá-la, mas será que poderia usar o banheiro? – Podia ser muito educada quando queria.

– Claro – disse ela. – É logo virando o corredor. Aqui está a chave. – Ela enfiou a mão debaixo da mesa e me entregou um bloco de madeira com um *B* pintado e uma chave presa a ele.

– Obrigada – Peguei a chave do banheiro e abri a porta. Dentro havia três reservados e três pias. Tirei todo o papel higiênico de cada reservado e o joguei na lata de lixo. Cobri os rolos com algumas toalhas de papel amassadas, no caso de alguém olhar na lata de lixo e ver todo o papel higiênico e ficar imaginando que tipo de maluca sabotara o banheiro das mulheres. Eu me senti mal por desperdiçar tanto papel, mas era necessário para o plano.

Voltei até a mesa da secretária e disse:

– Sinto incomodá-la novamente, mas não tem papel higiênico no banheiro.

– Sério? – A secretária parecia confusa. – Engraçado... havia bastante hoje de manhã.

Dei de ombros e sacudi a cabeça.

– Sei lá, mas não há nenhum agora.

– Hum. – Ela se levantou e se dirigiu para o banheiro. Eu a segui, dando duas batidas rápidas na porta de fora do escritório no meio do caminho.

A secretária pegou a chave e juntas entramos no banheiro. Ela verificou todos os reservados.

– Você tem razão. Vou pegar papel higiênico para você. Sinto muito por isso.

– Tudo bem – respondi. Fui para o corredor e a observei ir até um armário ao lado do banheiro. Olhei na direção da área da recepção, mas não consegui ver nada. O plano era que Jonah entrasse escondido no escritório do pai enquanto eu mantinha a secretária ocupada. Uma vez lá dentro, ele teria mais ou menos meia hora para xeretar antes que o pai voltasse do almoço. Ainda

não havíamos descoberto como o tiraríamos de lá. O resto do plano envolvia muitos dedos cruzados.

A secretária carregou seis rolos de papel higiênico nos braços. Eu me ofereci para ajudar, e ela entregou dois deles para mim. Nós voltamos para o banheiro e colocamos dois rolos em cada reservado.

– Obrigada mais uma vez – eu falei.

– De nada – respondeu a secretária. Ela voltou para seu posto.

Fiz xixi e lavei as mãos. Eu estava nervosa. Teria mesmo de encarar o pai de Jonah e fingir que queria contratá-lo para me tornar uma menor emancipada? Estava começando a imaginar se conseguiria fazer isso. Talvez devesse simplesmente dizer à secretária que tinha de ir embora e que remarcaria minha reunião para outro dia.

Andei de volta até a recepção e sorri para a secretária. Sentei-me, peguei a revista *Baltimore* e dei uma olhada para a porta fechada do escritório do Sr. Tate. Será que Jonah conseguira entrar?

Verifiquei meu relógio. Cinco para uma. Eu queria muito, muito ir embora. Mas não podia abandonar Jonah. Ele podia precisar de mim para distrair a secretária de novo, para que pudesse sair do escritório antes do Sr. Tate voltar.

A porta exterior do escritório se abriu, e um homem magro e alto entrou. O cabelo branco fino circundava um pedaço calvo brilhante. Ele usava um terno escuro. Os olhos eram grandes e claros e iguaizinhos aos de Jonah, só que mais claros.

Meu estômago deu um nó. Este, eu tinha certeza, era o Sr. Tate, de volta do almoço, adiantado.

– Olá, Melanie – disse ele para a secretária, que rapidamente guardou a caixa da salada debaixo da mesa e limpou a boca. O Sr. Tate colocou um brownie grande embrulhado em plástico em cima da mesa. – Achei que você gostaria de um doce.

– Obrigada, Sr. Tate – falou Melanie –, mas estou de dieta.

– Não seja boba – disse ele. – Um brownie de vez em quando não pode fazer mal.

– É, mas o senhor me traz um todos os dias – falou Melanie.

– Porque eu sei que você gosta – disse o Sr. Tate – e não vai comprar um para si mesma.

– Porque estou de dieta – argumentou Melanie.

– E eu já disse que fazer dieta é bobagem. – Ele começou a se dirigir para sua sala.

Fiquei olhando para a porta lisa de madeira. Jonah estava dentro do escritório, fazendo sabe lá Deus o quê, provavelmente vasculhando uma pasta secreta. O Sr. Tate estava prestes a pegá-lo em flagrante, xeretando. Eu tinha de detê-lo de alguma maneira.

– Ah... Sr. Tate, sua cliente de 13h30 está aqui – disse Melanie, fazendo um gesto na minha direção. Eu me levantei.

– Olá, Sr. Tate – pronunciei. – Sou Beatrice Szabo. Estou realmente ansiosa para conversar com o senhor, mas estava imaginando se podíamos ir lá para baixo e tomar um café ou alguma coisa?

O Sr. Tate me olhou desconfiadamente. Como advogado, ele provavelmente não tinha muitos (ou nenhum) clientes de 17 anos de idade. Mas foi educado.

– É um prazer conhecê-la, Beatrice – falou. – Acabei de almoçar, então preferia conversar no meu escritório, se não se incomodar. Tenho certeza de que Melanie ficará feliz em lhe trazer uma xícara de café, se é o que quer.

– Obrigada.

– Mandarei chamá-la quando estiver pronto.

– Está bem – eu disse.

Ele se virou e começou a se dirigir para a porta. Minha pulsação martelava na testa. Eu tinha de detê-lo, eu tinha de detê-lo, mas não podia detê-lo, não sabia como. Não fazia ideia do que fazer. Meu cérebro se esvaziou, inútil como uma caixa de metal enferrujada.

Observei impotentemente enquanto o Sr. Tate abria a porta do escritório, entrava e fechava a porta atrás de si.

Fiquei olhando fixo para a porta e esperei que algo acontecesse. Nada aconteceu.

Melanie pegou a caixa de salada e enfiou algumas últimas garfadas na boca antes de jogá-la no lixo debaixo da mesa. Deu alguns goles em um refrigerante diet e também o jogou fora.

– Quer brownie? – Ela o esticou para mim.

– Não, obrigada – falei.

Ela suspirou e o desembrulhou. Ficou pegando pedacinhos com os dedos.

– Ele me traz um todos os dias e todos os dias eu o como. O que mais eu deveria fazer?

Eu dei de ombros, apertando a revista com as mãos. Não conseguia tirar os olhos da porta. Nenhum som vinha de dentro.

Fiquei sentada estática, espremendo aquela revista até virar uma sanfona, por 15 minutos.

Jonah não deve estar lá dentro, pensei. O pai teria gritado ou o expulsado ou alguma coisa, a essa altura. Mas, se Jonah não estava do outro lado daquela porta, onde estava?

Finalmente o interfone de Melanie tocou.

– Por favor, diga à Srta. Szabo que não poderei vê-la hoje – disse o Sr. Tate. – Peça a ela para remarcar seu horário, se assim desejar.

– Sim, senhor. – Melanie olhou para mim do outro lado da recepção. – Sinto muito – falou ela. – Gostaria de remarcar?

– Não, tudo bem. – Pulei para fora do sofá, larguei a revista amassada na mesinha de centro e corri na direção da porta externa. – Mas obrigada.

Eu meio que esperava ver Jonah agachado no corredor, mas ele não estava lá.

Ele tinha de estar no escritório. Talvez tivesse contado ao pai sobre o nosso truque. Eu tinha sorte de ter me livrado tão facilmente.

Mas, e agora? Peguei o elevador para descer e fiquei do lado de fora do prédio. Observei os homens e mulheres de negócios andarem apressados para cima e para baixo da rua, os ternos cáqui, os sapatos confortáveis, os mensageiros suados. Esperei por Jonah. Quase desejei ser fumante para ter o que fazer. Parecia um momento Barbara Stanwyck, uma cena tensa em branco e preto de um filme noir. Ela sempre tinha um cigarro pronto para horas como essa.

Depois de outros 15 minutos, Jonah surgiu ao meu lado, parecendo abalado.

– O que aconteceu? – perguntei.

– Nada – disse ele.

– Ele o pegou?

– É, pegou – falou Jonah. – Ele me encontrou vasculhando uma gaveta do arquivo.

– E...?

– E nada.

– Deve ter acontecido alguma coisa.

– Venha, vamos voltar para a escola. – Andamos até onde havíamos estacionado a Gertie. O parquímetro havia expirado, mas felizmente não tínhamos recebido nenhuma multa.

– O que aconteceu? – falei. – Não acredito que não vai me contar, depois de eu ter ficado sentada lá e esperada, pronta para fingir que queria ser uma menor emancipada...

– Entre no carro. – Ele abriu a porta e se sentou no banco do motorista. Entrei e fechei a porta.

– Descobriu alguma coisa a respeito do Matthew? – perguntei.

– Não, e meu pai disse que nunca irei descobrir.

– Ele disse isso? O que mais ele falou?

Ele ligou o carro e dirigiu pela Charles Street na direção da escola. Jonah contou que havia se recusado a sair do escritório até que o Sr. Tate lhe dissesse onde Matthew estava. O Sr. Tate disse que Jonah estava perdendo tempo. O Sr. Tate jamais diria. Pelo bem de Jonah. Ele ficou repetindo: estava fazendo isso pelo Jonah.

Então os dois se sentaram e ficaram olhando um para o outro durante 15 minutos sem pronunciar uma palavra.

Finalmente, o Sr. Tate se levantou e abriu a porta do escritório.

– Tenho trabalho a fazer – falou ele. – Saia ou eu vou arrastá-lo para fora. Peço à Melanie para ajudar, se for preciso.

– Ele não faria isso de verdade – eu disse a Jonah.

– É claro que faria – retrucou Jonah. – Você ainda não percebeu, ele faria qualquer coisa!

– Então você foi embora?

– Não quero ser responsável pela pobre Melanie quebrar uma unha enquanto me arrasta para fora do escritório do meu pai – disse Jonah. – Além do mais, eu sabia que você provavelmente estava imaginando o que diabos estava acontecendo.

– Eu estava.

– Bem, era isso que estava acontecendo. Nada.

Jonah pisou no acelerador e atravessamos a cidade voando. Eu estava atrasada para a aula de Inglês, mas não me importava. Nada parecia menos importante do que estar no horário para a aula de Inglês.

– O que você vai fazer agora? – perguntei. – Não vai desistir, vai?

– Não – falou Jonah. – Não sei o que fazer. Mas não vou desistir.

JUNHO JULHO AGOSTO SETEMBRO

OUTUBRO

CAPÍTULO 8

Agora que Jonah e eu éramos oficialmente amigos, Anne Sweeney desistiu de me introduzir na rede social. Quando eu estava com Jonah, todas as outras pessoas na escola pareciam se afastar. Ele não era muito simpático com ninguém além de mim, o que não ajudava. Anne, ASUE, Tiza e Carter pararam de me convidar para me sentar com elas durante o almoço. Eu preferia me sentar com Jonah, de qualquer modo.

Pedi a ele seu número de celular e endereço de e-mail para podemos conversar no meio da noite e mandar mensagens de texto durante as aulas como todo mundo.

– Eu não tenho celular – disse ele. – No meu quarto, tenho um telefone de disco dos anos 1960. Demora à beça para disar, o que me impede de dar telefonemas impulsivos.

Estávamos sentados no corredor do último ano, encostados em nossos armários com as pernas esticadas para a frente. As pessoas passavam, pulando por cima dos nossos pés.

- Para quem você daria telefonemas impulsivos?
- O Night Light. Você. Pessoas na minha Lista de Inimigos.
- Quem está na sua Lista de Inimigos?

– Praticamente todo mundo. – Um garoto tropeçou no sapato de Jonah. Ele não piscou. – Prefiro falar com você pessoalmente, de qualquer modo, para poder ver seu canino esquisito.

É verdade, tenho um canino pequenininho e pontudo. Ele dá à minha boca uma aparência frágil da qual eu jamais gostara até aquele momento.

– Se estivermos em aula, me passe um bilhete da forma antiga – disse Jonah.

– Por mim, tudo bem. – Eu também estava inclinada a me afastar da comunicação tecnológica. Para que precisava de um celular, de qualquer maneira? Não era como se alguém me ligasse.

Jonah tinha um laptop e não deixava de usá-lo quando precisava de informação. Vasculhou a internet atrás de instituições que pudessem estar abrigando Matthew e mandou e-mails para médicos, enfermeiras e administradores pedindo informações. As pessoas que se davam o trabalho de responder normalmente citavam o sigilo médico e se recusavam a responder qualquer pergunta. Eu mesma fiz buscas no Google, para ajudar, mas tive de ser cuidadosa, pois minha mãe não tinha noção de limites quando o assunto era privacidade. Diários, e-mail, históricos de busca, telefonemas, ela não considerava nada que fosse meu fora dos limites de sua bisbilhotice, o que era bastante hipócrita de sua parte, considerando-se o quanto protegia os próprios segredos.

Aos sábados, Jonah ia para a biblioteca para usar os computadores, porque seu pai frequentemente estava arrastando os pés pela casa, e Jonah não queria que ele descobrisse sua missão secreta. Eu ia com ele, ajudando-o a procurar na internet e às vezes

folheando velhos catálogos telefônicos do ano que Matthew “morreu”, esperando encontrar alguma pista antiquada que a internet não pegara. Lemos revistas médicas e livros sobre tratamento de pacientes com danos cerebrais, investigando cada menção a médicos ou instituições que trabalhavam com eles, começando por Maryland e trabalhando de dentro para fora – norte, sul e oeste pelo país todo –, esperando que nos levasse a Matthew.

Jonah levava os números de telefone para casa e os discava depois da escola antes que o pai chegasse do trabalho, todos os dias, perguntando por Matthew Tate, esperando encontrar um rastro dele. Mas, até agora, não havia encontrado nada.

Eu evitava ir à casa de Jonah porque não queria dar de cara com seu pai. Eu tinha medo que o Sr. Tate fosse gritar comigo por ter tentado enganá-lo.

Escutávamos fielmente o Night Light Show e esperávamos ansiosos pela Festa para Pessoas do Futuro do Kreplax. O dia 4 de outubro finalmente chegou. Passei aquela tarde refinando minha redação para a inscrição da universidade, mas estava animada demais para me concentrar. Talvez meu ser universitário aparecesse na Festa para Pessoas do Futuro e me dissesse para qual faculdade eu entraria – algum lugar bom, eu esperava. Aí eu só teria de preencher uma inscrição.

Durante o verão, eu visitara campi do Maine à Filadélfia com meus pais, escolhendo uma boa variedade de universidades logo-abaixo-da-Ivy-League para combinar com minha prova de classificação boa-mas-não-estelar. As universidades brilhavam como feixes quentes de luz ao longo da Costa Leste, cada uma um

pequeno farol: Bowdoin, Bates, Wesleyan, Vassar, Haverford. Papai Professor Universitário aprovava todas – aconchegantes e seguras, mas ainda assim intelectualmente estimulantes. Joguei a NYU no meio para animar as coisas, a única universidade urbana na lista. Talvez, quando chegasse a hora, eu não quisesse algo aconchegante e seguro. Talvez eu quisesse glamour e perigo. Por que não deixar minhas opções em aberto? No ano que vem, eu poderia ser uma pessoa completamente diferente. Tudo era possível no Futuro.

Jonah veio até minha casa depois do jantar para se vestir para a festa do Kreplax. Conhecer pessoas do Futuro parecia exigir fantasias.

– Acha que alguém do Night Light vai aparecer? – perguntei. – Quero conhecer a Myrna. E a pobrezinha, triste Dottie.

– Duvido que Dottie vá. Ela não ligou desde aquela noite em que estava deprimida. Acho que ainda está triste. Além do mais, ela provavelmente tem medo de ir à West Baltimore.

Minha Fantasia do Futuro era um minivestido prateado com meia-calça prateada, botas brancas de cano alto, uma peruca vermelha e óculos de sol brancos. Na minha cabeça, acho que o futuro da moda aconteceu nos anos 1960.

Jonah usava um macacão de mecânico pulverizado com tinta fluorescente e óculos de proteção com brilhos vermelhos. Um visual meio Devo. Não éramos as pessoas com a aparência mais estranha na festa, porém. Muito longe disso.

Um homem enrugado com um terno elegante e chapéu panamá tomava conta da porta do Kreplax.

– Vocês são do futuro? – perguntou.

– Não – disse Jonah. – Você é?

– Eu pareço do futuro? – O velho focou os olhos nos convidados seguintes. – Eu quero conhecer alguém do futuro. Quero saber o que vai acontecer com meus netos.

Kreplax morava em uma casa geminada não muito longe do Art Institute. O quarteirão seguinte era de destroços, fechados com tapumes e abandonados. Ele havia pendurado uma grande faixa em uma janela do segundo andar que dizia, em letras pintadas com spray, BEM-VINDAS, PESSOAS DO FUTURO. Convidados fluíam pela casa, do degrau da frente até o quintal cheio de mato nos fundos.

– Quantas dessas pessoas você acha que são realmente do futuro? – perguntei a Jonah.

– Você faz umas perguntas idiotas às vezes – falou ele, pegando minha mão. – Venha, quero conhecer Kreplax.

Na cozinha, a porta da geladeira estava aberta, pesada de cerveja. Tudo, da parte de cima do fogão até os copos feitos de potes de vidro, parecia coberto com uma camada gordurosa. A louça branca da pia estava enferrujada. As prateleiras eram forradas com recortes de revistas, fotos de ovnis, as pirâmides, o Grand Canyon e algumas mulheres peladas.

Um cara com um colete de couro e sem camisa, mas muitas tatuagens, tirava chope de um barril.

– Você é Kreplax? – perguntou Jonah.

O cara balançou a cabeça.

– Sabe onde ele está? – indagou Jonah.

– Eu nem sei de quem você está falando – disse o cara.

Perambulamos pela casa, passando por móveis caindo aos pedaços, piso rachado e papel de parede que parecia ter sido arrancado por garras em alguns lugares.

– Você é do futuro? – perguntou Jonah para um garoto gordinho com um moicano verde.

– Não, eu sou um metamorfo – falou o garoto. – Mas posso entender por que você cometeu esse engano. – Ele tocou a ponta afiada de seu penteado.

– O que é um metamorfo? – perguntei.

– Às vezes, eu me transformo em um réptil – disse o garoto. – Fico inconsciente quando acontece, mas meus amigos já testemunharam. Uma vez aconteceu enquanto eu estava andando de bicicleta.

– Quando você muda de forma, vira um réptil com um moicano verde? – perguntou Jonah.

– Não, mas tenho uma espécie de barbatana que desce pelas costas.

– Legal – falou Jonah. – Pode fazer agora?

– Fazer o quê? – disse o garoto do moicano.

– Se transformar em um réptil – continuou Jonah.

– Vou tentar. – O garoto fechou os olhos apertados, se concentrando. Nada aconteceu.

– Não está funcionando – disse ele –. Sinto muito.

– Tudo bem – eu falei. – Talvez mais tarde.

– Nunca dá certo quando você tenta fazer assim, de propósito – disse o menino.

Encontramos Kreplax no porão, exibindo uma canoa de madeira semiconstruída aparafusada em um suporte. Nós sabíamos que era Kreplax porque estava usando um cartaz grande em volta do pescoço que dizia EU SOU KREPLAX. Ele tinha uma barba grisalha e usava uma roupa como uma toga e um capacete de centurião romano feito de papel laminado.

– Bem-vindos, viajantes do tempo. De onde vocês vieram?

– De outro mundo – falou Jonah. – Homeland. E Roland Park.

– Homeland é o passado, não o futuro – disse Kreplax. – Estes são Tita e Gryphon. Eles são de Toronto, 2110.

– Saudações – falou Tita.

Tita e Gryphon não pareciam especialmente futurísticos. Tita tinha cabelo louro-acinzentado comprido e usava um roupão cor-de-rosa e uma guirlanda de flores. Gryphon – alto, magro, pomo de adão gigantesco sobressaindo do pescoço longo – usava uma espécie de roupa marrom de peregrino.

– Vieram só para a festa ou...? – perguntou Jonah.

– Não, vivemos nesta era há algum tempo – disse Gryphon – Alguém trouxe uns cogumelos de volta de uma viagem no tempo anterior, e queríamos pegar mais um pouco. As drogas da sua era são muito mais brandas que as da nossa.

– Sério? – perguntei.

Tita assentiu.

– E mais orgânicas.

– Essa é a moda do futuro? – eu perguntei.

Tita sacudiu a cabeça.

– Compramos isso na sua faixa temporal. No Exército da Salvação. Não podíamos usar a moda de 2110 aqui.

– Íamos ser presos! – disse Gryphon.

– Por quê? Como ela é? – perguntei.

– Muito reveladora – falou Tita.

– Temos buracos cortados na altura de nossos órgãos sexuais – explicou Gryphon. – Para deixar que respirem.

– Os seus cientistas ainda não descobriram isso, mas os órgãos sexuais precisam de muito ar – argumentou Tita.

– Deviam ter vestido suas roupas de verdade para a festa – disse Kreplax. – Estão entre amigos aqui. Nós teríamos entendido. Teríamos nos deliciado!

– É, estou louca para ver os órgãos de todo mundo – falei.

– Em vez disso, vai ter de se contentar com a minha canoa para o Conselho. – Kreplax fez um gesto com o braço por cima do barco semiconstruído. – Vão inscrever uma embarcação?

– Conselho? – perguntei.

– É uma grande corrida de canoas – disse Kreplax. – Nós a realizamos todo ano, em junho. Qualquer um pode inscrever uma canoa, mas tem de ser feita em casa. Nós as lançamos da praia industrial depois de Pigtown. O vencedor leva um cocar indígena.

– Hum.

– Há bandas, comida e balões cheios de gás hilariante – falou Jonah. – Cinco dólares por um.

– Então é uma festa – eu disse.

– Uma comemoração – falou Kreplax. – A polícia nunca vai até aquela parte da cidade. Não há nada lá além de fábricas

abandonadas e dejetos tóxicos.

– Parece ótimo.

– Algumas pessoas veem o Conselho apenas como uma desculpa para inalar gás hilariante – disse Kreplax. – Mas, para mim, é um Duelo de Titãs.

Jonah e eu admiramos a canoa. Aí voltamos para o andar de cima e nos acomodamos em um sofá encaroçado num escritório cheio de gráficos, mapas e livros.

Dois caras se sentaram em outro sofá do lado oposto do aposento, bebendo latas de refrigerante. Seus olhos passeavam por cima de nós, mal nos registrando.

– Esse tal de Kreplax é maluco – falou um deles.

– Completamente.

– Pelo menos aterrissamos na linha de tempo correta desta vez.

– Ele deu uma olhada em seu BlackBerry. – Pelo menos, foi o que eu achei que fosse. – Cara, é quase meu aniversário! Temos de voltar. Não quero passar meu aniversário com um bando de neandertais do século XXI.

– Vamos vazar.

Eles desapareceram para dentro do banheiro.

– O que você diria se te dissesse que *eu* sou do futuro? – perguntou Jonah.

– De onde no futuro? – questionei.

– Digamos, daqui a 50 anos. Eu sou meu próprio neto.

– Eu diria que é mentira.

– Mas como você saberia com certeza? Não ficaria nem imaginando por um minuto?

Olhei para seu rosto pálido de Gasparzinho, com as sobrancelhas e cílios brancos. Ele realmente meio que parecia uma raça mutante de humanos desenvolvidos em laboratórios de genética do futuro.

– Talvez eu seja do futuro – falei.

– Sinto muito – disse Jonah. – Isso simplesmente não é crível.

Olhamos para a porta do banheiro. Os dois caras ainda não haviam saído.

– Você já quis poder voltar ao passado e mudar alguma coisa? – falou Jonah.

– O quê, tipo assassinar Hitler?

– Quis dizer no seu próprio passado.

– Às vezes, gostaria de impedir meus pais de se casarem – eu disse. – Mas aí eu não existiria, portanto não parece uma ideia muito boa.

Jonah ficou em silêncio.

– Houve alguns incidentes constrangedores que eu não me incomodaria de evitar – falei. – E não, não vou lhe contar quais foram. Exceto que um deles envolveu fazer xixi na minha cadeira na primeira série.

Ele sorriu, mas parecia distante.

– Vomitei na mesa do refeitório na segunda série – declarei. – Mas isso é tudo que você vai ficar sabendo.

Ainda em silêncio.

Fiquei olhando para a porta do banheiro. Os garotos do futuro não saíram.

– O que eles estão fazendo lá? – falei. – Acha que desceram pela escada de incêndio?

– Talvez banheiros sejam portais para o futuro – disse Jonah. – E eles tenham nos deixado.

– Pelo ralo.

Jonah pegou uma garrafa de cerveja cheia de guimbas de cigarro e a sacudiu.

– Há alguma coisa que você gostaria de mudar? – eu perguntei a ele. – No seu passado?

– Há – disse ele. – Eu gostaria de voltar nove anos no passado e cortar o fio da ignição do carro da minha mãe. Ou fingir uma febre e não ir à escola para que ela não pudesse sair de casa sem me levar junto.

– Talvez possamos pedir a um desses viajantes do tempo para voltar e consertar tudo para nós – falei. – Mas isso pode iniciar uma reação em cadeia diferente... Alguma outra coisa horrível pode acontecer em vez disso. Talvez *você* morra...

– Eu não me importaria – disse Jonah. – Seria melhor que esse... esse... – Ele tocou no peito, agarrando-se à palavra que não conseguia encontrar.

– Pare! – Eu não aguentava aquilo. – Nós vamos encontrá-lo.

Eu tinha de fazer alguma coisa. Em uma comédia romântica, teria sido capaz de acabar com todos os problemas dele com um único beijo. Mas isso não ia acontecer, nem o beijo, nem os problemas desaparecendo com ele. Eu me sentia tão próxima dele, mas não queria beijá-lo. E não tinha a sensação de que ele queria me beijar. Então, no que dizia respeito a ajudar, só conseguia pensar naqueles dois garotos bebedores-de-refrigerante no banheiro-barra-portal-para-o-futuro. Talvez pudessem nos mostrar como voltar ao passado

e fazer tudo dar certo. Eu faria isso acontecer. Encontraria uma maneira.

Eu me levantei e bati na porta do banheiro.

– Olá? Bebedores de refrigerante? Vocês estão aí?

Ninguém respondeu. Eu abri a porta.

O banheiro estava vazio.

AGOSTO SETEMBRO OUTUBRO
NOVEMBRO

CAPÍTULO 9

– Está vendo aquele cara? – Anne apontou para um idiota usando um cardigã e costeletas despenteadas. Ao lado dele estava uma morena surpreendentemente animada. – Aquele é Clayton. Ele é o chefe do Departamento de Neurobiologia. A esposa é estilista de camas.

Tive de apertar a mandíbula para não bocejar. O jantar anual de pré-Dia de Ação de Graças de Caroline Sweeney para o corpo docente era tão chato que fazia meus dentes doerem.

– O que é uma estilista de camas? – perguntei.

– Ela trabalha na Homewares, onde fotografam os catálogos – disse Anne. – Toda sua carreira consiste em arrumar as camas para que estejam artisticamente bagunçadas nas fotos. Como se alguém tivesse acabado de transar nelas.

– Esse é o trabalho dela?

– É.

– Sério?

– É.

Nós rimos baixinho. Comi outro biscoito de gengibre.

A mãe de Anne, Caroline, atravessou a sala, nos levando em seu rastro. Ela era elegante e atraente, uma morena clássica de brincos

de pérola e cashmere vermelho.

– Anne, pare de zombar da esposa de Clayton. Por que você e Beatrice não levam aquela bandeja de bolinhos de siri para a varanda e os passam adiante?

– Está bem – falou Anne, a voz grossa de relutância. – Venha, Bea.

Caroline desapareceu pela porta vaivém da cozinha. Meus pais socializavam no jardim de inverno, papai contando uma piada para um círculo de admiradores risonhos, minha mãe girando por fora do círculo, olhando pela janela. A atração principal do jardim dos fundos dos Sweeney era um bebedouro de pedra para pássaros, congelado.

– Bolinho de siri, mãe? – ofereci a bandeja para ela.

– Não, obrigada, querida.

Anne serviu bolinhos de siri para meu pai e os outros, que os devoraram com molho rosé. Papai deu uma olhada para a porta da cozinha, ainda indo e vindo, e chacoalhou o gelo no copo.

– É hora de outro uísque. – Ele se dirigiu para o bar. O círculo se desfez.

– Os alunos adoram o seu pai – disse uma mulher perfumada. – Que sorte viver com um homem tão encantador.

– Ele é ainda mais encantador em casa – falou mamãe. – Não é, Bea? Anda de monociclo pela casa...

– ...até mesmo para cima e para baixo das escadas – acrescentei.

– Ele faz malabarismo com ovos no café da manhã todo dia...

– ...que serve para nós na cama, é claro – completei.

– ...e tira buquês cheirosos da bunda – minha mãe terminou. – Ele é uma alegria tão grande!

O queixo da mulher perfumada tremeu levemente. Não conseguia saber se estávamos brincando ou não, mas decidiu não se arriscar e presumir que estávamos. Ela tossiu uma risada fraca e pediu licença.

– Não devíamos fazer isso – falei. – As pessoas vão pensar que somos esquisitas. – Na verdade, eu não me incomodava que as pessoas pensassem que *eu* era esquisita. Mas, por algum motivo, eu não queria que vissem esse lado da mamãe; como se fosse um lado só e não sua personalidade inteira.

– Os cônjuges dos docentes têm de se esforçar para que gostem deles – disse mamãe. – Veja aquela pobre estilista de camas com seu sorriso tenso. Não consigo fazer isso.

Papai não voltou do bar. A porta da cozinha estava balançando de novo.

– Quer ir para casa? – perguntou minha mãe.

– Agora? – Eu sabia as regras das festas para os professores e isso seria quebrá-las. – Ainda não jantamos.

– Não estou com fome. De qualquer modo, temos pizzas no congelador.

– Papai não vai ficar zangado? – perguntei.

– Não tenho certeza – respondeu ela –, acho que ele vai ter sentimentos conflitantes.

A festa estava chata, mas não parecia certo ir embora tão cedo. Parecia grosseria. E eu não queria pizza.

– Acho que devíamos ficar até depois do jantar – eu disse. – Esta festa é muito importante para o papai.

Anne puxou minha manga.

– Vamos dar o fora daqui antes que minha mãe nos faça servir os drinks das pessoas. Meu quarto.

Eu consultei minha mãe.

– Vá em frente – falou, e se dirigiu para o banheiro.

Segui Anne escada acima. Troféus de montaria e bibelôs de cavalos de plástico cobriam suas prateleiras. Tinha uma penteadeira no canto coberta de joias, maquiagem e vidros de esmalte. Na mesa havia uma pilha de catálogos de universidades, com Vanderbilt no topo.

– Temos de ficar unidas – disse Anne. – Há mais festas de professores por vir. *Muito* mais.

– Odeio essas festas – falei. – Sempre fico tão travada perto de adultos quando estão tentando se divertir. Fico constrangida por eles, como se estivessem se esforçando demais e não soubessem que todo mundo pode ver.

Anne me lançou um olhar curioso, como se estivesse pensando *Olhe só quem está falando, robô-de-festa*.

– Não há saída – disse ela. – Eu já experimentei todas. A não ser que seja hospitalizada com meningite, você tem de mostrar a cara nas festas dos professores.

– Não entendo por quê. Não é como se alguém realmente quisesse conversar com a gente.

– Nós somos a prova de que eles podem reproduzir. – Anne chutou um tênis branco para o lado e se sentou na cama. Eu me sentei ao lado dela. Ela se recostou e ficou olhando para o teto. Eu fiz a mesma coisa. O teto era branco e liso, a não ser por um carço em forma de uva onde antes havia uma luminária.

– Então, você tem andado bastante com Jonah – disse Anne. – Por falar em travados.

– Aham – confirmei.

– Não é... você sabe... um *lance*, é?

Fingi não saber do que ela estava falando, só para irritá-la.

– Como assim?

– Você sabe. Carter disse que viu vocês dois se beijando na frente do Morgue, mas eu disse a ela que de jeito nenhum, que vocês deviam estar dividindo um cigarro. Certo?

Jonah e eu nunca havíamos nos beijado, e nenhum dos dois fumava. Eu não sabia o que Carter tinha visto, mas não era um beijo. Só o que eu disse foi:

– Eu não fumo.

Anne sentou-se e me encarou, apoiada no cotovelo.

– Então é um lance? Tenho dito a todo mundo que vocês são cem por cento só amigos.

– Por que todo mundo se importa? – perguntei.

– Na verdade, não se importam, é só que estamos tão entediados que temos de falar de alguma coisa – confessou Anne. – E, já que Jonah não tem um amigo há, tipo, dez anos, as pessoas ficam imaginando, só isso.

– Por que ele não tem um amigo há dez anos? – Achei que meio que sabia a resposta, algo sobre a sua tragédia familiar e o retraimento do Jonah, mas isso não podia ser a explicação toda.

– Você sabe – falou Anne –, o negócio do fantasma. A forma como ele meio que não está realmente ali. Não é nossa culpa. Ele nunca foi o cara mais sociável do mundo. Ou um grande amigo.

– Como assim?

– Ele inventa coisas. Não se pode confiar nele. Jonah mente, ou pelo menos exagera. Quando éramos bem pequenos, ele costumava falar sobre os gatos que tinha. Tentava me fazer ir até sua casa para brincar me contando que tinha esses dois gatos incríveis que faziam todo tipo de truques inacreditáveis e era totalmente mentira. Ele não tinha gato nenhum. Fui até a casa dele muitas vezes e nunca vi um gato.

– Ele era só uma criança – argumentei –, talvez estivesse solitário.

– Você não entende? Ele é manipulador. Uma coisa é se sentir solitário, mas não engane as pessoas para brincarem com você, só isso.

– Talvez tenha parado com isso.

– Talvez. Mas algumas pessoas não param. Só aprendem a manipular melhor.

Achei que ela estava exagerando com o negócio todo do gato, mas não disse nada. Eu não queria ouvir mais nada sobre aquilo. Estava insinuando que eu não podia confiar em Jonah, mas será que eu podia confiar nela? Eu não a conhecia bem o suficiente para saber. Queria continuar a acreditar em Jonah.

– Você está inteligentemente evitando minha pergunta – argumentou Anne. – Você e Jonah. Se vocês não fumam e vocês não se beijam e nunca mais foram às festas... O que vocês fazem, leem revistas em quadrinhos?

O que eu podia dizer? *Nós ouvimos rádio, pensamos em corações partidos, procuramos viajantes do tempo, matamos reuniões do livro*

do ano, vamos à biblioteca, ligamos para instituições procurando o gêmeo secreto perdido de Jonah... Tudo isso era parte de um mundo diferente, um país estrangeiro para Anne e todos os outros na escola. Ela não entenderia, a não ser talvez a parte sobre não ir às reuniões do livro do ano.

E, além disso, eu não podia explicar. Algumas partes nem eu mesma entendia. Nós éramos melhores amigos. Estávamos apaixonados? Estávamos indo nessa direção? Eu não sabia e não queria tocar no assunto com ele. Era, tipo, o único assunto sobre o qual não podíamos conversar. Nossa amizade era delicada, como uma bolha, e eu tinha medo que estourasse se eu fizesse a pergunta errada. *Aonde isso está indo?* definitivamente parecia a pergunta errada.

– Nós só andamos juntos – eu falei. – Não é um grande mistério.

– Sabe o que Garber me contou? – perguntou Anne.

– O quê? – Desde que eu ficara amiga de Jonah, Tom Garber havia parado de tentar me derreter com seu olhar de micro-ondas. Eu não sabia se ele tinha desistido ou achava que a proximidade de Jonah me maculava de alguma forma.

– Que está se sentindo solitário – falou Anne. – Está desde o verão sem namorada.

– Três meses inteiros. Coitadinho.

– Não, sério – disse Anne. – Ele está em uma situação difícil, meio como um príncipe ou um astro de cinema. Já saiu com a maioria das meninas bonitas de Canton pelo menos uma ou duas vezes durante esses anos, se começar a contar a partir da sexta

série, mais ou menos, e já ficou com as mais gatas de Radnor e St. Mary também. Está ficando sem opções.

– Como isso faz dele um príncipe ou um astro de cinema? – argumentei.

– Nosso círculo social é pequeno e exclusivo – disse Anne. – Tipo, sabe como um príncipe só pode se casar com outra pessoa da realeza, basicamente, e só há uma certa quantidade de princesas? E astros de cinema têm de se casar uns com os outros porque suas vidas são tão esquisitas que nenhuma não celebridade pode entendê-los?

– O Tom é gato, mas não é nenhum astro de cinema ou príncipe. Talvez ele devesse baixar seus padrões. Pronto. Problema resolvido.

– Baixá-los a quê? – falou Anne. – Com quem ele vai namorar, com alguma casca grossa de Glen Burnout com cabelo cortado em camadas e um sotaque de Baltimore?

– Não faço ideia do que você está falando – eu disse, apesar de na verdade ter entendido um pouco por causa de coisas que tinha ouvido no Night Light Show. Os sotaques dos ouvintes variavam de bairro para bairro; quanto mais proletário, mais pesado o sotaque. Os garotos da Canton, que na maior parte moravam em North Baltimore e nos bairros nobres, tinham pouco sotaque, quase imperceptível. – E você? – perguntei. – Quando foi a última vez que teve um namorado?

– Eu saí com um salva-vidas no verão passado – falou ela. – Não estou mais interessada nos garotos da Canton. Estou me guardando para a universidade. Eu posso esperar.

– Então Tom também pode. Sinto muito, mas simplesmente não tenho pena dele.

– Você não entende – falou Anne –, ele é inteligente e bom atleta, mas as garotas também fazem parte de sua identidade. É triste vê-lo sem uma garota; é como se estivesse faltando alguma coisa. Ele não tem ninguém para correr atrás, a não ser você.

– Buá. – Essa ideia de que eu deveria sucumbir a Tom por causa de um abstrato bem maior, como uma virgem sacrificada para apaziguar um dragão, me enojava, mas também me entusiasmava, e este era um segredo que eu não iria contar para ninguém, definitivamente não para Anne, nem mesmo para Jonah.

– Ele não tem me dado muita atenção ultimamente – eu disse. – Acho que perdeu o interesse.

– Ele acha que rola alguma coisa entre você e Jonah – falou Anne. – Quando eu o assegurar de que não, aposto como ele vai convidá-la para sair. Então, o que devo dizer a ele? Rola ou não rola?

Rola ou não rola *o quê*? Como você define um namorado? Se um namorado é a primeira pessoa em quem você pensa quando acorda pela manhã e o último rosto que você vê antes de dormir, então eu estava apaixonada por Jonah. Mas, se um namorado tinha que envolver química e beijos e sexo e essas coisas, então, não, ele não era isso.

– É complicado demais para sim ou não – respondi.

– Bobagem – falou Anne.

Alguém bateu na porta.

– Anne? Beatrice está aí com você?

– Está – gritou Anne. Sua mãe abriu a porta. Meu pai estava atrás dela no corredor.

– Bea, você viu a sua mãe? – perguntou ele.

– Estava lá embaixo há um minuto – falei. – Ela foi ao banheiro.

– Não estamos conseguindo encontrá-la em lugar algum – disse Caroline. – Será que foi para casa?

– Ela não estava se sentindo bem – eu falei, dando-lhe cobertura.

– O casaco dela ainda está aqui – disse Caroline.

Eu sabia que mamãe fora embora. Podia vê-la agora, caminhando pela Charles Street em seus saltos altos e vestido de festa, tremendo de frio no crepúsculo de novembro.

Papai xingou baixinho.

– Ela podia ter dito alguma coisa, se queria ir embora. É melhor eu ir atrás dela.

– Eu vou – falei.

Papai hesitou.

– Está tudo bem. – Eu me levantei da cama da Anne. – Fique aqui, caso ela volte.

– Leve o carro – disse meu pai. – Eu volto a pé.

– Eu o levo para casa mais tarde – falou a mãe de Anne.

– Pode me ligar assim que a encontrar? – pediu papai.

– Aham.

Anne me seguiu até o quarto de seus pais, onde a cama estava cheia de casacos. Peguei o meu e o de veludo preto com a gola de pele de mamãe.

– Qual é a parada com sua mãe? – falou Anne.

Dei de ombros dentro do casaco.

– Acho que ela odeia essas festas ainda mais que eu.

Morávamos a mais ou menos um quilômetro e meio da casa dos Sweeney. Dirigi lentamente pelas ruas, procurando por uma mulher vacilante com roupas leves. Ela estava no meio da escada da frente quando cheguei em casa.

Estacionei e entrei pela porta dos fundos. A essa altura, ela já estava no andar de cima.

– Mãe? – chamei. A única resposta foram os sapatos caindo no chão conforme ela os tirava. Subi. Ela estava deitada na cama, ainda com o vestidinho de lã e meias finas.

– Por que foi embora desse jeito? – perguntei.

– A comida da casa estava com um cheiro estranho – falou ela. – Sentiu o fedor vindo da cozinha? Estava me deixando enjoada.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente. Fim da discussão. Eu devia saber que não devia nem me dar ao trabalho de perguntar.

Caroline Sweeney deixou meu pai em casa por volta das 23h. Ele me encontrou na cozinha fazendo um sanduíche de manteiga de amendoim. Eu havia me esquecido de jantar.

– Onde está sua mãe? – perguntou.

– Dormindo. Está dormindo desde que chegamos em casa.

– Ótimo – falou papai. – Isso significa que vai passar metade da noite experimentando combinações de sombra para os olhos no espelho do banheiro.

– É isso que ela faz a noite toda?

– Normalmente. Às vezes disca para a Hora Certa e só fica deitada ao meu lado, ouvindo a voz automatizada fazer a contagem

regressiva dos segundos. *Ao sinal do bip a hora será...* – Ele estremeceu.

– A festa acabou tarde – comentei.

– Você devia ter voltado para o jantar. Caroline assou um ganso. Já comeu ganso assado?

– Acho que não.

– É delicioso. Bem, boa noite, querida. Talvez eu consiga algumas horas de sono antes que o seminário sobre maquiagem comece.

– Boa noite, pai.

Ele subiu. Eu me sentei na cozinha comendo o sanduíche de manteiga de amendoim e bebendo um copo de leite, com um olho no relógio, esperando que a hora mágica da meia-noite batesse. Imaginei minha mãe deitada, acordada com o telefone ao lado do ouvido berrando *Ao sinal do bip a hora será... doze... meia-noite... e zero segundos. Bip.*

Voltei para meu quarto e liguei o rádio.

Don Berman:

DonBermanDonBermanDonBermanDonBerman!

[Clique]

Herb:

Boa noite para você, Don. Próximo ouvinte, você está no ar.

[O arranhado de uma agulha em um disco de vinil, o som de um toca-discos e uma velha música cafona toca. Muitas cordas e metais, bem Vegas 1976]

Herb:

É você, Larry? Parece o Larry, de Catonsville. Ele nunca fala muito, só nos dá uma música antiga de presente de vez em quando.

[A música toca, e então vai sumindo]

Larry:

Oi, Herb. Essa era uma música velha, mas boa, "After the Lovin'", de Engelbert Humperdinck.

Herb:

Obrigado pela viagem ao passado, Larry. Agora um momento para lembrar a todo mundo sobre o Almoço Anual de Natal do Night Light. O evento deste ano será, como sempre, no Mario's Italian Palace, na Autoestrada 40, no coração da linda Catonsville, sábado, 19 de dezembro, às 11h da manhã. Espero ver vocês todos lá. Esta é a chance perfeita de ver velhos amigos e conhecer algumas das vozes que vocês ouvem em seus rádios noite após noite. Eu estarei lá, vou organizar o almoço pessoalmente. É necessário reserva. Liguem para a estação. O que me diz, Larry? Vai conseguir ir este ano?

Larry:

Estarei lá, Herb. Eu não perderia isso.

Herb:

Fico feliz em ouvir isso. E agora, uma mensagem do nosso patrocinador, Extensão Capilar do Sr. Ray. Cavalheiros, o cabelo está ficando ralo? As pessoas acham que você é mais velho do que realmente é? Conserte esse telhado no Sr. Ray! Nossos profissionais costumam cabelo humano genuíno em seu couro cabeludo...

Telefonei para Jonah. Estava tarde, mas não me importei. Ele tinha de estar ouvindo.

– Nós vamos ao almoço – falei.

– Seu desejo é uma ordem – disse ele.

– Você já foi alguma vez?

– Eu queira ir no ano passado, mas achei estranho ir sozinho. E não tinha ninguém para levar comigo. Até você aparecer na minha vida, querida. Você sabe, é como diria Humperdinck: *After the lovin', I'm still in love with you*. É engraçado como isso funciona. Como foi a festa de La Sweeney?

– Um tédio. O que você acha? O que fez esta noite?

– Fiquei sentado no meu quarto e desenhei um retrato da porta do meu armário. Espere só até ver. Parece tão verdadeiro.

– Já vi portas de armário antes.

– Não como a minha. Leva o nada a um novo patamar. – Ele fez uma pausa. – Então, ela disse alguma coisa a você? Contou algum grande segredo do Nosso Passado Coletivo?

– Quem?

– Você sabe quem.

Que tipo de segredo ele tinha medo que Anne me contasse? Aquela bobagem sobre gatos?

– Não – menti. – Conversamos sobre festas de professores e que saco elas são. Não muito mais. Tive de sair cedo por causa de minha mãe.

– O que ela fez desta vez?

– Nada, só foi embora cedo.

– Mas ela fez isso de uma maneira maluca, certo?

Como ele sabia?

– Não tão maluca. Ela só não se despediu de ninguém. E esqueceu o casaco.

– Eu sabia. Amo essa mulher.

Ele realmente parecia gostar das histórias da minha mãe. Isso teria me irritado, só que eu entendia o porquê: elas nos tornavam mais parecidos, mais similares na escala de esquisitice familiar. Na loteria da disfunção, Jonah sempre ganharia, mas pelo menos minha mãe nos nivelava.

– O programa começou de novo – falei. – É Kreplax. Falo com você depois.

Eu desliguei e aumentei o som do rádio.

Kreplax:

Saudações do Mundo de Amanhã, Herb.

Herb:

Como foi a festa para as Pessoas do Futuro, Kreplax?
Sinto não ter podido ir.

Kreplax:

Foi o máximo. Vários futurianos apareceram e deram pistas do que aguarda nossa problemática raça humana. Uma previsão importante correu de boca em boca. É chocante e achei que os ouvintes deviam saber.

Herb:

O que é?

Kreplax:

Um cometa, Herb. Um cometa mortal está vindo para cá.

Herb:

Quando, exatamente?

Kreplax:

Ainda estou verificando os detalhes. Basicamente, é enorme, vai cair no oceano – algumas discordâncias em relação a qual oceano, o que obviamente é crucial – e inundar os litorais, para valer. Não só isso, ele carrega vírus horríveis para os quais não temos cura, assim

como alienígenas minúsculos planejando um golpe fascista.

Herb:

Parece bem ruim. Tem certeza disso?

Kreplax:

Ah, tenho.

Herb:

Bem, não sei o que podemos fazer para nos preparar, a não ser rezar.

Kreplax:

[funga] Boa sorte com isso, Herb. Deus morreu em 1945.

Herb:

Obrigado pela atualização, Kreplax. Não é um panorama muito bom para as festas de fim de ano, não é? Próximo ouvinte, bem-vindo ao Night Light Show...

Após algumas horas, peguei no sono com visões de alienígenas na cabeça – alienígenas jogando bombas pela cidade toda.

SETEMBRO OUTUBRO NOVEMBRO

DEZEMBRO

CAPÍTULO 10

Todos os anos, antes do Natal, a turma de idiomas do quarto ano da Canton apresentava esquetes natalinos para o resto da escola. Era a Semana de Assembleia Especial Volta ao Mundo de Natal e nosso professor de Francês, Sr. Meath, anunciou que o tema da nossa turma seria "Natal no Cinema" ou "*Cinémathèque Noël*". Nós nos dividiríamos em grupos e escreveríamos nossos próprios esquetes em francês. Tom Garber me ofereceu como voluntária para seu grupo, que também incluía Anne e Walt Carrey.

– Em vez de fazermos esquetes ao vivo – disse Walt na aula –, por que não filmamos nossos esquetes e os exibimos para a escola?

– *Bonne idée, Jean-Pierre* – falou o Sr. Meath. Jean-Pierre era o nome francês de Walt.

A próxima pergunta era: que filme deveríamos encenar no nosso esquete? Nosso grupo se reuniu depois da aula na casa de Anne para resolver. Cada um de nós sugeriu um filme. Eu aluguei *Female Trouble*, o filme de John Waters sobre o qual Jonah havia me falado e mostrei aos meus colegas de esquete a cena na qual Dawn Davenport espera saltos chacha de Natal.

– Não encarna exatamente o espírito natalino – disse Anne. – Só é meio nojento.

– Eu acho engraçado – falou Walt. – Todo mundo vai estar fazendo *Um duende em Nova York* ou *Milagre na Rua 34*. Ninguém vai pensar nisso.

– Com certeza – disse Garber. – Que se foda, vamos fazer isso.

Foi assim que acabei passando uma semana com Garber, Anne e Walt, traduzindo, ensaiando e filmando nosso esquete de Natal francês com a câmera de vídeo de Anne, para grande irritação de Jonah.

– Você não entende – falei pra ele. – Eu tenho de fazer. É para a aula de francês.

Jonah estudava Latim, a única turma de idiomas liberada de apresentar esquetes natalinos. Em vez disso faziam uma parada de césores nos Idos de Março ou sei lá o quê.

– Você não precisa fazer com *eles* – falou Jonah. – Por que não pode entrar para o esquete de Harlan e Sphere? Ou de algum outro nerd? – Harlan e Sphere estavam fazendo *Harold et Kumar Vont à White Castle à la Veille de Noël*, ou *Madrugada Muito Louca*: dois maconheiros ficam com larica de bengalinhas de açúcar, e estão esgotadas em White Castle.

– Fui colocada no grupo de Garber – respondi. O olhar enojado em seu rosto me mostrou que ele sentia que essa não era toda a verdade.

Garber ficou surpreendentemente bonito como Dawn Davenport, com a saia-lápis e peruca armada, chutando a árvore de Natal e atacando os pais horrorizados, interpretados por mim e Walt. “*Mais*

qu'est-ce que c'est? Je veux saltos cha-cha! Où sont mes saltos cha-cha? Je vous déteste!"

– Corta – falou Anne. Ela era a dona da câmera de vídeo e, portanto, a diretora. – Beatrice, você está travada demais. Parece um manequim. Relaxe!

Eu não estava tentando ser travada; acho que só parecia assim na câmera. Garber me defendeu.

– Ela está interpretando a mãe. A mãe é uma travada. Deixa ela em paz.

Anne suspirou.

– Tanto faz. Vamos fazer de novo.

O verdadeiro problema – além da minha travação física inata – era o contraste entre a forma como Garber e eu interpretávamos a cena. Eu estava interpretando a sério, para homenagear o espírito do original. Garber exagerava como Dawn, telegrafando *isso é uma piada* com cada rebolada feminina. Era a abordagem errada, eu achava, mas sabia que ele não a mudaria por mim. O esquete era para ser uma piada; era só um trabalho escolar idiota, de qualquer modo. Não valia a pena discutir por causa dele.

– Vocês vão fazer *Female Trouble*? – disse Jonah depois de ver meu roteiro. – Não acredito. Eu te contei sobre esse filme e agora você o está profanando.

– Nós traduzimos todo o diálogo para o francês – falei. – Isso dá à cena uma abordagem completamente diferente.

– Eles o estão *profanando* – repetiu ele. – *Você* o está profanando.

Eu me sentia uma traidora. Mas por que deveria? O que o Jonah queria de mim? Eu devia repetir em francês por princípio, só para evitar pessoas de que Jonah não gostava?

– Por que está com tanto ciúme? – perguntei. – Não é como se você fosse meu namorado nem nada. Você é?

Um olhar chocado de Jonah. Então ele desviou os olhos. Não podia acreditar que deixara essas palavras saírem da minha boca. Elas ecoavam nos meus ouvidos, agressivas e exigentes, as perguntas de uma garota convencional, algo que Anne ou ASUE diriam, não eu.

– *Namorado* é uma palavra tão idiota – falou Jonah. – Não, não sou seu namorado. Achei que estávamos muito além disso. O que nós somos não pode ser descrito por palavras triviais como *namorado* e *namorada*. Até mesmo *amigos* não chega nem perto de descrever.

– Eu sei – eu disse. – Sinto muito. Não quis dizer isso.

– Olhe, faça o que tem de fazer – falou Jonah. – Me desculpe por estar sendo um imbecil a respeito disso. Realmente não me importo.

Talvez fosse esse o problema, eu queria que ele se importasse. Mas ele não pronunciou mais nenhuma palavra de protesto sobre *Trouble Feminin*, mesmo depois que o passamos na Assembleia sob risos e aplausos. Jonah e eu continuamos com os rituais radiofônicos noturnos e a busca por Matthew como se nada tivesse mudado. Mas algo havia mudado. Podia sentir nas minhas juntas barulhentas de metal. Eu tinha decepcionado Jonah. Ele estava começando a me tratar como se eu fosse outra pessoa qualquer.

Eu era um *deles* agora.

Ainda andávamos juntos. Eu ainda tentava ajudar.

– É isso. – Jonah fechou com força o catálogo telefônico de Walla Walla, Washington. O barulho abafado ecoou pelo hall monumental da Biblioteca Enoch Pratt. – Se Matthew não está preso nesse Sanatório Walla Walla para Meninos Inválidos, não está no continente norte-americano. E por que meu pai se daria ao trabalho de mandá-lo para a Europa ou para o Havaí ou para algum lugar só para amarrá-lo a uma cama e alimentá-lo com papa três vezes ao dia, eu não sei. Apesar de que talvez os sanatórios no México sejam mais baratos.

– Tenho certeza de que estão cuidando bem dele, onde quer que esteja – eu disse.

– Tenho certeza de que não estão – revidou Jonah. – Ninguém pode tomar conta dele como eu tomaria. – Ele virou as páginas brancas e finas com o polegar. – Eu podia jurar que ela tinha um sotaque de Baltimore, só um leve... – Eu sabia que ele estava falando sobre a Sra. Trevanian, a mulher do sanatório que havia ligado para seu pai em setembro para falar sobre Matthew. – Ele provavelmente está em algum lugar por perto, talvez na Virginia ou na Pensilvânia...

– Mas nós telefonamos para cada sanatório na área cinco vezes – falei. – Eles não vão nos dizer nada. Faz sentido, Jonah. Você não gostaria que qualquer pessoa aleatória que ligasse soubesse das suas coisas...

– Não sou uma pessoa aleatória – falou Jonah. – Eu disse a eles que era da família, mas não fez diferença.

– Talvez você devesse perguntar a seu pai mais uma vez – tentei.
– Talvez ele tenha mudado de ideia. Talvez te diga desta vez...

As pálpebras caíram por cima dos olhos dele, como portas de aço se fechando com força.

– Ele não vai me dizer. Já implorei a ele. Eu me ajoelhei no chão da cozinha e agarrei seus tornozelos, tentando impedi-lo de ir para o trabalho, jurei que não o deixaria ir até me contar, mas ele sacudiu as pernas e se soltou. Agora ele nem admite que o Matthew está vivo. Ele diz que devo ter sonhado com aquele telefonema.

– Ele o está ofuscando – declarei. Mamãe e eu havíamos assistido à *À Meia Luz* muitas vezes na época pré-loucura. Era um antigo filme de Ingrid Bergman sobre um marido que tenta convencer a esposa de que ela está enlouquecendo.

– Não sei o que fazer – falou Jonah. – Não quero desistir. Mas não consigo encontrá-lo. Não consigo encontrá-lo. Não consigo encontrá-lo.

– Nós vamos encontrá-lo – prometi. – Deve haver algum lugar no qual ainda não procuramos. Algum lugar secreto na sua casa, talvez...

– Pare – explodiu ele. Tive medo de que, se eu tocasse a mão de Jonah naquele momento, minha pele fosse grudar e ser arrancada, como uma língua num corrimão congelado. – Você está me enlouquecendo. Por que se importa com Matthew? Ele é *meu* irmão. Mas você não para de dizer, *Nós podemos fazer isso, se ficarmos juntos e fizermos um desejo para uma estrela...*

Minha respiração ficou presa, encurralada nos pulmões.

– Eu não sou nem um pouco assim – eu disse. – Qualquer um que me conheça um pouco sabe...

– Não me interessa – falou Jonah. – Não consigo pensar com você por perto. Me deixe em paz.

– O quê? Jonah...

– Eu disse para me deixar em paz!

– Shhh! – O bibliotecário, um homem gordinho e careca, nos encarou de detrás do balcão de devoluções.

– Jonah – sussurrei, desesperada para fazer com que ele me escutasse.

– Desista – falou, alto. – Você não pode me ajudar. Por que não vai para seus amigos de verdade, Anne Sweeney e aquelas pessoas? O seu lugar é com eles.

– Por que está me dizendo isso? – Agora minha respiração estava agitada e úmida, as lágrimas lutando para chegar à superfície. – Eu não mereço.

– Vá embora.

– Era um trabalho de escola. Eu não podia me livrar dele. Mas agora já acabou...

– Vá embora.

Ele deixou a cabeça cair em cima do catálogo telefônico. O chão de mármore fez um barulho estridente debaixo da minha cadeira enquanto eu me levantava lentamente, meus olhos em Jonah. Peguei o casaco, a bolsa de livros. Mas não me afastei imediatamente. Esperei.

Ele não se moveu por dez longos segundos. Finalmente, olhou para cima.

– O que está esperando?

Olhei para o bibliotecário, cujos olhos lançavam raios mortais em nós. Por que ele não implicava com os vagabundos dormindo nas pilhas de jornais? Eu tinha mais coisas a dizer para Jonah, mas queria falar sem fazer barulho. Então eu enrijei e curvei a cintura, sacudindo os braços como havia feito por cima do copo morto de gerbil de Goebbels.

Jonah franziu as sobrancelhas.

– O que diabos é isso?

– Estou gritando com você – falei – em Robô.

Ele ficou de pé tão rápido que a cadeira caiu para trás, batendo com força no chão.

– Quer aprender um novo idioma? É assim que se diz *Vá para o inferno* em Fantasma.

Ele saiu andando. Os sapatos guinchavam contra o chão. A porta gemeu quando ele a abriu, e se fechou com um estrondo, o barulho ecoando pelo hall.

Os dias de meados de dezembro se arrastaram sem Jonah. Todas as noites eu escutava fielmente o Night Light, esperando que o Garoto Fantasma ligasse, mas ele não o fazia. Myrna leu um poema sobre como estava animada para o almoço vindouro de Natal, Larry de Catonsville tocou velhas canções natalinas de Frank Sinatra em seu toca-discos e Dottie relatou que ficava mais deprimida do que nunca nesta época do ano. Fiquei preocupada com o almoço, se Jonah ainda iria comigo ou se eu teria coragem de ir sozinha. Eu achava que não.

– Nunca mais a vi com Jonah, por quê? – perguntou ASUE na semana antes das férias de Natal. Estávamos na aula de ginástica, sentadas nas laterais durante um jogo de basquete. Nossos uniformes de ginástica consistiam em minivestidos azuis que abriam na frente, com shorts bufantes combinando por baixo. Parecíamos deselegantes comissárias de bordo da Nave Estelar *Enterprise*.

– Finalmente percebeu que ele não vale a pena – comentou Tiza.

– Não – eu disse. – Não quero falar sobre isso.

– Eu te avisei, você não pode contar com ele – alertou Anne.

Isso estava começando a parecer meio verdade, mas eu ainda não queria admitir.

– Não precisa nos contar o que aconteceu – disse ASUE e eu juro que vi pontinhos de espuma nos cantos de sua boca, tão ansiosa estava para ouvir a fofoca. – Só saiba que estamos aqui para apoiá-la agora.

– Valeu. – Eu nunca admitiria, mas me sentia mesmo um pouco solitária. Eu me acostumara a ter alguém com quem conversar, alguém com quem sair, um motivo para deixar a tumba desarrumada que era a minha casa. O vídeo de Natal estava pronto, então me afastei de Anne, de Walt e de Tom Garber, esperando acalmar Jonah. Eu ligava para ele, mas ele nunca atendia. Eu o imaginava olhando fixo para o velho telefone preto de disco em seu quarto enquanto ele tocava. Eu me aproximava dele na escola, mas ele se afastava como um fantasma. Até apareci para uma reunião do livro do ano, mas ele não. Nina me mandou dizer a ele que o trabalho de diretor de arte não podia ser feito de casa e que, se ele não comparecesse da próxima vez, tentaria demiti-lo. Eu não estava

muito preocupada que isso fosse acontecer. Duvidava que Nina pudesse encontrar outra pessoa que quisesse a tarefa.

Se ele não me queria, ele não me queria. Eu tinha de encontrar outras maneiras de preencher o tempo.

Quando a ginástica misericordiosamente acabou, segui o resto das roupas azuis escada abaixo até o vestiário. Meu rosto estava suado, meu cabelo saindo da presilha do rabo de cavalo e tinha marcas de suor debaixo dos braços. De bobeira do lado de fora do vestiário das meninas estava um Tom Garber recém-saído do chuveiro.

– Pare, em nome da lei. – Ele bloqueou meu caminho com um gesto de *pare*. Parei.

– Que lei? – eu disse.

– A Lei da Natureza – falou ele. – A Lei da Termodinâmica. A Lei do Divino. Escolha uma lei, qualquer lei.

– Eu não ousaria quebrar a lei – respondi. – O que você quer?

– Eu gostaria de convidá-la para comer uma pizza – falou Tom. – Já esteve no Alonso's?

– Não.

– Então é obrigada por lei a me acompanhar até lá nesta sexta à noite.

– Qual é a lei mesmo? – perguntei.

– Um estatuto local da cidade de Baltimore. O Alonso's é uma instituição do bairro e todo aluno de Canton tem de comer lá pelo menos uma vez antes da formatura. Você pode ir até a prefeitura no Centro e verificar os livros.

– Acredito em você. – Ele tinha cheiro de xampu de óleo de melaleuca.

– Ótimo – falou ele. – Te pego às 19h.

– Está bem.

Ele se afastou rapidamente, e eu empurrei a porta do vestiário, confusa, como se tivessem tirado o chão de debaixo de mim. Verifiquei minhas axilas para ver se estava fedendo. Eca. Eu esperava que ele não tivesse sentido isso.

Anne, já semivestida em seu kilt e sutiã branco pequeno, sorriu com ar de quem sabe das coisas.

– Então, o que foi isso?

– Ele a convidou para sair? – perguntou ASUE.

– Só para comer pizza – eu disse. – Nada de mais.

– Eu disse que ele gosta de você. – Anne puxou a barra do meu uniforme de ginástica. – Qualquer cara que a ache atraente usando essa roupa merece uma chance.

– Acho que sim. – Tropecei, ainda perplexa, em direção ao banheiro para tomar uma ducha rápida e fiquei imaginando o que Jonah pensaria se descobrisse que eu ia sair para comer pizza com Garber. Provavelmente só faria com que me odiasse mais, concluí.

Mas o que eu podia fazer?

Era a lei.

CAPÍTULO 11

– Sente-se ao meu lado – falou Tom. – Perto de mim.

Eu passei para seu lado do reservado, e o Príncipe de Roland Park descansou o braço nos meus ombros. Era só mais uma noite de sexta-feira no Alonso's, um bar aconchegante perto da Hopkins, onde alunos do ensino médio e universitários comiam pizza e entornavam cerveja às jarras. A garçonete, uma loura de rabo de cavalo, disse:

– Algo para beber?

– Refrigerante, por favor – respondi.

– Traga dois – falou Tom.

– Por que você não vai tomar uma cerveja? – Eu esperava que jogadores de lacrosse bebessem cerveja em todas as oportunidades.

– Por que *você* não vai tomar uma cerveja? – Perguntou ele de volta.

– Estou tentando manter a cabeça no lugar.

– Bem, também estou tentando manter a cabeça no lugar. – Tom sorriu – Para você não poder se aproveitar de mim.

A garçonete suspirou.

– Ninguém vai tomar nada, se continuarem com isso.

– Refrigerante – falou Tom, doce como pudim de baunilha.

– Volto já – disse a garçonete.

Tom deu uma olhada no cardápio.

– Pode ser de calabresa?

Eu assenti.

– Ou champignon.

Quando a garçonete trouxe nossos refrigerantes, Tom pediu uma pizza grande de calabresa e champignon. Ele tirou o braço dos meus ombros e brincou com o moedor de pimenta.

– Você vai viajar no Natal?

– Não – falei –, você vai?

– Vail – respondeu Tom. – Você esquia?

Eu balancei a cabeça.

– Não muito.

– Pratica algum esporte?

– Gosto de nadar quando está quente – falei.

– Ei, eu também! – Ele esticou o braço e demos um high five. –

Do que mais você gosta?

– Hum... eu gosto de ver reprises de *Columbo*.

Ele assentiu solenemente.

– Sou muito, muito fã de *Columbo*. Fui indicado para a primeira equipe municipal de espectadores de *Columbo* no ano passado. O que mais?

– Dirigir sem rumo com o rádio ligado é bom – falei.

– Bom demais. Mande outra. Estou adorando esses factoides picantes da Beatrice.

Eu me esforcei para inventar algo fofo.

– Eu gosto de ser uma menina.

– Também é um hobby meu! Tenho o vídeo para provar. Temos tanta coisa em comum! Bata aqui.

Eu bati, mas ele a pegou e enroscou seus dedos em volta dela. Talvez Anne estivesse certa; talvez Tom merecesse uma chance. Só porque Jonah o considerava superficial não significava que fosse verdade. E o que havia de mal na superficialidade, afinal? Às vezes era meio um alívio. Pensei em meu pai e em como ele não se afundava na infelicidade como eu e minha mãe fazíamos. Talvez as pessoas devessem ser assim. A superficialidade podia ser algo a se almejar.

A garçonete voltou.

– Com licença, seu nome é Beatrice? – perguntou. Eu assenti – Há um telefonema para você no bar.

– Um telefonema? No bar? – Isso tinha as digitais de Jonah espalhadas por toda parte. Mas como ele sabia onde eu estava? – Deve ser minha mãe.

Tom estava olhando de um jeito estranho para mim.

– Você não tem um celular?

– Acho que o esqueci. – Levantei da mesa. – Desculpe. Volto já.

O barman me passou o telefone com a mão molhada.

– Alô? – atendi.

– Bea, eu preciso te ver.

– Jonah? Como você me encontrou?

– Sua mãe falou – disse Jonah. – Não acredito nisso. Alonso's com Garber? Isso é tão vulgar. Falo sobre isso depois.

– O que você quer? Achei que não estávamos nos falando. – Ele estava apenas tentando estragar tudo? Será que era tão egoísta

assim?

– Preciso vê-la imediatamente.

– Por quê?

– Por favor, só venha me ver.

– Jonah, estou ocupada agora. Isso não pode esperar algumas horas?

– Não. Bea, sinto muito, é uma emergência. É importante. Lembra-se daquela primeira noite em que fomos ao Carmichael's? Quando eu tinha algo importante para te dizer?

– Sim, é claro que me lembro

– Essa notícia é tão importante quanto. Mais importante.

– O que é? Algo sobre Matthew?

– É – falou Jonah. – Eu o encontrei.

– Ah, meu Deus!

– Por favor, Bea. Eu estou explodindo, tenho de mostrar para você.

– Mostrar o quê para mim?

– Só venha! Encontre-me no Fanny's em dez minutos.

Ele desligou. Fiquei olhando para o telefone por um segundo, vibrando com uma mistura de irritação, entusiasmo e curiosidade.

Ele havia encontrado Matthew. Mas como?

Olhei para Tom no nosso reservado, esperando pacientemente que eu e a pizza chegássemos. Eu queria desesperadamente ver Jonah. Ele precisava de mim. Tom não merecia ser abandonado no nosso primeiro encontro, mas eu não podia me imaginar ficando, pensando o tempo todo como Jonah havia encontrado Matthew, sabendo que a única outra pessoa no mundo que se importava era

eu. Tom era legal, mas nós só estávamos fingindo gostar um do outro, esperando que, em algum momento, se fingíssemos o bastante, virasse realidade. Talvez virasse e talvez não. Mas Jonah já era real. Até Matthew já era real, apesar de eu nunca tê-lo visto. E eles faziam com que eu fosse real.

Voltei para o reservado.

– Está tudo bem? – perguntou Tom.

– Há meio que uma emergência. Preciso chegar ao Fanny's, de alguma forma.

– Fanny's Bar? Em Hampden? – falou Tom. – É lá que está a emergência?

Eu assenti e ele não me pressionou, apesar de parecer ridículo.

– Eu te levo – disse ele. – Vou pedir a conta.

Ele pagou a conta e disse à garçonete que voltaria em alguns minutos e levaria a pizza para viagem. Bati os pés no chão, tentando me livrar da energia que de repente fluía por mim. Jonah estava de volta.

Tom e eu andamos rápido até seu Saab. Ele abriu a porta do carona, muito galante. Eu me senti como uma esposa em um filme de TV, entrando em trabalho de parto enquanto o marido corre para levá-la ao hospital.

– Para o Fanny's! – gritou Tom. – Eu a levarei até lá em um segundo.

Nós voamos pela Cold Spring Lane e atravessamos a Roland Avenue até Hampden. As casas e jardins e árvores de repente encolheram, e decorações de Natal pareciam ter nevado do céu. Tom estacionou em frente a uma vitrine encardida com uma placa

de néon cor-de-rosa que dizia FANNY'S, o Y no formato de um copo de martíni.

– Quer que eu entre com você? – perguntou Tom.

– Não. Eu vou ficar bem. Obrigada por tudo – falei. – Sinto muito ter de terminar cedo.

– Me compense – disse Tom. – Vá à festa de Carter comigo.

– No Ano-Novo? – Eu ouvira rumores sobre uma festa na casa de Carter Blessing, mas planejava não comparecer.

– Tem outros planos?

– Não.

– Então venha comigo. Você me deve.

Ele tivera espírito esportivo em relação ao nosso encontro interrompido; eu realmente lhe devia outro. E eu nunca tivera um encontro no Ano-Novo antes.

– Está bem. Eu vou.

– Me liga se precisar de uma carona para casa ou qualquer coisa. Está bem?

– Está bem. Valeu, Tom.

Eu corri para dentro. O bar estava seriamente decorado para o Natal, mal havia um centímetro de parede ou teto sem decoração. Uma TV no alto da parede em um canto passava *A Felicidade Não se Compra*, o som baixo.

Dois bêbados estavam sentados no bar. A bartender, uma mulher abatida de uns 40 anos, apertava um cigarro entre os dentes. Jonah esperava sentado a uma mesa bamba, esfregando as mãos sem parar.

– Bea – falou ele.

– O que foi? O que aconteceu?

– Eu a chamei em um momento ruim? – Ele nem sorriu quando disse isso.

– Está brincando, não é? Há uma bomba que você quer que eu desarme? A civilização como a conhecemos está em perigo? É melhor isso ser uma emergência de verdade, ou eu vou sair daqui...

– Tentei pensar em alguma coisa ameaçadora, mas o melhor que consegui foi o supercaído: – muito irritada.

– Espere só até ver isso. Vai valer a pena. – Jonah enfiou a mão na mochila preta e puxou um cartão de Natal: Jesus em uma manjedoura, cercado por Maria, José, os animais de sempre e uma névoa de purpurina dourada.

Eu abri o cartão. *Ó, DEIXEM-NOS ADORÁ-LO*, dizia. *NOSSOS VOTOS DE NATAL. A EQUIPE DO ASILO E SANATÓRIO ST. FRANCIS*. Nenhuma assinatura, mas uma penugem amarela e preta estava presa ao cartão com um borrão de argila vermelha.

– St. Francis – falei –, em Lutherville. É um dos lugares para os quais telefonamos.

– Eles se recusaram a nos dizer qualquer coisa – disse Jonah. – Foi uma das instituições mais reservadas.

Olhei para o cartão de novo.

– Não entendo – falei.

– É dele – disse Jonah –, de Matthew. Ele me mandou um cartão!

– Como você sabe que é dele? Não o menciona.

Jonah apontou para a penugem amarela e preta.

– É Gatso. O brinquedo favorito de Matthew. Isso é um pedaço do pelo de Gatso. Olhe, eu tenho o gêmeo dele. – Ele puxou um

gatinho de pelúcia da mochila. O gato era velho e surrado, preto com listras amarelas e olhos de botão dourados.

– Quando éramos pequenos, minha mãe deu para mim e para Matthew gatos combinando – disse Jonah. – Este era o meu. Eu o batizei de Srta. Frankenheimer do Mal. O de Matthew era o oposto, amarelo com listras pretas. Ele não podia falar, então eu batizei seu gato de Gatso. Eram nossos brinquedos favoritos. Nós os levávamos para todos os lugares.

Fiz carinho na Srta. Frankenheimer do Mal, aí toquei na penugem no cartão. O pelo tinha a mesma textura.

– Eu presumi que Gatso havia sido enterrado com Matthew. Depois que minha mãe morreu, guardei a Srta. Frankenheimer em uma caixa no armário.

As luzes de Natal piscavam no rosto de Jonah. Vermelho. Sombra. Vermelho. Sombra.

– É... Você realmente acha que é...

– Não sei como ele fez – falou Jonah – mas, de alguma forma, Matthew me mandou este cartão. Está me chamando. E agora eu sei onde ele está.

– Vocês dois vão pedir uma bebida? – alfinetou a bartender de detrás do balcão. – Isso não é um ponto de ônibus, sabe?

Eu me levantei.

– Eu pego. O que você quer?

– Refrigerante – disse Jonah.

– Dois refrigerantes – pedi. – Um puro e um com uísque.

– Oba! – falou a bartender. Ela me deu um líquido amarelo sem gás em dois copos cobertos de marcas de dedos. Deixei uma gorjeta

de três dólares. Espírito natalino.

– Ótimo. Agora posso comprar aquele casaco de pele – disse ela.

– Qual dos dois tem uísque? – perguntou Jonah.

Eu dei um gole e lhe entreguei o copo com uísque.

– O que vai fazer agora? – eu quis saber.

Na TV, George Bailey estava em uma ponte na neve, chorando:

“Quero viver de novo. Deixe-me viver de novo.”

– Eu quero ver Matthew – disse Jonah.

– Talvez no Natal – sugeri.

– É. – Jonah se aprumou. – No Natal. Isso é perfeito. – Ele escorregou o copo de refrigerante e uísque para mim. – Amanhã é o almoço do Night Light. Nós ainda vamos, não é?

– Eu vou, se você for. – Tentei não mostrar o quanto estava feliz.

– Ótimo. Então irei ao St. Francis no domingo. Você vai comigo?

Eu dei um gole na bebida.

– Vou.

Jonah ficou olhando para a TV enquanto Jimmy Stewart corria alegremente pelas ruas lamacentas de Bedford Falls.

– Não acredito que você saiu com Garber – disse Jonah. – O seu cérebro derreteu? Como pode concordar conscientemente em passar um tempo com ele?

– Ele é legal – falei. – E você não estava falando comigo. De qualquer modo, não tem nada a ver com você. Sua opinião não conta.

– Ele é imundo – disse Jonah. – Você vai ver.

– O que ele te fez?

– Eu tenho raiva dele.

- Eu sei o que é.
- Não sabe, não.
- Tem a ver comigo?
- Aconteceu antes de eu saber que você existia.
- Então o que é?

Jonah sacudiu a cabeça.

- Esqueça. Só fique longe dele.
- Tarde demais – falei. – Prometi passar o Ano-Novo com ele.

Para compensá-lo por hoje à noite.

- O quê? Está tentando me fazer vomitar?

– A culpa é sua! Se você não nos tivesse interrompido, ele não teria me convidado e eu não teria sentido que devia isso a ele.

- A interrupção valeu a pena – disse ele. – Não?

Toquei a purpurina áspera do cartão de Natal.

- É – falei –, valeu a pena.

Na TV, o filme terminou com o soar de sinos. Aí começou de novo do início.

Eu estava de volta ao mundo de Jonah e estava tudo bem.

* * *

De alguma forma, sabia que Jonah estava ouvindo quando liguei o Night Light à meia-noite.

Herb:

Temos discutido várias coisas diferentes, mas o assunto que não quer morrer, por assim dizer, he-he, é este: vocês acreditam em fantasmas?

Kreplax:

Nós todos seremos fantasmas depois que o cometa cair. Ele vai colidir com a terra no dia 23 de janeiro. Janeiro próximo! Por que vocês não me escutam?

Herb:

Estamos escutando, Kreplax...

Kreplax:

Toda a Costa Oeste dos Estados Unidos... inundada! Toda a Costa Oeste da Europa... destruída! Feliz Ano-Novo, pessoal! Aproveitem a alegria agora, porque no mês que vem estarão todos mortos.

Herb:

Onde você vai estar no dia 23 de janeiro, Kreplax?

Kreplax:

Eu vou cair fora. Vou voltar para 2110, se conseguir. Se a idiota da minha amiga Tita andasse logo e consertasse a máquina do tempo...

Herb:

[música tocando] Experimente uma chave inglesa, Kreplax. Próximo ouvinte, você está no ar.

Dougal:

Oi, Herb. Aqui é Dougal, de Hampden. É a primeira vez que telefono.

Herb:

Bem-vindo, Dougal.

Dougal:

Hum, tenho uma pergunta para todos os especialistas em fantasmas por aí. Eu sou agente funerário. Moro em cima de uma casa funerária e passo todo meu tempo com gente morta. Já arrastei corpos para fora de acidentes de carro, já os peguei no hospital. Eles ficam em seus caixões um andar abaixo de mim, noite após noite enquanto durmo...

Herb:

Há quanto tempo é agente funerário, Dougal?

Dougal:

Há uns 30 anos. Eis a minha pergunta. Eu sempre quis ver um fantasma. Realmente QUERO acreditar neles. Eu quero acreditar em alguma coisa! Mas nunca vi um, jamais. Nunca ouvi um rangido durante a noite, um bu nem nada.

Herb:

Isso é estranho.

Dougal:

Eu escuto os ouvintes contarem histórias de fantasmas o tempo todo, sobre pessoas que eles viram voltar dos mortos... Quero muito, muito ver um fantasma. Por que não aparecem para mim? Estou bem aqui!

Herb:

Eu não sei, Dougal. Vamos jogar essa para um dos ouvintes. Próximo Night Light, olá.

Myrna:

É Myrna. Eu acredito em fantasmas, Herb. Juro por Deus, uma noite, quando meu falecido marido estava no hospital, não se recuperando de seu terceiro e fatal ataque cardíaco, eu estava deitada sozinha na cama e o fantasma de Elvis veio me reconfortar. Eu uso a palavra reconfortar como um eufemismo, Herb. Tenho certeza de que todas as damas por aí sabem do que estou falando.

Herb:

Parece que a maioria dos nossos ouvintes acredita em fantasmas ou em algum tipo de vida após a morte. É difícil não acreditar.

Myrna:

É mesmo. Como posso simplesmente desaparecer quando morrer, em um PUF!, assim? Não posso! Não

consigo imaginar. Eu estou aqui, sou real, meus pensamentos, meu espírito, para onde eles iriam? *[Música começa]* Uma última coisa, Herb. Quero que todo mundo que está ouvindo o programa de hoje saiba que, quando eu morrer, não vou a lugar algum. Eu ainda estarei aqui, dirigindo pelas ruas de Baltimore, e é melhor todos tomarem cuidado. Se me irritarem, vou assombrá-los com tanta violência que seu cabelo vai cair e nunca mais vai crescer de novo. E todos nós, homens ou mulheres, carecas ou cabeludos, nós todos amamos nosso cabelo. Amamos mesmo.

Herb:

Amém. Boa noite. Próximo ouvinte, você está no ar.

Larry de Catonsville:

Todo mundo precisa se acalmar, Herb. Não existem fantasmas ou espíritos malignos. Só existe amor e corações partidos. Essa canção se chama "Don't let the Sun catch you crying". Acho que é um bom conselho *[Uma agulha cai em um disco. A música toca]: Não deixe o Sol pegá-lo chorando.*

Por algum motivo, ouvindo aquela canção, eu comecei a chorar. Pensei em Jonah, sobre como ele sentira falta de Matthew durante todos esses anos, vivera sem ele como se vivesse sem uma perna ou um pulmão, e agora eles estavam prestes a se reencontrar. Não tinha nada a ver comigo, na verdade, mas toda vez que eu pensava

naquele cartão de Natal com o pedacinho de pelo amarelo, uma corrente de emoção me tomava. Eu não estava acostumada. Doía.

Fiquei imaginando se minha mãe também estava acordada, sentada no banheiro passando sombra nos olhos ou o que quer que fosse que fazia nessas noites. Ela agia como se também sentisse falta de alguma coisa, mas eu não fazia ideia do que poderia ser. O que havia perdido de repente que a levara para tão longe de mim e de todos? Por que ela não podia me dizer o que era?

Aceitei o conselho de Larry. Eram duas e meia da manhã e o sol não estava por perto. Ao amanhecer, eu estaria com os olhos secos e o sol nunca saberia que eu havia ficado acordada a noite toda.

CAPÍTULO 12

Um certo tipo de noiva de Baltimore, o tipo que usa uma lata de laquê por dia, realizava o casamento dos sonhos no Mario's Italian Palace.

– O slogan deles deveria ser “Se não é feito de cristal, ouro ou mármore, nós desprezamos!” – falou Jonah enquanto atravessávamos o pomposo Hall das Fontes. O verdadeiro slogan do Mario's (como anunciado no Night Light Show) era “Você *pode* comprar classe”.

Dezoito Night Lights apareceram para o almoço de Natal de Herb Horvath. Herb estava sentado à cabeceira da mesa comprida, cumprimentando todo mundo e distribuindo crachás. Parecia mais ensebado do que eu esperava, por volta dos 60 anos, com cabelo branco farto e um maxilar quadrado.

– É um prazer vê-la, hum, Garota Robô – disse ele, lendo a etiqueta com o nome no meu suéter vermelho. Aí ele riu: – Ah, *você* é a Garota Robô. Não tem telefonado muito, mas quem é que poderia esquecer o nome? – Era estranho ouvir aquela voz melíflua sair de uma pessoa em vez do rádio.

– Obrigada – falei. – Estou muito animada para conhecer todo mundo.

Ele se virou para Jonah.

– E Garoto Fantasma, que honra. É maravilhoso ver gente jovem no nosso almoço. Não temos muitos ouvintes jovens no programa, como devem saber.

– Nós adoramos o programa – disse Jonah. – Ouvimos todas as noites.

À minha direita estava sentada uma mulher pequena com óculos gatinho prateado e cabelo preto-azulado arrumado no bolo de noiva mais alto que eu já vira. O rosto rosado estava extremamente maquiado, os olhos pintados como os de Cleópatra, sobrancelhas desenhadas a lápis. Sua etiqueta dizia Myrna.

– Myrna, de Highlandtown?

– Sou eu, querida. – Ela leu a minha etiqueta – Garota Robô! Acho que não a ouço telefonar desde que fomos de tapete para Ocean City.

– Ah, eu sou tímida demais para ligar – respondi.

Jonah estava conversando com um homem gordinho de meia-idade e cabelo escorrido, cavanhaque e um ar afetado. As mãos e a papada tremiam. Don Berman.

– Don, somos grandes fãs – eu disse.

– *Don, somos grandes fãs* – mandou ele de volta em uma voz aguda que pretendia me imitar.

Que idiota, pensei, mas eu não me importava, porque ele era Don Berman e era isso que Don Berman fazia.

A garçonete trouxe saladas de alface crespa com molho italiano. Na minha frente estava sentado um homem negro grande usando

óculos escuros. Vi a bengala branca ao lado da cadeira e percebi que era cego.

– Aqui está, Larry – falou Herb. Ele esticou a mão e colou uma etiqueta com o nome no casaco do homem cego. Larry de Catonsville, que gostava de tocar discos antigos, principalmente Engelbert Humperdinck.

Peguei sua mão, cumprimentando-o.

– Oi, Larry. Eu sou a Garota Robô. Adoro aquela música que você tocou na outra noite, “Don’t let the Sun catch you crying”? E você está me transformando numa fã de Engelbert.

– Eca, eu não – disse Myrna. – Engelbert é muito meloso. Elvis tem pegada.

– Com certeza, Elvis tinha pegada – falou Larry, dando tapinhas na barriga. – Mas Engelbert tem aquele som suave. Se eu tivesse uma esposa, tocaria “After the lovin’” para ela todas as noites.

– Elvis pode cantar suave – disse Myrna. – E quanto a “In the ghetto”?

– Essa música é triste, não suave – falou Larry. – Além do mais, ele fez um arranjo exagerado. E o que Elvis Presley sabe sobre o gueto?

– Muita coisa – disse Myrna. – Elvis conhece a dor.

Ela me mostrou sua pulseira de berloques de Elvis, com uma cabecinha de Elvis – “Jovem, rechonchudo, com costeletas, eu gosto de todos eles, de todas as encarnações” –, uma guitarra, uma Graceland minúscula, uma Priscilla com véu de noiva, uma Lisa Marie pequena, um cão de caça e um par de sapatos masculinos.

– É para ser um par de sapatos de camurça azul – falou Myrna. – Não dá pra ver só de olhar para eles, mas é óbvio.

– Ei, Herb. – Burt de Glen Burnie dominava a outra extremidade da mesa. – Onde está Peggy? Não pôde vir?

– Esse Burt é tão cruel – disse Myrna. – Ele sabe muito bem que Herb é sensível em relação a Peggy. Herb é viúvo. Por que não deveria ter uma namorada? Não sei nem como Burt descobriu que havia uma Peggy.

Depois da salada, comemos bife à parmegiana com espaguete.

– Espere até provar o famoso molho de espaguete do Mario – resmungou Burt. – É como ketchup aguado.

Herb deu uma batidinha em seu copo e se levantou.

– Eu gostaria de fazer um brinde. Obrigado a todos por virem. Espero que vocês, meus ouvintes mais dedicados, percebam o quanto significam para mim, e fico feliz em lhes dar essa chance de se conhecerem. Aos novos ouvintes, bem-vindos. – Ele ergueu seu chá gelado. – Ao poder do rádio de aproximar e criar uma comunidade daqueles que perambulam insones pela noite.

– Saúde. – Jonah e eu brindamos com os copos. Burt resmungou:

– Eu tenho de trabalhar à noite. Não sou um fracassado insone como vocês.

Myrna sacudiu a cabeça e cacarejou:

– Por que deixam Burt vir a esses almoços? Deviam bani-lo.

– Tem razão, Myrna – falou Larry.

– Não, não deviam não – disse Jonah. – Burt é o máximo. Adoro quando ele liga do posto da Amoco, e você escuta algum garoto ao

fundo pedindo um maço de Kool, e Burt lhe diz para ir para o inferno.

– Ele deixa Herb chateado – falou Larry. – Isso não é bom.

Myrna me cutucou e fez um gesto na direção de Jonah.

– Esse rapaz é seu namorado?

– Não – falei. – Somos só amigos.

– É mesmo? – Ela deu uma espiada nele. – Ele é bonito, de uma maneira meio desbotada. Posso ver por que se chama de Garoto Fantasma. – Ela se inclinou para perto e sussurrou: – Qual é seu nome verdadeiro, benzinho? Eu não conto para ninguém.

Olhei através dos óculos gatinho de Myrna nos olhos cor de avelã carinhosos. Algo nela me fazia querer lhe contar coisas. E meu nome verdadeiro não era um segredo. Eu só gostava de ter um pseudônimo.

– Beatrice – sussurrei.

– E o do seu amigo?

– Jonah.

– Obrigada por me contar – disse Myrna. – Não me incomodo que usem nomes falsos no rádio, mas não posso ser amiga de uma pessoa que não me diz seu nome verdadeiro.

– Eu entendo – falei.

– Então, por que você não namora com ele? – perguntou ela.

– Jonah? Eu gosto dele – falei. – Gosto muito dele. Ele é minha pessoa favorita em toda a cidade de Baltimore. Talvez do mundo.

– Então, qual é o problema? – disse Myrna. – Isso me parece amor. – Ela baixou a voz. – Ele é... você sabe... alegre?

– Ele é engraçado. – Aí percebi meu engano. – Ah, você quer dizer gay. Hum, acho que não. – Eu nunca havia realmente pensado nisso. Jonah era gay? Gostava de garotas? Eu não fazia ideia. Ele nunca falava sobre meninos *ou* meninas, a não ser para dizer o quanto não gostava deles. Ele não gostava de todos igualmente.

– Vocês dariam um casal muito bonito – falou Myrna. – O que estão esperando?

– Myrna, eu tenho audição biônica como o Homem de Seis Milhões de Dólares e posso ouvir cada palavra que você diz – interrompeu Larry. – Por que está incomodando essa menina? Ela não quer um namorado, não precisa ser pressionada. Ela e o Garoto Fantasma vão se apaixonar quando estiverem prontos.

– Mas eles foram feitos um para o outro – disse Myrna.

– Claro, como bolinho de siri e torrada – falou Larry. – Eu não disse que eles não iam ficar juntos *em algum momento*.

– Não era a Mulher Biônica que tinha superaudição? – perguntei.

– Eu não sei – falou Myrna.

Olhei para Jonah. Ele estava profundamente envolvido em uma discussão sobre beisebol com Don Berman.

– Os O's são o time do diabo, é por isso que não ganham – disse Don. – Eles estão do lado da Escuridão. E a Escuridão nunca vence no beisebol.

– Você está maluco – falou Jonah. – E Steinbrenner e os Yankees? Na minha opinião, Steinbrenner é o diabo.

– Steinbrenner é só um bom homem de negócios – disse Don. – E não me chame de maluco novamente. Não gosto.

– Desculpe, Don.

– Don Berman.

– Desculpe.

– “Desculpe, *Don Berman.*” Diga, garoto, antes que eu te dê um soco na cara.

– Desculpe, *Don Berman* – falou Jonah. – Jesus.

– Está usando o nome do Senhor em vão? – perguntou Don Berman. – Não me admira que os O’s sejam uma droga. São as pessoas desta cidade. Suas almas são deficientes! Deficientes, eu lhes digo!

– Fale baixo, Don Berman – disse Larry. Um fio de espaguete ficou preso em seu queixo.

– Diga a seu namorado para ficar longe de Don Berman – falou Myrna. – Ele começa brigas com todo mundo.

– Ele não é meu... Ah, deixe para lá.

Quando os pratos foram retirados, Myrna comentou:

– Preciso fazer xixi. Você vem comigo ao toalete?

Eu não queria fazer xixi, então falei não, obrigada. Myrna se levantou e saiu se balançando nos saltos altos, chacoalhando a cada passo.

– Ela usa muitas joias, não é? – perguntou Larry para mim.

– Sim – respondi.

– Eu gosto disso. E quanto a uma aliança de casamento? Você viu alguma?

– Não, só um anel azul enorme – informei.

– Ela é uma bela mulher – disse Larry. – Fico imaginando se gosta de caras cegos. Somos os melhores amantes, sabe.

– Faz sentido, eu acho.

Quando Myrna voltou, eu sussurrei para ela:

– Acho que Larry de Catonsville gosta de você.

Larry deu um tapinha na orelha esquerda.

– Biônica.

– Da próxima vez que você tiver de fazer xixi, nós conversaremos no banheiro – falou Myrna. – Você não pode ouvir através das paredes, pode? – perguntou a Larry.

– Talvez eu possa, talvez não – ponderou Larry. – Você não gostaria de saber?

– Não tenho nada a esconder – afirmou Myrna.

– Não acredito nisso nem por um segundo – disse Larry. – Qualquer mulher que valha a pena tem muito o que esconder. É disso que eu gosto nas mulheres.

– Você não quer saber meus segredos – falou Myrna.

– Quero sim, e tenho formas de descobrir – continuou Larry. – Vamos mostrar a esses garotos como se faz, Myrna. Saia comigo.

Myrna não falou nada.

– Devo avisá-la, eu não dirijo – acrescentou Larry.

– Não saio com pessoas que só conheço pelo rádio – disse Myrna.

– Quer melhor forma de conhecer alguém? – falou Larry. – Eu ouço sua voz toda noite e penso: esta é uma boa mulher, animando as pessoas com poemas e ideiazinhas engraçadas. E com uma voz assim, ela também deve ser linda. É, Garota Robô?

– Muito – respondi.

– Eu sabia – falou Larry.

– Bem, você não é tão bonito – disse Myrna. – Não é nenhum Elvis. Não é nem o Tom Jones.

– Elvis é um padrão muito alto para exigir de um homem – afirmou Larry.

– É uma pena – disse Myrna. – Este é meu padrão. Elvis é meu ideal e vou continuar com ele. – Ela apertou a boca em uma linha vermelho-rubi firme.

Larry ficou em silêncio pelo resto do almoço. Durante a sobremesa o ouvi cantarolando “After the lovin’” baixinho. Myrna também ouviu.

– Não conte com o ovo, Larry – advertiu ela.

Depois do almoço, voltando para casa pela cidade na Gertie, Jonah falou:

– Você está decepcionada?

– Decepcionada? – Puxei um fio de nylon espetado para fora do estofamento de vinil. – Não. Por quê?

– Por conhecer aquelas pessoas do rádio pessoalmente – disse ele. – Ver como elas são. Observá-las interagindo em tempo real, com comida no meio dos dentes e verrugas no queixo e bengalas brancas para ajudá-las a andar e sapatos marrons baratos.

– Bem, eu... – Alguns dos Night Lights realmente pareciam diferentes do que eu havia imaginado. Mas, depois que os vi, meus retratos imaginários estouraram como bolhas de desenho animado e seres reais se solidificaram na minha mente. – Eu sabia pela voz dele que Don Berman usava sapatos marrons baratos.

– Mas nunca tinha realmente pensado sobre isso, certo? – disse Jonah. – Você nunca pensou, *Aposto que os sapatos dele são feios. Se eu perguntasse, Você acha que Don Berman usa sapatos marrons baratos?*, você provavelmente diria sim. Mas, a não ser que alguém mencionasse sapatos, você só pensaria no que ele estava dizendo. Como devia ser o mundo dentro da cabeça dele. Era o que eu fazia.

– Eu não – falei. – Imaginei apartamentos e casas e roupas e penteados para todos eles. Imaginei o posto Amoco de Burt e sua camisa de trabalho cinza manchada de óleo... É claro que eu estava errada em relação a muita coisa. Achei que Myrna fosse ruiva, por algum motivo. Achei que Herb seria mais bonito. E não adivinhei que Larry era cego... Você está decepcionado?

– Sei lá – falou Jonah. – Eu gosto de todos eles, não é isso. Mas escuto o programa há quatro anos. Esta é a primeira vez que vi uma daquelas figuras. Na minha cabeça, eles eram quase mitológicos, como piratas ou fadas ou bruxas. – Ele sacudiu a cabeça, como se para afastar as visões. – É minha culpa. Meu cérebro está um caos.

– O programa vai continuar sendo tão bom quanto era, você vai ver – eu disse. – Talvez até melhor. Antes, os outros ouvintes eram como personagens em uma peça. Agora vão ser como uma família.

– Talvez seja disso que eu tenha medo – falou Jonah.

– Ah. – Eu me afundei no assento, percebendo o que havia acabado de dizer. – Tem razão. Bem, não vamos deixar que eles sejam da família do jeito que *nós* conhecemos família. Eles serão personagens... em um filme no qual vivemos.

– Isso é melhor – concordou Jonah.

Ficamos em silêncio no resto do caminho para casa, perdidos em nossos próprios pensamentos. Eu estava pensando em Myrna, imaginando o que ela diria se um dia conhecesse minha mãe. Eu não sabia no que o Jonah estava pensando, mas ele provavelmente estava pensando em Matthew e na nossa visita no dia seguinte. Quando encostou na frente da minha casa, ele disse:

- Eu venho pegá-la amanhã ao meio-dia.
- Vou estar pronta – afirmei.

Matthew estava a menos de um dia de distância.

CAPÍTULO 13

O Sanatório St. Francis ocupava o terreno de uma antiga propriedade na comarca de Baltimore. O prédio principal era uma mansão desconexa de pedra, coberta de trepadeiras, bem-cuidada e elegante a não ser pelas barras de ferro nas janelas.

No domingo à tarde, Jonah e eu abordamos uma enfermeira sentada atrás de um vidro na recepção.

– Meu nome é Jonah Tate e estou aqui para ver meu irmão, Matthew Tate.

A enfermeira ergueu os olhos, surpresa. Ela folheou uma agenda.

– Não vejo seu nome aqui...

– Eu não telefonei – disse Jonah. – Foi uma coisa meio de improviso. – Jonah tinha medo de que, se marcasse uma hora para ver Matthew, o pai descobrisse e tentasse nos deter.

– Devia ter marcado uma hora – falou a enfermeira.

– Eu sei, mas sou um cara impulsivo – explicou Jonah. – Vamos, é Natal. Está vendo aquela guirlanda? Está ouvindo essa música? Meu pobre irmão está sozinho.

– Só um segundo. – A enfermeira desapareceu em uma sala nos fundos. Alguns minutos depois reapareceu e disse: – A Dra. Kramer virá falar com vocês daqui a pouco.

Nos sentamos em um banco debaixo de uma guirlanda gigantesca e esperamos.

– Ele é igual a você? – sussurrei. – Vocês são idênticos?

– Somos – falou Jonah. – Vamos descobrir como eu seria sem controle motor.

A Dra. Kramer andou na nossa direção pelo corredor comprido, os saltos batendo no chão encerado. Era uma mulher magra e elegante, com cabelo muito bem penteado e um terninho de tweed marrom. Estava carregando uma pasta debaixo de um dos braços.

– Jonah? – Nós nos levantamos. Ela ofereceu a mão a ele para cumprimentá-lo. – Isso é uma surpresa. Sou a Dra. Kramer. A supervisora do St. Francis.

– Esta é minha amiga, Beatrice Szabo – disse Jonah.

– Onde está seu pai? – perguntou a Dra. Kramer.

– Ele não veio.

– Entendo. Você tem a permissão dele para estar aqui?

– Eu preciso? – perguntou Jonah de volta.

– Você é menor de idade, não é? – A Dra. Kramer abriu a pasta e correu o dedo por uma página. – Irmão: Jonah Martin Tate. Você é irmão gêmeo de Matthew, correto? Então só tem 17 anos.

– Vou fazer 18 na primavera – falou Jonah, e um tom de lamúria que eu nunca ouvira antes invadiu sua voz.

– Talvez eu deva ligar para seu pai e pedir permissão – disse ela.

– Ele vai dizer não – falou Jonah.

– Bem, ele é o responsável por Matthew – disse a Dra. Kramer. – Tenho de respeitar suas vontades.

– E quanto às vontades de Matthew? – perguntou Jonah. Ele puxou o cartão de natal. – Ele me mandou isto. Sei que quer me ver.

A Dra. Kramer pegou o cartão e olhou para ele.

– Isto não foi mandado por Matthew. Não sei como recebeu isto, mas Matthew não tem como mandar correspondência.

Jonah apontou para o pedaço de pelo do Gatso.

– É dele. O pelo vem de seu brinquedo favorito. Eu posso provar.

– Isso não é necessário. – A Dra. Kramer devolveu o cartão.

– Meu pai veio visitar Matthew?

– Não recentemente – admitiu a Dra. Kramer.

– Por favor, deixe-me vê-lo – pediu Jonah. – Só um pouco. Que mal pode fazer? Papai nunca precisa ficar sabendo. Quem é que vai contar?

– Você poderia – falou a Dra. Kramer –, ou sua amiga.

– acredite, não vamos contar – disse Jonah. – Já conheceu meu pai?

– Não, só falei com ele pelo telefone.

– Se o conhecesse, saberia que a melhor maneira de lidar com ele é pelas costas – afirmou Jonah.

– Dra. Kramer – eu falei –, ele procurou Jonah. Matthew o procurou.

– Ele não pode procurar nada. É algum tipo de engano. – Ela franziu o cenho para o cartão. Olhou para mim e para Jonah, nos avaliando. Jonah endireitou a postura.

– Ele está na sala de recreação – disse ela. – Mas prepare-se, Jonah. Parece calmo e bonito no prédio principal, mas os

pacientes... a maioria deles não é calma nem bonita. Você pode ficar alarmado.

Ela chamou uma enfermeira.

– Pode levar o Sr. Tate e a amiga para ver Matthew Tate na sala de recreação?

A enfermeira assentiu. A Dra. Kramer disse a Jonah:

– Se quiser falar comigo depois, a enfermeira pode levá-lo ao meu escritório no andar de cima. Boa sorte. E não fique muito tempo.

– Obrigado – falou Jonah.

Seguimos a enfermeira através de uma passagem anexa para outro prédio. Este não era nenhuma mansão, parecia mais com uma escola primária.

Um murmúrio foi ficando mais alto conforme andávamos pelo corredor. A enfermeira abriu a porta para uma sala grande, parecida com um ginásio de esportes, e o murmúrio virou um rugido. A luz do sol entrava por janelas altas gradeadas espalhadas perto do teto. A sala me fazia lembrar um refeitório, cheia de pessoas se contorcendo, tremendo, gritando e resmungando, muitas em cadeiras de rodas e com capacetes na cabeça para protegê-las de quedas. A maioria era de adultos, mas havia algumas crianças e adolescentes amontoados em uma mesa em torno de um pedaço de massinha amarela. Um assistente estava por perto, impedindo uma garota de enfiar a massinha na boca. Independentemente de quantas vezes o assistente dissesse não, a menina não parava de tentar comê-la.

Um garoto estava sentado à mesa em uma cadeira de rodas, de capacete e preso com tiras para ficar ereto. Ele batia na massinha com uma das mãos. Antes que a enfermeira dissesse uma palavra, soube que era Matthew.

Mechas de cabelo louro saíam de debaixo do capacete. Os olhos apagados e desfocados eram de uma cor branco-acinzentada familiar, mas não tinham a argúcia e a mordacidade dos de Jonah. Se os olhos de Jonah eram gelo do lago, os de Matthew, no rosto inexpressivo, eram leite desnatado. Dava para ver que eram gêmeos, mas ainda assim Matthew não parecia nada com Jonah.

– Aqui está ele – falou a enfermeira, inclinando-se na direção de Matthew. – Matthew, este é seu irmão, Jonah. Ele veio visitá-lo. – Ela ficou ereta e disse para Jonah: – Não sei se ele entende ou não. Ele não consegue falar ou se comunicar de maneira alguma, então é difícil ter certeza.

Mas os olhos de Matthew ficaram ligeiramente mais sagazes. Ele reconheceu Jonah.

– Oi, Matthew. Feliz Natal – disse Jonah. – Eu devia ter te trazido um presente, mas não sabia do que você precisava.

– Tenho certeza de que a sua visita é presente suficiente – falou a enfermeira.

– Mas ele iria gostar de algo, uma lembrancinha – comentou Jonah. – Algo especial. Um livro, talvez? Um livro com desenhos?

– Não sei o quanto significaria para ele. Matthew adora bater em massinha. E ama aquele gato de pelúcia. Ele o trouxe consigo quando chegou. Está praticamente caindo aos pedaços.

O gato de pelúcia – pequeno, sujo, amarelo, com listras de tigre pretas e pelo gasto – estava no colo de Matthew, amarrado ao braço da cadeira de rodas. Era o negativo da Srta. Frankenheimer do Mal, só que muito mais gasto. Jonah esticou a mão lentamente para pegá-lo.

– Gatso – falou Jonah.

Matthew se sacudiu.

– Uh! Uh!

– Acho que ele entendeu – eu disse.

– Não sei, não – falou a enfermeira. – Às vezes parece que eles entendem, mas não entendem. É só uma coincidência. Ou estão reagindo à outra coisa.

– Isso é loucura – disse Jonah. – É claro que ele conhece o Gatso. Matthew o tem desde que era bebê.

Ele levantou Gatso e o fez dançar na frente de Matthew como se estivesse lutando esgrima com um oponente invisível. Matthew observou atentamente, aí se sacudiu novamente e gritou “Uh!”. Depois bateu na massinha amarela.

– Gatso e a Srta. Frankenheimer do Mal costumavam lutar esgrima o tempo todo – falou Jonah. – Matthew adorava.

Os outros pacientes observavam Jonah brincar com Matthew, seus rostos inexpressivos, seus olhos seguindo cada movimento de Gatso. Jonah parecia diferente sob a luz fluorescente da sala: mais sólido, de alguma forma.

Um ajudante apareceu ao lado da enfermeira e disse:

– Vou levar Matthew. Está na hora da medicação dele. – O assistente ficou atrás da cadeira de rodas de Matthew, pronto para

levá-lo embora. Jonah se levantou em um pulo.

– Nós acabamos de chegar. Dê mais alguns minutos. Por favor.

– Temos horários rígidos – falou o ajudante. – Você pode visitá-lo outra hora.

– Este é o problema – disse Jonah –, não sei se posso. Eu não o vejo há dez anos.

– É mesmo? Hum – falou o ajudante –, então pode esperar mais uma ou duas semanas antes de vê-lo novamente. Vamos, Matthew.

– Ele empurrou a cadeira de Matthew. A coleira de Gatso se esticou com o puxão e Jonah o jogou no colo do irmão. Matthew não se virou para olhar para nós. Talvez não conseguisse. Só sacudiu as pernas um pouco.

– Ele vai voltar logo? – perguntou Jonah. – Da hora da medicação?

– Não. O horário de visitas acabou – disse a enfermeira. – Gostaria de ver a Dra. Kramer?

– Agora não – falou Jonah. – Eu voltarei em breve. Qual é o horário de visitas aos sábados?

* * *

– Acho que ele se lembrou de mim – disse Jonah no carro no caminho para casa. – Você acha que ele se lembrou de mim?

– Sei que sim – assegurei.

– Tudo vai ser diferente agora – garantiu Jonah.

CAPÍTULO 14

Na manhã de Natal, minha mãe caiu da escada, arrancando a guirlanda do corrimão. Depois, vomitou.

Ela pareceu estar bem depois disso.

– Só me deixem descansar um minuto – falou, do tapete do hall –, aí podemos abrir os presentes.

Nós a levamos para o pronto-socorro, de qualquer maneira, para nos assegurarmos de que ela não tinha uma concussão.

– Sua mãe está um caco – falou papai. Ficamos sentados em cadeiras amarelas na sala de espera do hospital. A minha estava rasgada. Fiquei puxando o rasgão, fazendo-o crescer.

– Como você descobriu? – eu disse.

Mamãe não tinha uma concussão. Seu tornozelo doía um pouco. O médico achou que o vômito fora uma coincidência. Ela andava vomitando muito ultimamente, e por acaso vomitou de novo depois de cair da escada.

Voltamos para casa e continuamos nossos rituais de Natal (depois que eu limpei o vômito do tapete) como se estivesse tudo normal. Sentamos na frente do fogo e abrimos nossos presentes um de cada vez enquanto Bing Crosby tocava no aparelho de som. Então tomamos café da manhã, mesmo já sendo 14h30. Nosso Natal

estava atrasado porque passáramos muito tempo esperando no hospital.

Telefonamos para minha tia, tio e primos em Denver para lhes desejar feliz Natal. Ligamos para a vovó na Flórida. Às 18h estava na hora de comer. Sempre comíamos a ceia de Natal às 18h.

Mas não estávamos com tanta fome, porque havíamos acabado de tomar café. E o peru não estava pronto. Parecia rosa por dentro. Papai disse que ainda não podíamos comê-lo ou poderíamos ficar seriamente doentes.

– Acho que já tivemos doença suficiente hoje – falou ele e colocou o peru de volta no forno.

– Devíamos ter feito frango em vez disso – disse mamãe com olhos lacrimosos.

Eu bati com a cabeça na mesa. Meu pai acariciou meu cabelo.

– Eu entendo – falou ele – mas não se machuque.

Às 20h, me servi de um prato de recheio de peru, purê de batatas e creme de espinafre e fui para a sala de estar assistir à *A Felicidade Não se Compra*. Eu podia assistir a esse filme um milhão de vezes. Podia assisti-lo todos os dias pelo resto da minha vida e nunca enjoaria.

As pessoas acham que *A Felicidade Não se Compra* é um filme meloso, mas estão erradas. É triste. George Bailey não é nenhum santo. Ele está zangado. Odeia a família. Quer viajar pelo mundo e ter aventuras, mas a família vive impedindo. Ele até diz para a esposa “Por que temos de ter todos esses filhos?”. As pessoas dizem a si mesmas que George não quis dizer isso, que só está chateado naquele momento. Mas ele quer dizer isso sim. Claro, ele ama a

esposa e os filhos, daquela maneira inevitável que as pessoas amam suas famílias. Está preso a eles, então tira o melhor que pode de uma situação ruim. Ele é um herói porque faz algo de bom com uma vida que não quer. Eu gostaria de ser capaz de fazer isso. Espero que seja algo que se possa aprender.

Lá pelas 22h, o peru estava pronto. Papai e eu nos sentamos na cozinha e o comemos com molho de cranberry. Mamãe já havia levado uma bolsa de água quente para a cama no quarto de visitas.

– O peru está bom – falei, mais para ser educada.

– Um pouco seco – disse papai.

E este foi o Natal.

– Por que você quer passar o Ano-Novo com aquelas pessoas horríveis? – Jonah me perguntou no dia seguinte. – O jeito como você começa o ano é a forma como vai passá-lo.

– Isso é superstição e você nem acredita nisso – falei.

– Acredito, sim – disse Jonah. – Acredito absoluta e completamente.

Eu estava recostada no banco perto da janela do meu quarto, enrolada em um cobertor. Jonah estava me desenhando a lápis e nanquim. Ele tinha de desenhar um autorretrato para seu portfólio de artes. Por algum motivo, estava me desenhando em vez disso.

– Achei que íamos passar a noite de Ano-Novo juntos – falou ele.

– Talvez ir de tapete voador para Ocean City ou alguma coisa assim.

– Quer dizer passar a noite de Ano-Novo ouvindo o Night Light? – eu disse. – O programa vai estar no ar a noite toda. Podemos ouvir depois da festa.

– Podíamos ir até a estação e dizer oi para o Herb. Para lhe desejar um feliz Ano-Novo.

– Tenho certeza de que ele adoraria isso.

– Podíamos ir ao centro da cidade. Eles sempre fazem alguma maluquice no Carmichael's. Ou talvez Kreplax esteja dando uma festa.

Jonah não estava dizendo o que realmente queria fazer. Ele queria ir ao St. Francis e brindar o Ano-Novo com Matthew. Mas o sanatório estava fechado para visitas naquela noite.

– Venha à festa de Carter – falei. – Assim vamos estar juntos.

– Mas você vai estar com aquele horroroso.

– Ele não é tão horripilante quando você o vê de perto.

– É, sim. Ele não serve para você. E ele não é legal. Todo mundo acha que é, mas não é. Sabe por que ele usa aqueles óculos? Para que você não possa ver o brilho maligno em seus olhos.

– Só porque ele é bonitinho não significa que é do mal. – Eu me levantei para ver como o retrato estava progredindo.

– O que você está fazendo? – disse ele. – Senta ali de novo.

– Eu quero ver. – Olhei por cima do ombro dele. O retrato era muito bom. O engraçado é que, apesar de o desenho claramente me retratar, o meu eu físico (o cabelo castanho liso, o rosto redondo, o pescoço magricelo), algo a respeito dele me fazia lembrar de Jonah. Era como se ele estivesse preso dentro de mim, olhando para fora através dos meus olhos.

– Volte para a sua pose, escrava artística – falou Jonah. Voltei para meu banco à janela, inflei as narinas e apertei as bochechas com as mãos para fazer uma careta.

- Pare com isso.
- Não até você prometer ir à festa de Carter.
- Está bem, eu prometo.
- Sério?
- Sério.
- Jura?
- Quer por favor parar de fazer essa careta? É horrenda.
- Jura?
- Juro.

Soltei minhas bochechas e deixei o rosto voltar ao normal.

– Ah, graças a Deus. – Ele voltou a desenhar – Você não vai na excursão de esqui semana que vem, vai?

– Não, é claro que não. – O Clube de Atividades Externas organizara uma excursão de esqui de um dia para Poconos. – Odeio sentir frio.

– Droga. Nina está no meu pé para tirar umas fotos. Para o *Yodelay-hee-hoo*. Você sabe, idiotas fazendo acrobacias em seus esquis, posando com a bunda de fora, Meath caindo em uma pilha de neve com várias garotas por cima...

– Acho que vai ter de arrumar outra pessoa para fazer isso – falei. – Ou vá você mesmo na excursão.

– Não vou andar seis horas de ônibus só para ficar no frio e tirar fotos de pessoas com óculos de esqui.

- Por que virou editor de fotografia, por falar nisso? – perguntei.
- Não tem nada a ver com você.
- Para ter controle – disse ele.
- Do que você está falando?

– Como editor de fotografia, eu posso moldar a história da nossa classe. Escolho quais fotos entram e quais não.

– Mas também tem de organizar um monte de fotos cafonas em grupo e cobrir excursões – falei.

– É o preço que eu pago.

– Mas por quê? Por que você se importa com a história da nossa classe?

– Porque sim. Além do mais, preciso de algo para botar na minha inscrição para a escola de Belas Artes além de “Se tranca no quarto e desenha o dia inteiro”. Nem mesmo escolas de arte aceitam psicopatas.

– Acho que não.

Carter Blessing morava perto do campus da zona rural, em uma casa moderna de vidro em Owings Mills. Tom Garber estacionou no final de uma longa fila de carros, e nós andamos pela estrada escura e arborizada. Uma crosta de neve foi esmigalhada debaixo das minhas botas. Dentro da casa, a música estava alta, as luzes estavam baixas e todo mundo parecia bem-vestido, tentando fingir que isso era um evento glamouroso, não apenas outra festinha.

– Feliz Ano-Novo, galera! – gritou Carter. O vestido de paetês brilhava. – Chegaram na hora perfeita, meus pais acabaram de sair. Aqui, peguem um chapéu e uma corneta e um pouco de confete ou outra coisa qualquer, se quiserem. – Ela prendeu um cone de papelão na cabeça de Tom.

– Jonah já está aqui? – perguntei.

– Quem? – Carter fez uma careta. – Sei lá.

– Ele vai chegar. – Tom pegou meu braço. – Você está comigo, não com o Jonah.

Mais cedo naquela noite, antes de Tom me pegar, minha mãe e eu arrumamos nossos cabelos juntas no banheiro dela. Ela parecia melhor desde o Natal. Ela e papai iam a uma festa de Ano-Novo no Clube dos Docentes de Hopkins naquela noite.

– Tenha cuidado quando Tom beijá-la hoje à noite – disse ela. – Se você vir faíscas prateadas, vai ter problemas.

– Faíscas prateadas? – falei.

– Você vai querer ver esses brilhos de novo – disse ela. – São como uma droga. São como, sei lá... cocaína ou algo assim.

Olhei fixo para ela.

– Você está usando cocaína?

– Não é essa a questão – argumentou.

– Então você *está* usando cocaína? – Talvez um vício em drogas explicasse o comportamento estranho.

– Não, Bea. – Ela prendeu o cabelo escuro para cima com uma presilha chinesa de galo. – Não seja ridícula.

– Você já cheirou cocaína *alguma vez*?

– Pare, querida. Estou falando de amor, não de drogas.

– Bem, se está falando de amor, por que você falou em cocaína?

– Eu estava fazendo uma analogia. Esqueça...

– O que você está tentando me dizer? – falei. – Que eu não deveria beijar Tom hoje à noite?

– Não – disse ela –, eu não quis dizer que não devia beijá-lo... É só que, se você vir faíscas quando o beijar, então, você sabe...

– Sei o quê?

– Ele vai assombrá-la – falou ela. – É só isso. As faíscas prateadas são viciantes. Ah, é isso, foi por isso que eu falei em drogas.

– E é assim que você sabe que está apaixonada? – perguntei. – Faíscas prateadas?

– Não apaixonada. Vidrada. São duas coisas diferentes.

Ela não olhava nos meus olhos. Estava tentando me dar conselhos, mas, como sempre, seus conselhos eram malucos.

– E se ele a derreter e fizer com que vire uma poça gordurosa de queijo? – ponderei, pensando no olhar de micro-ondas do Tom. – É a mesma coisa que ver faíscas?

– Queijo derretido? Eu nunca devia ter dito nada. – Ela ligou o secador de cabelo. Fim da conversa.

Eu esperava beijar o Tom à meia-noite. Para mim, ele estava mais para derreter do que para produzir faíscas, mas também eu nunca o havia beijado, então o que é que eu sabia?

– Vamos pegar uma bebida – disse Tom. – Cerveja ou champanhe?

– Champanhe, por favor – falei.

Fomos para a cozinha, e Tom pegou bebidas para nós. Através de uma porta de correr feita de vidro, eu vi pessoas fumando em um pátio nos fundos, olhando para uma fonte sem água.

– Aquela é Meredith? – Tom tirou o chapéu de festa e deu uma espiada nos fumantes. – Não, ela nunca usa o cabelo para cima desse jeito. – Ele sorriu para mim, aí olhou para fora novamente. – Será que é? Não. Não pode ser.

Era Meredith, uma das garotas magricelas da Radnor que haviam aparecido na festa da Tiza em setembro. Eu podia ter dito isso a ele, mas decidi não dizer. Eu tinha certeza de que ele sabia.

Anne Sweeney entrou na cozinha com ASUE e Tiza.

– Vocês precisam ir dançar. Ninguém está dançando.

– Está bem – falou Tom. – Quer dançar?

– Tudo bem.

Dançamos em grupo, Tom, Anne, ASUE, Tiza e eu. Alguns garotos se juntaram a nós. As pessoas perambulavam pela casa. Walt Carrey estava sentado sozinho em um sofá. Ele acenou para mim.

– Ei, otário! – Tom chutou de brincadeira os pés do Walt. – Vai vir dançar com a gente ou vai ficar sentado sozinho aí a noite inteira?

Walt ficou de pé.

– Se você insiste.

– Eu insisto que você pare de ser tão otário – falou Tom.

Walt dançou, sacudindo seu tufo de cabelo.

– Espaz Mó-Dico, é como o chamamos – disse Tom. – Para um jogador de lacrosse tão bom, você com certeza não tem coordenação.

Walt sacudiu o cabelo com mais força. Tom riu. Eu presumi que ele estava implicando com Walt de uma forma amigável, atlética, de parceiro de farra.

– Vou pegar outra cerveja – falou Tom. Ele desapareceu. Terminei o champanhe e dancei mais um pouco com Walt e as garotas. Uma velha música do Gnarl Barkley começou a tocar, “Crazy”. As

meninas deram guinchinhos de felicidade e começaram a balançar os braços no ar.

– Já dançou o Batusi? – gritou Walt por cima da música.

– O o quê?

– O Batusi. Você sabe, Batman. – Ele demonstrou, fazendo um V do sinal da paz com as duas mãos, e então colocando os Vs em cima dos olhos para sugerir uma máscara do Batman. Ele arrastou os dedos pelos olhos enquanto balançava os quadris, o rosto completamente inexpressivo. – Uma Thurman e John Travolta dançaram em *Pulp Fiction*.

– Ah, o Batusi! – Eu me lembrava agora. Eu era fanática pelo Batman quando tinha 4 anos. O programa bobinho dos anos 1960, não os filmes obscuros e assustadores. Minha mãe tinha a série completa em DVD.

– Você é a Mulher-Gato e eu sou o Vingador Mascarado – disse Walt. – Santo rebolado, Mulher-Gato! Nenhum homem consegue viver só de combater o crime.

No meio de um mar de garotas que se balançavam, Walt e eu dançamos o Batusi. Tom não voltou. Quando “Crazy” deu lugar à “Rehab”, eu agradeci a Walt e perguntei à Anne se ela sabia onde Tom estava. Ela deu de ombros e sacudiu a cabeça no ritmo da música: *no, no, no*.

Olhei na cozinha e no pátio, mas Tom não estava lá. Deixei o grupo dos que dançavam e perambulei pelo corredor, seguindo as risadas até uma sala de jogos barulhenta. Tom estava sentado em um sofá na frente de uma tela grande jogando *GTA*. Meredith de pernas compridas estava sentada ao lado dele, torcendo.

– Pega! Pega aquele ali! Mata! – disse ela.

– *K-prrrr!* – Tom fez um barulho de explosão. – Os tiras me pegaram. – Ele sentiu o peso da minha sombra em suas costas e se virou. – Aí está você. Sinto muito, Bea, não consigo resistir a *GTA*. Minha mãe não permite lá em casa.

– Minha vez – falou Meredith.

– Ah... Meredith, esta é Beatrice.

– Oi, Beatrice. – Seus dentes brancos e retos estalaram o meu nome.

– Oi.

– Acabou que *era* Meredith fumando no pátio – disse Tom. – Eu nunca a tinha visto com o cabelo preso.

– E nunca mais vai ver de novo. – Meredith tomou os controles dele. – Faz meu rosto ficar parecendo com o de um cavalo.

– Você é louca – falou Tom – Faz você ficar... sei lá... bonita.

– Bonita como um cavalo – disse Meredith.

– Pare de cavar elogios – pediu Tom. – Quer jogar a próxima, Bea?

– Não, obrigada. Vou assistir. – Eu odeio videogames.

Enquanto Tom e Meredith se revezavam matando bandidos, pensei em Kreplax. E no cometa. O fim do mundo estava só a três semanas de distância. Naquele momento, dizimar a humanidade não parecia uma ideia tão terrível.

O relógio de Tom piscou. Onze e meia e ainda nada de Jonah.

Saí da sala de jogos e perambulei pela casa, espiando dentro de quartos escuros, perguntando às pessoas na fila do banheiro se haviam visto Jonah. Ninguém o vira.

Uma das camas tinha uma pilha de casacos em cima, ainda frios e com um cheiro fresco do ar noturno. Outra tinha corpos entrelaçados no escuro, rindo. No pátio, os fumantes enchiam a fonte vazia com guimbas de cigarro. Justine, Aislin, Harlan e Sphere passavam um baseado de mão em mão.

– Vocês viram Jonah? – perguntei a eles.

– Não. Acha que ele realmente viria a uma festa como esta? – comentou Aislin. – Não é a praia dele.

– O que mais ele faria no Ano-Novo? – perguntei.

– Sei lá – falou Harlan –, sentar-se em casa no escuro e assistir à maratona de *Star Trek*? É o que eu estaria fazendo, se Sphere não tivesse descolado esse haxixe.

Mas Jonah havia me prometido. Ele me disse que viria. Ele jurou.

Talvez tivesse acontecido alguma coisa. Um acidente de carro.

Imaginei Gertie derrapando para fora de uma estrada escura e congelada e batendo em uma árvore. Jonah caído no banco da frente, um corte sangrento na testa.

O que mais poderia ter acontecido? O carro não ligou? A casa pegou fogo? Um condenado em fuga entrou pela janela do quarto dele e o amarrou com fita isolante? Gemada envenenada?

Ou talvez eu só não fosse muito importante para ele.

Anne me puxou de volta para dentro da casa.

– Venha, é quase meia-noite! – disse ela. – Onde está Tom?

– Sei lá. Na sala de jogos, eu acho.

– Bem, vá buscá-lo. A contagem regressiva vai começar.

Alguém havia ligado uma TV e nós vimos a bola de cristal brilhar na Times Square, prestes a cair. Corri para a sala de jogos.

– Dez! Nove! Oito!

Abri caminho por casais bebendo champanhe, por foliões jogando cornetinhas de papel enrolado no meu rosto.

– Sete! Seis! Cinco! Quatro!

Por todo o caminho eu procurei por Jonah. Não queria que ele estivesse sozinho quando desse meia-noite. Eu devia estar com Tom, mas queria estar com Jonah.

– Três! Dois!

Não pude evitar de abrir a porta da frente, só para ver se ele estava lá, triturado por cima da trilha de cascalho. Mas não havia ninguém lá.

– Um! Feliz Ano-Novo!

Todo mundo gritou e se beijou. Abri caminho pela multidão até a sala de jogos para encontrar Tom. Cheguei um segundo tarde demais.

Meredith estava no colo dele e ele estava lhe dando um beijo de feliz Ano-Novo. Eles se beijavam como duas pessoas famintas que haviam acabado de descobrir o sorvete.

As faíscas prateadas já eram.

Eu mostrei o dedo médio para Tom. Ele não viu.

Voltei para a sala principal. Todo mundo menos eu tinha alguém para beijar, mesmo que fosse só um amigo. Mordi o lábio. *É melhor assim*, pensei. *Sentimentos fazem com que você enlouqueça*. Eu tinha de ficar me lembrando disso. *Você é a Garota Robô. Feita de metal*. Bati na minha barriga, pelos bons tempos, *tum tum*.

– Ei – Walt deu um tapinha no meu ombro. – Feliz Ano-Novo.

– Feliz Ano-Novo – devolvi.

Ele colocou uma coroa de papel na minha cabeça;

– Mostre-me sua melhor expressão de Rainha Elizabeth.

Eu fechei a cara.

– Você está bem? – falou ele.

– Estou.

Ele olhou para mim com expectativa, mas eu não sabia exatamente o que ele esperava.

– Quer dançar ou algo assim? – perguntou ele.

Ele era fofo, mas eu não podia evitar, estava amarga.

– Agora não – respondi.

– Que tal uma bebida?

– Está bem.

Walt foi aos pulos para a cozinha.

– Feliz Ano-Novo! – Anne jogou os braços em volta de mim e me deu um beijo na bochecha. – Onde está Tom?

– Na sala de jogos.

Ela franziu as sobrancelhas.

– Com Meredith?

Eu assenti.

– Aquele canalha. Eles namoraram no 1º ano. Acho que ele está gostando dela de novo.

– Achei que tinha dito que ele não repetia – falei. Eu me sentia ridícula só por me incomodar, a essa altura.

Anne deu de ombros.

– Eu estava errada.

– Escute... agora que é meia-noite, você acha que vai para casa daqui a pouco? – perguntei. – Preciso de uma carona.

– Agora? A festa está só começando!
– E daqui a uma hora?
– Vamos ver. Eu te dou uma carona, se você precisar, mas não agora.

– Está bem. Valeu.

Walt reapareceu com dois copos de plástico.

– Água tônica?

– Obrigada. – Eu peguei o copo. Nós brindamos e eu bebi, subitamente cheia de sede.

Precisei arrastar Anne Sweeney para fora da festa às 2h. Deixamos ASUE e Tiza no caminho para casa. Eram quase 3h quando Anne finalmente me deixou na frente da minha casa.

Fiz uma pausa na varanda da frente, me atrapalhando com a chave. Uma voz disse:

– Ei.

Eu dei um pulo. Jonah saiu das sombras.

– Como foi a festa? – perguntou.

– Um saco – confessei. – Por que você não foi?

– Eu simplesmente não podia – falou ele. – Mas estou aqui agora. Não poderia começar o ano sem você. – Ele me beijou na bochecha. – Eu te desejo um bom ano.

– Obrigada – falei. – Feliz Ano-Novo para você também. – Eu o abracei. Estava frio. Nossas respirações se misturaram no ar gelado.

– Quer entrar para tomar um chocolate quente de Ano-Novo?

– E seus pais?

– Se estiverem dormindo, tentaremos não acordá-los. Se estiverem acordados, vamos aturar a presença deles.

– Está bem.

Eu destranquei a porta.

– É você, Bea? – gritou meu pai do andar de cima.

– Sou.

– Como estava a festa? – Mamãe nos espiou do alto da escada. –

Ah – comentou quando viu Jonah –, acho que você não viu faíscas.

– Não, nenhuma faísca – falei. – Eu te conto tudo de manhã.

– Está bem. Boa noite.

Jonah e eu nos instalamos na cozinha. Coloquei água para ferver no fogão.

– Então, onde está seu acompanhante gato? – disse Jonah.

– Ele reatou com uma ex na festa.

– Isso é cruel. Sinto muito. – Ele apertou os lábios. Deve ter sido o maior esforço de sua vida não dizer “Eu avisei”.

– Vá em frente. Você está louco para dizer.

– Não. Não, não vou dizer. – Ele agitou de leve os lábios com os dedos para soltá-los, fazendo um som de *b-b-b-b-b*. – E aí, o que você fez?

– Eu mostrei o dedo para ele – falei, demonstrando. – Isso significa *vá se foder* em Robô.

– Isso significa *vá se foder* em qualquer língua – disse Jonah. – Na verdade não, mas deveria.

A água ferveu. Rasguei dois pacotes de mistura de chocolate quente, os despejei em canecas e acrescentei a água.

– Tenho uma confissão a fazer – falou Jonah. – Eu estraguei de propósito seu encontro com Garber no Alonso's.

– Achei que sim.

– Não foi totalmente mentira. Eu realmente encontrei o cartão de Matthew quando cheguei em casa naquele dia. E eu realmente estava entusiasmado. Precisava vê-la. Mas afastá-la de Garber não me chateou muito.

– Você me fez um favor.

– Quer saber o motivo verdadeiro para eu não gostar dele?

– Quero – confessei. Entreguei a ele a caneca e uma colher e me sentei à mesa da cozinha com ele.

– Foi Garber que começou todo o negócio do f-f-f-fantasma – disse Jonah. – Na sétima série, ele começou um boato de que eu estava morto. Não sei por quê. Aí, quando apareci, ele gritou como se estivesse vendo um fantasma.

– Anne me contou sobre isso – falei. – No primeiro dia de aula. Mas ela não me disse que foi Garber que começou.

– Ele fez um enterro de mentira para mim. Fez um elogio fúnebre ridículo de brincadeira sobre como ninguém ia sentir minha falta porque eu nunca havia existido, para começo de conversa.

– Isso é horrível – exclamei. – Por que ele foi tão cruel com você? Jonah mexeu o chocolate quente.

– Sei lá. As pessoas faziam muitas coisas cruéis na sétima série. Não só Tom e não só comigo. E, de certa forma, secretamente, eu meio que gostei. Aquele enterro fez os outros garotos prestarem mais atenção em mim do que haviam prestado em anos. Então se esqueceram de mim e passaram para outros alvos.

– Você gostou? Não acredito.

– Não, sério. Parte de mim sentiu, tipo, Matthew morreu e agora eu estou morrendo. É como as coisas devem ser. Eu me esqueci que, depois que você morre, as pessoas se esquecem de você.

– Nem todo mundo esquece. Você não esqueceu.

– Foi por isso que fiquei surpreso – falou Jonah. – Quando eles esqueceram.

– Bem, fico feliz que tenha me contado, apesar de ser tarde demais – admiti. – Tom já me dispensou.

– Você não teria me escutado antes.

– Talvez eu tivesse. Mas obrigada por tentar me proteger, de qualquer maneira.

– Eu não estava só tentando te proteger – explicou Jonah. – Eu também estava com ciúmes.

Foquei meu olhar na caneca, tentando evitar que meu rosto mostrasse surpresa.

– Ciúmes?

– Não desse jeito – disse Jonah. Então ele não ia confessar seu amor por mim. Senti alívio e decepção, misturados. Não tinha certeza de que queria ouvir uma confissão de amor, mas teria dado à noite um tom dramático.

– Eu estava com ciúmes como amigo – falou Jonah. – Um amigo muito intenso. Não quero dividi-la com ninguém, nem com seus pais. Sei que é esquisito e injusto, mas é assim que me sinto.

– Eu também quero você todo para mim – confessei. Nós dois naquela cozinha parecíamos mais uma família do que eu jamais fora com meus pais.

Ele riu.

– Não se preocupe. Você tem zero concorrentes.

– A não ser Matthew – falei.

Jonah riu de novo e assentiu, como se a ideia de competir com Matthew fosse ridícula. Mas não era.

– Essas cortinas são horrorosas, por sinal – disse ele, dando um puxão nas galinhas.

Ficamos acordados o resto da noite ouvindo médiuns no rádio fazerem previsões para o novo ano. Um terremoto. O casamento de uma celebridade. O cometa. Aí pegamos no sono no sofá da sala, embolados, meio cobertos por uma manta, enquanto o primeiro dia amanhecia cinza, rosa e gelado.

SETEMBRO OUTUBRO NOVEMBRO DEZEMBRO

JANEIRO

CAPÍTULO 15

O dia do grande desastre do cometa, 23 de janeiro, chegou e passou sem estardalhaço. Nenhum cometa colidiu com a Terra. As costas dos grandes continentes não foram inundadas, nenhuma praga adoeceu as pessoas do mundo, nenhum fascista alienígena invadiu o planeta. Não naquele dia.

Herb:

Como você explica isso, Kreplax?

Kreplax:

Devo ter calculado mal a data astronômica. Nunca fui bom em matemática...

Herb:

Podia ter nos contado isso antes de assustar a todos com suas previsões de destruição.

Kreplax:

É, eu poderia. Mas aí vocês não teriam me escutado.

Herb:

Acho que é o que estou tentando dizer...

Jonah escolheu aquele dia para visitar Matthew novamente. Cheio de dedos, ele tocou no assunto com o pai, que repetiu firmemente que não haveria visitas a St. Francis. Então Jonah tinha de ser cuidadoso para não alarmar a Dra. Kramer ou ninguém mais no sanatório. Ele queria que achassem que não havia problemas em irmos visitar, que tínhamos a permissão do Sr. Tate. Se a Dra. Kramer ligasse para verificar e o Sr. Tate proibisse nossas visitas, elas iriam terminar.

Eu sabia que isso acabaria com Jonah. Depois de tantos anos sem o irmão, uma visita de meia hora havia acordado uma parte perdida dele. Jonah mostrava um carinho fácil e absoluto por Matthew que eu nunca o vira demonstrar por mais ninguém. Incluindo eu.

Desta vez, Jonah levou a Srta. Frankenheimer do Mal. Ela estava muito menos gasta que o Gatso. Enquanto a Srta. Frankenheimer do Mal ficara no armário de Jonah todos esses anos, Matthew carregara Gatso para todo canto. As enfermeiras no St. Francis o haviam remendado para mantê-lo inteiro. Parecia que, se Gatso se desintegrasse, Matthew também se desintegraria.

Fomos levados à sala de recreação. Desta vez, os pacientes ouviam música enquanto as enfermeiras e os assistentes mexiam braços e pernas por eles. Uma espécie de malhação passiva. Quando o período de exercício acabou, nós nos aproximamos de Matthew. Ele parecia menos animado sem uma pilha de massinha na sua

frente. Estava afundado na cadeira, um fio de baba escorrendo pelo queixo.

– Oi, Matthew – disse Jonah. – Veja quem eu trouxe.

Matthew ergueu a cabeça. Não sei se foi a visão de Jonah ou da Srta. Frankenheimer do Mal, mas ele se iluminou. Jonah andou com a Srta. Frankenheimer pela perna de Matthew e a fez beijar Gatso.

– Ah, Gatso, senti tantas saudades – falou Jonah com uma voz de menina. Matthew agarrou Gatso como se estivesse tentando movê-lo, mas não conseguiu. Ou talvez estivesse se agarrando a ele, tentando protegê-lo.

– Sabe do que eu mais senti falta? – disse Jonah com sua voz de Frankenheimer. – Das lutas de espada!

Ele balançou a Srta. Frankenheimer, atacando Gatso e fazendo barulhos engraçados de luta. A boca de Matthew se abriu e a cabeça caiu para trás.

– Eu nunca o vi fazer isso antes – admirou-se a enfermeira.

– Ele está rindo – falou Jonah.

Era difícil dizer *o que* Matthew estava fazendo. Ele não estava tremendo, da maneira como a maioria das pessoas fazem quando riem. Mas continuava a abrir a boca com uma expressão de alegria. E toda vez que a enfermeira botava sua cabeça em pé, ele a jogava para trás de novo. De propósito.

– Pare de botar a cabeça dele em pé – pediu Jonah à enfermeira.

– Deixe-o fazer isso.

– Acho que não é bom para seu pescoço – argumentou a enfermeira.

– Acha que rir não é bom para ele? – questionou Jonah.

– Não tenho certeza de que isso é rir – respondeu a enfermeira gentilmente.

– Você não o conhece nem um pouco, não é? – falou Jonah. – Ele vive aqui há dez anos e ninguém o conhece de verdade.

– Jonah... – Eu toquei no ombro dele. Sua voz estava ficando mais alta.

– Você ouviu o que ela disse – falou Jonah. – Ela nunca o viu fazer isso antes. E estou lhe dizendo, é assim que ele ri. Isso significa que, em dez anos, Matthew nunca riu. Nem uma vez.

– Eu só trabalho aqui há dois anos... – contou a enfermeira.

– Mesmo assim – argumentou Jonah –, dois anos. Pode imaginar não rir durante dois anos seguidos? Que espécie de buraco é este?

– Acho melhor você se acalmar – pediu a enfermeira.

– Há algum problema aqui? – Um homem grande, um ordenança, se aproximou e colocou as mãos nos quadris de uma forma intimidante.

– Este visitante está criando problemas – falou a enfermeira.

– Eu estou criando problemas? *Eu* estou criando problemas? Eu coloquei meu irmão em uma cadeira de rodas? Eu o tranquei neste lugar? Eu o negligenciei tanto que ele estava com o olhar morto até me ver? Estes são os verdadeiros problemas. Não um pouco de barulho!

O ordenança o pegou pelos ombros.

– Vamos, garoto. Está na hora de ir embora.

Jonah lutou, mas o ordenança era forte e estava acostumado a lidar com pessoas difíceis.

– Não! Eu ainda tenho 15 minutos na minha visita!

– Você acabou de perdê-los. Na próxima visita, não crie problemas para a enfermeira ou será banido para sempre. Entendeu?

– Nós entendemos – eu falei, pegando Jonah pela mão e o levando para longe. – Venha, Jonah, nós voltaremos em breve.

Ele virou o rosto para olhar para Matthew, cuja cabeça havia caído para a frente de novo, os olhos fechados. O corpo ficou mole, a não ser por sua mão esquerda, que batia Gatso contra a bochecha.

Alguém de St. Francis deu um telefonema para o pai de Jonah. Disseram a ele que Jonah fizera uma visita e incomodara a enfermeira, o ordenança e Matthew.

– Que droga – resmunguei.

– Ele ficou tão furioso – disse Jonah –, tão furioso. Não o via tão irritado assim há muito tempo. Normalmente, ele é só calmo e frio, como um iceberg grande e assustador.

– O que ele falou?

– Disse que não tenho permissão para ir a St. Francis nunca mais. Ele pediu à Dra. Kramer para se assegurar de que eu fique longe, mesmo que tenham de botar uma foto minha na recepção. Falou que eu não tenho nada de me meter no tratamento de Matthew. Que eu devo fazer o que mandam, parar de me preocupar com Matthew e me preocupar mais comigo mesmo, porque corro o risco de me tornar um grande fracasso se não me contiver e me concentrar, se não fizer alguns amigos, ir para a faculdade etc. etc. Tudo em uma voz de destruição a decibéis de estourar os tímpanos.

Eu não conseguia imaginar o Sr. Tate gritando desse jeito. Ele parecera tão controlado quando o conheci.

Estávamos sentados no pátio do lado de fora do prédio da escola, tremendo sob o sol fraco de inverno. O sinal tocou. Estava na hora da Assembleia.

– O que você vai fazer? – perguntei.

– O que quer dizer? – falou Jonah.

– Sobre Matthew.

– Ah. Não sei.

Mas eu o conhecia e sabia que, agora que ele encontrara Matthew, ele não desistiria dele. De alguma maneira, Jonah ia voltar ao St. Francis.

– O que vai fazer depois da aula? – perguntei a Jonah no Morgue numa sexta-feira. – Quer ir comprar bugigangas?

– Não posso – respondeu Jonah. Depois ficou quieto.

Eu terminei meu queijo quente.

– Por que não? – finalmente perguntei.

– Dever de casa – esclareceu Jonah.

– Dever de casa? – confirmei. – Você nunca faz o dever de casa.

– E coisas do *Yodel* – completou ele.

– Mentira – falei.

– Pense o que quiser. É verdade – disse ele.

De jeito nenhum era verdade. Alguma coisa estava acontecendo.

– Você vai ao St. Francis, não é? – pressionei.

– Não.

– Vai, sim. O que você vai fazer, entrar escondido?

– Eu ainda não sei – falou ele.

– Posso ir?

– Desta vez, não. Por que nós dois deveríamos ser presos?

– Acha que eles vão prendê-lo?

– Quem sabe? – Ele ergueu suas sobrancelhas pálidas, dois traços de baunilha no rosto branco, e seus olhos faiscaram.

– Você voltou lá desde a última vez? – perguntei.

Ele fez que sim. Senti uma pontada de decepção. Ele fora sem mim, sem nem me contar.

– Eles não me deixaram entrar – disse ele. – Meu pai deve tê-los ameaçado. Ele controla o dinheiro. Vão fazer o que ele quiser.

– Então, o que você vai fazer?

– Promete que não vai contar a ninguém?

– Para quem eu contaria?

– Vou me disfarçar. Peruca, óculos, vestido....

– *Vestido?*

– Vou dizer que sou assistente social, sei lá. Vamos ver o que vai acontecer. Enquanto não suspeitarem de mim, não vão chamar a polícia.

– Eles vão saber que é você. Vai arrumar uma encrenca enorme.

– Não ligo. Tenho de ver Matthew. Quero me assegurar de que ele está bem.

– Precisa de roupas emprestadas?

– Talvez. Eu ia comprar no Exército da Salvação, mas se você tem alguma coisa que vá caber em mim...

– Eu ajudo – falei. Minha mãe e eu não tirávamos fotos fake de cinema há meses. Eu sentia falta de vesti-la e apontar uma arma

para sua cabeça. Mas ela não estava mais nessa. – Tenho montes de coisas, adereços, fantasias, maquiagem...

– Desde que eu pareça real – disse Jonah. – Lembre-se, tenho de parecer de verdade.

Eu estudei seu rosto assombrado – a pele pálida, os olhos fantasmagóricos – e pensei, *Isso pode não ser tão fácil.*

– Vá lá para casa depois da aula – falei. – Faremos o possível.

Às 19h naquela noite, a campainha tocou. Meu pai estava jantando no Clube dos Docentes, então mamãe e eu estávamos comendo empadão de frango na frente da TV. Estava passando *Jeopardy!* Eu estava separando as cenouras e evitando as ervilhas.

Havia passado a tarde ajudando Jonah a se disfarçar com uma peruca, um vestido e óculos. Fiz o melhor que podia para deixá-lo parecido com uma mulher de verdade, depois o observei sair de carro para St. Francis.

Blim-blom.

– Talvez seja Jonah. – O horário de visitas já teria acabado àquela altura. Eu me levantei para atender a porta. Era ele.

– Tome. – Jonah enfiou a peruca loura cacheada nos meus braços. O rosto, ainda com blush, parecia derrotado. Pude ver imediatamente que o plano não havia funcionado.

Eu o puxei para dentro.

– Mãe, nós vamos subir para meu quarto.

– Espere. Pare. Você não terminou seu jantar – falou ela sem tirar os olhos de Alex Trebek.

– Ignore-a – eu disse para Jonah. Nós subimos e sentamos na minha cama. – O que houve?

– Eu consegui confundir a recepcionista tempo suficiente para que me deixasse entrar – falou ele –, mas acho que não ando como uma garota, sei lá. Ela me seguiu pelo corredor. Comecei a correr, como um idiota.

– Ah, Jonah.

– Aí ela gritou “Pare!” e saiu correndo atrás de mim. Eu não parei, então ela berrou como uma louca para chamar os seguranças. Eles me derrubaram e arrancaram a minha peruca e disseram “Ahá!”. Eles realmente disseram “Ahá”. Então me botaram para fora. Disseram que da próxima vez vão chamar a polícia.

Fui até minha cômoda e enfiei um lenço de papel num creme para o rosto.

– Tem sorte por não o terem prendido desta vez.

– É – disse ele –, sorte. – Sua cabeça balançava em cima do pescoço, desviando-se inconscientemente de mim enquanto eu tentava tirar o blush de seu rosto.

– Fique parado – falei. – Eles ligaram para seu pai?

Ele deu de ombros.

– Não sei. Provavelmente. Ainda não fui para casa. – Ele chutou meus mocassins para longe, os únicos sapatos femininos nos quais conseguíamos enfiar seus pés. – Temos de tirar Matthew de lá.

– Mas ele precisa de cuidados especiais – argumentei. O lenço de papel ficou vermelho. Eu o joguei fora.

– Eu posso cuidar dele – falou Jonah. – Quando a escola acabar, posso ficar com ele o tempo todo. Eu costumava ajudar minha mãe

a tomar conta dele. É difícil, mas consigo.

Ele estava falando sério e eu sabia disso, mas não estava pensando sobre o que realmente dizia.

– O que você vai fazer até a escola acabar? – A formatura estava a seis meses de distância.

– Sei lá – disse ele. – Pensar. Bolar estratégias. Planejar.

– Eu te ajudo a pensar e bolar estratégias e planejar – ofereci.

– Está bem – disse ele. Mas seu meio-sorriso pesaroso na verdade dizia, *Você não pode.*

NOVEMBRO DEZEMBRO JANEIRO
FEVEREIRO MARÇO

CAPÍTULO 16

Odeio fevereiro. É o mês mais gelado do ano e aquele fevereiro foi ainda mais gelado que o normal. Nevou 15 centímetros, aí caiu uma chuva gélida durante uma semana até o mundo inteiro parecer ter sido entalhado em uma lama cinza-metalizada.

Em março, nevou de novo e então só choveu tediosamente. Os poucos dias de sol eram frios e ventosos e fluorescentes de uma maneira ofuscante, diminua-essa-luz, expondo as árvores nuas e grama marrom e outras feridas feias do inverno que ninguém estava pronto para ver. Eles se misturaram, fevereiro e março, em um longo e solitário final de inverno.

Meu pai tinha um cronograma de aulas pesado e passava longos dias no campus. Mamãe procurava emprego, algum tipo de trabalho artístico, mas ninguém estava contratando. Frequentemente a encontrava ao telefone, falando baixinho, como se não quisesse que eu escutasse. *Uma maneira estranha de falar com um patrão em potencial*, eu pensava, mas não perguntava. Só queria que ela arrumasse um emprego para que não ficasse assombrando tanto a casa quando eu chegava da escola.

O inverno a deixara mais magra do que nunca, com olheiras enormes. Ela começou a ir a uma terapeuta – papai a forçou – e

disse que estava ajudando. Se estava, eu não sabia dizer. Talvez ela não tirasse tantos cochilos, mas ainda fazia coisas estranhas como estacionar em uma colina sem puxar o freio de mão. Ela saiu da Livraria do Louie para descobrir que o Volvo havia descido a Charles Street e batido em outro carro estacionado. Depois que o carro foi consertado, ela o deixou ligado na entrada da garagem a noite inteira sem perceber. Pendurou uma galinha de plástico e uma medalha de São Cristóvão no espelho retrovisor, mas eles não trouxeram muita sorte para o pobre Volvo.

Quanto a mim, ficava acordada a noite inteira escutando rádio e, de manhã, abria caminho até a escola através do Mundo de Lama Cinza. Evitava Anne e as outras meninas quando podia; desde o Ano-Novo eu me sentia sem graça perto delas. Tom e Meredith estavam juntos agora e todo mundo sabia como isso havia acontecido. Todo esse negócio com Tom era meio humilhante. Eu não estava mais a fim dele, porém, apesar das minhas negativas, ASUE, Tiza e Carter pareciam achar que eu estava arrasada com a rejeição. *Igual à Lucy Moran*, diziam. Claro, eu tinha olheiras e cabelo sujo e um uniforme amarrotado e me arrastava pela escola olhando para o chão como se meu cachorro tivesse acabado de morrer, mas isso não tinha nada a ver com Tom.

Jonah matava aula pelo menos uma vez por semana, alegando estar doente. Mas ele estava lá numa manhã na Assembleia quando Lockjaw anunciou que os professores de Arte estavam aceitando inscrições para a Mostra de Arte da Primavera, em abril.

– Vamos fazer um projeto juntos – sussurrei para ele enquanto Nina Fogel subia ao palco para ameaçar os alunos do último ano a

respeito dos prazos iminentes do *Yodel* e como não cumpri-los arruinaria suas vidas.

– Não posso – falou ele. – Já comecei meu projeto.

– Já? – Eu enrijeci. – O que está fazendo?

– É segredo – disse ele.

– Conta – pedi.

– Não posso.

– Pode, sim.

– Não, não posso.

Fiquei soltando fumaça na minha cadeira por alguns segundos enquanto Nina resmungava:

– Vou imprimir páginas em branco, se for obrigada, vou mesmo...

– Me conta – insisti.

Ele balançou a cabeça.

– Silêncio, gente – disse Anne. – Estão perdendo a cena de Nina Mussolini. Dá para ver o jato de cuspe daqui. As duas primeiras filas deveriam estar usando casacos de chuva.

Logo depois da Assembleia, Nina me cercou e exigiu que eu começasse a tirar fotos para o livro do ano imediatamente, já que eu havia, na verdade, me oferecido como voluntária para a função. Então, naquela tarde, me peguei no ginásio de esportes, implorando para o time masculino de lacrosse para, por favor, ficarem quietos e irem até a arquibancada para posar para a foto do time.

O treinador finalmente os colocou em ordem, tacos na mão esquerda, capacetes debaixo do braço direito, Tom Garber na frente e no centro. Quando mirei a câmera nele, ele deu seu sorriso mais brilhante, e eu fiquei imaginando se gerações futuras de meninas,

olhando para esta foto da equipe, seriam derretidas pelo micro-ondas, através do filtro do filme e papel e anos. Talvez Tom derretesse as meninas do além, com olhos de raio laser, o legado duradouro do time de lacrosse da Canton.

Walt brotou de detrás de Tom. Ele também sorriu para mim e, olhando para os dois sorrisos, um acima do outro, me surpreendi com a diferença entre eles. O de Tom era mais brilhante, mas o de Walt era mais caloroso, se você conseguisse ultrapassar o brilho ofuscante dos dentes de Tom. Walt deu um tapinha no chumaço macio de cabelo no alto da cabeça, tentando em vão achatá-lo.

– Quando eu disser três – falei para eles. – Um, dois...

No três, Walt colocou dois dedos acima da cabeça de Tom, os chifres do diabo, sorrindo carinhosamente para mim o tempo todo. Talvez outro fotógrafo tivesse pedido uma segunda foto, mas eu decidi que a primeira estava boa.

– Perfeito – falei. Graças a Walt, o registro fora corrigido para a posteridade.

As garotas das gerações futuras haviam sido advertidas.

No dia seguinte, levei uma sacola de compras cheia de óculos e máscaras e chapéus para a escola com o objetivo de usar na foto do Comitê do Livro do Ano. Jonah que havia pedido, dizendo que tinha um conceito para nossa foto de grupo.

Dez integrantes do *Yodel* se reuniram no escritório do livro do ano depois das aulas para tirar a foto. Entreguei a sacola de adereços a Jonah e perguntei:

– Então, qual é o conceito?

– O conceito é: todo mundo usando um chapéu ou alguma coisa.

– Só isso? – falei. – Essa é a sua ideia brilhante?

– Por que temos de usar alguma coisa? – disse Nina.

Jonah deu a ela um chapéu de caubói e uma bandana.

– É divertido.

– Divertido? – falou Nina.

– Não gostou do chapéu de caubói? – Ele apontou para a janela para que ela pudesse ver seu reflexo. O chapéu lhe dava um visual atrevido completamente contraditório com sua personalidade.

Nina sorriu para a imagem.

– Claro, adorei.

– Muito bem, então – Jonah acenou com uma máscara de borracha do Richard Nixon –, quem quer ser um ex-presidente em desgraça?

– Eu. – Aislin pegou a máscara de Nixon. Eu usei um chapéu de pirata e uma máscara de ladrão. Jonah escolheu um gorro de esqui e uma máscara de gato de plástico do Dia das Bruxas. Os outros usavam perucas e máscaras de hóquei e narizes falsos e óculos engraçados.

– Isso é para que as pessoas não saibam em quem botar a culpa se o livro do ano ficar horrível? – perguntou Aislin.

– Não – disse Nina –, vamos botar legenda com os nossos nomes embaixo da foto como sempre fazemos. Certo, Jonah?

– Certo – respondeu Jonah. Ele puxou sua máscara para baixo.

– Está todo mundo pronto?

Ajustei o timer da câmera e fui para meu lugar no amontoado de *Yodelers* mascarados. Nina insistiu para que tirássemos cinco fotos

para garantir que pelo menos uma saísse boa. Então, terminamos.

– Por que você queria essas fantasias, na verdade? – perguntei ao Jonah enquanto as guardava.

– Como assim? – falou Jonah. – Eu sou o editor de fotografia. Queria uma foto interessante.

– Não, de verdade – insisti.

– De verdade – jurou ele.

Uma noite em março, comecei a esboçar meu trabalho de arte. Eu havia esperado que Jonah ficasse com o papel da minha mãe – o papel de Anthony Perkins – na reconstrução fotográfica da cena do chuveiro em *Psicose*, mas ele se recusou. Sem um parceiro, a cena do chuveiro não funcionaria – ela exigia uma Janet Leigh vítima (eu), boca aberta no meio do grito e, no mínimo, um braço empunhando uma faca. Eu podia perguntar à minha mãe se ela me ajudaria, mas eu realmente não estava ansiosa para colocar uma faca, mesmo que de borracha, ao seu alcance.

Eu precisava de uma nova ideia, algo que pudesse fazer sozinha. Sentei-me à minha mesa até tarde da noite, desenhando e pensando enquanto o rádio me fazia companhia.

Logo – em duas ou três semanas – iríamos descobrir onde faríamos faculdade. Jonah se inscrevera quase que só em escolas de belas artes, incluindo a School of Visual Arts em Nova York. Eu nos imaginei deixando Baltimore juntos, indo embora na Gertie em direção à nossa nova e emocionante vida. Nova York seria perfeita para nós. As pessoas se reinventavam lá. Em Nova York, você podia ser quem quisesse.

Aí me lembrei de Matthew. Tentei imaginá-lo no nosso apartamento caído-mas-aconchegante de Nova York, mas não conseguia vê-lo lá. Não conseguia fazê-lo se encaixar na situação. Como dois estudantes universitários iriam cuidar em tempo integral de um menino com deficiências graves? Jonah esperava realmente tomar conta do irmão sozinho?

Não, eu decidi. Ele não estava falando sério. Jonah entraria na faculdade de belas artes, e nós nos mudaríamos juntos para Nova York e visitaríamos Matthew quando viéssemos passar os feriados em casa. Tinha de ser isso que Jonah estava planejando. Eu não conseguia enxergar nenhuma outra maneira para que isso desse certo.

O Night Light Show começou. Aumentei o volume do rádio.

Herb:

Sou seu anfitrião, Herb Horvath, nesta noite gelada no começo da primavera. Não parece primavera, parece? Mas o calor está logo ali, não se preocupem. Muito bem, vamos começar. Primeiro ouvinte, você está no ar.

Myrna:

Oi, Herb. Adivinhe quem é.

Herb:

Myrna! O que está rolando em Highlandtown esta noite?

Myrna:

Não muito, Herb. Março é uma época do ano tão lúgubre. Espero que Dottie tenha se livrado daquela depressão, finalmente. Li alguma coisa no jornal a respeito disso... que era? Você sabe, meu vizinho é um senhor que nunca joga fora os jornais, e no outro dia eu o estava ajudando a abrir um caminho da cozinha para o banheiro e por acaso vi uma matéria antiga em um jornal que falava algo sobre esse lugar... Dizem que é o lugar mais feliz da Terra.

Herb:

Disneylândia?

Myrna:

Não, não a Disneylândia. Deus, não. Era um lugar inesperado, algum lugar estranho onde eles têm muitos cabeleireiros...

– Islândia – sussurrei para o rádio. – É a Islândia.

Herb:

Deus, não posso ajudá-la nessa, Myrna.

Myrna:

Ah, já sei. Era a Islândia. Isso não é engraçado? Mas a matéria dizia que as pessoas que cuidam de cabelo na Islândia são muito felizes. As pessoas mais felizes do mundo. Ou algo assim.

Herb:

Isso é muito interessante. Fico imaginando como descobriram isso?

Myrna:

Não faço ideia. Mas adoro ir ao salão de beleza, portanto a Islândia parece ser o lugar certo para mim. O que me diz, Dottie? Talvez você e eu devêssemos fazer uma viagensinha para lá e ver se você se anima um pouco.

– Eu vou – ofereci.

Herb:

[música de fadas] Parece um bom plano, Myrna. Temos de atender a outro telefonema. Boa noite.

Myrna:

Boa noite, Herb.

Herb:

Alô, você está no ar.

Garoto Fantasma:

Oi, Herb. Aqui é o Garoto Fantasma.

Herb:

Que bom saber de você. Como vai sua amiguinha?

Garoto Fantasma:

A Garota Robô? Ela está ótima. Tenho certeza de que está ouvindo hoje.

Herb:

E o que você anda aprontando, Garoto Fantasma?

Garoto Fantasma:

Não muito, Herb. Só pensando. Montando estratégias, planejando, pensando.

Herb:

Pensando no quê?

Garoto Fantasma:

Ah, você sabe. Coisas de Garoto Fantasma.

Herb:

Tenho medo de perguntar o que isso significa.

Garoto Fantasma:

Provavelmente é melhor que você não pergunte, Herb.

Herb:

E quanto a essas estratégias e planos?

Garoto Fantasma:

É segredo, Herb. Não posso falar muito sobre isso agora. Mas todos vão descobrir a respeito mais cedo ou mais tarde.

Herb:

Algum projeto importante, suponho?

Garoto Fantasma:

Um projeto artístico. Pode chamar assim. É claro que você pode chamar quase qualquer coisa de projeto artístico atualmente, né, Herb?

Herb:

[Rindo] Tem toda razão, Garoto Fantasma. Algumas das coisas que exibem naquelas galerias de arte no centro da cidade... Quero dizer, uma vez tinha uma tora de madeira no chão, e só! Uma tora comum e mais nada. Eu gostaria que alguém me explicasse como isso é arte.

Garoto Fantasma:

Eu também, Herb, eu também. *[música de fadas]* Bem, acho que é melhor eu dar lugar para outro ouvinte. Espero que vocês tenham uma noite maravilhosa.

Herb:

Para você também, Garoto Fantasma. Boa noite.

O telefonema de Jonah me irritou. Estratégias e planos? Do que ele estava falando? Seu projeto artístico? Eu podia guardar segredo, ele sabia que eu podia. Em vez disso, me provocava pelo rádio, me mandando uma mensagem secreta que todo mundo podia escutar.

Ouvi até tarde da noite, ainda desenhando. Pensei sobre o que Myrna dissera. Ela havia entendido os detalhes um pouco enviesados, mas obviamente lera a mesma história que eu ouvira no rádio, sobre os cabeleireiros felizes da Islândia, e isso me deu uma ideia.

O inverno é uma época morta. Desenhei e desenhei, procurando uma maneira de transformar o frio em uma coisa boa. Enquanto isso, só o que eu podia fazer era esperar que a primavera chegasse, que as coisas começassem a acontecer novamente.

NOVEMBRO DEZEMBRO JANEIRO FEVEREIRO

MARÇO **ABRIL**

CAPÍTULO 17

Na segunda semana de abril, os corredores da Canton zumbiam conforme as notícias das universidades pingavam. Minhas notificações estavam esperando na caixa de correio quando cheguei em casa da escola no dia 12 de abril. Quatro rejeições, mas eu entrara em Vassar e na NYU, então fiquei muito feliz.

Liguei para Jonah imediatamente.

– Já soube?

– Escola de Arte de Maryland e School of Visual Arts.

– SVA! Nova York, baby! Vou fazer aula de Fotografia com você.

– É. Yuuupie.

– O que houve? Não está animado?

– Animado com o quê? Mais aulas?

– É aula de arte, não aula-aula. A SVA não vai ser nada igual à Canton.

– Deus, espero que não.

– E vamos estar em Nova York! Juntos! Por nossa conta!

– Vamos ver.

Eu não entendi sua atitude.

– Jonah, é empolgante!

– Eu sei.

Meu entusiasmo parecia irritá-lo, então me controlei. Talvez ele estivesse certo. Talvez estivéssemos entusiasmados com nada. Só mais estudo. O que havia para comemorar?

No fim de semana seguinte, minha mãe e eu fomos à Nova York para visitar universidades. A ideia era que eu sentisse como era a vida universitária e decidisse onde queria estudar. Eu queria morar em um campus bucólico em Poughkeepsie? (Meus pais: *Sim, você quer.* Eu: *Não, não quero.*) Ou queria mergulhar de cabeça na cidade de Nova York? (Meus pais: *Não, você definitivamente não quer.* Eu: *Sim, eu quero muito, muito mesmo.*)

– Não vou estar sozinha se for para NYU – eu disse a eles. – Jonah vai estar comigo. – Ele não dissera se havia decidido ir para a SVA, mas eu sabia que iria. Que opção ele tinha? O que mais poderia fazer?

– Por que isso não me faz sentir seguro? – argumentou papai.

– Sei lá – eu disse. – Por quê?

Ele abriu a geladeira e vasculhou as garrafas e potes.

– Temos geleia de morango?

– Iremos à Nova York juntas neste fim de semana, Bea – decidi mamãe. – Vamos visitar as duas escolas, conversar com as pessoas e dar uma volta na cidade. Só nós, meninas. Vai ser divertido.

– A ideia é ficar com os alunos nos dormitórios – falei. – Não sair para passear com sua mãe.

– Acho uma ótima ideia – falou papai. Ele encontrou a geleia de morango e fechou a porta da geladeira. – Você e sua mãe estão

precisando passar um tempo juntas. Também gostaria de ir, mas não quero me meter no programa de garotas.

– Programa de garotas? – A ideia me dava repulsa. – Eu quero ficar no dormitório. Não podemos ir juntas para Nova York em outro fim de semana?

– Não, isso é perfeito – disse mamãe. – Está tudo combinado. Vamos para Nova York.

Isso não era perfeito. Estava tudo errado. Eu queria ir sozinha. Mas eles dois tinham enfiado esse plano na cabeça, e eu não ia conseguir fazê-los mudar de ideia.

Houve uma época em que eu teria gostado que minha mãe fosse visitar universidades comigo. Quando eu teria apreciado sua companhia. Quando não seria capaz de me imaginar tomando essa decisão sem ela.

Ela nunca foi a pessoa mais maternal da Terra, mas, antes de Ithaca, era como uma irmã mais velha ou uma babá favorita. Quando eu era pequena, costumávamos fazer uma tenda com cobertores na sala e ali dar festas do pijama – só eu, mamãe e meus bichos de pelúcia. Na quarta série, havia um garoto na escola que implicava comigo, então minha mãe fez bonecos de papel de mim e do valentão, e encenamos fantasias elaboradas de vingança. Eu nunca tive coragem de me vingar daquele menino na vida real, mas humilhar sua versão de papel me fez sentir melhor.

Então, depois que nos mudamos para Ithaca, ela começou a agir estranho – distante, como se guardasse segredos de mim. Talvez sempre tivesse sido estranha e eu só havia começado a perceber.

Tanto faz. Agora ela só parecia ser um obstáculo em torno do qual eu tinha de manobrar, alguém no meu caminho.

Sáímos na sexta de manhã cedo e dirigimos para Poughkeepsie. Mamãe e eu passamos o dia no campus de Vassar, visitando aulas, olhando os estúdios de arte, comendo no refeitório. Eu gostava de Vassar, mas isso não importava – estava determinada a me mudar para Nova York com Jonah.

Entramos em Manhattan e nos registramos no Washington Square Hotel. Em vez de fazer o tour do campus, andamos pelo Greenwich Village e paramos em um restaurante italiano para jantar. Mamãe estivera nervosa a tarde toda e, na hora do jantar, seu rosto estava verde-pálido. Achei que talvez estivesse chateada por eu ir para a faculdade, a filha única saindo de casa, e que a viagem fazia minha partida parecer real pela primeira vez. *Ela tem alguma maternidade no coração, afinal de contas, pensei. Ela vai sentir minha falta.*

– O que houve? – perguntei para ela. – Não gostou do seu linguini?

– Está ótimo. – Ela mordiscou um pedaço de pão. – Meu estômago está um pouco revirado, só isso.

– Você está doente?

– Não, é porque passamos muito tempo no carro hoje.

– O quê, você agora fica enjoada andando de carro?

– Às vezes.

– Você vive encontrando novas formas de ficar doente – constatei.

Ela ficou mais verde.

– Preciso me deitar.

Voltamos para nosso quarto de hotel. Precisava acordar cedo para o café da manhã com um reitor, então fui dormir. Mamãe ficou acordada assistindo à TV.

Algumas horas depois, acordei com um som de engasgos. A cama de minha mãe estava vazia. A luz do banheiro estava acesa. O relógio ao lado da cama dizia 3h03.

Mais engasgos. Vômito.

Eu me levantei. Minha mãe estava agarrada à privada.

– O que houve? Você está doente? – perguntei.

Ela assentiu.

– O que eu faço?

– Eu vou ficar bem – respondeu ela.

– Vou ligar para o papai – avisei.

Eu liguei para casa. O telefone tocou quatro vezes, aí a secretária eletrônica atendeu.

– Pai, sou eu. Atende.

Eu esperei. Ele não atendeu.

– Desculpe se o estou acordando, mas é uma emergência.

Mamãe está doente.

– Ele está? – perguntou minha mãe.

Fiz que não com a cabeça.

– Onde ele está?

– Quer um refrigerante ou alguma outra coisa?

– Não. Vou ficar bem em um minuto.

– Vou tentar o celular. – Disquei o número, mas caiu direto na caixa postal.

– Ele provavelmente só está dormindo – falou mamãe. – Morto para o mundo.

O celular da mamãe tocou. Não estava em sua bolsa, mas na mesa de cabeceira ao lado da cama. Eu o atendi.

– Alô?

– Dori?

– Pai?

Silêncio.

– Pai? – falei de novo.

O homem disse:

– Sua mãe está aí?

Quem poderia ser? Olhei para o telefone, mas ele só mostrava um número.

– Mãe, é para você – falei. – É um homem.

– Já vou. – Ela lavou a boca e pegou o telefone. – Alô? – pausa.

– Onde você está?

Pausa. Em seguida, tentando sussurrar.

– E amanhã?

Pausa.

– Tem certeza?

Pausa.

– Mas...

Pausa.

– Eu vim lá de longe...

Ela se fechou no banheiro, abafando as palavras. Parecia chateada. Saiu alguns minutos depois, o rosto vermelho e molhado, e jogou o telefone na cama.

– Quem era? – perguntei.

– Ah. Meu terapeuta – respondeu ela.

– Achei que sua terapeuta era uma mulher – argumentei.

– Este é um novo terapeuta – disse ela.

– Você está mentindo – falei. – Quem era?

Ela caiu na cama.

– Bea, eu já disse. Não quero responder mais nenhuma pergunta esta noite. Estou doente.

Basta, pensei.

– Essa é sua desculpa para tudo. Acho que você fica doente de propósito.

– Bea, isso é ridículo. Por que eu ficaria doente de propósito? Eu estou péssima!

– *Eu* estou péssima! – falei. – Estamos no meio da madrugada! Tenho de me levantar cedo amanhã. Devíamos estar aqui por minha causa! Por causa da minha decisão. Uma decisão importante sobre meu futuro. Diga: *Quem era ao telefone?*

Usar “meu futuro” era pegar meio pesado, mas eu não pude resistir. Aquelas palavras me davam a vantagem moral e eu sabia disso.

Minha mãe se enroscou na cama.

– Bea, por favor. Sinto muito quanto a isso. Quanto a tudo. Podemos conversar amanhã, mas agora meu estômago está doendo e eu não consigo pensar. Vou compensá-la, prometo.

– Você não pode me compensar – falei. – Só me deixe em paz. É só o que eu quero. Se tivesse me deixado vir sozinha, nada disso teria acontecido. Ter você por perto só piora tudo.

Ela enterrou a cabeça debaixo de um travesseiro.

– Pare! Você é tão fria! Você não tem coração, sua robozinha! – O travesseiro abafava suas palavras, mas elas doíam.

– Eu sinto as coisas – eu disse. – Não sou um robô! – Bati com o pé e gritei. Depois, caí aos prantos. Toquei as gotinhas molhadas e as estiquei na direção dela. – Está vendo, eu *não sou* um robô. Aqui está a prova.

Ela se recusou a tirar o travesseiro de cima da cabeça. Enxuguei as lágrimas na fronha. Eu podia ter sido feita de metal algum dia, mas não sou mais. Como Pinóquio, me transformara numa garota de verdade. Até agora, era uma droga. Mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Deitei na cama, deixando a luz do banheiro acesa. Mamãe poderia precisar.

* * *

Acordei às 8h me sentindo exausta. Minha mãe estava dormindo, emaranhada nos lençóis, travesseiro no chão. A luz do banheiro ainda estava acesa.

Eu me vesti e fui sozinha para o escritório do reitor. Conheci outros alunos, fiz o tour do campus, almocei no centro estudantil. Tentei me concentrar na universidade e na cidade, mas não conseguia parar de pensar em minha mãe. E em meu pai. Por que

ele não atendera ao telefone ontem à noite? Onde estava? E quem ligara para minha mãe?

Voltei para o hotel depois do almoço. A cama dela estava feita. As malas estavam prontas. Ela estava deitada de costas na cama, usando jeans e sapatos.

– Como está se sentindo? – perguntei.

– Tonta – falou ela. – Sinto muito, Bea. Não posso ficar aqui. Tenho de ir para casa.

Havíamos planejado ir ao Met naquela tarde. À noite, eu ia a uma festa para futuros alunos. Será que ela estava dizendo que eu devia ficar aqui sozinha e fazer essas coisas sem ela? Ia me deixar ali? Ou esperava que eu fosse para casa com ela?

– Não estou entendendo. Papai ligou?

– Finalmente. Hoje de manhã.

– Onde ele estava ontem à noite?

– Ele disse que desligou o telefone.

Isso não parecia algo que meu pai fosse fazer enquanto eu e mamãe estávamos viajando e possivelmente precisando dele. Ou talvez parecesse. Eu não sabia mais.

– Então... quer que eu volte para casa com você?

– Não vou deixá-la sozinha em Nova York – respondeu ela.

– Ah. Está bem. – Botei minhas poucas coisas na mala e estávamos prontas para partir. Levamos cinco minutos.

– Pode dirigir? – quis saber mamãe. – Estou tonta demais.

Este foi o fim do meu fim de semana universitário. Ficamos em silêncio no caminho para casa. Não fazia sentido perguntar nada. Porque de jeito algum ela ia me dar alguma resposta.

Papai nos encontrou na porta da frente.

– Tomou alguma decisão? – perguntou. – Vassar, não é?

Passei sem responder. Ele ajudou mamãe a subir. Tentou levá-la para o quarto deles, mas ela foi para o quarto de hóspedes e fechou a porta. Ele forçou a entrada. Ficaram lá durante horas, rosnando um para o outro.

CAPÍTULO 18

Para a mostra de arte, eu inscrevi uma foto chamada “Uma Cabeleireira na Islândia”. Posei em uma Terra de Noel cheia de neve com um poste de barbeiro listrado de vermelho e branco. Uma grande cabeça de Barbie para maquiar fazia o papel de cliente do salão de beleza, empoleirada em uma caixa com um avental em volta do pescoço. Usando uma peruca platinada, uma túnica azul curta e um sorriso largo, eu penteava o cabelo da Barbie em um bolo de noiva alto. Uma placa acima do espelho dizia ISLÂNDIA em letras arco-íris. Neve de mentira brilhava a minha volta. Tentei parecer o mais feliz que podia.

– Islândia – falou Walt enquanto estudava minha obra. – Você me contou sobre isso há um tempão, na festa de Tiza. Tudo sobre os cabeleireiros felizes da Islândia.

– Você se lembra – eu disse.

– Você devia ter ganhado o primeiro lugar – afirmou Walt.

– Os juízes acharam que a minha foto era uma brincadeira – contei.

– Quer dar uma volta e ver as outras coisas? – perguntou Walt.

– Está bem. – Eu estava louca para ver o quadro de Jonah. Toda vez que eu passava em frente a sua parede, ele cobria o quadro

com um lençol e me mandava ir embora. Não queria que eu visse sua obra-prima sem o merecido prêmio.

Agora Jonah estava sentado no chão na frente de seu trabalho, o prêmio finalmente preso ao painel de papelão. O quadro grande, "Retrato de Família", tomava a parede inteira. Mostrava Matthew, coroadado com seu capacete acolchoado, reinando de uma cadeira de rodas dourada diante de um brasão da família Tate. Ou seria Jonah no trono, interpretando Matthew. Os olhos eram espertos, mais gelados que leitosos. Gatso e a Srta. Frankenheimer do Mal estavam empoleirados um de cada lado como cães de caça cercando um lorde inglês.

As cores e a composição e a técnica eram impressionantes. Porém a coisa mais notável sobre o quadro era o olhar no rosto de Matthew. No que ele estava pensando? Estava sorrindo, fazendo careta ou só fazendo algum tipo de expressão de alguém com danos cerebrais?

Era como a Mona Lisa. Inescrutável.

– Parabéns! – Eu escorreguei para o chão para me sentar com Jonah. – Quase não acredito que você tirou o primeiro lugar, porque este quadro merece tanto e pessoas que merecem ganhar quase nunca o conseguem.

– É sensacional – disse Walt. – Mas por que você se pintou em uma cadeira de rodas?

– Não é ele... – comecei, mas Jonah me interrompeu.

– Porque é assim que eu me sinto – falou ele.

– E o que aqueles gatinhos representam? – perguntou Walt.

– Eles não representam nada – disse Jonah, uma nota de nojo se infiltrando na voz.

Walt não insistiu.

– Fico feliz que tenha vencido – concluiu. – Ei, Beatrice, posso falar com você um minuto?

– Claro – eu disse.

– Eu quis dizer, ali? – Walt apontou para um nicho tranquilo de papelão perto de nós. – A seção de aquarelas dos calouros.

Eu me levantei – com dificuldade, já que Jonah prendeu minha mão na sua. Lutei para soltá-la.

– Não vá – murmurou Jonah.

– Eu volto logo – prometi.

Me afastei com Walt.

– O que há? – perguntei.

– Sei que é um pouco cedo – começou Walt –, mas fiquei com medo de que, se eu esperasse, fosse tarde demais...

– Tarde demais para quê?

– Hum, você gostaria de ir à festa de formatura comigo?

– A o quê?

– À festa de formatura?

– Ah, à festa de formatura. – Acho que eu sabia que havia uma festa de formatura chegando, em algum lugar no fundo da mente.

– Você já vai com alguém? – perguntou Walt. Ele torcia os dedos nervosamente. Os olhos brilhavam com boa vontade, esperança e ansiedade.

– Não – respondi. – Ninguém.

– Você não vai... com Jonah ou alguém assim?

– Acho que não. – Jonah e eu não havíamos discutido sobre isso. Eu duvidava que ele estivesse muito interessado em uma noite de formatura.

– Então, o que me diz?

Ele queria dizer: Por que eu não estava dizendo sim? Boa pergunta. Por que não?

Ainda podia sentir a pressão da mão de Jonah na minha.

Lembrei-me de uma época em Austin, alguns anos atrás, quando uma menina da escola me perguntara se eu queria ir esquiar num fim de semana com a família dela. Eu queria ir, mas meu pai ia a uma conferência naquele fim de semana, e minha mãe e eu havíamos planejado uma maratona de três dias de Alfred Hitchcock. Podíamos ter assistido àqueles filmes antigos em qualquer fim de semana, mas de alguma forma não consegui dizer à mamãe que a maratona já era. Então não fui. E ela e eu nos divertimos. Nunca tive certeza se havia tomado a decisão correta, mas me pareceu o certo. Aquela garota era minha amiga, mas minha mãe vinha primeiro.

Agora, Jonah vinha primeiro. Eu gostava de Walt, mas era assim que as coisas eram.

– Sinto muito, Walt – eu disse. – Nada pessoal. Só acho que não vou à festa de formatura.

A esperança em seus olhos se transformou em pânico.

– Com ninguém?

Eu sacudi a cabeça.

– Por que não?

Inventei um motivo que parecesse plausível na hora.

– Eu me sinto estranha. Todos os outros estão em Canton há tanto tempo e eu acabei de chegar, e a festa de formatura não é minha praia.

– Não importa há quanto tempo está aqui – falou Walt. – Garanto que você vai se divertir.

Balancei a cabeça.

– Pode pensar a respeito? Talvez você mude de ideia.

Comecei a dizer não, mas ele falou:

– Só pense nisso.

– Está bem – eu disse.

– Está bem. – O corpo dele relaxou ligeiramente, a provação terminada. – Até mais tarde.

– Até mais.

Ele se afastou. Eu voltei para Jonah.

– O que Ichabod faz fora de *A lenda do cavaleiro sem cabeça*? – disse Jonah.

– Não seja maldoso. Ele é legal.

– Eu não estava sendo mau. Foi carinhoso. Um apelido carinhoso para um cara alto, desajeitado e nerd que se assusta facilmente. Combina.

– Você não estava sendo carinhoso.

As pessoas passavam e cumprimentavam Jonah. Olhavam para seu quadro pensativamente, como se considerassem as implicações mais profundas. Mas não ficavam por ali ou conversavam com Jonah por muito tempo. Ele emanava uma vibração repelente a pessoas, uma espécie de *Off* para humanos.

– Você foi à festa de formatura no ano passado? – perguntei a ele. A festa de formatura da Canton era para o penúltimo e o último ano. Ele podia ter ido.

– O quê? Porra, não – disse ele. – Você está pensando em ir?

– Não.

– Walt a convidou? Era isso que ele queria?

Eu até me sentia culpada por contar a ele.

– Mais ou menos.

– Você disse sim?

– Eu disse não, mas ele me pediu para pensar a respeito.

– Não vá – disse Jonah. – Você não vai gostar. Eles alugam um salão de festas no centro da cidade, no Belvedere, e todo mundo veste roupas elegantes e tenta fingir que não conhece cada espinha na bunda um do outro. Limusines, o negócio todo. Depois, alguém dá uma grande festa decadente onde todos ficam bêbados e vomitam no jardim. Todo mundo fica fora a noite toda. Bela merda.

Ele tinha razão. O que eu ia fazer em uma festa de formatura sem Jonah? Se você analisasse o conceito, o desmembrasse e olhasse para os pedaços, a festa não passava de um vestido, uma limusine e o acompanhante de praxe.

– Vamos fazer o seguinte – falou Jonah –, faremos algo grande na noite da formatura. Só nós dois. Afinal, também estamos nos formando. Nós merecemos uma comemoração. Nosso tipo de comemoração.

Era exatamente isso que eu queria.

– Tipo o quê? – perguntei.

– Vamos fugir, só naquela noite. Ou talvez no fim de semana. Para Ocean City.

– É – concordei, gostando cada vez mais da ideia. – Festa de formatura em Ocean City. Vou até comprar um vestido de gala.

– Eu vou te levar para passear pelo píer – falou Jonah. – Seremos o rei e a rainha dos esquisitos. Não esqueça de usar a tiara.

– Eu não tenho uma tiara – argumentei. – Só tenho uma coroa de Feliz Ano-Novo com lembranças dolorosas presas a ela.

– Vamos arrumar uma, então – decidiu Jonah. – Você não pode ir para Ocean City sem uma tiara. É uma nova regra que acabei de inventar.

– E quanto a seus planos, estratégias e pensamentos?

– Já fiz muito disso – respondeu ele. – Vamos terminar nossa estratégia juntos, na praia. Fechado?

Como eu podia resistir?

É claro que estava fechado.

DEZEMBRO JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL
MAIO

CAPÍTULO 19

Herb:

Alô, você está no ar.

Garota Robô:

Herb, só estou ligando para desejar ao Garoto Fantasma e a seu irmão gêmeo, Matthew, um superfeliz aniversário. Eles fazem 18 anos amanhã. E gostaria de convidar todos os ouvintes fiéis do Night Light – e você também, Herb, se puder ir – para uma festa de aniversário para o Garoto Fantasma amanhã à noite na Livraria Carmichael's na Charles Street, perto do Mount Vernon Place. Por volta das 20h.

Herb:

Obrigado, Garota Robô. Tenho certeza de que muitos ouvintes vão acompanhá-los na comemoração. Feliz Aniversário, Garoto Fantasma! Próximo ouvinte, você está no ar.

Judy de Pikesville:

Aqui é Judy de Pikesville? Eu ouvi essa mocinha e só quero lembrar a ela que a idade permitida para beber neste estado é 21 anos, não 18 como ela parece achar. Tenho vontade de ir a essa festa de aniversário só para garantir que ela e os amiguinhos não bebam nada mais forte que refrigerante de groselha. Eu iria mesmo, se não fosse pela minha flebite...

O aniversário de Jonah era no dia 5 de maio e, às 20h15, ele e eu estávamos protelando na livraria empoeirada, olhando os livros antes de descer para a festa na cervejaria.

– Eu quero fazer uma entrada dramática – disse Jonah.

– Acho que você está nervoso – falei. Eu estava gostando disso, de provocá-lo e implicar com ele novamente.

Eu não sabia por que, mas desde a mostra de arte, Jonah havia ficado caloroso outra vez. Parecia entusiasmado com alguma coisa. Presumi que fosse com a formatura, o fim da escola. Nada de Canton, depois de 15 anos. Eu estava feliz por tê-lo de volta.

Puxei da prateleira um livro de mesa pesado chamado *Sonhando com a Islândia* – fotos coloridas de fontes fumegantes, pubs em Reykjavik e paisagens áridas de vulcões. Mostrei a Jonah uma das fotos dos pubs. Uma garota com olhos de duende dava cerveja para uma rena empalhada.

– Olhe – falei. – Gente bêbada.

Jonah virou as páginas do livro.

– Está faltando algo, não acha?

– É – eu disse. – Não há fotos de cabeleireiros. Nenhum salão ou barbearia. Como podem deixar de fora o maior recurso natural da Islândia?

– Misterioso – falou Jonah. – Talvez eles não saibam o valor do que têm.

– Talvez.

Jonah esticou a mão através do vão na prateleira deixado pelo livro gordo de fotos. Havia um espaço de 15 centímetros entre o fundo da parede e os livros.

– Isso seria um bom lugar para deixar um pacote secreto, se fôssemos espiões – comentou ele. – Ou traficantes. Os títulos dos livros seriam nosso código. Eu te mandaria o título de um livro e você saberia exatamente onde procurar o tesouro.

– Se nós tivéssemos uma missão secreta para completar. – Eu coloquei o livro de volta na prateleira. – Ou tesouro para esconder.

– Ou uma grande quantidade de drogas – falou Jonah.

– Está tendo um aniversário legal até agora?

– Não – disse Jonah. – Meu pai fez um jantar especial esta noite para comemorar. Ou, você sabe, encomendou um no Petit Louis.

– Isso não parece tão ruim.

– É estranho. Não consigo me lembrar da última vez em que meu pai fez um grande alarde por causa do meu aniversário. Sempre me dá um presente, mas é só isso. No ano passado nem juntou comigo.

– Dezoito anos é um aniversário importante – falei.

– Não é isso. Ele estava de mau humor, um humor pior que o normal. Mas tentou fingir que estava feliz, o que não faz nem um pouco o estilo dele. Fazer um esforço, quero dizer. Ficou olhando

para mim de um jeito significativo, mas qual era o significado? Como se tivesse algo que quisesse me dizer. Como se o jantar tivesse sido marcado para que pudesse fazer um anúncio. Mas não houve anúncio algum. Quando o jantar acabou, ele pediu licença, se levantou, me beijou no topo da cabeça, levou o café para o escritório e fechou a porta.

– Ele o beijou no topo da cabeça?

– É. Isso foi o que mais me assustou. Ele nunca faz esse tipo de coisa. Mesmo quando éramos pequenos, ele nunca me beijou ou beijou Matthew. Principalmente não Matthew.

– Nunca?

– Sabe em *O Poderoso Chefão*, quando um chefe da Máfia dá o beijo da morte e significa que a pessoa está marcada? Era isso o que os beijos de meu pai pareciam. O beijo da morte.

– Qual é. O que ele ia fazer, matá-lo com um tiro? Cortar a cabeça da Srta. Frankenheimer fora e deixá-la na sua cama?

– Só estou dizendo que toda a farsa de aniversário foi sinistra.

– *Parabéns pra você...* – cantei.

– Cale a boca.

– Qual é, aniversariante? Está na hora da sua festa de verdade.

Nós fomos para o andar de baixo. Quatro outros Night Lights estavam sentados a uma mesa perto do piano: Myrna de Highlandtown, Larry de Catonsville, Burt de Glen Burnout e Kreplax do Futuro. Um casal mais velho estava apertado no canto, nos observando. Suspeitei que pudessem ser ouvintes do Night Light, só que tímidos demais para se juntar a nós.

– Aí está ele!

- Garoto Fantasma!
- Feliz aniversário, benzinho.

Jonah deixou Myrna lhe dar uma beijoca na bochecha. Ele se iluminou. Diferente do beijo do pai, o dela era puro carinho de tia, não um prenúncio de mau augúrio.

Mais algumas pessoas chegaram, incluindo ouvintes que não conhecíamos. Juntamos mesas e nos apertamos. Algumas pessoas trouxeram presentes. Larry deu a Jonah alguns discos antigos, a Família Dó-Ré-Mi e os Monkees. Myrna deu a ele um caderno de Elvis e Kreplax lhe deu um calendário para o ano 2110.

– É da minha linha de tempo – disse Kreplax. – Espero que você possa me visitar algum dia.

– Valeu, também espero – falou Jonah. Aí se virou para mim e perguntou: – Cadê o *seu* presente?

– Eu ia te dar mais tarde...

– Não – disse Myrna –, agora!

– Agora! Agora! – Nosso grupo de amigos do rádio bateu os punhos na mesa.

– Está bem.

Puxei o presente, um retângulo achatado embrulhado em papel de seda verde claro, da minha bolsa. Jonah o olhou cautelosamente.

– É constrangedor?

Eu dei de ombros.

– Depende da facilidade com que você fica constrangido.

– Isso eu tenho de ver – disse Myrna.

Jonah rasgou o papel. Debaixo estava uma cópia emoldurada de uma foto que eu fizera só para ele.

- O que diabos é para ser isso? – falou Burt.
- É uma foto – disse Myrna. – Somos nós.
- São os Night Lights, andando de Tapete Voador – expliquei.

Eu havia arrumado algumas bonecas em um pequeno tapete persa na frente do pano de fundo estrelado mais elaborado que podia pintar. Eu me esforcei para fazer as bonecas parecerem como os verdadeiros Night Lights. Uma das minhas Madame Alexanders exibia um penteado bolo de noiva preto, esmalte vermelho e muitas bijuterias. Uma pequena estátua de Buda fazia o papel de Larry e um G.I. Joe – usando um terno elegante – o do Herb. Eu havia encontrado um fantoche do Gasparzinho para interpretar Jonah e coloquei um vestido em um robô vermelho do Rock 'Em Sock 'Em para fazer a Garota Robô.

Larry bateu com a bengala branca no chão.

- Me diga como é a foto, Myrna.
- Um bonecas estão indo para Ocean City no Tapete Voador – falou Myrna. – E as bonecas são iguaizinhas a nós! Há até uma versão sua. – Ela deu um tapinha na barrigona do Larry. – O céu é simplesmente lindo. E as estrelas formam uma frase... “A felicidade deve ser conquistada”.

Eu copiara esse lema de um velho filme do Douglas Fairbanks, *O Ladrão de Bagdá*, versão muda. O ladrão e o gênio estão voando em um tapete mágico, e as estrelas escrevem essas palavras enquanto a trilha sonora toca *Scheherazade*, de Rimsky-Korsakov. É uma cena linda. Eu queria ir viver naquele céu noturno sempre que a via.

- Parece um presente lindo – falou Larry.
- Como é que não estou na foto? – reclamou Burt.

– Você está – eu disse. – Está vendo? – Apontei para um patinho de borracha que eu grudara no tapete só porque havia gostado.

– Este não sou eu – falou Burt. – Você me vê como um pato?

– Por que não? – Revirei a cabeça atrás de algo gentil para dizer.

– Todo mundo adora patos.

Isso pareceu satisfazê-lo. Ele pediu outra cerveja.

– Gostou do presente, Garoto Fantasma? – perguntei.

– Você devia ir para a faculdade de Belas Artes no meu lugar – falou Jonah. – Sabe como fazer coisas lindas.

Ele pressionou a mão em cima da minha, da mesma forma que fizera na mostra de arte.

– Um brinde ao aniversariante! – gritou Myrna. – Bem-vindo ao mundo adulto, benzinho. É solitário, é triste, e Deus o ajude. Mas há bons momentos, e noites como esta são um deles.

Nós brindamos com as garrafas de cerveja em homenagem a Jonah, o Garoto Fantasma. Myrna cutucou o pianista e ele tocou “Parabéns pra Você”. O aposento inteiro cantou junto. No final da noite, Myrna e Larry estavam de mãos dadas, Burt e Kreplax tentavam subornar o pianista para tocar “Stairway to Heaven” e o rosto de Jonah... Eu nunca vou me esquecer do rosto de Jonah. Uma luz saía de seu rosto e se tornou o espírito da sala, como um gênio libertado de uma garrafa depois de séculos de escuridão.

CAPÍTULO 20

No dia da festa de formatura, um pacote chegou para mim. Dentro havia uma tiara de alumínio decorada com pedras falsas e rubis de vidro. O bilhete dizia, *Para a Benevolente Rainha dos Esquisitos, de seu Sisudo e Silencioso Rei. Longo Seja o Nosso Reinado – J.*

Ergui a tiara contra a luz. Ela não faiscava exatamente, ou brilhava, mas achei linda. Era meu primeiro presente de Jonah, a não ser que você contasse o avião de papel endereçado de Beatrice para Beatrice do Futuro, que eu guardava perto do rádio na mesinha de cabeceira.

Depois do jantar, coloquei um vestido longo azul-marinho e botei uma maquiagem estilo Miss-América-Enlouqueceu. Mamãe se sentou na minha cama e ficou me observando exagerar no rímel.

– Então você vai sair com Jonah – falou inexpressivamente.

– É – eu disse.

– Engraçado – falou ela.

– Por quê?

– Sei lá. Você nunca me pareceu do tipo que vai à festa de formatura.

Eu me concentrei em não furar o olho com o pincel do rímel.

- O mundo nunca para de nos surpreender.
- Nunca mesmo – concordou mamãe. – Jonah também não parece do tipo que vai ao baile de formatura.
- É só uma festa – falei.
- Você vê faíscas prateadas? – perguntou ela.
- Larguei o rímel e coloquei a tiara na cabeça, artisticamente torta.
- De novo isso?
- Faíscas prateadas – disse mamãe. – Quando você o beija.
- Quando eu beijo quem?
- Jonah.

Eu nunca beijara Jonah, na verdade. De nenhuma forma que não fosse amigável, carinhosa, como uma irmã. Com certeza não de uma maneira que fosse produzir faíscas prateadas ou qualquer tipo de visão. Mas ele era meu “acompanhante de formatura”. Esperava-se um beijo. Então, entrei no jogo.

- Prateadas, não – respondi. – Douradas.
- Ah – disse mamãe –, isso é bom. – Ela me abraçou, os músculos das costas tensos.

Meu pai me esperava no andar de baixo.

– Talvez a gente passe pelo Owl Bar mais tarde para ver como vocês estão – falou ele quando eu apareci na minha glória de rainha-do-baile-do-inferno.

- Não vamos, não – disse mamãe. – Não somos tão malucos.
- Eu só estava brincando – esclareceu papai. Ele me beijou e endireitou a tiara. – Ela precisa ficar certinha. Uma tiara não é uma coisa fácil de usar.

Ouvi as explosões e estrondos do motor de Gertie estacionando do lado de fora.

– O Príncipe Encantado chegou – anunciou minha mãe.

A campainha tocou. Meu pai atendeu a porta. Peguei minha bolsinha de lantejoulas, rearrumei minha tiara, borrei o delineador e fui encontrar meu acompanhante.

O smoking azul-bebê de poliéster e sapatos brancos de Jonah enfatizavam sua palidez.

– Isto é para você.

Ele me entregou uma caixa de plástico transparente com uma orquídea dentro.

– Flores! Obrigada. – Eu o beijei na bochecha e deslizei a flor para meu pulso. A orquídea era horrendamente linda, o que combinava perfeitamente com minha roupa.

– Eu volto antes do jantar de amanhã – falei.

Agarrei a malinha que havia feito e descemos correndo os degraus da frente como ladrões de banco recém-casados disparando para o carro de fuga. Gertie voltou à vida com um estrondo. Meus pais ficaram na varanda olhando enquanto íamos embora. Vi aquele olhar nos olhos de minha mãe de novo, o olhar que eu percebera no primeiro dia de aula: *Por favor, ande logo e vá embora vá embora vá embora VÁ EMBORA AGORA.*

Não se preocupe, mãe, estou indo o mais rápido possível.

– Vamos nessa! – Eu me inclinei por cima do assento e descansei a cabeça no ombro do Jonah, só por um segundo. Como se fosse sua namorada de verdade e ele fosse meu namorado de verdade,

por mais inadequadas que essas palavras pudessem ser. Liguei o rádio. Estava uma noite linda, quente até para meados de maio.

– Lá vamos nós! – gritei.

Atravessamos a cidade, passando pelo Belvedere Hotel. Havia limusines amontoadas do lado de fora e lá estavam todos os nossos colegas de classe, com vestidos de bom gosto e smokings pretos de bom gosto, prontos para entrar e dançar a noite toda com as mesmas 80 pessoas, mais ou menos, com quem haviam frequentado todas as festas em suas vidas. Anne Sweeney estava agarrada ao braço de Tom Garber, tomando-o para si. Ele havia terminado com Meredith, eu soubera, e estava fazendo o circuito de ex-namoradas. Fiquei imaginando se, no começo do ano, Anne sabia que ele faria isso e tinha pressa para que o Tom me tirasse logo da cabeça para que chegasse a ela mais rápido.

– Abra o porta-luvas – falou Jonah. – Tenho outra surpresa para você.

Abri o porta-luvas. Enfiadas lá dentro havia duas pistolas d'água de plástico, cheias.

– Uma para você e uma para mim – disse Jonah.

Ele diminuiu a velocidade na frente do hotel. Nós atiramos com as pistolas pela janela do carro. Acertei Tom Garber na nuca. Anne acenou para nós, então a poupei e atirei em Carter em vez disso. Ela soltou um gritinho satisfatório.

– Nós os pegamos! – Jonah riu. – Vamos correr.

Ele pisou no acelerador e nós saímos cantando pneu.

– Estou tão feliz por não estar ali – disse Jonah.

– Eu também – falei.

Chegamos à estrada e dirigimos na direção Leste, para Ocean City. Estava escuro quando finalmente passamos pela Bay Bridge. Atravessar a Baía de Chesapeake era como dar uma volta de Tapete Voador. Os barcos piscavam na água lá embaixo e, quando chegamos à Costa Leste, eu senti um cheiro de sal no ar.

– Não acredito que você nunca esteve em Ocean City antes – disse Jonah.

– É como Atlantic City? – Eu também nunca estivera lá, mas já vira na TV.

– Por favor – falou Jonah. – A costa de Jersey é uma imitação fraca. Eles *queriam* ter um lugar maneiro como Ocean City. Com isso eu quero dizer Ocean City, Maryland, não Ocean City, Nova Jersey.

– Há uma Ocean City em Nova Jersey?

– Nem vale a pena mencionar.

Passamos por milhares escuros que brotavam e cidades antigas e mal conservadas. Quando chegamos à Baía de Assawoman, o cheiro de maresia ficou mais forte, misturado a batatas fritas e algodão doce.

Atravessamos a ponte da Rua 62 e fomos para o sul em direção à enseada de Ocean City. Condomínios com arranha-céus elegantes deram lugar a motéis mais velhos no estilo dos Jetsons, em seguida os hotéis mais antigos e pensões, depois os prédios de ripas de madeira abaixo da Rua 12. Luzes de néon reluziam em todos os lugares: SORVETE, MINIGOLFE, CARANGUEJOS NO VAPOR, FILÉS, FRUTOS DO MAR, DIVERSÃO. Carros passavam pela Ocean Highway, os rapazes gritando para as moças que andavam rápido pelo trânsito de camiseta sem manga e sandálias rasteiras.

– Onde vamos ficar? – perguntei.

– Majestic – falou Jonah. – A Rainha do Calçadão desde 1925.

Estacionamos atrás da piscina e nos registramos. O hotel tinha uma varanda grande na frente dando vista para o calçadão. Velhos se balançavam nas cadeiras e observavam os turistas passarem – turmas de garotos procurando confusão, pais cansados com crianças pequenas cheias de açúcar, adolescentes envaidecidas mostrando o umbigo.

Nosso quarto era pequeno, limpo, simples e branco, com duas camas de solteiro e uma janela que dava para o estacionamento. Eu a abri e o barulho do mar entrou rugindo sob o barulho do trânsito.

– Pronto, Rainha Beatrice? – disse Jonah. – É hora de encontrar seus súditos.

Peguei um suéter e saímos para a noite, passeando de braços dados pelo calçadão lotado de sábado à noite.

A lua cheia subiu por cima do mar. Passamos por uma escultura de areia gigantesca da cabeça de Cristo, iluminada com luzes da cor do arco-íris. Um cartaz de papelão escrito à mão dizia: *ESCULPIDO POR DAVID SMITHSON! NUNCA SE ESQUEÇAM DE QUE JESUS MORREU PELOS SEUS PECADOS!*

– Esse cara do Jesus vem aqui todos os anos – falou Jonah. – Normalmente há um bando de garotos da escola de verão de catecismo cantando músicas cristãs na frente.

Nós demos uma volta por uma loja de bugigangas, examinando narguilês, camisetas, colares de conchas e isqueiros em forma de revólver. Encontrei uma máscara empoeirada de Dia das Bruxas em um canto esquecido da loja.

– Jonah, olhe. Gasparzinho.

Jonah colocou a máscara em cima do rosto. O elástico fez seu cabelo ficar em pé atrás. Eu ri.

– É igualzinho a você. Nem dá para saber que está usando uma máscara.

– Você é hilária – disse Jonah, a voz abafada. Ele pagou ao caixa um dólar pela máscara. – Você tem sua tiara. Eu também preciso de algo para usar.

Nós fazíamos um par estranho, uma rainha esfarrapada e um fantasma, mas o parque de diversões do píer nos recebeu de braços abertos. Jonah usou a máscara a noite inteira, descansando-a no alto da cabeça quando comia. Crianças apontavam para ele, algumas rindo, algumas assustadas. Tirando isso, nós nos misturamos bem aos chapéus dos Confederados, às barbas emaranhadas, aos dentes faltando, aos decotes.

Jantamos batatas fritas e então andamos nos carrinhos de bate-bate e na montanha-russa. A roda-gigante nos afastou dos sons e cheiros do píer por alguns segundos, muito acima da areia e do mar. A lua desbotou uma faixa do mar. Nós mergulhamos para baixo, para baixo através dos gritos e berros e explosões e estouros e para cima, para cima de novo, para o ar fresco, as luzes da cidade de brinquedo abaixo. Desejei poder viver no topo da roda-gigante, alto o suficiente para andar nas nuvens se estivesse nublado, mas perto do chão o bastante para ficar de olho em todo mundo.

Paramos em uma cabine fotográfica e tiramos fotos de nós mesmos para comemorar a noite de formatura. Jonah enfiou

moedas na máquina e se sentou no banquinho atrás da cortina. Eu me empoleirei em seu colo.

– Tire a máscara – falei.

– Não – disse Jonah.

Uma luz espocou, a primeira foto tirada.

– Vamos, Jonah, tire – falei de novo. – Só para as fotos.

Jonah botou a língua para fora pelo buraco de boca da máscara. A luz espocou de novo. Jonah arrancou a tiara da minha cabeça e a colocou em cima da máscara. *Flash*. A terceira foto já era.

– Me dê isso aqui. – Eu levantei a máscara. A tiara tiniu contra o chão. *Flash*. O clarão me cegou.

– Peguei – falei.

– Você não devia ter feito isso.

Ele puxou a máscara de volta para cima do rosto. Eu peguei minha tiara. Nós compramos sorvetes de casquinha e esperamos as fotos ficarem prontas. Elas escorregaram para fora da máquina, molhadas como um bebê recém-nascido. Três fotos do Gasparzinho de smoking de formatura e eu. Uma foto de Jonah, o rosto nu atingido pela luz, meu perfil na sombra.

– Ficaram engraçadas – falei.

– Deixe-me ver. – Ele ficou olhando para a sequência de fotos, aí a dobrou ao meio e a enfiou no bolso do terno.

Os brinquedos fechavam por volta das 23h. Conforme saíamos do Parque de Diversões Trimper, passamos por uma Casa Mal-Assombrada.

– Uma última volta – implorei.

– É uma enganação.

– É por isso que eu gosto delas. Por favor, Jonah. É a noite da minha formatura. Você deve fazer minhas vontades. Daqui a dez anos, eu vou escrever um livro de memórias contundente sobre todos os prazeres inocentes da infância que perdi por *sua* causa.

– Eca, está bem.

– Última volta da noite – falou o sujeito que recebia as entradas. Nos acomodamos em um carrinho e descansamos as mãos na barra de metal gordurosa que nos trancava no lugar. – Não estiquem os braços para fora ou serão eletrocutados.

O carrinho deu um solavanco e começou a andar. Deslizamos para dentro da casa assustadora através de portas duplas pintadas como a entrada de uma mina de carvão. Por um túnel longo e escuro. Os sons assustadores começaram. Jonah pressionou uma garrafa lisa na minha mão.

– Tome.

– O que é?

– Wild Turkey.

Tateei procurando a tampa, desatarraxei e tomei um gole.

– Você está carregando isto a noite inteira?

– Para emergências. – Ele pegou a garrafa de volta, puxou a máscara para cima só o suficiente e bebeu.

As primeiras atrações estavam em reparo. Então passamos por uma câmara de torturas. Um homem estava sendo cortado ao meio por uma serra elétrica. Um alto-falante jogava os gritos lancinantes direto nos nossos ouvidos.

– Odeio casas mal-assombradas – disse Jonah. – Por que a deixei me convencer a fazer isto?

– É divertido. – Peguei a mão dele.

– Uma diversão que pode eletrocutá-lo – falou Jonah.

O carrinho forçou caminho através de outro par de portas duplas. Um esqueleto de peruca e vestido veio para cima de nós, gargalhando. Nós pulamos no assento. Jonah puxou a mão para longe.

Deslizamos para fora, pela sacada, uma breve pausa de realidade, o píer abaixo de nós esvaziando rapidamente. Aí voltamos para dentro, para mais cenas de terror: um homem em uma guilhotina supervisionada por um carrasco de máscara preta, uma pilha de cabeças sangrentas em uma cesta a seus pés; uma donzela de cabelos dourados que abaixava o espelho de mão para revelar um rosto destruído; um passeio turbulento por um mundo de labaredas de mentira, dominado por um demônio vermelho.

Na última sala, um juiz encovado batia com o martelo em um tribunal, apontando o dedo comprido e ossudo para nós.

– Culpado! – berrava ele. – Culpado!

– Nós somos culpados mesmo – disse Jonah. – Culpados de pagar demais por uma volta de dez minutos em uma porcaria. E um perigo de incêndio. – Ele deu mais um gole da garrafa e a guardou no bolso.

O carro emergiu na neblina amarela e parou com um solavanco. Nós tropeçamos para fora, olhos embaçados, e passeamos pelo calçadão até o hotel. Garotos se aglomeravam sob a luz dos postes, em busca de confusão. A praia parecia vasta e escura, um oceano de areia. Guinchos distantes flutuavam pela brisa.

De volta ao nosso quarto, Jonah ligou o rádio e girou o dial para o Night Light. Entrei no banheiro e troquei o vestido de formatura por uma camiseta e calças de moletom. Pendurei minha tiara no espelho. Jonah vestiu pijamas. O ar frio da noite entrava pela janela, trazendo o rugido das ondas. Sentamos nas nossas camas, separados por uma mesinha de cabeceira, e ouvimos o programa.

– Como será que foi a festa de formatura? – especulei.

Ele balançou a garrafa de Wild Turkey na minha direção.

– Ainda tem um pouco.

Dei um gole e a passei de volta. Minha cabeça inteira parecia quente. As vozes murmuravam no rádio, o mar quebrava baixinho do lado de fora, a luz do banheiro zumbia.

– Eu queria que pudéssemos morar aqui durante o verão – falei.

– Ou por mais tempo. Para sempre.

– É. – Jonah esvaziou a garrafa. – Eu queria que Matthew também pudesse viver aqui com a gente. Ele iria gostar daqui. Veria o mar e respiraria o ar salgado...

– ...observaria o sol e a lua nascerem sobre a água... – eu disse.

– ...e escutaria às ondas durante horas e horas – falou Jonah. – Ele pode fazer todas essas coisas. Isso é uma vida.

– Uma boa vida.

Jonah se afundou contra a cabeceira.

– Se fôssemos personagens em um filme, nós o resgataríamos – disse ele. – Entraríamos escondidos em St. Francis e sequestraríamos Matthew.

– É – concordei. – Nós libertaríamos ele.

– Levaríamos para algum lugar onde ninguém o encontrasse – disse Jonah. – Tipo... aqui. Ocean City. Nos perderíamos na multidão. – Ele rolou e olhou para mim. – Poderíamos alugar um quarto barato. Eu cuidaria dos brinquedos no Trimper's e você trabalharia como garçoneiro no Phillips.

Eu ri.

– Você trabalharia à noite e eu trabalharia durante o dia – falei. – Nós nos revezaríamos para cuidar de Matthew. Seríamos uma família em fuga, cautelosa com os enxeridos, sempre olhando por cima do ombro à procura da polícia...

– Talvez Matthew melhore – disse Jonah. – Ele teria ar fresco e estímulos de verdade. Não estaria preso em um sanatório. St. Francis é tão deprimente. Ele está piorando e eles não me deixam vê-lo...

Jonah rolou para fora da cama e pegou um bloco de desenho e uma caneta em sua bolsa.

– Devíamos fazer isso. Devíamos libertá-lo.

– De verdade?

– Por que não? – perguntou Jonah. – Vamos salvar a vida do meu irmão.

– Mas como? – devolvi. – Como vamos entrar em St. Francis e sair escondido com um menino em uma cadeira de rodas?

– Simples – falou Jonah. Ele desenhava um mapa do hospital, todas as janelas, entradas e saídas de que podia se lembrar. – Vamos fazer o que eles fazem nos filmes. Vamos elaborar um plano.

Acordei na manhã seguinte atravessada na cama ainda feita, com Jonah dormindo ao meu lado. O rádio tagarelava. Eu o desliguei.

Minha cabeça doía. O sol machucava meus olhos. A garrafa vazia de Wild Turkey estava caída no tapete. Eu a chutei para longe.

O chão estava coberto de papel, rascunhos de nosso grande plano para raptar Matthew. Os detalhes eram um pouco nebulosos, mas havíamos bolado algo que parecera incrivelmente brilhante na hora.

Jonah e eu fizemos o check out do hotel, botamos nossas coisas na mala da Gertie e andamos alguns quarteirões até uma lanchonete para tomar café da manhã. Minha boca estava seca como algodão, mas eu me sentia bem, de qualquer modo. Talvez fosse o ar marinho e ter um plano de ação, por mais ebriamente que tenha sido concebido.

A mente de Jonah ainda estava zumbindo.

– Devíamos fazer durante o dia, quando tem trânsito, pessoas indo e vindo... É menos provável que pareçamos suspeitos. À noite teremos de lidar com alarmes, guardas de segurança e, quem sabe, talvez cães.

– E já fechamos a data? – falei. – Sábado?

– Isso. Em uma semana.

– Vamos mesmo fazer isso?

– É. Nós vamos mesmo fazer isso – Ele cutucou um ovo trêmulo com o garfo. – Bea, estou falando sério. Você também está, não é? Porque, se não estiver, eu dou um jeito de tirar Matthew sozinho.

Eu me sentia tonta. Planejar à noite fora delirante e divertido, mas o plano parecia um pouco maluco à luz do dia. Íamos mesmo

tirar Matthew de um sanatório?

Por outro lado, essa era uma chance de fazer algo real, algo que tinha importância. Após todos os anos lendo e escrevendo e somando e subtraindo, dever de casa e aulas de natação e aprendendo a me comportar, eu estava pronta para fazer um gesto grande e dramático. Não era isso que significava ser adulto, agir?

– Estou falando sério – confirmei.

– Ótimo. Não vamos complicar. Só vamos entrar, esperar até que deixem Matthew sem supervisão e sair com ele. Levar aquela cadeira de rodas para fora de lá.

O plano não era tão simples assim.

Em uma de suas visitas, Jonah conhecera uma família grande, os Keane, cuja tia deficiente vivia no St. Francis. Os Keane a visitavam com frequência. Tinham uma filha da nossa idade chamada Georgia. Ela parecia um pouco comigo, Jonah disse – corpo de graveto, cabeça de pirulito –, só que loura.

Eu planejava me disfarçar de Georgia Keane e dizer que tinha ido visitar minha tia Candy. Jonah faria uma foto falsa de identidade no caso de a recepcionista me pedir. Eu só estivera no hospital duas vezes, e Jonah não achava que a equipe ia se lembrar de mim, principalmente se eu usasse uma peruca loura.

Jonah, também disfarçado, fingiria ser um amigo meu. Nós passaríamos pela recepcionista de alguma forma.

Deixaríamos o carro perto de uma porta lateral, uma saída de emergência próxima à sala de recreação, onde Matthew com certeza estaria no horário de visitas. Nós o pegaríamos, correríamos com a cadeira pelo corredor, para fora pela saída de emergência (o que

provavelmente faria soar um alarme, mas isso não tinha importância) até nosso carro que estaria esperando e partiríamos voando. Iríamos direto para Ocean City, encontraríamos um quarto barato em uma das velhas pensões perto da estrada principal e começaríamos nossa nova vida.

Este era nosso plano.

Ainda tínhamos algumas semanas de escola, mas não nos importávamos. Só estávamos matando tempo nas aulas. Podíamos aparecer na formatura, se tivéssemos muita vontade, e então voltar voando para Ocean City e nossas vidas de verdade. Nadar no mar, cuidar dos brinquedos do parque, empurrar Matthew pelo calçadão em sua cadeira de rodas, vê-lo ficar mais forte a cada dia...

O verão inteiro se estendia diante de nós, longo, quente, interminável. Setembro piscava como uma luzinha vermelha de alarme ao longe, mas, se franzisse os olhos, eu podia ignorá-la. Decidi fazer isso por algum tempo.

– Vai ser maravilhoso – declarei.

Quebrei a promessa que havia feito aos meus pais e cheguei em casa depois do jantar no sábado à noite. Encontrei minha mãe sentada no degrau da frente, fumando um cigarro. O que eu nunca a vira fazer.

– Cadê o papai? – perguntei.

– Ele foi embora.

CAPÍTULO 21

– Deus, estou arrasada – disse Anne Sweeney na Assembleia na segunda-feira. – ASUE e eu ficamos acordadas durante 30 horas seguidas.

– Puxado – concordei. Eu também estava bem arrasada, mas sem vontade de explicar, sobretudo não para a Anne. – O que houve com Tom?

– Ele apagou por volta das 4h da manhã e um dos amigos o arrastou para casa.

– Amador.

– E aí eu chego em casa para jantar ontem à noite e encontro seu pai sentado à mesa da cozinha. Tipo, chocante.

– Meu pai jantou na sua casa? – perguntei.

– Minha mãe ficou com pena dele.

Eu vira meu pai mais tarde naquela noite de domingo, no dormitório no qual estava hospedado.

– Pai – falei quando o encontrei –, que porra é essa?

Ele se encolheu.

– Você não costumava falar comigo dessa maneira.

– Você não costumava morar em um dormitório – argumentei.

– Não estou morando aqui – falou papai. – É só temporário.

– Só temporário? Para onde você vai se mudar depois? Para a casa dos Sweeney?

– Isso não é justo – disse papai. – Caroline Sweeney é uma boa amiga, só isso.

– Então por que minha mãe está tão maluca? – eu falei.

– Não sei por que ela está tão maluca – respondeu ele. – Eu amo sua mãe. Tentei entender o que ela está passando. Mas, depois de algum tempo, me cansei de tentar. Ela não reage. Eu a perdoei, mas ela não parece...

– Como assim, você a perdoou? – falei. – É você quem nunca está por perto. Você está tendo um caso, não está? Não é por isso que ela está tão chateada?

– Não, não estou – disse papai. – Não sou eu quem...

Ele parou.

Há uma separação entre pais e filhos que não deve ser violada quando as crianças são pequenas. As loucuras adultas dos pais são particulares. São perturbadoras e difíceis de entender. Mas, em algum momento, as crianças ficam espertas, as loucuras começam a vazar e os pais são revelados em toda sua humanidade e imperfeição. Meu pai e eu estávamos prestes a cruzar esse limite para sempre.

– Não sou eu – falou ele. – É sua mãe. Foi ela quem teve um caso. Com um cara em Ithaca. Terminou quando nos mudamos. Ele também era casado. Não queria deixar a esposa. É por isso que ela tem andado tão chateada.

Mamãe estava tendo um caso? Como eu não havia percebido isso?

Minha cabeça girava.

– Que cara? – perguntei.

Ele deu de ombros. Parecia exausto.

– Sei lá. Um fracassado que trabalha em uma loja de fantasias.

Ah, meu Deus. Mike da Motocicleta? Minha mãe tivera um caso com Mike da Motocicleta?

Eu me lembrei do telefonema misterioso em Nova York, do homem que não era papai. Devia ter sido Mike.

Talvez ela tivesse planejado encontrá-lo secretamente em Nova York. Por isso ela queria tanto ir comigo. Não era para ser “só nós garotas” de jeito nenhum.

Eu me senti enjoada. Vasculhei automaticamente o lugar com os olhos à procura de um banheiro, caso precisasse vomitar. *Ao lado do armário. Confere.*

– Quer saber de uma coisa? – falei. – Não me conte essas coisas. Não me conte mais nada. Eu não quero saber.

Fui para casa e confrontei minha mãe, só que em vez de implorar para que me deixasse de fora de seus assuntos, exigi saber por que ela não havia me contado.

– Papai disse que você estava tendo um caso!

Ela pareceu surpresa.

– Ele te contou?

– É, ele me contou. Disse que era um cara da loja de fantasias. Não é quem eu penso que é, não é?

– Não se preocupe, já acabou.

– Então *era* ele? Mike da Motocicleta?

Ela assentiu. Senti como se tivesse tomado um soco no estômago. Me joguei no sofá. Não podia acreditar que havia pensado que meu pai era o bandido.

– Querida?

Mamãe tocou meu cabelo. Afastei sua mão com um soco.

– Mãe, isso é tão... eca.

Agora era a vez de minha mãe me afastar com um soco. Ela nem precisou erguer a mão. Só precisou de algumas palavras e um olhar.

– Você nunca vai entender – disse ela.

– O que está acontecendo, afinal? – me perguntou Anne. – Durante o jantar, seu pai contou piadas e agiu todo tranquilo. Mas estava com cara de quem não dormia há, tipo, muito tempo.

– Só uma briguinha – menti. – Nada de mais. Meu pai vai voltar logo para casa. Provavelmente.

– Uma briguinha? Não foi a sensação que tive...

Estava na hora de mudar de assunto.

– Foi divertido? – perguntei. – A festa de formatura e tudo mais?

– A festa foi legal. A que rolou depois basicamente nunca terminou. Metade da turma passou o fim de semana na casa de Harlan. Os pais dele não estavam, e já tinham enchido a piscina... – Ela olhou diretamente para mim pela primeira vez naquela manhã. – Ei, onde você estava?

– Você só percebeu agora que não fui à festa de formatura? – censurei.

– Bem, claro que eu percebi naquela noite – falou Anne. – Depois que você quase estragou meu vestido de seda com aquela pistola d’água. Totalmente infantil, por falar nisso. Mas aí esqueci e acabei de me lembrar de novo. Me dê um desconto, estou com a ressaca do século.

– Jonah e eu fomos para Ocean City – contei. – Mas não conte para sua mãe. Eu disse aos meus pais que fui à festa. Então, se alguém perguntar... – Eu só estava seguindo o roteiro. Meus pais tinham problemas maiores com que se preocupar do que onde eu passara o fim de semana.

– Não se preocupe, eu não conto *nada* para minha mãe. Mas... – O desalento tomou seu rosto. – Você e Jonah? Vocês dois... você sabe...?

– Nós dormimos no mesmo quarto, mas não...

– Ah, meu Deus! Na mesma cama?

Tecnicamente, nós *havíamos* acabado dormindo *na* mesma cama, vestidos, em cima das cobertas, de lado e a mais ou menos 30 centímetros de distância. Essa não era a fofoca que Anne queria ouvir.

– Tínhamos duas camas de solteiro – falei. – Não dormimos juntos. Ou nos beijamos, nem nada.

– Mas.... por quê? Por que ir para a praia com um garoto que não é seu namorado?

A idiotice da pergunta, a pequenez do seu ponto de vista, me deram dor de cabeça.

– Para ir à praia? – eu disse. – Para andar nos brinquedos e tomar sorvete e jogar pinball? Para se divertir?

Anne se inclinou para longe de mim como se eu tivesse mau hálito.

– Eu só estava curiosa. Não precisa ficar irritada.

– Jonah e eu somos amigos. Não entendo por que ninguém entende isso.

– Talvez porque ele não tenha sido amigo de ninguém em mais ou menos dez anos? – retrucou Anne. – Então estamos todos meio surpresos.

A sala começou a encher. Jonah foi para seu lugar. Anne calou a boca.

Lockjaw subiu ao pódio.

– Estou felish em ver que vocêsh do penúltimo e do último ano shobreviveram à feshta de formatura no fim de shemana pashado, meshmo que por pouco. Agora que já pashamos por eshe marco, fico felish em anunciar que osh livrosh do ano eshtëão quashe prontosh e devem chegar da gráfica na shemana que vem.

Anne olhou além de mim para Jonah.

– Como ficou?

Ele deu de ombros.

– Como um livro do ano.

Ceguei em casa da escola naquele dia e encontrei minha mãe limpando a casa freneticamente. Ela não fazia faxina há meses. Eu mantivera as coisas habitáveis, mas a sujeira estava começando a nos alcançar.

– Vai vir alguém aqui? – indaguei. – Mike da Motocicleta, talvez?

– Não seja boba – falou mamãe. – Eu já disse, isso acabou. – Ela colocou uma música e dançou enquanto espanava.

– Então, qual é a ocasião? – perguntei.

– Ocasião nenhuma – falou ela. – A casa só precisa de uma faxina. Não percebeu o chiqueiro que está?

Sim, eu havia percebido. Onde ela estivera esse tempo todo?

– Então não vamos receber visitas? – insisti. – Não vai vir ninguém aqui?

– Não. E é bom ter certeza de quem vai estar em casa e quem não vai, pra variar. – Ela dançou pela casa, como costumava fazer, batendo com os quadris e se requebrando no ritmo.

– Mãe, você está louca? – eu falei.

– Pelo contrário – respondeu. – Não me sinto tão bem assim há séculos.

– Você viu a Dra. Huang hoje? – A Dra. Huang era sua terapeuta. Naquele momento, achei que ela fazia milagres.

– Vi, sim. Ela disse que agora que está tudo às claras e seu pai e eu paramos de negar nossos problemas, as coisas só podem melhorar.

– Melhorar? Como?

– Como for melhor. Ainda não sabemos. Temos de esperar para ver. O suspense faz parte do emocionante mistério da vida!

– Não gosto do suspense – eu disse.

– Não seja tão travada. Suspense é bom. Aceite-o! – Mamãe afofou uma almofada do sofá e a jogou triunfantemente de volta no lugar. – Ela também aumentou o meu Celexa e me deu outra receita de Xanax, caso você esteja imaginando.

Fugi para meu quarto e fechei a porta. Algumas horas depois, ela me chamou para descer e jantar: peixe grelhado, batatas assadas com creme, cenouras assadas, salada de espinafre e cupcakes de sobremesa.

– Onde está o frango assado? – perguntei.

– Já não comemos frango suficiente nos últimos tempos?

Foi o melhor jantar que tivemos em muito tempo. Eu comi, completamente perplexa. Minha mãe passara o ano inteiro desmoronando, e eu esperava que o fato de papai ir embora fosse fazê-la ficar em pedaços. Mas não fez. A não ser que se tornar a supermãe fosse sua maneira de ficar em pedaços. Tudo era possível.

* * *

Minha mãe continuou na jornada pessoal para a sanidade. Agora, papai estava enlouquecendo. Depois de quatro dias, ele estava cansado de morar com seus alunos e queria voltar para casa. Mas minha mãe disse a ele que precisava de mais tempo e para apresentar outra requisição na semana seguinte.

– Ela está no erro, sabe? – reclamou ele quando me levou para jantar no Hopkins Rathskeller quinta-feira à noite. – Foi *ela* quem *me* traiu.

– É complicado. Posso tomar uma cerveja?

Meu pai olhou para todos os estudantes bebendo à nossa volta.

– Desculpe. Tenho de dar o exemplo. Serve sem álcool?

Ele continuou tagarelando sobre como a mamãe agira errado com ele e que, se ela tivesse um pouco de coração, deveria deixá-lo voltar. Claro, ele a havia deixado, mas nunca pretendia que isso

durasse mais que um ou dois dias. A esquisitice dela o estava incomodando e ele precisava de um espaço, só isso.

– Ela está feliz, ela está deprimida, como ela está? É como viver em uma montanha-russa...

Bebi minha cerveja sem álcool e me desliguei dele, observando os estudantes jogarem dardos. No ano que vem essa serei eu, pensei. Meus pais podem fazer quanto drama quiserem; não vou precisar saber. Vou estar em Nova York com Jonah, aprendendo sobre o mundo real.

Aí, eu pensei: Não, não vou. Eu vou estar em Ocean City, trabalhando como garçoneiro no Phillips e cuidando de Matthew.

Qual dos dois? Qual era meu verdadeiro futuro? Eu não sabia. Ambos pareciam igualmente irreais.

* * *

Contei a Jonah a respeito da minha nova situação doméstica, e ele escutou solidariamente. Mas seu coração e mente estavam concentrados em Matthew. Ele brilhava com uma nova intensidade. Todos os seus pensamentos estavam na reunião com seu gêmeo, à apenas alguns dias.

Então também me concentrei em Matthew. Estava confusa demais para pensar em qualquer outra coisa.

CAPÍTULO 22

No sábado, Jonah veio a minha casa para se disfarçar. Eu me vesti como Georgia Keane, com uma peruca loura e um vestido de babados que Jonah disse ser parecido com um que a vira usar. Jonah seria meu amigo, o jovem professor universitário Tanhauser. Eu lhe dei uma peruca cacheada castanha, óculos escuros, uma boina e camadas de suéteres para aumentar seu tamanho debaixo de um dos blazers de tweed do meu pai.

– Eu nunca usaria uma boina assim, nem em um milhão de anos – falou Jonah.

– Por isso mesmo – respondi. – Não se esqueça de falar com uma sotaque alemon.

– *Jahwohl*, mein bonequinha – disse Jonah. – Agora, vamos pegar meu irmão.

Sáímos da cidade para o campo. Estávamos no final de maio, quente, uma neblina de pólen no ar.

– Eu queria que estivesse nublado – falou Jonah. – Isso não parece clima de sequestro.

– Um bom clima para a praia, porém – retruquei.

– Primeiro, o mais importante.

Vinte minutos depois, entrávamos pelos portões de St. Francis. Evitamos o caminho circular na entrada da frente e estacionamos o carro perto da porta lateral.

– Até agora nosso plano está correndo perfeitamente, viu? – falou Jonah com uma voz de James Cagney.

– É para você ser alemão – eu disse.

– Ah, é.

– Não fale a não ser que precise.

Deixamos o carro destrancado e demos a volta para a entrada da frente.

– Olá – falei para a recepcionista. – Eu sou Georgia Keane. Estou aqui para visitar minha tia Candy.

– Ah, oi, Georgia – disse a recepcionista. – Onde está o resto da família?

– Eles vêm mais tarde – falei. – Tiveram de parar e comprar um presente para tia Candy. Alguns, hum, doces. Tia Candy adora doce.* Obviamente.

A recepcionista verificou o livro de registros.

– Ah, eles já chegaram – avisou. – Estão na sala de recreação. – Ela franziu os olhos na minha direção. – Você tem uma irmã gêmea?

– Nós, Keane, somos todos parecidos – falei, pegando na mão de Jonah. – Por falar nisso, este é meu amigo, Professor Tanhauser. Muito bem, nos vemos mais tarde.

– *Jahwohl!* – disse Jonah.

Jonah e eu andamos pelo corredor o mais rápido que podíamos, apavorados demais para olhar para trás.

– Você acha que eles suspeitaram de alguma coisa? – sussurrei.

– Acho – disse ele. – Ande rápido.

A sala de recreação estava lotada de pacientes, visitantes e ajudantes, que mostravam orgulhosamente os últimos trabalhos de arteterapia dos pacientes. Talvez Matthew tivesse uma bola feita de massinha para nos mostrar.

– Você tá vendo ele? – falou Jonah.

Varri o aposento com os olhos. Era difícil discernir Matthew no meio de todas as cadeiras de rodas e capacetes.

Jonah ficou tenso ao meu lado.

– *Você tá vendo ele?*

– Não – respondi.

– Ele não está aqui – falou Jonah. Ele se aproximou de uma das ajudantes. – Com licença. Estou procurando Matthew Tate.

A ajudante deu uma espiada em Jonah, que devia parecer estranho com sua boina de tweed, óculos e peruca. Ela abriu a boca, aí parou.

– Onde ele está? – A voz de Jonah falhou. Alguns visitantes olharam na nossa direção.

A ajudante não respondeu, e agora ela parecia nervosa. Jonah agarrou seu braço.

– *Onde está meu irmão?*

– Quem é você? – disse a ajudante.

– Eu sou Jonah Tate. Sou irmão de Matthew. – O professor alemão havia sido esquecido.

– Você não devia estar aqui – falou a ajudante.

– Mas estou – disse Jonah. – Onde está meu irmão?

Ninguém respondeu a ele.

– *Onde está meu irmão?* – gritou Jonah. – *Onde está meu irmão?*
Onde está meu irmão? – Sua voz foi ficando mais alta e mais estridente a cada repetição, até ele estar berrando *ONDE ESTÁ MEU IRMÃO?*

– Silêncio! Silêncio! – disse a ajudante. – Só um minuto. – Ela foi até um telefone na parede e ligou para alguém. Jonah tremia ao meu lado, murmurando “Onde ele está?”. Fiquei olhando para a ajudante enquanto ela falava, tentando ler sua linguagem corporal, mas não conseguindo interpretar nada.

Quando a ajudante voltou, ela falou:

– A Dra. Kramer já vem falar com você.

– Eu sei que meu pai disse que eu não tenho permissão para vê-lo – disse Jonah. – Mas meu pai está errado. Ele quer nos manter separados, mas eu não sei por quê!

A Dra. Kramer entrou e disse:

– Jonah, é você?

Jonah tirou a boina, a peruca e os óculos. Eu também tirei minha peruca. Esperei que perguntasse por que havíamos nos disfarçado, mas ela não perguntou.

– Venham comigo – falou a Dra. Kramer. Ela nos guiou pelo corredor para um escritório e fechou a porta. – Sentem-se.

Jonah disse:

– Onde está meu irmão?

– Jonah, por favor, sente-se – pediu a Dra. Kramer.

Nos sentamos. Ela se sentou atrás da mesa, protegendo-se.

– Seu pai não conversou com você?

– Sobre o quê?

Meu estômago se contraiu. Alguma coisa ruim estava para acontecer.

A Dra. Kramer lambeu os lábios e tirou os óculos.

– Jonah, Matthew está morto.

O ar ficou denso, de forma que tudo na sala pareceu ficar mais lento.

– Do que você está falando? – disse Jonah. – Meu pai não falou nada...

– Ele morreu há duas semanas – falou a Dra. Kramer. – Um acidente. Ele engasgou. Com alguma comida. Nós moíamos a comida para ele, mas Matthew estava tendo problemas para engolir e...

– Ele engasgou com a comida? – disse Jonah. – Ele engasgou com a *comida*? Como isso pôde acontecer?

– É... Temo que isso aconteça com bastante frequência com pessoas nas condições do seu irmão. Ele pode ter tido uma convulsão. Estávamos planejando alimentá-lo com uma sonda em breve, se as coisas não melhorassem, mas...

– Como puderam deixá-lo engasgar? – questionou Jonah. – Como podem tê-lo deixado morrer de uma forma tão idiota? Não havia ninguém lá? Não havia ninguém tomando conta dele? Quem estava cuidando dele?

– Os ajudantes são responsáveis por muitos pacientes – explicou a Dra. Kramer. – Eles fazem o melhor que podem.

O rosto dela parecia tenso e cansado. Fiquei imaginando com que frequência ela precisava ter essas conversas.

– Por que meu pai não me contou? – falou Jonah.

– Não sei – disse a Dra. Kramer. – Eu esperava sinceramente que ele tivesse...

– Aquele filho da puta.

A respiração de Jonah veio rápida e superficial. Estiquei o braço para pegar sua mão. Ele virou o rosto para mim, os olhos arregalados de pânico. Dois lagos congelados. Um garoto gritava e esmurrava na superfície, preso dentro do gelo. Em pânico. Tentando atravessar. Mas os gritos sumiram, os punhos chicotearam e ele escorregou para longe na escuridão. O menino havia sumido. Não restou nada além de gelo, transparente e liso o suficiente para se patinar.

Jonah tirou a mão da minha e se voltou para a Dra. Kramer.

– Houve um enterro?

A Dra. Kramer mudou de posição na cadeira.

– Matthew foi cremado, a pedido do seu pai. Ainda estamos esperando ele vir buscar os restos. Presumo que ele vá fazer algum tipo de cerimônia...

– Não, ele não vai – falou Jonah. – Não vai haver nenhuma cerimônia. Matthew já teve um funeral, há dez anos. Meu pai vai esquecer que algum dia teve um filho. Ele tentou esquecer durante todos esses anos.

– Jonah, seu pai se assegurou de que Matthew tivesse o melhor atendimento possível – disse a Dra. Kramer. – Ele não poupou recursos...

– Não lhe custou muito – falou Jonah. – Ele tem bastante dinheiro.

Lágrimas pressionavam o fundo dos meus olhos. Eu queria chorar, mas Jonah não estava chorando e não parecia correto chorar sem ele. Não sabia quanto tempo mais podia segurar, porém. Uma lágrima grande se contorceu para fora e pingou no meu nariz. Eu a enxuguei.

– Algo mais que eu possa fazer por você, Jonah? – perguntou a Dra. Kramer. Ela não era má pessoa. Tinha um trabalho difícil. – Sinto muito por sua perda. Estamos muito tristes a respeito de Matthew. Sentimos falta dele. Temo que não haja muito mais que eu possa lhe dizer.

Eu me levantei e ajudei Jonah a ficar de pé. Ele estava tremendo, pálido. As pernas pareciam fracas demais para sustentá-lo.

– Uma coisa. Eu quero o Gatso.

– Quem?

– O gato de brinquedo de Matthew. Ainda está com vocês? Ou também o queimaram?

– Temos uma caixa com as coisas do seu irmão. Vou ver se está lá dentro. – Ela saiu, nos deixando sozinhos no escritório.

– Jonah... – sussurrei.

– Shh. Não fale. Shhhh...

Ele tremia e se balançava em cima dos pés. Um retrato de Jesus estava pendurado acima da mesa. Seus olhos me seguiam pelo aposento.

A Dra. Kramer voltou com a caixa.

– Fique à vontade para pegar o que quiser.

A caixa continha algumas roupas, uns pedaços de papelão com pintura a dedo, um relógio de plástico e o Gatso. Jonah pegou Gatso

e o segurou debaixo do braço.

– Mais uma vez, meus sinceros pêsames. – A Dra. Kramer nos levou até a porta.

– Ele vai processá-los? – perguntou Jonah. – Meu pai ao menos ameaçou processá-los por incompetência ou negligência ou alguma coisa? Ele é advogado, sabe.

A Dra. Kramer enrijeceu.

– Sei disso. Ele não fez nenhuma menção de litígio neste momento. Ficaria surpresa se o fizesse, sinceramente. Ele sabe tão bem quanto eu que não poderia ganhar esse caso. Não nas condições que seu irmão estava.

– Só pensei que ele poderia tentar, em nome de Matthew – falou Jonah. – Resolver brigar ou algo assim, sabe? – Ele sacudiu a cabeça. – Idiota.

A Dra. Kramer nos guiou até o hall da frente.

– Na verdade, nós estacionamos naquela direção – falei, apontando com a cabeça para a porta lateral onde a Gertie estava, esperando para fazer uma fuga rápida.

A Dra. Kramer pareceu confusa, mas não se deu ao trabalho de perguntar.

– Está bem. Adeus.

Rastejamos pelo corredor comprido e brilhante como um casal idoso com artrite. Levamos uma eternidade para chegar até a porta. Um alarme disparou quando a empurramos.

– Eu dirijo – falei. Jonah não protestou. Eu o ajudei a entrar no carro. Ele agarrou Gatso como se temesse que ele fosse fugir.

Estacionei a Gertie na entrada da garagem de Jonah, ao lado do Mercedes de seu pai. Jonah fugiu do carro sem uma palavra, ainda agarrado ao Gatso.

– Jonah, espere – eu disse, mas ele entrou a passos largos na casa sem olhar para trás. Eu o segui, *só para deixar as chaves do carro*, disse a mim mesma, mas temia por Jonah.

Ele havia deixado a porta da frente aberta.

– Jonah? – chamei. Não havia ninguém na sala de estar ou na sala de jantar. – Jonah? – Ninguém na cozinha silenciosa.

Ouvi algo batendo no andar de cima, vidro se quebrando, um barulho seco e a voz de Jonah.

Corri para cima e encontrei Jonah no quarto do pai, arrancando fotos emolduradas da parede e espatifando-as no chão. O Sr. Tate estava perto da cama usando camisa social, cuecas samba-canção e meias, flagrado enquanto trocava de roupa.

Com um movimento do braço, Jonah varreu o topo de uma cômoda. Garrafas se quebraram, moedas tiniram no chão de tábua corrida. Ele pegou uma garrafa de Bay Rhum que não havia quebrado e a espatifou na cômoda, fazendo vidro cobrir seus pés.

– Ele está morto! Mentiroso! Você é um mentiroso! Ele está morto DE NOVO! Vá em frente, minta para mim. Você o escondeu em algum outro lugar desta vez. Onde você o botou? Me diga!

O rosto do Sr. Tate estava pálido. Ele me viu espreitando no vão da porta, mas não disse nada. Eu sabia que não devia estar ali, mas não podia deixar Jonah assim.

Jonah agarrou o pai pela garganta.

– É você quem devia estar morto! Por que não está morto? Seu velho escroto, horroroso...

O Sr. Tate tentou se desvencilhar. Ele caiu de costas na cama. Agarrei Jonah pelas costas e tentei puxá-lo para longe.

– Jonah, pare!

– Me largue!

Ele me afastou com um empurrão e eu bati contra a parede. Sua voz estava rouca de ódio. Ele largou o pai e berrou alto e longamente.

O Sr. Tate tateou procurando as calças.

– Jonah, acalme-se. Vou levá-lo ao hospital. – E ele acrescentou para mim: – Ele tem de ser sedado.

– Eu o levo. – Passei meus braços em torno de Jonah, meio abraçando, meio segurando. Ele estava ofegante como um animal. – Vou levá-lo para minha casa para se acalmar. Se ele precisar ir para o hospital, eu posso levá-lo.

– Mocinha, isto é um problema de família. Jonah não vai deixar esta casa com você.

Eu apertei Jonah, tentando mantê-lo comigo.

– Vamos embora daqui logo, logo – sussurrei. – Iremos para Nova York juntos e esqueceremos tudo isto...

Jonah virou a cabeça e me encarou, o olhar mais frio e duro que eu já vira.

– Você QUER esquecê-lo. Está feliz que ele tenha morrido. Você o odiava! – Ele se soltou dos meus braços. – Eu odeio VOCÊ! – rugiu ele na minha cara. – Se toda a raça humana fosse aniquilada e eu pudesse salvar uma pessoa, eu não salvaria NINGUÉM.

Ele saiu correndo do quarto. Corri atrás. Ele voou escada abaixo, atravessou a cozinha, saiu pela porta dos fundos e cruzou o quintal. Saltou por cima do córrego que margeava a propriedade e desapareceu para além das casas na rua seguinte.

– Jonah! – gritei, mas não consegui alcançá-lo. Parei na beira do jardim, os dedos dos pés mergulhando de leve no riacho.

O Sr. Tate estava do lado de fora da porta dos fundos, ainda de meias e cueca, segurando as calças em uma das mãos, olhando para os telhados dos vizinhos, como se o filho pudesse de alguma maneira estar lá, cortando o céu.

Eu voltei para a casa. Em suas pernas e mãos, veias azuis serpenteavam debaixo da pele fina como papel.

– O senhor está bem? – perguntei.

– Está tudo bem. Vá para casa.

– Eu o ajudo a varrer o vidro no seu quarto.

– Vá embora agora, mocinha. Vá para casa.

– Tenho certeza de que ele vai voltar mais tarde, depois que se acalmar – eu disse.

– Não tenho dúvidas.

Eu me afastei lentamente, através do jardim, subindo pela entrada da garagem e descendo a rua na direção da minha casa. Acho que parece estranho, mas senti pena do Sr. Tate naquela hora. Acho que ele não sabia que estava do lado de fora de cuecas, ou se importava. Foi só uma coisinha de que eu me lembrei. Uma coisinha que tornava um dia triste ainda mais triste.

* * *

Jonah entrou escondido em casa depois da meia-noite. Eu sabia que ele havia voltado porque, de madrugada, ouvi o Garoto Fantasma no rádio.

Herb:

Próximo ouvinte, você está no ar.

Garoto Fantasma:

Olá, Herb. Aqui é o Garoto Fantasma.

Herb:

Olá, Garoto Fantasma. No que está pensando esta noite? Eu soube que o seu aniversário foi uma festança.

Garoto Fantasma:

Eu, hum... meu irmão morreu. Eu só queria dizer isso em algum lugar, publicamente, em voz alta. Meu irmão morreu.

Herb:

Sinto muito saber disso.

Garoto Fantasma:

Nós éramos gêmeos.

Herb:

Ah, não.

Garoto Fantasma:

A culpa é minha. Eu o matei.

Herb:

Como assim?

Garoto Fantasma:

Meu irmão morreu por mim. Para me salvar.

Herb:

Como ele morreu, Garoto Fantasma?

Garoto Fantasma:

Não havia o suficiente para nós dois. Quando nós éramos bebês. Dentro da nossa mãe. Não havia comida suficiente, ou sangue ou sei lá o quê. Só o bastante para manter um. Então meu irmão deu sua parte para mim.

Herb:

Isso não parece ser algo que você pudesse evitar. Não pode ser culpa sua.

Garoto Fantasma:

Mas é. Porque eu estou vivo e ele está morto. E eu queria viver. Eu devo ter querido viver de verdade. Não sei por quê, mas eu quis. E meu irmão deu sua vida por

mim antes até de poder pensar. Isso é generoso. Não é generoso?

Herb:

É muito generoso. Apesar de eu não saber direito do que você está falando.

[A música de "o tempo acabou" começa. O Garoto Fantasma parece não perceber. Herb não diz nada]

Garoto Fantasma:

Eu só queria dizer algo sobre ele, lançar seu espírito nas ondas do rádio e ver o que ele vai fazer. Talvez ele apareça para um de vocês e lhes dê algo de que precisem. Ajude-os a sair da depressão ou impeça o sol de vê-los chorando. Muitos de vocês acreditam em fantasmas. Eu já os ouvi dizer isso. Meu irmão é um fantasma agora. Se ele os assombrar, vocês têm sorte.

Herb:

[silêncio]

Garoto Fantasma:

Boa noite, Herb. Bons sonhos para vocês todos.

NOTA

* Candy, em Inglês. (*N. da T.*)

DEZEMBRO JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL
MAIO JUNHO

CAPÍTULO 23

O *Yodel* da Canton saiu na primeira segunda-feira de junho, seguido por um frenesi de assinaturas. Os alunos do último ano passavam os períodos livres rabiscando nos corredores os anuários dos amigos, empilhados ao lado deles no chão.

Encontrei o livro de ASUE aberto em uma mesa do refeitório e dei uma espiada em algumas das mensagens. *Black Rock!!! Beijando DW em Deep Creek – AMD!*

TG + AS pegos dscg no Boomer's!

Os recados pareciam ser escritos em código. Meus colegas de classe haviam passado a vida inteira juntos. Você precisava ter estado lá, e eu não estivera.

Anne Sweeney agarrou meu livro do ano durante a Assembleia uma manhã.

– Por que você não me pediu para assinar? – perguntou sem rodeios, empurrando seu livro para meu colo. Ela abriu meu livro do ano na página dela, cada veterano tinha uma página própria, e rabiscou em cima do seu rosto com uma caneta prateada.

Bea,

Sinto muito não ter conseguido conhecê-la melhor este ano. Mas obrigada por ser minha companheira como filha de docente e escudo de Jonah – onde você estava há 12 anos?

Posso ver que você é uma boa pessoa. Tem um sorriso tão bonito – devia usá-lo! 😊 Mostre-se ao mundo e você vai encontrar mais amigos – e caras – do que pode administrar.

Toda a sorte no ano que vem. Vou sentir saudades!

Beijos, XXXOOO, Anne

p.s.: Nos vemos na piscina durante o verão?

Ela fechou o livro com força. Eu estava sentada ao lado dela, confusa, seu livro do ano ainda aberto no meu colo.

– Você ainda não escreveu nada! – Ela folheou até minha página. BEATRICE ROSE SZABO encimava a página em letras pretas. Eu não havia usado o retrato tradicional de livro do ano; preenchi a página inteira com minha foto da cabeleireira islandesa, eu penteando a cabeça da Barbie na Terra de Noel. Limitei-me a uma citação, sobreposta à fotografia: *A PALAVRA ESCRITA É UMA MENTIRA – Johnny Rotten*. Eu não sabia se acreditava nisso, mas lá estava, declarado abertamente na minha página em preto e branco. Acho que agora eu tinha de acreditar.

A página de Jonah era ao lado da minha. JONAH MARTIN TATE. Uma foto em preto e branco de um menino bochechudo de 3 anos de idade estava centralizada na página branca e emoldurada por um desenho a lápis e nanquim de trepadeiras e flores. Havia uma citação embaixo da fotografia.

Adeus a eles, ele tinha de ir

– Daniel Johnston, “Gasparzinho, o Fantasminha Camarada”.

– Por que Jonah não botou nada além de uma foto de bebê em sua página? – falou Anne. – Daqui a alguns anos, como seus filhos vão saber como ele era no ensino médio? – Ela bateu com a caneta na página. – Por outro lado, quais são as chances de que Jonah algum dia tenha filhos?

– Ele está em algumas fotos de grupo – respondi, folheando até a página da “*Equipe do Yodel*”. Lá estávamos nós, posando com nossos chapéus, máscaras e óculos engraçados. Eu me esquecera disso, o “conceito” de Jonah para a foto. O rosto dele estava completamente obscurecido. A legenda listava nossos nomes, mas não se conseguia ver a maioria de nós com clareza suficiente para nos identificar.

– Talvez a foto de turma. – Anne virou para a grande foto em grupo da nossa turma, quarenta de nós empoleirados na colina do lado de fora da ala dos veteranos.

Todos os alunos do último ano estavam presentes e identificados com legendas, como sempre. Mas o rosto de Jonah fora cortado da foto e substituído por um desenho do Gasparzinho.

– Isso é para ser engraçado? – falou Anne. – Ele desfigurou nossa foto de turma.

Será que havia alguma foto clara de Jonah em algum lugar do livro? Eu folheei página após página.

– Ai, olhe. – Anne apontou para uma foto de uma Anne pequenininha e um Jonah pequenininho comendo biscoitos integrais em uma mesa pequena. – Somos nós no Jardim de Infância.

Jardim de Infância, é, e segundo ano do ensino fundamental. Mas no livro inteiro não havia uma única foto recente do rosto de Jonah.

– É quase como se ele realmente *fosse* um fantasma – disse Anne. – Você sabe, como se ele não aparecesse nas fotos.

– Mas ele não é um fantasma – eu falei. – Ele não é. Ele é real.

– Está bem – concordou Anne. – Fique calma. Ele é real. Agora, assine meu livro.

* * *

Fiquei algum tempo com o livro de Anne. Precisava de tempo para pensar em algo para escrever.

Li as assinaturas que Anne reunira, os apelidos e piadas particulares e lembranças de trotes e bons tempos. Os elogios: “Você é tão bonita!”, “Todo mundo te ama!”, “Eu mataria para ter suas sobrancelhas!”. E promessas: “Nós temos, TEMOS de manter contato! Venha me visitar em Snoozerville, Ohio, e nós vamos arrasar!”

O que eu podia escrever para Anne? O que poderia dizer que fosse significar alguma coisa? Que eu não fosse ficar envergonhada de ler daqui a 20 anos?

Pensei na Anne, no tipo de pessoa que ela era. Não éramos muito amigas, mas ela fora simpática comigo. Ela tentara. E, de um modo estranho, me sentia ligada à ela. A amizade dos nossos pais – a mãe dela, o meu pai – nos unia. E ela ia para Cornell, em Ithaca, a cidade da qual eu fugira há menos de um ano.

Querida Anne,

Obrigada por prestar atenção em mim e por tentar me ensinar como vivem os Cantonitas. Sinto ter sido uma aluna tão ruim. Mas agradeço o esforço. Agradeço mesmo. Toda a sorte na faculdade no ano que vem. Você vai adorar Ithaca. Faz frio, mas é lindo.

Beatrice

P.S.: Cuidado com os desfiladeiros.

Anne e eu trocamos os livros do ano na hora do almoço.

– Alguém pediu para escrever no seu livro, então eu deixei – disse Anne. – Não achei que você se incomodaria.

Folheei meu livro até encontrar a página à qual ela se referia: WALTER MINTON CARREY.

A página de Walt era muito tradicional, dominada pelo retrato clássico de livro do ano, o cabelo rebelde dividido ao meio, penteado e achatado. O rosto sardento. O sorriso torto. Ele parecia uma pessoa feliz.

Abaixo do retrato, duas fotos menores: Walt vestido com o uniforme completo de lacrosse da Canton, no meio do jogo, fazendo um gol; e Walt de bicicleta, aos 10 anos de idade, com uma menina mais nova que devia ser sua irmã. Ele citou Charles Dickens (“Foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos...”) e, para minha surpresa, Emily Dickinson.

Loucura demais é consciência divina

Para um olhar perspicaz;

Consciência demais, a mais severa loucura

É a maioria

*Que nisso, como em tudo, prevalece.
Aquiesça e será são;
Objete – você é imediatamente perigoso
E tratado com uma corrente.*

No espaço em branco, com a letra ilegível de um menino, ele escrevera:

*Para Beatrice – a garota mais gatinha da escola!
Eu me apaixonei por você desde o começo do ano. Talvez você pudesse perceber. (Devia ter percebido – eu a convidei para a festa de formatura! Duh!) Você parecia ter outras coisas na cabeça. Tudo bem. Sinto muito não ter tido a chance de conhecê-la melhor, mas o ano ainda não acabou. Ainda há tempo. Vou ficar por aqui durante todo o verão. Sem pressão. Só acho você maneira.*

Walt.

Eu sorri. Fiquei feliz e triste ao mesmo tempo. Acho que eu estava mesmo com outras coisas na cabeça. Por que Walt nunca esteve na minha cabeça? Sei lá. Ele simplesmente não esteve.

Jonah quase não ia mais à escola e, quando ia, mantinha distância. Ele vagueava como um fantasma, ali mas não ali. Matava a Assembleia todas as manhãs. Estávamos no final do ano. Ninguém implicava com ele ou o chamava de f-f-f-fantasma, apesar de estar mais fantasmagórico do que nunca. Nenhum professor se dava ao trabalho de repreendê-lo. Que importância isso tinha agora?

Eu telefonava para ver como ele estava, mas ele raramente atendia ao telefone e, quando o fazia, estava rabugento e sem disposição para falar. Eu deixava recados – *Quer ir ao Carmichael's para tomar uma cerveja? Quer ir ao centro da cidade para ver um filme? Quer vir para minha casa e só ficar de bobeira?* –, mas eles ficavam sem resposta. Eu procurava por ele no Night Light Show toda noite, a noite inteira, mas o Garoto Fantasma nunca telefonava.

Uma manhã, eu o peguei em seu armário. Decidira pedir que assinasse meu livro do ano, apesar de saber que ele provavelmente odiaria a ideia. Não me importava, seria corajosa e perguntaria, de qualquer modo. Se Anne e Walt iam estar ali, eu também queria Jonah, pelo menos para dar uma ideia de como minha vida na Canton realmente fora.

Comecei a pedir a ele, mas aí o primeiro sinal tocou. Ele fechou o armário e se virou para ir.

– Jonah, espere – eu falei. – Por favor.

– Sinto muito. Cálculo. – Ele se afastou pelo corredor na direção de sua sala. Eu o observei pelo caminho todo, mas ele nunca olhou para trás.

Então deixei meu livro do ano na frente do armário dele, com um bilhete. Se alguém o roubasse, tanto fazia. O livro não significava nada para mim sem Jonah nele.

Querido Jonah,

Eu ficaria honrada se você assinasse sua página no livro do ano para mim. Você é a única pessoa em Canton – ou em qualquer lugar, na verdade – com quem eu realmente me importo. Passamos por

muita coisa juntos este ano, e você é o melhor amigo (perdoe a palavra inadequada, mas nunca descobrimos uma substituta) que eu já tive. Tenho certeza de que você acha bobagem, mas ficaria grata se me concedesse essa pequena prova da nossa amizade.

Com amor,

B

Eu verificava o armário dele entre cada aula. Meu livro do ano permanecia na frente dele, intocado. Então, depois do almoço, eu encontrei o livro encostado no meu armário. Ele virara meu bilhete e escrevera no verso: *Assinado com um X*. Abri o livro na página de Jonah. Ele havia desenhado um X grande, gordo e perfeito bem em cima do rosto de bebê. E isso era tudo.

* * *

Cheguei em casa da escola naquele dia e encontrei meus pais na sala de estar, conversando baixinho. Eles se levantaram quando entrei.

– Bea – falou mamãe. – Temos algo para dizer a você.

Glup. Essa nunca é uma boa frase para ouvir dos seus pais.

– Sim?

– Vou arrumar um apartamento – disse papai. – Perto de Hopkins.

Eu olhei para minha mãe.

– Decidimos viver separados por algum tempo – explicou ela. – Só para experimentar.

Pisquei, perplexa. Não podia acreditar que isso estava acontecendo. Meu pai parecia triste, mas mamãe parecia controlada, calma. Estava completamente vestida, com sapatos, maquiagem e tudo mais. Até pérolas. Depois de todos esses meses de loucura, agora ela estava normal? Ou pelo menos próxima do normal? O que estava acontecendo?

– Arrumei um emprego – disse mamãe. – Finalmente. No Museu de Arte Walters. – Algo sobre antiguidades, slides, permissões, direitos de reprodução... eu mal a ouvi. – Portanto vou estar ocupada e serei mais independente agora.

– Isso é ótimo – falei sem entusiasmo.

Meu pai se aproximou e me abraçou. Eu queria ser fria e cruel. Queria ser a Garota Robô, mas não consegui. Eu o abracei de volta, forte, e tentei não chorar.

– Vamos ter um apartamento de solteiro superanimado – me disse ele. – Você vai adorar. Pode ir para lá quando quiser. Só vou estar a alguns quilômetros de distância. Está bem?

– Está bem – falei. Que opção eu tinha? Não parava de pensar: Por que você sempre me deixa sozinha com ela? Mas talvez não fosse ser tão difícil viver com ela agora, sem ele por perto.

Eles me perguntaram um pouco mais a respeito dos meus sentimentos sobre o assunto, como se isso pudesse mudar alguma coisa, e fizeram previsões ensolaradas de como seria divertido ter duas casas. Aí papai me beijou na testa e foi embora.

Minha mãe se levantou alegremente.

– Bem – falou ela, e eu quase podia ouvi-la limpando a sujeira das mãos, agora que está tudo acabado... – Acho que vou preparar

o jantar. – Ela foi para a cozinha fazendo barulho com as sandálias. Eu a segui, ainda atônita. Ela deu um puxão nas cortinas de galinha.

– Essas cortinas são tão feias. O que eu estava pensando? Preciso fazer cortinas novas imediatamente. Algodão azul pode ficar bonito.

Ela abriu a geladeira e começou a fazer uma salada. Eu a observei durante algum tempo. Parecia que eu estava em um sonho.

– Mãe – eu disse finalmente –, o seu casamento está acabando. Por que você não está desmoronando?

– Sei lá. – Ela deu de ombros. – Só não estou. – Ela lavou um ramo de alface. – Talvez toda aquela terapia finalmente esteja fazendo efeito.

– Aham. – Eu não estava convencida de que terapia podia “fazer efeito” tão de repente.

– Ou talvez eu me sinta melhor tendo as coisas decididas, de um jeito ou de outro, sabe? – falou ela. – Era difícil para mim, a maneira como seu pai sempre meio estava aqui e meio não estava.

– Aham.

– Acho que eu era dependente demais dele. Mas, depois que ele foi embora, percebi, *Ei, eu posso viver sem ele. Não é tão difícil nem nada.*

– Aham.

– Além disso, a Dra. Huang disse que os antidepressivos estão funcionando melhor agora. Isso pode ter algo a ver com meu bom humor.

– Você acha? – Eu estava cética de que mesmo remédios pudessem ser tão eficientes. Mas principalmente, eu estava confusa.

– Ela disse que, quando me sentisse forte sozinha, poderia querer que seu pai voltasse. Não vou me sentir tão sufocada por ele. Talvez.

– Acho que isso seria bom. – Eu realmente não sabia o que dizer.

– Acho que vou fazer um suflê – disse mamãe. – Você gostaria?

– Você sabe fazer suflê?

– Bem, posso tentar, certo?

Ela fez um suflê de queijo, e ficou bom. Aqueles antidepressivos que a Dra. Huang dera a ela eram algum tipo de droga milagrosa. Pensei em experimentar, mas não achava que iam funcionar para mim. Eu não tinha motivos para me sentir feliz. Estava triste com razão e não seria certo interferir com esse sentimento. Achei que deveria ficar triste por algum tempo.

CAPÍTULO 24

Jonah me telefonou no sábado antes da formatura.

– Hoje à tarde, 17h – disse ele.

Fiquei tão animada por ouvir sua voz que mal consegui falar. Após dias e dias me ignorando, ali estava ele ao telefone me convidando para ir a sua casa. Finalmente.

– É uma cerimônia fúnebre – esclareceu Jonah.

– Estarei lá – falei.

O Sr. Tate havia buscado a urna de cinzas e concordara em deixar Jonah ficar com ela. Jonah decidiu enterrá-la no quintal. Provavelmente era ilegal, mas ele não se importava. O Sr. Tate não foi convidado para a cerimônia nem comunicado a respeito.

Desde a morte de Matthew, os dois viviam em uma trégua gélida, lado a lado na mesma casa, falando apenas o necessário. O Sr. Tate acordava cedo, saía para o escritório, trabalhava até tarde e voltava para casa depois que Jonah estava na cama. Às vezes, à noite, Jonah via o pai andando de um lado para o outro no jardim atrás da casa, o rosto como pedra sob o luar, mãos unidas atrás das costas, sozinho com seus pensamentos soturnos.

* * *

O dia da cerimônia estava nublado e mormacento. Jonah me guiou para dentro da casa velha e escura. Tapetes persas cobriam pisos extremamente polidos. A mobília pesada parecia ter sido posta no lugar por Deus, inalteráveis, permanentes como rocha. Os quartos ficavam nas sombras, mais ainda assim tudo brilhava.

– Quer alguma coisa antes que a gente comece? – perguntou Jonah.

– Se eu quero alguma coisa? Tipo o quê?

– Sei lá. Algo para beber, uma coisa assim.

Eu queria um chá gelado, mas não me parecia correto beber chá gelado em uma cerimônia fúnebre, apesar de ele ter oferecido.

– Não, estou bem – falei.

– Então vamos. Está tudo pronto.

Ele me guiou através da cozinha, uma cozinha velha e cafona, eu percebia agora, pelos degraus frágeis de madeira e para o quintal.

Perto do córrego que margeava a propriedade, debaixo de um salgueiro, um buraco pequeno já havia sido cavado. Gatso e a Srta. Frankenheimer do Mal, pequenos mas ferozes, montavam guarda. Jonah carregava a urna.

Nós abaixamos nossas cabeças e olhamos em silêncio para o buraco por alguns minutos. Jonah ergueu a urna acima da cabeça. Ele a balançou para o céu, como se sacudisse o punho para o Céu.

Então pôs a urna no buraco.

– Sinto muito por tudo, Matthew – disse ele. – Tentei ajudá-lo, porém era tarde demais. Provavelmente não teria dado certo, de qualquer modo. Foi uma ideia idiota. Trabalhar em um parque de diversões. Tomar conta dos brinquedos. Coisa de bebê. Beatrice

teria ajudado, porém. Ela também o teria amado. Nós dois, nós três, juntos...

Ele olhou para mim em um pedido implícito de desculpas. Ele não pensava realmente que eu odiava Matthew. Não quisera dizer aquelas palavras horríveis. Eu estava perdoada por sugerir que a vida podia continuar. Eu o perdoei de volta.

– Se algum dia nos encontrarmos novamente, te dou permissão para me dar um soco na cara. Você vai ser capaz de socar com força, da próxima vez que eu o vir. E dançar como louco. E contar uma boa piada.

Ele se virou para mim.

– Beatrice, tem alguma coisa para acrescentar?

Engoli em seco. Parecia o momento para uma oração. Então abaixei a cabeça e recitei algumas palavras do hino da Canton. Era a única oração que eu realmente conhecia.

– Não sei se me lembro desta canção direito – falei, mas de alguma forma, magicamente, me lembrei.

*Pelos cordeiros sem um pastor
Por peixes cujos rios correm
Por navios sem uma bússola
Oramos para que Tu os traga para casa*

*Por todos nós andarilhos
Nossos corações são cheios de buracos
Oramos para que Tu nos guie para casa
Abraze Tuas pobres almas perdidas*

– Matthew Tate, você foi amado.

– Obrigado. – Jonah assentiu. – Gatso e a Srta. Frankenheimer do Mal vão sentir saudades de você, Matt. Vou cuidar bem deles.

Jonah levantou a pá. Tocou a urna uma última vez. Cobriu o buraco de terra.

Ele rolou uma pedra lisa para cima da ferida no chão. Aí pegou Gatso e a Srta. Frankenheimer do Mal e os carregou para dentro. Eu o segui.

– Me desculpe, Beatrice. Obrigado por vir. Mas precisamos ficar sozinhos agora.

Ele me deixou no jardim. A porta da cozinha se fechou atrás dele.

Fiquei olhando para a porta por algum tempo. Acho que esperava que ele me visse e saísse de novo. Contornei a casa até o meu carro e dirigi para o centro da cidade.

CAPÍTULO 25

Para a formatura, as meninas usaram vestidos longos brancos e os meninos usaram smokings brancos com um cravo vermelho preso na lapela. Cada garota foi colocada com um garoto baseado na altura. Meu par era Harlan Zimmer. Ele fedia a maconha.

– Minha mãe me fez tomar uma ducha hoje à tarde, mas me recusei a lavar o cabelo – me falou Harlan enquanto formávamos uma fila no começo do corredor, esperando para marchar, entrar e receber nossos diplomas.

– Por quê? – perguntei.

– Xampu faz muito mal para a saúde – disse ele. – Além do mais, por que eu deveria me formar com cabelo mais limpo do que o que normalmente tenho? Por que hoje deveria ser diferente de um dia normal de aula?

– Bem, você está usando um smoking branco – observei.

– Só porque me obrigaram – explicou Harlan. – Lockjaw disse que ia cancelar meu diploma se eu não o usasse.

– O smoking definitivamente não é uma questão que valha a pena defender – eu disse.

– Secretamente, eu acho que a roupa é meio bacana – falou Harlan. – Tipo James Bond.

Ele não parecia do tipo James Bond, mas você nunca sabe sobre as pessoas e suas identidades secretas. Na cabeça de Harlan, ele podia ser um 007 doidão.

– Sean Connery fala parecido com Lockjaw – acrescentou Harlan.
– Shá penshou shobre isho?

Jonah estava alguns casais à frente de mim na fila, ao lado de ASUE. Ele odiava ASUE por princípio, o princípio sendo que um acrônimo não é um bom substituto para um nome adequado, verdadeiro. Tentei chamar sua atenção, mas ele não olhava para mim.

O Quinteto de Metais Homeland tocou o Processional. Nós marchamos pelos degraus de pedra, um casal de cada vez, de braços dados, como um casamento comunitário. Ao pé da colina, na frente do auditório, os pais e os alunos das outras séries esperavam nossa chegada. Entramos em fila para nossos assentos ao lado do pódio e encaramos a plateia.

Lockjaw falou, em seguida o Sr. Meath (nós o elegêramos Professor do Ano), depois a oradora, a tia de alguém que era poeta com livro publicado.

Eu observei a plateia enquanto a mulher lia suas palavras inspiradas, mas ainda assim divertidas. Meus pais estavam sentados juntos na terceira fileira, como se nunca tivessem se separado. Ao lado de papai estavam sentados Caroline e Ed Sweeney. Na última cadeira da última fileira, um homem de terno e chapéu pretos estava sentado sozinho, tenso e com um rosto soturno. O Sr. Tate viera. É claro que viera. O filho estava se formando no ensino médio.

Espiei pela fila de alunos do último ano para Jonah. Ele olhava direto para a plateia, sem olhar para o pai, sem olhar para ninguém. Parecia estar em algum lugar bem longe. Não havíamos nos falado desde a cerimônia fúnebre de Matthew. Eu esperava que ter me incluído na cerimônia significasse que podíamos começar a tentar sermos amigos novamente, mas ele ainda me evitava. Ele só quisera uma testemunha, eu achava. Eu não sabia.

Morria de saudades dele, apesar de ele ter dito que me odiava, apesar de sua raiva – o ataque na casa dele, o X em sua página do livro do ano, a forma cruel com que ele se afastou de todo mundo – me assustar. Eu não ligava se ele não era meu namorado ou até mesmo meu amigo. Ele era meu Jonah. Eu me sentia mais só sem ele agora do que já me sentira antes de conhecê-lo. Minha vida estava com uma lacuna.

Os discursos terminaram e Lockjaw começou a chamar nossos nomes. Nos levantamos um a um, andamos até o pódio, apertamos a mão de Lockjaw, recebemos nossos diplomas e nos sentamos novamente. E foi isso. Formatura.

A festa pós-formatura foi na casa de Anne Sweeney. Meus pais deram uma passada por pouco tempo. Ficaram na sala de estar, onde estava acontecendo a festinha dos pais, de mãos dadas como se estivessem em um encontro. Talvez a Dra. Huang estivesse certa. Mamãe tivera de afastar o meu pai antes que pudesse começar a gostar dele de novo. Tanto faz. O comportamento deles me surpreendeu, mas era minha formatura – meu marco, não dos dois – e eu não queria pensar neles.

No jardim, onde a festa dos alunos bombava sossegadamente, encontrei Jonah de pé sozinho ao lado do bolo.

– Eu vi seu pai – falei.

– É.

– Ele te disse alguma coisa?

– Ele apertou minha mão e falou “Bom trabalho”. Aí, foi para casa.

– Quer sair daqui? – ofereci. – Podíamos ir ao Carmichael’s e tomar uma cerveja.

– Não, obrigado – falou Jonah. – Acho que vou para casa.

Ele virou de costas para mim, mas eu agarrei seu braço para impedi-lo.

– Ei – eu disse. – E eu?

– E você o quê?

Eu o soltei, me sentindo constrangida.

– Estou triste que Matthew tenha morrido – sussurrei. – Mas ainda estou aqui. Ainda sou sua amiga, como antes.

A expressão dele não mudou. Ele não disse nada. Eu pressionei.

– Jonah, não se lembra de todas as coisas que fizemos este ano? O rádio? Os Night Lights? Seu aniversário, o mar e todos os nossos planos...

– Não – falou Jonah.

– Nós fomos juntos ao almoço de Natal e conhecemos Myrna e Larry e Herb... Você esperou por mim na noite de Ano-Novo, durante horas no frio na minha varanda. Você me deu uma festa de formatura no calçadão, com uma tiara e flores e tudo...

O rosto dele não se moveu. Eu mal o reconheci. Os traços eram os mesmos, mas a pessoa por trás da pele havia mudado. Meu coração se partiu, uma dor aguda.

– Isso não pode ter sido eu – disse ele.

– Foi você – falei. – Foi você e eu, nós dois, juntos. Podemos ter mais momentos felizes. Podemos passar o resto da vida juntos, se quisermos... – Mesmo enquanto falava, eu vi a distância crescendo entre nós. – Ou não, tanto faz. Só não me diga que não foi real. – Eu tinha vontade de chorar, mas todo meu corpo estava seco. – Sinto sua falta. Por que você não me deixa entrar na sua vida de novo?

O rosto dele continuou imóvel, mas achei ter visto uma faísca em seus olhos – o cinza gelado derretido para azul leitoso em um flash, e depois congelado novamente.

– Deixá-la entrar de novo aonde? – disse ele.

Aí ele se afastou, dissolvendo-se no crepúsculo. Como se diz *Vá para o inferno* em Fantasma? Eu permaneci pregada no lugar. Aos poucos, tomei consciência da minha própria respiração, para dentro, para fora, para dentro, para fora e voltei para o mundo.

Alguém bateu no meu ombro. Eu me virei.

– Ei! Nós conseguimos! Acabou!

– Ei, Walt. – O timing dele nunca fora muito bom.

E, como sempre, ele não pareceu notar.

– Não está entusiasmada? – perguntou ele alegremente. – Chega de escola!

– Bem, tem a faculdade.

– Claro, mas é diferente. – Ele deve ter finalmente sentido meu humor azedo, porque diminuiu o entusiasmo.

– O que houve? Aconteceu alguma coisa com Jonah?

– É, acho que sim – falei.

– Posso perguntar o quê?

– Ele só está... triste – eu disse.

– Ele está triste desde a terceira série – falou Walt. – Mas pareceu um pouco mais feliz este ano. Depois que você chegou.

Tentei me lembrar de como Jonah parecia quando o conheci. Não era exatamente triste. Vago era mais preciso. Ausente. Isso era a mesma coisa que triste?

– Bem, ele está triste novamente – continuei. – E não sei como fazê-lo se sentir melhor.

– Talvez ele precise de um tempo sozinho.

Sacudi a cabeça.

– Isso é tudo o que ele tem. Tempo sozinho.

– E você? – disse Walt. – Nunca precisa de nada?

Eu precisava de muitas coisas. Muitas coisas que não tinha e nas quais não pensava há muito tempo.

Naquela noite, fiquei na rua até às 3h. Alguns de nós entramos escondidos na piscina do Roland Park, pulamos a grade e fomos nadar pelados. Walt me levou para casa, nós dois encharcados, e eu o deixei me beijar.

Aí entrei, caí na minha cama e liguei o rádio.

Kreplax:

Eu queria lembrar a todos que o 12º Conselho Anual é neste fim de semana, perto da Waterview Avenue – só procurem as longas filas de carros estacionados. Não é permitida a entrada de policiais!

Herb:

Vai competir este ano?

Kreplax:

Vou competir com minha supercanoa, a *Time Viking*. É o barco campeão. Venham assistir à corrida e dizer adeus. Depois que eu pegar minha Guirlanda de Flores Selvagens da Vitória e alguns balões de gás hilariante para a viagem, vou remar a *Viking* para longe daqui.

Herb:

Aonde você vai?

Kreplax:

De volta para o futuro, Herb. São todos bem-vindos para me visitar, se conseguirem descobrir como chegar lá. Eu só vou remar por cima do horizonte e *ploft!*, vou ter ido embora.

Herb:

Obrigado, Kreplax. Espero que consiga, desta vez. Próximo ouvinte, você está no ar.

Larry:

Esta canção é em homenagem à partida do grande viajante do tempo, Kreplax.

[Uma agulha cai em um disco. Uma música toca, "One less bell to answer", do Fifth Dimension]

Larry:

[cantando junto]

"One less man to pick up after, I should be happy..."

O telefone tocou. Eram 4h30 da manhã. Abaixei o som do rádio, meu coração acelerando alegremente. Tinha de ser Jonah.

– Vamos fugir juntos – soou a voz.

Ele tinha voltado!

– Quer dizer, para Ocean City? – perguntei.

– Não, quero dizer de verdade. Vamos fugir para algum lugar bem longe, algum lugar onde nunca estivemos antes, um lugar sobre o qual não sabemos nada, onde eles não sabem nada sobre nós.

– Está bem. Vou começar a fazer as malas.

Houve um silêncio dele. Aí, ele falou:

– Tenho de ir embora daqui.

– Vamos estar fora daqui em breve. Só precisamos aguentar até o final do verão. Vamos juntos de carro para Nova York. Eu tenho de morar no dormitório no ano que vem, mas depois disso podemos arrumar um apartamento. Vai ser tudo diferente lá...

– Bea, eu não vou para a SVA.

Ele nunca dissera... mas como ele poderia não ir?

– Não estou pronto para mais estudo neste momento. Preciso de um ano de folga. Para pensar sobre as coisas.

– Não – argumentei. – Você já pensa demais. Não precisa mais pensar em Matthew. Pense em você mesmo. Pense na arte. Você precisa de uma distração.

– Nada consegue me distrair. Esse é o problema.

– Só venha para Nova York comigo. Você não precisa ir para a faculdade. Pode arrumar um emprego, algo fácil, e só ficar de bobeira. Você pode morar no meu quarto no dormitório, se quiser. Eu o escondo debaixo da cama...

– Você não entende. É demais.

– Levo comida do refeitório escondida para você...

– Não foi o que eu quis dizer. – Ao fundo, o rádio dele ecoava o meu. – Isso foi um erro. Eu não devia ter ligado para você...

– Não! Você saiu do seu transe. Estou tão feliz que tenha me ligado.

– É mais do que um transe – disse Jonah. – O mundo todo está me esmagando, como um peso no meu peito, me empurrando lentamente cada vez mais para baixo. E não há nada entre mim e esse peso além da minha pele fina. Não é o bastante. Ela não vai me proteger. Ela não impede nada de entrar. O lado de fora vai continuar pressionando até minhas costelas serem esmagadas, e então meus órgãos, meu coração e fígado e estômago...

– Jonah...

– Dói, Bea. Dói muito.

A rachadura no meu coração doeu, um latejamento surdo, em solidariedade.

– Eu sei – falei. – Mas não pode doer para sempre. Uma hora você vai se sentir melhor e vamos poder nos divertir de novo.

– Pode doer para sempre. É disso que eu tenho medo.

– Jonah, pare. Eu vou cuidar de você. Farei o que precisar para se sentir melhor.

A voz dele era fraca:

– Eu sei que sim, Bea.

O rádio ecoou de novo. *VOCÊ ESTÁ NO AR, você está no ar.* Jonah podia estar ligando de qualquer lugar: do exterior, da Europa ou da Ásia, da Islândia, de muito longe.

– Quer ir ao Conselho no próximo domingo? – convidei. – A canoa de Kreplax está pronta. Depois que ele ganhar, vai remar para o futuro. Ou sei lá para onde...

– Não sei...

– Vai fazer nós dois nos sentirmos melhor – falei. – Vamos lá. Leve-me ao Conselho. Esperei por isso o ano inteiro.

– Está bem, Bea. Vamos ao Conselho.

– Você me pega ao meio-dia?

– Pego.

Nós desligamos. O rádio transmitia claramente agora, o eco havia sumido.

Aquela semana foi opressivamente mormacenta para junho, 32 graus todos os dias, nublado, úmido. O ar rosa-esverdeado prometia

chuva que nunca vinha. A umidade se agarrava na atmosfera, pesando em cima de nós. Estávamos vivendo dentro de uma nuvem.

Apesar do calor, minha mãe nova e animada persistia. Ela instalou aparelhos de ar-condicionado no andar de baixo e nos nossos quartos. O quarto de hóspedes continuava um forno, mas ela não o usava muito agora.

– Se um dia tivermos um hóspede – falou ela –, ele simplesmente vai ter de sofrer.

– Ou podemos limitar os hóspedes ao inverno – rebati. – Nenhum hóspede permitido no verão.

– Boa ideia – concordou ela. – Quer ir à piscina?

Finalmente ela possuía um lugar onde usar o biquíni de bolinhas. A Mamãe Divertida estava de volta. A Beatrice Divertida, no entanto, estava em coma. Estava ressentida com a mamãe. Eu não achava que ela devia estar curtindo tanto a separação. E ainda não entendia o que acontecia entre eles. Agora era eu quem havia mudado. Eu não dependia mais de minha mãe. Eu tinha Jonah. Mais ou menos.

– Você vai ter de arrumar um emprego de verão em algum momento, garota – meu pai declarou. – Não estou apressando você nem nada.

– Eu vou – falei, apesar de não ter feito nenhum esforço para encontrar um emprego. Estávamos comendo macarrão de jantar no apartamento de solteiro, um dois quartos espaçoso no último andar do Broadview, do outro lado da rua do campus do Hopkins. O Broadview era conhecido como o prédio de cabelo azul, porque a maioria dos inquilinos eram velhinhas. Eu gostava do apartamento

de solteiro (papai tentara deixá-lo moderno e menos cabelo azul), mas ainda não havia passado a noite no quarto que papai tinha para mim, apesar de ele ter me convidado várias vezes. Era uma sensação estranha e eu ainda sentia uma ansiedade reflexiva a respeito de deixar minha mãe sozinha, apesar de ela não parecer se incomodar.

Minha mãe dormiu na casa dele algumas vezes, porém, me deixando sozinha em casa sem nenhum problema.

– Quer ir ao cinema hoje à noite? – perguntou papai. – Estão passando *Um Corpo que Cai* no campus.

– Está bem – aceitei.

– Por que não ligamos para sua mãe e vemos se ela também quer vir?

Eu dei de ombros. Não conseguia me lembrar da última vez que nós três fôramos juntos ao cinema.

– Sabe se ela está ocupada esta noite? – perguntou papai.

– Não faço ideia.

Acabou que ela tinha uma aula de tai chi, mas podia nos encontrar depois do filme para uma sobremesa, se quiséssemos.

– Ótimo – disse papai.

Eu senti como se estivesse namorando com meus próprios pais.

* * *

– Por que você não liga de volta para Walt? – me perguntou Anne. Estávamos na fila do bar da piscina, esperando por raspadinhas. – Ele gosta muito de você.

– Eu sei...

– E veja só o corpo dele! Não dá para ver direito quando está usando roupa, mas uau. Ele é magrinho, mas é *sarado*.

Walt ficava mesmo bonito de sunga, apesar de parecer não ter consciência disso.

– Andei com muita coisa na cabeça – respondi.

Isso não era verdade. Eu estava com muito pouca coisa na cabeça. Na maior parte do tempo, só me sentia mole, preguiçosa e desmotivada. E ansiosa. Nadando através de nuvens. Meu pai dizia que era o tempo, que tínhamos de nos acostumar. Eu não conseguia entender como alguém podia se acostumar com um ar tão pegajoso, como um aglomerado de teias de aranha grudando na pele.

– Bea, ele é um cara muito legal – falou Anne. – Não é como Garber.

Tom Garber, aparentemente tentando revisitar todas as antigas namoradas antes de ir embora para a universidade, havia trocado Anne por Carter Blessing, que deixara que ele passasse a mão nela três vezes na oitava série.

– Eu não estou ressentida com ele – continuou ela. – Tom é Tom. Ainda somos amigos. Só estou dizendo que Walt é diferente.

– Vou dizer oi para ele – falei – Eu gosto dele. Só não sei.

Eu sentia como se fosse possível abrir uma porta no meu peito oco de metal – só abri-la, facilmente – e ver meu coração latejando, cru e sangrento e dolorido. Você até podia esticar a mão e apertá-lo se quisesse. Eu não queria ninguém chegando perto o bastante para abrir aquela porta e ver aquela bagunça.

Havíamos chegado ao começo da fila.

– Peça uma raspadinha de cereja – aconselhou Anne. – Deixa a boca vermelha. Como batom.

– Eu ia pedir uma azul – confessei.

– Duas raspadinhas de cereja – falou Anne para o garoto atrás do balcão.

Ele nos deu dois cones de papel cheios de gelo vermelho.

– Dê uma mordida, aí vá dizer oi para Walt – disse Anne. – Vou te encher até você fazer isso.

Levei minha raspadinha de cereja até a toalha de Walt.

– Quer um pouco? – ofereci.

– Valeu. – Ele pegou um pedaço de gelo pingando com a colher. Eu me sentei na grama.

– O que você está fazendo este verão? – perguntei.

– Trabalhando no *Sun*. Consegui um estágio na editoria de esportes.

– Isso parece divertido.

– É. E você?

– Ainda não sei. Eu gostaria de tentar um estágio, mas preciso ganhar algum dinheiro.

– Eu também. Estou cortando grama nos finais de semana para ganhar uma grana extra.

Eu assenti.

– E à noite? – disse ele. – Que tipo de coisas você faz?

– Não muito. Leio. Escuto rádio.

– O jogo?

Eu ri. Não era nada fã dos Orioles.

– Não, o Night Light. É só um talk show maluco. Começa tarde.

– Talvez a gente possa pegar um cinema uma noite – falou ele. –
Sair do calor por algumas horas.

– Parece bom – eu disse.

– Então eu ligo para você?

– Está bem.

– Promete atender ao telefone?

– Se eu estiver em casa – argumentei.

– Vai me ligar de volta se não estiver em casa?

– Vou – prometi. – Desculpe não ter ligado de volta antes. Não é nada pessoal.

– Você está em liberdade condicional até eu conseguir fazê-la atender ao telefone – falou Walt.

– É justo – concordei.

– Ou você podia me ligar. Mas talvez isso seja esperar demais.

– Me ligue – falei. – Vou ser boazinha.

Voltei para minha espreguiçadeira. Anne sentou-se ereta na toalha e fez um sinal de positivo com o polegar. Minha raspadinha virara água vermelha.

– Eu gosto desse garoto, Walt – disse mamãe de sua cadeira.

– Eu sei que você gosta – falei.

– Jonah sempre me pareceu meio, sei lá, sem substância.

– Você está errada – eu disse. – Ele tem substância. Só que ela vai e volta.

– Me lembra de outra pessoa que nós duas conhecemos – falou ela. Acho que estava falando sobre papai, mas, sinceramente, podia ter sido de qualquer um.

CAPÍTULO 26

O tempo virou no domingo. Tempestades haviam caído durante a noite, tirando a gordura rosa-esverdeada do ar. Ao meio-dia, estava claro e ensolarado, um dia perfeito para o Conselho. Vesti o maiô por baixo de um vestido vermelho de brechó e me sentei na varanda da frente, esperando Gertie virar a esquina fazendo estardalhaço.

Crianças passavam de bicicleta, tocando suas campainhas. Um caminhão de sorvete passou guinchando como se estivesse sendo perseguido pela polícia. Vários carros não Gertie passaram zumbindo os motores novos sem o peso e a personalidade dela.

Mas nada da Gertie. Às 12h30, Jonah estava oficialmente atrasado.

Eu entrei e telefonei para a casa dele. Ninguém atendeu.

Algo não estava certo. Jonah e eu íamos ao Conselho juntos. Íamos torcer pela canoa *Viking* de Kreplax e beber cerveja em uma praia industrial no porto, cercados por fábricas abandonadas e decadência urbana e pessoas que achavam essas coisas lindas. Talvez nós comprássemos um grande balão cheio de gás hilariante e o inalássemos, para ver qual era a sensação. Veja que dia! O tempo havia mudado. Nunca haveria um dia mais perfeito para um Conselho.

Mas onde estava Jonah?

Às 13h, eu dirigi até a casa de Jonah. Gertie estava estacionada na entrada da garagem. O velho Mercedes cinza do Sr. Tate também.

Bati na porta da frente. Ninguém atendeu. Verifiquei a entrada da garagem de novo. Alguém precisava estar em casa. Os Tate não tinham o hábito de sair juntos para caminhadas no domingo.

Bati outra vez, mas ninguém apareceu. Dei a volta até os fundos. O jardim estava vazio. Uma graminha havia começado a crescer em volta da pedra de Matthew.

Espiei pela porta da cozinha e bati na janela. Achei ter visto algo, uma sombra atravessar o corredor depois da cozinha. Experimentei a porta. Ela se abriu. Eu entrei.

– Olá? Há alguém aqui?

O piso rangeu em algum lugar dentro da casa.

– Olá? Jonah? Sr. Tate?

Eu o encontrei na sala de estar, sentado em uma enorme poltrona de couro. Sozinho, mãos cruzadas no colo, olhando para os joelhos.

– Sr. Tate? Sinto ter entrado, mas eu estava procurando Jonah...

– Jonah não está – disse o Sr. Tate.

– Não está? Como assim?

– Ele não está. Foi embora. Desapareceu.

Eu ainda não havia entendido.

– Ele pegou algumas coisas e foi embora. Não deixou bilhete.

– O senhor ligou para a polícia? – perguntei.

– Ele tem 18 anos. Tem todo o direito de fazer o que quiser.

– Mas... eu devia vê-lo hoje...

– Ele foi embora para sempre. Não vai voltar.

Fiquei olhando para um bando de fotos de família em cima da mesa. Havia uma foto do Sr. Tate com um grupo multirracial de crianças debaixo de uma faixa que dizia O Fundo das Crianças Agradece! Havia um certificado emoldurado do Fundo de Caridade Episcopal de Baltimore agradecendo ao Sr. Tate pelo maior presente que já tinham recebido.

Peguei uma foto de Jonah, aos 3 anos, o cabelo tão branco quanto dente-de-leão. Senti uma pontada e me lembrei do que Jonah dissera meses antes sobre Matthew e o membro fantasma, o puxão que ele sempre sentira.

– Como o senhor sabe? – eu disse. – Como sabe que ele não vai voltar?

– Eu conheço meu filho. Ele vem planejando isso há muito tempo.

– Planejando isso? – Eu não estava entendendo. – Se ele foi embora, vamos procurá-lo. Eu vou procurá-lo.

– Não há motivos para procurá-lo.

– Podemos ligar para as emissoras de TV e para os jornais. Colocar cartazes com a foto dele e... e montar um website Encontrem Jonah...

– Não há fotos. Ele levou todas as fotos.

– Como assim? – Eu estava segurando uma foto de Jonah nas mãos.

– Olhe. – O Sr. Tate empurrou um álbum de fotos na minha direção. Eu virei a capa pesada e o folheei. Havia fotos de bebê

dentro do plástico, fotos de Jonah e de Matthew quando criança, fotos de sua reluzente e jovem mãe. Então não existia mais fotos de sua mãe ou de Matthew. Ou de Jonah. Depois dos oito anos, havia espaços em branco no álbum onde as fotos de Jonah costumavam estar. O Sr. Tate ainda estava lá, mas Jonah aos 10 anos, 12, 16, 18... todas haviam sumido.

E, nas poucas fotos de família, os retratos em grupo tirados em aniversários ou feriados, havia buracos. Pequenos buracos brancos. O Sr. Tate e talvez uma tia ou um amigo ao lado de alguém que não tinha cabeça. Um garoto magro, pálido e sem cabeça. Um círculo vazio, cortado com um estilete.

Ele havia cortado o rosto fora de todas as fotos. Todas as fotos na casa.

O livro do ano, eu pensei. A foto de bebê em sua página. Os chapéus e óculos engraçados na foto do Comitê do Livro do Ano. E o desenho do Gasparzinho na nossa foto de turma.

Ele fizera com que fosse impossível encontrá-lo.

O Sr. Tate tinha razão. Jonah havia planejado isso. Mas por quanto tempo? Há quanto tempo ele planejava desaparecer?

Quando pensei sobre isso mais tarde, percebi que ele estivera planejando por pelo menos um ano. Ele se oferecera para diagramar o livro do ano sabendo que era a única maneira de manter sua foto fora dele. E em seguida descobriu que Matthew estava vivo. Encontrar Matthew pode ter desviado os planos de Jonah, mas só temporariamente. Perder Matthew uma segunda vez selou a decisão. Estava tudo pronto. Só o que Jonah precisava fazer era desaparecer.

– Não sei o que ele acha que está fazendo – falou o Sr. Tate. – Ele estava lá quando essas fotos foram tiradas. Só porque cortou o rosto fora não significa que não estava lá. Isso não muda nada.

Eu me agarrei a um fio de esperança. *Talvez ele tenha ido passar o fim de semana fora. Ele foi para Ocean City. Tinha de ir embora, mas vai voltar. Ele deixou um recado lá em casa e minha mãe esqueceu de me dizer...*

– É melhor você ir agora – disse o Sr. Tate. Os olhos ainda olhavam para a frente, sem enxergar. – Não há nada a ser feito.

Eu não acreditei. Corri escada acima para o quarto de Jonah. A máscara do Gasparzinho que havíamos comprado em Ocean City estava pendurada na maçaneta. O quarto estava uma bagunça, as gavetas e o armário abertos e transbordando roupas e papéis, livros, discos e materiais de arte. Eu me sentei na cama amarfanhada e olhei em volta. Não havia nenhum bilhete. Nenhum recado para mim. Nenhuma pista em código rabiscada no espelho da cômoda.

Ele realmente fora embora.

Desci a escada encerada, dormente. Ouvei meus pés baterem no chão, mas não conseguia sentir meu peso neles. Tinha de confiar que eles estavam me carregando para baixo em segurança. Uma das mãos agarrava o corrimão – eu a vi com os olhos, mas não conseguia sentir minha palma escorregar pela madeira. Eu não sentia nada além de um formigamento, todo meu corpo anestesiado.

O Sr. Tate ainda estava sentado na poltrona grande de couro. Ele ainda não olhara para mim, nem uma vez. Eu me senti à vontade para encará-lo porque ele se recusava a admitir minha presença. As mãos estavam tremendo. A poltrona parecia engoli-lo e eu pensei no

quanto ele estava sozinho, mais sozinho que qualquer um que eu conhecesse. A não ser por Jonah.

– Posso fazer alguma coisa pelo senhor? – perguntei.

– Não, obrigado.

Um relógio fazia tique-taque na parede do outro lado da sala.

– Pode ir agora – disse ele.

Mas eu ainda não podia ir. Eu via Jonah no rosto dele e não podia deixá-lo.

– Por que o senhor fez aquilo? – perguntei. – Por que os afastou?

– Jonah era só um menino – falou o Sr. Tate. – Achei que ele esqueceria.

– Mas ele não esqueceu – eu disse. – Ele não podia.

– Não, acho que não podia. Mas eu esperava que esquecesse. Estava tentando libertá-lo. Estava tentando lhe dar a vida que eu queria. Desonerada. Matthew era um fardo para Jonah. Ele o deformava.

– Ele não considerava Matthew um fardo – argumentei.

– Ele era um tolo.

– *O senhor* foi um tolo.

Ele pressionou os pés no chão como se estivesse tentando balançar a poltrona de couro, mas ela não era uma cadeira de balanço. Ele fingiu que era, de qualquer maneira, e se inclinou para a frente e para trás, para a frente e para trás.

– O senhor foi um tolo – eu disse de novo.

Ele parou de se balançar.

– Eu também fui tola.

Mexi meus dedos dos pés e das mãos. A sensibilidade estava voltando, lentamente.

– Ele está tentando magoá-lo – concluí.

– Ele está tentando magoar a todos nós – disse o Sr. Tate. – Mas é tarde demais. Já estamos destruídos.

CAPÍTULO 27

Eu não sabia o que fazer da vida. Então pintei meu quarto. De preto.

– Ah, Bea – falou minha mãe. – O que você está fazendo com o seu quarto?

– Decorando – respondi. Subi na escada e passei tinta preta no teto.

– Parece uma caverna aqui dentro.

– É a noite eterna.

Ela se sentou na minha cama.

– Está a fim de conversar?

– Não.

– Não estou nem aí – falou mamãe –, eu estou a fim de conversar.

Minha mão estremeceu e a tinta pingou no chão.

– O Jonah falou alguma coisa para você? Deixou algum tipo de explicação? Como ele pôde fazer isso?

Ela vinha fazendo essa pergunta desde o dia que Jonah desapareceu. Eu desisti de tentar responder. Eu não tinha uma resposta, de qualquer maneira. Só queria que ela parasse de

perguntar. Era como ser atingida no pescoço com um alfinete, sem parar.

– Me deixe em paz – eu disse.

– Não – falou ela. – Não posso deixá-la em paz. Não vou fazer isso. Seu pai também não vai. – Ela esticou a mão na direção da escada e tocou meu pé descalço. – Você não vai fazer isso conosco, vai, Bea?

Do alto ela parecia tão frágil quanto uma folha. Sua mão ossuda me lembrava a do Sr. Tate. Eu desci da escada e me sentei ao lado dela na cama.

– Não vai nos deixar como Jonah fez, sem nenhuma palavra, nenhuma explicação? – continuou ela. – Não vai partir nossos corações?

Pensei sobre isso por um minuto, me lembrando de todas aquelas vezes em que vi seu olhar me implorando para ir embora. E muitas vezes eu tive o impulso de fugir. Eu me imaginei entrando em um ônibus interestadual em direção ao Oeste, para algum lugar, para lugar nenhum, eu não sabia para onde e não me importava. Algum lugar maior, mais largo e mais aberto que qualquer lugar em que eu já tivesse morado. E eu seria livre, de alguma forma... para fazer o quê, eu não sabia.

Lembrei-me de como, antes de conhecer Jonah, eu costumava sonhar que estava morta. Eu não achava mais isso reconfortante.

Disse à minha mãe que nunca faria isso, nunca os abandonaria e, quando me ouvi dizer as palavras, eu soube que estava falando sério.

– Obrigada – disse ela e se levantou para ir embora. Subi na escada e comecei a pintar novamente.

– Não vai ficar deprimente? – perguntou ela. – Todo esse preto?

– Vou botar estrelas – falei. – Estrelas que brilham no escuro, por todo canto.

* * *

Naquela noite, rastejei para a cama e desliguei a luz. O quarto brilhava com estrelinhas. Fechei os olhos e vi pontinhos de luz contra minhas pálpebras. Abri e vi a mesma coisa. Eu sentia como se estivesse flutuando.

Era meia-noite e meia. Liguei o rádio e me preparei para me perder na Terra do Night Light.

Myrna:

Herb, você viu aquela matéria no jornal sobre o garoto que desapareceu? Jonah Tate? É nosso Garoto Fantasma!

Herb:

É? Eu achei que a descrição parecia familiar, mas não havia foto, então...

Myrna:

O retrato-falado que a polícia fez estava horrível. Não parece nada com ele. O pobrezinho. Fico imaginando o que aconteceu com a querida Garota Robô.

Herb:

Talvez ela esteja ouvindo. Talvez ela ligue e nos conte o que aconteceu e como ela está. Espero que esteja bem. Espero que ambos estejam.

Myrna:

Eu também. Que casal bonitinho! Meninos tão gentis. Eu estava querendo vê-los na minha festa Deus Abençoe Elvis em agosto.

Herb:

Talvez eles compareçam. Talvez até lá esteja tudo bem.

Myrna:

Espero realmente que sim. Se alguém souber de alguma notícia, por favor, ligue para cá.

Herb:

Eu reforço o pedido. Boa noite, Myrna. Próximo ouvinte, você está no ar.

Larry:

Herb, é uma boa noite para um passeio de Tapete Voador, não acha? A lua está no céu. O que me diz?

Herb:

Boa ideia, Larry. Juntem-se, pessoal. Quem vem conosco? Ouvinte?

Myrna:

É Myrna de novo. Sei que acabei de ligar, mas eu quero sair esta noite. Para procurar o Garoto Fantasma.

Herb:

Está bem. Quem mais vai vir?

Dottie:

Aqui é Dottie. Também quero encontrar esse menino.

Herb:

Bem-vinda a bordo, Dottie. Temos lugar para mais um.

Ouvinte:

[usando voz aguda de menina] Aqui é Helen Wheels. Eu gostaria de ir procurar aquele pobre, doce e querido menino.

Herb:

Não estamos a fim de piadas esta noite, Don.

Helen Wheels:

Quem é Don? Eu já disse, meu nome é Helen. Helen Wheels.

Herb:

Se você insiste. Muito bem. Lá vamos nós. *[Ding-ding!]*

Larry:

A cidade está bonita além da conta hoje.

Myrna:

Estou vendo um garoto magrelo em um barco no Inner Harbor. Em um daqueles pedalinhos!

Dottie:

Já estamos voando por cima de Annapolis? Aposto como ele está dormindo no veleiro de alguém, debaixo de um toldo de lona.

Herb:

Por cima da Bay Bridge...

Myrna:

Estamos tão alto agora, não consigo distinguir ninguém.

Larry:

Está escuro demais. E estamos tão longe da terra.

Helen Wheels:

La la la la... Adoro voar alto assim.

Myrna:

Vamos voar baixo quando chegarmos à Ocean City. Fugitivos gostam de dormir debaixo do píer.

Larry:

Eu queria que a Garota Robô estivesse conosco. Ela poderia nos ajudar a encontrá-lo.

Myrna:

Espero que ela esteja bem. Ligue e nos avise se está tudo certo com você, está bem, docinho?

Herb:

Estamos entrando em Ocean City agora. Parece lotado esta noite...

Dottie:

Voe baixo, como Myrna pediu. Talvez ele esteja jogando fliperama ou minigolfe.

Myrna:

Ele não vai perder tempo com isso. Era um bom menino. Um menino inteligente. Mas não o estou vendo no píer. Acho que não está aqui.

Larry:

Acho que não vamos encontrá-lo. Mesmo que ele esteja lá embaixo em algum lugar, podemos passar direto por ele.

Herb:

Devemos parar e visitar Morgan?

Myrna:

Herb, eu não estou no clima.

Dottie:

Nem eu.

Helen Wheels:

Nem eu. [*Voz muda de aguda para grave*] Don Berman!
Don Berman! Don Berman!

Myrna:

Por que você sempre precisa estragar tudo, Don Berman?

Don Berman:

Don Berman!

Eu estava chorando.

O telefone ao lado da minha cama brilhava com a luz que entrava pela janela. Eu fiquei olhando para ele. Fiquei observando. Pedi mentalmente que ele tocasse.

E se eu discasse o número de Jonah e ele atendesse? Isso não seria engraçado? Talvez eu tivesse sonhado essa história toda. Ele não fora a lugar nenhum. Ainda estava em seu quarto, em sua casa na frente da escola, ouvindo rádio como sempre.

Estiquei a mão para o telefone e disquei seu número. Eu o ouvi tocar. Ele tocou sem parar. Imaginei o telefone gritando no quarto vazio.

Não contei os toques, mas pareceram centenas. Será que o Sr. Tate podia ouvi-los ecoando através da casa? Será que eu o estava torturando? Fazendo-o gritar de frustração, apertando as mãos contra as orelhas para bloquear o barulho?

Se ele queria fazer o telefone parar de tocar, só precisava atendê-lo.

Talvez ele tivesse desconectado o telefone de Jonah. Talvez não pudesse ouvir o telefone de jeito nenhum.

Abracei o fone perto do peito e o deixei tocar. *Ring, ring, ring...* ele não estava lá. Não ia atender. *Aceite*, eu disse a mim mesma. *Simplesmente aceite.*

Botei o fone no gancho e aumentei o volume do meu rádio, bastante.

* * *

Na manhã seguinte, alguém bateu na porta de tela da frente. Minha mãe estava na cozinha fazendo ratatouille.

– Bea, pode atender?

Eu fui até a porta. Era Walt.

– Ei – disse ele. A tela borrava seu rosto. – Como você está?

– Bem.

– Hum, posso entrar um segundo?

Dei uma olhada para a cozinha. Vapor saía de uma panela no fogão.

– Eu saio.

Nos sentamos no balanço da varanda.

– Você não tem ido à piscina ultimamente – falou Walt. – Eu queria ver se você estava bem.

– Aqui estou eu. Estou bem.

– Você quebrou sua promessa. Sobre me telefonar de volta.

Mamãe vivia me dizendo que Walt havia ligado, e eu me dizia para retornar a ligação. Mas não conseguia manter esse pensamento na cabeça. Eu não conseguia manter nada na cabeça por muito tempo. Jonah ocupava todo o espaço.

– Eu sei. Me desculpe.

– Mas eu não a culpo. Quero dizer, aconteceram coisas, certo?

– Certo.

– Sinto muito quanto a Jonah.

– Eu também.

– Eu queria te dizer uma coisa. Não tenho conseguido dormir muito. É engraçado, porque normalmente eu adormeço antes de a minha cabeça bater no travesseiro. Mas não ultimamente. Então comecei a ouvir aquele programa de rádio sobre o qual você me falou...

– O Night Light?

– É. Eu os ouvi falando sobre o Garoto Fantasma e a Garota Robô e procurarem por ele naquele negócio de Tapete Voador. E eles disseram que o Garoto Fantasma era Jonah. Então, a Garota Robô... É um programa engraçado, não é?

– É.

– Mas eu gosto. A única coisa ruim é que ele me mantém acordado metade da noite ouvindo e aí fico cansado no trabalho no dia seguinte. Mas não consigo parar.

– Acontece a mesma coisa comigo.

Ele esticou o braço para pegar minha mão. A dele estava quente e seca.

– Estou sempre procurando por ele – disse Walt. – Isso não é esquisito? Eu nem era amigo dele nem nada. Não como você. Mas ainda me pego, como quando estou indo de ônibus para o centro da cidade, examinando todos os rostos nas ruas, pensando, *é ele? É ele?* Você faz isso? – Ele fez uma pausa. – Você deve fazer isso.

– Eu faço. Não quero fazer. Não consigo evitar.

Olhei através do jardim para a rua. Alguém havia jogado um par de tênis por cima do fio telefônico. Eles balançavam no ar, abandonados e inalcançáveis. Fiquei imaginando há quanto tempo estavam ali.

– Walt – eu disse –, vamos até a cidade hoje à noite. Quer ir? Conheço um lugar de que talvez você goste.

O sorriso dele era uma descarga elétrica, uma ignição. Meu pulso acelerou um pouco. Walt era um garoto que sabia como ser feliz.

– Eu topo qualquer coisa – falou ele.

Eu sorri. Topa qualquer coisa. Eu queria topar qualquer coisa.

– Posso aprender algumas coisas com você – falei.

– Eu também posso aprender algumas coisas com você – respondeu ele. – Sempre achei isso.

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL MAIO

JUNHO **JULHO**

CAPÍTULO 28

Imagino Jonah sozinho em seu quarto, olhando para o teto. Matthew está morto. Jonah o havia enterrado. A escola acabou. O verão longo e quente se estende como um deserto. Nada para fazer a não ser ir a regatas idiotas e livrarias empoeiradas. A faculdade de belas artes acena, mas Jonah é imune a seu chamado. Ele não precisa ir para a faculdade para fazer arte. Ele não quer pintar ou desenhar ninguém, de qualquer modo. A arte perdeu o significado. Tudo perdeu. Ele está incompleto e nunca mais poderá ser inteiro.

E então ele começa a flutuar, leve, na direção do teto. Não há nada em sua família ou em sua casa, nada em toda a cidade de Baltimore para prendê-lo ao chão. Uma simples menina, uma única amiga, não é o bastante para acorrentá-lo aqui. Como ele pode ficar naquela casa? Aqueles que amam apenas metade dele não o amam nada.

A carne cai de seu esqueleto; o espírito, livre dos ossos, voa direto através do teto, através do telhado, além dos antigos olmos e para o céu, o éter frio, onde vai sumindo e desaparece, perdido para o mundo quente e humano para sempre.

* * *

Eu ainda escutava, com esperança.

Kreplax:

Acho que sei o que aconteceu com ele. Sempre senti uma vibração estranha vinda dele, sabe? E agora eu entendo – ele também era do futuro. Como eu, só que de outra linha do tempo, mais para a frente ainda, mais para o futuro do que eu já estive. E ele voltou para lá. É a única explicação.

Herb:

Achei que você já teria voltado para o futuro.

Kreplax:

Eu fui, mas voltei. Gosto demais daqui. Você não pode ficar muito tempo fora da sua própria época. Isso o deforma. Fica cada vez mais difícil voltar. Acho que todas essas viagens no tempo estão danificando minha alma. Uma vez eu senti um “*uuush*”, como se algo tivesse voado para fora do meu corpo. Acha que eu perdi minha alma, Herb?

Herb:

Não sei. Você se sente diferente?

Kreplax:

Não muito.

Herb:

Você se sente... mau?

Kreplax:

Não, mau não. Só esvaziado.

Herb:

Sei lá, Kreplax. Eu não acho que você perdeu sua alma.

Kreplax:

Perdi, sim, Herb. Por que você nunca acredita em mim?

Herb:

[Música] Boa noite, Kreplax. Próximo ouvinte, você está no ar.

Ouvinte:

Olá. Meu nome é Gasparzinho.

Herb:

Bem-vindo, Gasparzinho. É a primeira vez que você telefona?

Gasparzinho:

Eu tenho um recado para alguém. Ela sabe quem ela é. Espero que esteja ouvindo. Eu quero que ela saiba... que deixei algo para ela. Pode encontrar em uma caixa atrás da Islândia. Ela vai entender. Quero que ela saiba

que estou bem. Sempre penso nela. Sinto muito se a magoei. Eu a amo. Porém nunca mais vou voltar.

Herb:

Espero que sua amiga esteja ouvindo, Gasparzinho, e receba seu recado.

Gasparzinho:

Ela é uma ouvinte fiel. Também quero dizer a Kreplax que acredito nele. Sobre perder sua alma. E queria perguntar a ele: em algum momento você se acostuma?

Herb:

Está bem, Gasparzinho. Boa noite.

Gasparzinho:

Boa noite.

O cartaz na porta da Livraria Carmichael's dizia que eles abriam ao meio-dia. Eu cheguei lá cinco para meio-dia. O homem cinza e barrigudo chegou às 12h45.

– Achei que vocês abriam ao meio-dia – falei.

– É o objetivo – disse o homem. Ele destrancou a porta. Eu entrei. O cheiro de mofo me fez espirrar.

– Está procurando alguma coisa em particular? – falou o homem.

– Eu sei o que estou procurando. – Andei até os fundos e encontrei *Sonhando com a Islândia*. Guardada atrás dele estava o

tesouro escondido que eu e Jonah desejáramos no aniversário dele, uma caixa de charutos embrulhada em jornal.

Botei o livro sobre a Islândia de volta, no caso de Jonah algum dia querer me deixar outro recado. Enfiei a caixa de charutos na minha bolsa. Em seguida, fui para a seção de discos usados e escolhi uma cópia do disco de Engelbert Humperdinck, *A man without love*.

– Vou levar isto, por favor. – Coloquei o disco em cima do balcão.

O homem acendeu um cigarro.

– Você esperou a manhã inteira para comprar Engelbert Humperdinck?

– Eu preciso ter.

– Um dólar.

Paguei e saí da loja. Era sábado e as ruas do centro estavam tranquilas. O sol brilhava na calçada, desbotando a cor de tudo o que tocava.

Eu me sentei no pilar da livraria e desembulhei a caixa. Dentro havia um tigre de brinquedo. Gatso. E metade da tira de fotos que Jonah e eu tiráramos em Ocean City. Duas fotos, incluindo a última, a foto dele sem a máscara.

Fiquei com duas e dei duas para você, o bilhete dizia. Você é a única pessoa NO UNIVERSO que tem uma foto reconhecível de mim agora. Espero que leve essa responsabilidade a sério E NÃO ABUSE DELA. Você sabe do que estou falando. Não dê ou mostre essa foto para ninguém. É para você e só para você. Se usar essa foto para me encontrar, eu nunca mais falo com você de novo.

Eu ri. Que diferença isso faria? Ele já não estava falando comigo.

Eu a amaldiçoarei e você vai estar condenada a vagar sozinha pela Terra, como eu. Mandeí esta foto para você porque é a única pessoa que quero que se lembre de mim. Vou guardar a outra metade para que possa me lembrar de você. Mas eu não preciso de foto. Nunca vou esquecer de você, Bea.

Sinto muito se a magoei. Mas tinha de ser dessa maneira. Não posso explicar.

Cuide bem do Gatso. Ele é seu agora. Eu estou com a Srta. Frankenheimer do Mal. Talvez um dia os dois duelem novamente. Mas não procure por mim, Bea. Eu só vou arrastá-la para baixo.

J

JUNHO JULHO AGOSTO SETEMBRO

OUTUBRO

CAPÍTULO 29

Estou em Poughkeepsie agora, no meu primeiro semestre em Vassar. Estamos em outubro. Quando cheguei aqui, verifiquei com a SVA para ver se Jonah Tate havia se matriculado. Verifiquei até com o nome de Matthew Tate e Gaspar.

Ele não estava lá. Foi bobagem minha achar que estaria.

Sinto falta do Night Light. Durante todo o verão eu ouvi o programa, cada minuto dele, abraçada com o Gatso, esperando que Jonah telefonasse de novo. Talvez ele disfarçasse a voz. Às vezes, nos primeiros dez segundos de um telefonema de um desconhecido, meu pulso acelerava... mas eu logo percebia que era só Don Berman.

Nunca mais telefonei. Enquanto o Garoto Fantasma estivesse desaparecido, a Garota Robô também estaria.

Meus pais vão celebrar um segundo casamento na época do Natal, vão renovar os votos. Trabalho rápido, Dra. Huang. A data é no extremo oposto do dia do primeiro casamento, em junho. Minha mãe acha que isso significa que o casamento agora será o oposto do que era antes, de um jeito bom. Depois da segunda lua de mel, papai vai voltar para casa. Espero que ela não fique toda louca de

novo. Mas é o casamento deles, a vida deles. Podem estragar tudo se quiserem, eu acho.

Walt estuda na Drew, em Nova Jersey, e às vezes, nos finais de semana, nos encontramos na cidade para perambular pelo East Village. Ele é um cara engraçado. Persistente. Obstinado e dócil, qualidades que estou aprendendo a admirar. Ele está gradualmente vencendo minha resistência. Eu continuo desejando, por reflexo, por um vislumbre do futuro, para saber o que fazer. Mas não me deixo enganar. Tenho de seguir meu caminho às cegas. Eu tento não sentir medo. Mesmo que saiba o que vai acontecer, você nunca está preparado para a sensação que vai ter.

Ainda procuro Jonah em todos os lugares.

Às vezes, acho que o estou vendo andando pela rua. Ou vejo um carro que parece com a Gertie. Mas nunca é ele. *Aí, fico imaginando, será que ele está com uma aparência diferente? Completamente diferente, diferente tipo cirurgia plástica?* Não duvido que ele pudesse fazer isso. Um cara que teve tanto trabalho para apagar sua imagem da face da Terra é capaz de qualquer coisa.

Isso significa que qualquer um poderia ser ele. O recepcionista no consultório do dentista. O cara vendendo vitaminas no 7-Eleven. O homem do tempo no telejornal local. O garoto que corta a grama. O solteiro que se mudou para o apartamento ao lado do meu pai. A garota no meu dormitório que diz ser de Indiana.

Qualquer um.

Ele provavelmente não está em nenhum lugar perto daqui. Não em Nova York, não em Baltimore. Está a quilômetros de distância, em Paris, L.A., Tóquio, Berlim...

Talvez ele esteja na Islândia, tendo o cabelo cortado pela pessoa mais feliz do mundo. Esperando descobrir o segredo dela.

Eu preciso parar de procurar por Jonah. Ele não quer ser encontrado.

Algum dia, eu digo a mim mesma, as lembranças vão desaparecer. Gatso vai ser apenas um brinquedo. Uma mecha de cabelo branco não vai me fazer pular. Vou olhar para a foto do menino com a máscara do Gasparzinho, lutando para me lembrar de por que eu o amava.

É assim que eu imagino, de qualquer modo.

AGRADECIMENTOS

Devo a muitas pessoas por sua ajuda com este livro: primeiro, a meu editor, David Levithan, o Maxwell Perkins da edição de Young Adults, assim como o centro tranquilo de seu redemoinho social frenético e um dos melhores escritores. À minha inteligente, incansável e amada agente, Sarah Burnes, que reviveu meu espírito enfraquecido inúmeras vezes e com quem também é divertido comemorar. Também a sua sócia, Courtney Gatewood, cujo entusiasmo inicial foi muito apreciado.

Aos meus primeiros leitores, Elizabeth Mitchell, Rene Steinke e Gregory Wilson, por suas opiniões, atenção e tato. Aos médicos Eric Crawford e Willard Standiford por conselhos e informações sobre medicina, hospitais, sanatórios e outros aspectos dos cuidados de crianças deficientes. Aos meus velhos amigos Cameron Griffith e Chip Crosby por trazerem luz a um canto escuro do nosso passado compartilhado.

A John Standiford por me apresentar ao saudoso e lendário programa de rádio de Will Taylor, *Over Fifty*

Overnight, e a Ron Rosenbaum e Jennifer Hunt por me guiarem até meu atual vício da madrugada, *Coast to Coast AM*. E, por seu apoio em incontáveis formas, grandes e pequenas, obrigada a: Elise Broach, Bennet Madison, Betty Standiford, Jim Standiford, Kathleen Standiford, Will Standiford (ele merece dois créditos), Greg Wilson (ele também), Darcey Steinke e Karen Yasinsky.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de
Serviços de Imprensa S. A.

Como dizer adeus em robô

Entrevista com a autora

<http://foreveryoungadult.com/2010/08/30/between-two-lockers-with-natalie-standiford/>

Facebook da autora

<https://www.facebook.com/natalie.standiford>

Site da autora

<http://www.nataliestandiford.com/index.htm>

Comentários sobre o livro

http://www.nataliestandiford.com/how_to_say_goodbye_in_robot_89921.htm

Twitter da autora

<https://twitter.com/natstandiford>

Capa

Rosto

Créditos

Dedicatória

Epígrafe

MARÇO ABRIL MAIO JUNHO JULHO AGOSTO

Capítulo 1

MAIO JUNHO JULHO AGOSTO SETEMBRO

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

JUNHO JULHO AGOSTO SETEMBRO OUTUBRO

Capítulo 8

AGOSTO SETEMBRO OUTUBRO NOVEMBRO

Capítulo 9

SETEMBRO OUTUBRO NOVEMBRO DEZEMBRO

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

SETEMBRO OUTUBRO NOVEMBRO DEZEMBRO JANEIRO

Capítulo 15

NOVEMBRO DEZEMBRO JANEIRO FEVEREIRO MARÇO

Capítulo 16

NOVEMBRO DEZEMBRO JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL

Capítulo 17

Capítulo 18

DEZEMBRO JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL MAIO

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL MAIO JUNHO

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO ABRIL MAIO JUNHO JULHO

Capítulo 28

JUNHO JULHO AGOSTO SETEMBRO OUTUBRO

Capítulo 29

Agradecimentos

Colofão

Saiba mais